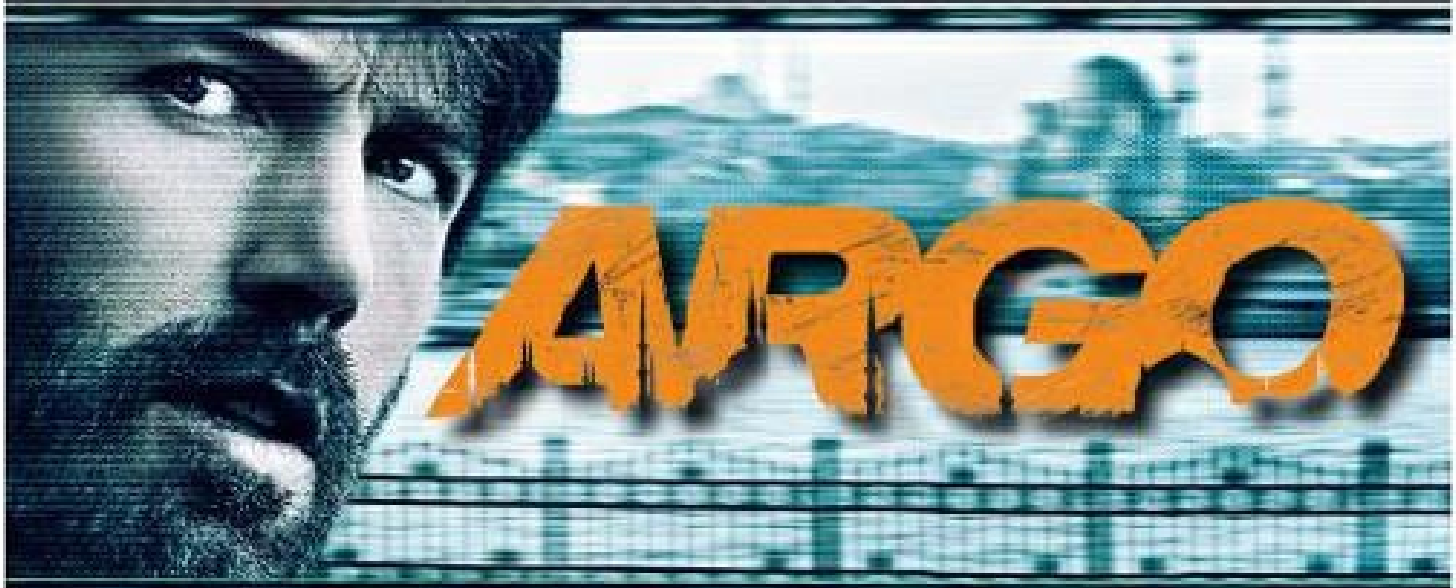
ANTONIO MENDEZ

& MATT BAGLIO

HOLLYWOOD

A HISTÓRIA QUE DEU ORIGEM AO FILME DE BEN AFFLECK



ARGO



COMO A CIA E HOLLYWOOD REALIZARAM
O MAIS ESTRANHO RESGATE DA HISTÓRIA

Intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



COMO A CIA E HOLLYWOOD REALIZARAM
O MAIS ESTRANHO RESGATE DA HISTÓRIA

ANTONIO MENDEZ
& MATT BAGLIO

Tradução de George Schlesinger



Copyright © Antonio Mendez e Matt Baglio, 2012
Todas as declarações de fatos, opiniões ou análises expressas aqui são dos autores e não refletem as posições ou visões da CIA ou de qualquer outra agência do governo dos Estados Unidos. Nada no conteúdo deste livro deve ser interpretado como tendo afirmado ou sugerido que as visões dos autores receberam autenticação de informação junto ao governo dos Estados Unidos ou endosso junto à Agência. Este material foi revisado pela CIA para evitar a revelação de informações confidenciais.

TÍTULO ORIGINAL
Argo: How the CIA and Hollywood Pulled Off the Most Audacious Rescue in History

CAPA
Julio Moreira

FOTO DA CAPA
iStockphoto© Liliboas

FOTO DA QUARTA CAPA
Latinstock© Michel Setboun/Corbis

PREPARAÇÃO
Débora de Castro Barros

REVISÃO
Clara Diament
Milena Vargas

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-243-8

Edição digital: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3o andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Para Jonna

Alguns nomes foram alterados para proteger a privacidade dos indivíduos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1

Bem-vindos à revolução

2

Recolhendo os pedaços

3

Diplomacia

4

Sem lugar para fugir

5

Canadá para o resgate

6

Lições do passado

7

Reunindo a equipe

8

História de cobertura

9

Hollywood

10

Estúdio Seis

11

Uma conflagração cósmica

12

Pronto para decolar

13

Em locação no Irã

14

Preparativos finais

15

A fuga

16

Desfecho

AGRADECIMENTOS

NOTAS

BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO

No final daquela tarde de sábado, eu estava pintando no meu ateliê. Lá fora, o sol começava a se pôr detrás das montanhas, lançando uma sombra escura e comprida que cobria o vale como uma cortina. Eu gostava da penumbra no aposento.

Come Rain or Come Shine era a canção que tocava no rádio. Com frequência eu ouvia música enquanto trabalhava. Para mim, era quase tão importante quanto a luz. Eu instalara um ótimo sistema de som estéreo e, se pintasse até tarde no sábado à noite, podia pegar o Hot Jazz Saturday Night, com Rob Bamberger, na estação NPR.

Eu comecei a pintar ainda na infância e trabalhava como artista plástico ao ser contratado pela CIA em 1965. Ainda me considerava um pintor em primeiro lugar e depois um espião. A pintura sempre foi uma válvula de escape para as tensões que acompanhavam meu trabalho na Agência. Apesar do convívio ocasional com burocratas, cujas idiossincrasias me faziam chegar ao ponto de querer esganá-los, se pudesse ir até o ateliê e pegar um pincel, a raiva reprimida acabava se dissolvendo.

Meu ateliê equilibrava-se sobre a garagem, com acesso por uma escada bastante íngreme. Era um aposento amplo com janelas em três lados. O piso era revestido com um assoalho de pinho amarelo em diagonal e coberto por uma profusão de tapetes orientais. Como mobília, havia um enorme sofá branco e algumas antiguidades que a minha esposa, Karen, adquirira para sua empresa de decoração de interiores. Era um espaço bastante confortável e, o mais importante, era meu. Entrar ali exigia minha permissão, algo que eu concedia com generosidade. Os amigos e a família sabiam, porém, que, quando eu estava envolvido com um projeto, deviam andar nas pontas dos pés.

O ateliê foi construído junto com a casa. Após regressar de uma temporada

de trabalho no exterior em 1974, Karen e eu decidimos que seria melhor criar nossos três filhos longe da barra-pesada de Washington, D.C. Escolhemos um terreno de quinze hectares no sopé das montanhas Blue Ridge e, depois de desmatar um trecho, passei a maior parte de três verões construindo a casa principal enquanto a família e eu morávamos numa cabana de madeira, também erguida por mim. A terra tinha uma longa história. O campo da Batalha de Antietam[1] ficava pouco adiante estrada acima, e de vez em quando achávamos alguma relíquia da Guerra Civil — botões, balas, peitorais — jogada entre as folhas e as árvores caídas nos limites da nossa propriedade.

A pintura em que eu trabalhava naquela tarde fora desencadeada por uma expressão associada ao meu trabalho: *Wolf Rain* [Chuva de Lobo]. Era um nome de sonoridade sombria como o clima melancólico, inóspito e úmido, e se relacionava com as profundezas da paisagem de floresta, bem diante da minha janela, numa noite de inverno. Transmitia uma espécie de tristeza que eu não conseguia explicar, mas sentia que podia pintar.

Trabalhar em *Wolf Rain* era uma daquelas coisas que a gente espera que aconteçam na nossa vida de artista — uma pintura que simplesmente emerge do nada. Talvez como o personagem de um livro que abre seu caminho até tomar conta da narrativa. A figura do lobo era reconhecível apenas pelos olhos — uma imagem flutuante numa floresta encharcada pela chuva com uma angústia perceptível no olhar.

Se a pintura ia bem, minha mente entrava de imediato em modo "alfa", o estado subjetivo, criativo, do lado direito do cérebro no qual ocorrem os lampejos de descobertas. Einstein disse que o que define um gênio não é uma inteligência superior à dos outros, e sim a predisposição para receber a inspiração. Para mim, essa era a definição de "alfa". Eu começava a sessão desvencilhando-me de todos os babacas do trabalho e, em seguida, saltava para momentos de clareza em que encontrava soluções para problemas que eu nunca tinha considerado antes. Eu estava pronto para receber.

Era o dia 19 de dezembro de 1979, e eu tinha muita coisa na cabeça. Pouco antes, naquela mesma semana, eu recebera um memorando do Departamento de

Estado dos Estados Unidos com algumas notícias alarmantes. Seis diplomatas americanos haviam escapado da embaixada norte-americana em Teerã, tomada por militantes, e escondiam-se nas residências do embaixador canadense, Ken Taylor, e de seu chefe do serviço de imigração, John Sheardown. Os seis pareciam estar seguros por enquanto, mas não tinham garantias de que permaneceriam a salvo; no rastro da invasão da embaixada, os militantes vasculhavam a cidade à procura de qualquer americano que pudessem encontrar. Eles já estavam escondidos havia quase dois meses. Quanto tempo mais poderiam aguentar?

A notícia da fuga chegou a mim meio de surpresa. Eu passara o mês anterior na CIA absorvido no problema mais amplo. Em 4 de novembro, um grupo de militantes iranianos invadira a embaixada dos Estados Unidos em Teerã fazendo mais de 66 reféns. Os militantes acusavam os americanos de "espionagem" e de tentativa de solapar a incipiente Revolução Islâmica no país, e o governo iraniano, encabeçado pelo aiatolá Khomeini, os apoiava.

Na época da invasão, eu trabalhava como chefe das operações globais de disfarce da CIA, no Escritório de Serviços Técnicos (EST). No decorrer daqueles catorze anos de carreira, eu conduzira numerosas operações clandestinas nos lugares mais distantes, com agentes e supervisores disfarçados, ajudando a resgatar desertores e refugiados de dentro da Cortina de Ferro.

Como consequência imediata do ataque, eu e minha equipe vínhamos trabalhando na preparação de disfarces, documentos falsos e antecedentes pessoais para as várias identidades falsas necessárias para que qualquer equipe avançada pudesse se infiltrar no Irã. Então, em meio a esses preparativos, chegou o memorando do Departamento de Estado.

Quando apliquei o verniz escuro sobre a base da tela, ele imediatamente transformou a atmosfera da obra. Os olhos penetrantes do lobo de repente ganharam vida, como dois globos dourados. Eu observei, transfixado. A imagem desencadeara algo em mim. O Departamento de Estado parecia estar assumindo uma postura de "esperar para ver" em relação aos seis americanos, o que eu considerava problemático. Eu estivera recentemente no Irã numa operação secreta e conhecia os perigos em primeira mão. Os diplomatas poderiam ser

descobertos a qualquer momento. A cidade estava repleta de olhos, a observar, procurar. Se os seis americanos tivessem de fugir, para onde iriam? As multidões de milhares de pessoas entoando cânticos diariamente diante da embaixada americana em Teerã não deixavam dúvida de que, se capturados, eles quase certamente seriam jogados numa prisão e talvez encarassem até mesmo um pelotão de fuzilamento. Eu sempre dissera à minha equipe que há dois tipos de exfiltração: aquelas feitas sob pressão hostil e aquelas sem tal pressão. Não podíamos nos dar ao luxo de esperar até que os seis americanos fossem obrigados a fugir. Ou seria quase impossível tirá-los de lá.

Meu filho Ian entrou no ateliê.

— E aí? — perguntou. Caminhou até o quadro e o examinou de um jeito que só um filho de artista com dezessete anos poderia fazer. — Bacana, pai — declarou, recuando um pouco para ter uma perspectiva melhor. — Mas precisa de mais azul. — Ele mal notou os olhos do lobo.

— Cai fora daqui, Ian. Vou descer para o jantar dentro de mais ou menos meia hora. Diga à sua mãe, sim?

No rádio, Ella soltou a voz em uma interpretação de *Just One of Those Things*, em uma versão antiga, e comecei a limpar os pincéis na terebintina e devolver as tampas às bisnagas de tinta a óleo. Minha paleta, que havia engrossado com o passar dos anos, parecia um punhado de estalactites de cores vivas assentadas sobre uma tábua oval com um buraco para enfiar o dedo. A essa altura, ela era pesada demais para segurar na mão, mas continha fragmentos de todas as pinturas que eu já tinha feito no ateliê.

Enquanto guardava os pincéis, os estágios iniciais de um plano começaram a surgir. Não precisaríamos apenas criar novas identidades e disfarces para os seis americanos. Alguém teria de se infiltrar no Irã, fazer contato com eles e avaliar sua capacidade de executar o plano.

Um milhão de perguntas começaram a passar pela minha cabeça. Como eu convenceria seis inocentes diplomatas americanos sem nenhum treinamento em operações secretas de que conseguiriam escapar do Irã? Como eu inventaria uma história que pudesse explicar a presença do grupo num país sacudido por uma revolução? Apesar de ter realizado dezenas de "exfiltrações", eu via que essa seria

uma das minhas missões mais desafiadoras.

Desliguei o rádio, apaguei as luzes e permaneci por um momento no escuro, olhando pela janela, para a noite, sob o brilho das luzes na estufa. Espionagem é um instrumento da política estatal, ponderei. Para ser empregada de forma adequada e profissional, existem regras internacionais a serem seguidas. No caso do governo revolucionário do Irã, porém, a única regra era a ausência de regras.

---

* Batalha travada durante a Guerra Civil, em setembro de 1862, vencida pela União e considerada a mais sangrenta da história dos Estados Unidos, quando perderam a vida mais de 23 mil americanos de ambos os lados. [N. do T.]

1

BEM-VINDOS À REVOLUÇÃO

O chamado veio pelo rádio pouco depois das dez horas da manhã: "Regressar! Regressar! Todos os fuzileiros para o Posto Um!" A voz pertencia a Al Golacinski, chefe da segurança da embaixada em Teerã. A data era 4 de novembro de 1979, e uma enorme multidão de "estudantes militantes" acabara de invadir os portões principais e se espalhava pelo complexo de edificações adentro.

A embaixada era colossal. Ocupava mais de cem mil metros quadrados, cercados por um muro alto de tijolos. No interior, havia dezenas de construções e depósitos, a residência do embaixador, uma pista de atletismo, quadras de tênis e até mesmo uma piscina. Além disso, o complexo localizava-se em pleno coração de Teerã, circundado de todos os lados por algumas das ruas mais movimentadas da cidade. O resultado era um pesadelo para a segurança. Cerca de uma dúzia de fuzileiros navais ficava de plantão junto ao complexo, mas sua função era basicamente fornecer proteção interna.

Por esse motivo, o plano de segurança armado por Golacinski convocava todos para a chancelaria, um grande edifício de três andares que fora fortificado com grades nas janelas, blindagens antiexplosões e fechaduras com horários pré-programados. O segundo andar podia ser isolado por uma grossa porta de aço, que teoricamente permitiria aos americanos resistir por várias horas. Toda embaixada no mundo depende do país anfitrião para lhe prover segurança externa. Esperava-se que, com a ajuda dessas medidas preventivas, o governo iraniano tivesse tempo suficiente para organizar uma reação e mandar ajuda.

A embaixada já fora atacada uma vez, havia nove meses, em 14 de fevereiro de 1979, apenas um mês após Mohammad Reza Pahlavi, xá do Irã, fugir do país. Durante aquele ataque, um grupo de guerrilheiros marxistas invadira a embaixada com rajadas de metralhadoras e mantivera os funcionários como

reféns por quatro horas.

Nessa época, o Irã era um caos completo. O aiatolá Khomeini retornara, em triunfo, do exílio em Paris, e o governo do xá desabara rapidamente. O exército logo trilhou o mesmo rumo, e, no vácuo que se seguiu, as diversas facções que tinham se juntado para derrubar o xá (esquerdistas, nacionalistas, comunistas apoiados pela União Soviética, islâmicos da linha-dura) se dividiram e agora brigavam entre si. Homens armados vagavam pelas ruas, e assassinatos por vingança eram lugar-comum. Pequenos bandos chamados *komiteh* (comitês) surgiam por todo o país, estabelecendo territórios de controle. Não reconhecidos por ninguém exceto o mulá ao qual declaravam fidelidade, esses bandos não passavam de arruaceiros e começaram a aplicar sua própria justiça revolucionária com o cano do revólver. Em meio a essa confusão, Khomeini e seu círculo mais próximo instalaram um governo provisório para administrar o país enquanto a Assembleia dos Sábios trabalhava diligentemente nos bastidores para redigir o esboço de uma nova constituição.

Não demorou muito para que o governo provisório enviasse um grupo desorganizado para expulsar os invasores, mas a ocupação de 14 de fevereiro, Dia de São Valentim — o dia dos namorados nos Estados Unidos —, teria importantes repercussões para os acontecimentos que viriam a seguir. Em primeiro lugar, o corpo funcional da embaixada foi drasticamente reduzido (em seu auge, perto de mil pessoas trabalhavam lá). Em segundo lugar, e talvez ainda mais importante, houve a impressão de que o governo iraniano honraria seu compromisso de proteger a embaixada e os diplomatas que trabalhavam lá dentro.

Depois que os guerrilheiros marxistas foram expulsos, a proteção da embaixada foi conferida a um grupo do *komiteh*, que ocupou um dos pequenos edifícios perto da frente do complexo e passou a patrulhar a área. Foi só no verão que uma força de segurança mais estável foi encarregada de guardar a embaixada, mas, mesmo pelas estimativas mais otimistas, não passava de um gesto simbólico.

À luz do perigo exposto pelo primeiro ataque, podemos nos perguntar por que a embaixada simplesmente não fechou suas portas. Para começar, o Irã era

importante demais para os interesses estratégicos dos Estados Unidos. O país não só abrigava vastas reservas de petróleo, mas por mais de 25 anos servira como fiel aliado e barreira contra a União Soviética, que tinha uma fronteira de mais de 2.500 quilômetros com o Irã. Não era segredo nenhum que os soviéticos desejavam um porto sem riscos de congelamento no inverno e gostariam de incrementar sua influência no Golfo Pérsico. Assim, em vez de romper os laços, a administração Carter começou a trabalhar cautelosamente com o governo provisório e a embaixada americana no Irã permaneceu em funcionamento.

* * *

HOJE PODE PARECER ESTRANHO pensar que o Irã e os Estados Unidos foram aliados no passado, mas tudo precisa ser entendido em termos do Grande Jogo disputado entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Nos primeiros tempos, os Estados Unidos pareciam se contentar em observar o Irã a distância. Então conhecido como Pérsia (só viria a receber o nome Irã em 1935), o país era como o nó no centro de um jogo de cabo de guerra entre a Rússia e a Grã-Bretanha — um papel que desempenhava com grande habilidade, lançando uma nação contra a outra. Veio a Segunda Guerra Mundial e a geopolítica da região foi alterada. De repente, Moscou e Londres tornaram-se aliados, e, em sua tentativa de proteger o petróleo e as vias de transporte terrestre para a Rússia, as duas potências resolveram ocupar o país conjuntamente. Preocupados com o fato de que o monarca iraniano, o xá Reza, tendia a fazer uma aliança com a Alemanha nazista, os dois países provocaram sua deposição e instalaram no trono seu filho Mohammad Reza Pahlavi, de 21 anos.

Após a guerra, os Estados Unidos fizeram grandes investimentos no Irã, tanto econômicos quanto militares. Stalin relutara em recuar do norte do Irã em 1946, e o pensamento em Washington era de que ele usaria o menor pretexto para voltar a invadir. Igualmente preocupante era a possibilidade de os soviéticos minarem o governo do xá por meios clandestinos. O partido comunista no Irã, o Tudeh, ganhava poder e apoiava abertamente os objetivos de Moscou.

Assim, foi com um sobressalto que os Estados Unidos viram, em 1951, o xá ser lentamente despojado do poder por um advogado iraniano chamado Mohammed Mossadegh. Mossadegh ganhara proeminência graças a uma campanha para nacionalizar a Companhia de Petróleo Anglo-Iraniana (Anglo-Iranian Oil Company, AIOC), um gesto popular entre os iranianos, que havia muito se sentiam explorados pelos britânicos. Apanhado em meio a uma onda de nacionalismo, Mossadegh tornou-se um herói e acabou sendo nomeado primeiro-ministro.

Como seria de se esperar, em resposta à tentativa de nacionalizar a AIOC, os britânicos logo instigaram o que veio a ser um boicote ao petróleo iraniano, jogando a economia local numa espiral descendente. No turbilhão que se seguiu, a coalizão que apoiara Mossadegh começou a se fragmentar.

* * *

NINGUÉM EM WASHINGTON ACREDITAVA que Mossadegh era comunista, mas a preocupação começou a aumentar quando ele se alinhou com o Tudeh. Para a administração Eisenhower, a gota-d'água veio quando a inteligência descobriu que os soviéticos estavam prestes a enviar vinte milhões de dólares para ajudá-lo.[1]

À luz dessas ameaças, a Casa Branca ordenou ao diretor da CIA, Allen Dulles, que trabalhasse com os britânicos para derrubar Mossadegh.

Hoje, olhando para trás, é fácil dizer que houve exagero na reação da administração Eisenhower. No entanto, no calor da Guerra Fria, os líderes americanos viam um mundo diferente daquele que existe hoje. Nele, os soviéticos estavam em marcha por toda parte, instalando regimes fantoches na Europa Oriental, apoiando levantes na Itália, na França e na Grécia. Também é importante lembrar que, na época, os Estados Unidos estavam envolvidos numa guerra sangrenta na Coreia, que Eisenhower herdara de Truman. O Irã poderia facilmente se tornar mais uma frente de batalha.

Na primavera de 1953, Kermit "Kim" Roosevelt, chefe da Divisão do Oriente

Próximo do Diretório de Planejamento da CIA, recebeu a verba de um milhão de dólares e a tarefa de executar a operação de derrubada de Mossadegh, conhecida como TPAJAX, ou Operação AJAX.

O plano exigia o uso de propaganda e ação política para debilitar a base de apoio ao líder, mas, como de hábito, as coisas não correram conforme o plano. Mossadegh fora avisado do contragolpe e ordenou a prisão de alguns dos golpistas mesmo antes de a operação ser acionada. No entanto, com a ajuda de imensas manifestações públicas, muitas organizadas por Roosevelt, Mossadegh foi forçado a renunciar e o xá, reconduzido ao poder.

Em termos de estratégia de contenção na Guerra Fria, Washington considerou a operação um fantástico sucesso de política externa, e Kermit Roosevelt foi saudado como herói. Ficou famosa a frase do xá, durante um encontro entre os dois:[2] "Devo meu trono a Deus, ao povo, ao exército — e a você!"

Na esteira da operação, o xá rapidamente estabeleceu um acordo com a gigante petrolífera AIOC, e o Irã tornou-se um estável aliado pró-Ocidente, fornecendo aos Estados Unidos um fluxo constante de petróleo, bem como uma série de postos ao longo da fronteira com a União Soviética, o que permitia a escuta clandestina dos testes balísticos de mísseis russos intercontinentais.

A despeito dessas vantagens estratégicas, porém, não há como negar que o contragolpe de 1953 teve sérias consequências para as relações de longo prazo entre os Estados Unidos e o Irã.

Muitos oponentes da Operação AJAX culparam os Estados Unidos por agirem de forma egoísta para proteger seus próprios interesses, em detrimento do Irã e de seu povo. De forma irônica, como mostram os registros históricos, o contragolpe não teria tido êxito se não fosse pelo apoio de uma facção numerosa de iranianos que também tinham muito a ganhar assegurando o poder do xá. Todavia, o mito popular entre os iranianos em 1979, sempre desconfiados de intervenções estrangeiras, era de que a CIA havia deposto por conta própria um líder democrático, impondo um tirano em seu lugar. Embora não fosse inteiramente preciso, era um quadro em que muitos iranianos estavam ávidos por acreditar.

Depois de retornar ao poder, o xá se alinhou com o Ocidente e imediatamente se dedicou a tentar legitimar seu reinado. Empreendeu uma série de reformas ocidentalizantes e fez pródigos gastos para criar um exército moderno e bem treinado. Ambos os esforços o colocaram em conflito com o povo, que mais tarde viria a alegar que ele destruíra seu modo de vida tradicional enquanto desperdiçava a riqueza da nação numa tentativa de agradar a Washington.

Com o passar do tempo, ele foi se tornando cada vez mais autocrático, reprimindo qualquer forma de oposição com o auxílio de sua brutal polícia secreta, conhecida pela sigla SAVAK.

Porém, como tendia a acontecer durante o Grande Jogo, sucessivas administrações americanas decidiram engolir o bom junto com o ruim, apoiando publicamente o regime do xá, ainda que por baixo dos panos o encorajassem a eliminar a corrupção sistêmica de seu regime e a tolher os abusos da SAVAK.

O xá não parecia nem disposto nem capaz de fazer nenhuma das duas coisas.

Com a supressão da maioria das vias de dissidência política, as massas voltaram-se para os mulás em busca de apoio, e os religiosos usaram seu recém-descoberto poder para denunciar o xá como instrumento do Ocidente. O mais exaltado desses críticos chamava-se Ruhollah Khomeini. Nascido em 1902, Khomeini fizera seu nome em meio à comunidade religiosa do Irã redigindo e publicando muitos panfletos contra a liderança secular iraniana, incluindo o pai do xá, Reza. Então, em 1961, ele passou a atacar o xá diretamente, censurando sua política pró-Ocidente — especificamente as que concediam direitos civis às mulheres e aos não muçulmanos — como sendo antíteses do verdadeiro espírito do Islã. No entanto, sem o conhecimento sequer de seus próprios seguidores, que acreditavam que ele apoiaria uma democracia islâmica moderada após a abdicação do xá, a verdadeira meta de Khomeini era criar um governo que fosse estritamente apegado à lei islâmica e regido inquestionavelmente por ele.

Poderoso demais para ser preso ou morto, Khomeini foi exilado pelo xá, em 1964, na Turquia, seguindo depois para Najaf, no sul do Iraque. Dali, o religioso provaria ser um operador político engenhoso. Nos catorze anos seguintes, continuaria a fazer sermões denunciando os malefícios do xá e dos Estados

Unidos, que eram contrabandeados de volta para o Irã e vendidos em bazares em fitas cassete.

No outono de 1978, o país estava à beira do colapso. Uma sucessão de greves e tumultos havia provocado violentos choques entre as forças de segurança do xá e os correligionários de Khomeini. Depois que uma série de medidas desesperadas — inclusive um governo militar — fracassou em conter a maré, o xá finalmente foi obrigado a deixar o Irã em 16 de janeiro de 1979. Em sua trilha, ele deixou um país oscilando à beira do abismo, e levaria apenas dez dias para o que restava de seu governo e do exército se desintegrar.

Mesmo com todos os sinais de que o regime do xá estava à beira de sucumbir, a rapidez com que isso aconteceu pegou de surpresa a Casa Branca, bem como toda a comunidade de inteligência. Ainda em agosto de 1978, um Relatório da Inteligência Nacional ficou famoso por informar que o Irã não estava em "situação revolucionária, nem mesmo pré-revolucionária". Não há uma resposta fácil que explique como nós, da CIA e da Casa Branca, podíamos estar tão fora de contato com a realidade. O xá mantivera o país sob mão de ferro por quase 25 anos, e o senso comum dizia que, apesar de todas as inquietações, ele superaria a tormenta. Depois do fato consumado, revelou-se que muitas pessoas em Washington tinham presumido que o xá empregaria todos os recursos necessários para salvar seu regime e ficaram perplexas quando ele não o fez. Mesmo o embaixador americano no Irã naquela época, Bill Sullivan, acreditava que o governo do xá sobreviveria;[3] quando ele mudou de atitude, em 9 de novembro de 1978, pouco havia a se fazer. Durante os embates de 1978, não houve estratégia clara de encontros com os grupos de oposição, em parte por medo de que isso pudesse enfraquecer o regime do xá. No final, porém, talvez a maior razão para o fracasso da inteligência foi que o governo dos Estados Unidos dera importância demais à pessoa do xá e não levara em conta o povo do Irã. Assim, quando as rachaduras do regime começaram a aparecer, os estrategistas em Washington recusaram-se a admiti-las, porque simplesmente não dispunham de uma alternativa além do apoio ao xá.

Ironicamente, dizia-se que o xá tinha ficado um tanto nervoso com a eleição

de Jimmy Carter.[4] Sua preocupação principal, ao que parece, era a declarada meta de Carter de fazer dos direitos humanos um tema central de sua presidência. Sensível à opinião pública, o xá aparentemente temia que Carter pudesse pensar que ele era um tirano. Não precisava ter se preocupado. Até a véspera do Ano-Novo de 1978, apenas uma semana antes de uma série de choques violentos que culminariam na revolução, o presidente Carter visitou Teerã e reassegurou ao xá o firme compromisso norte-americano de considerar o Irã uma "ilha de estabilidade em uma das áreas mais atribuladas do mundo".[5] Carter podia ter bons motivos para apoiar o xá, ou não ter alternativa, dada a aliança estratégica criada devido às necessidades da Guerra Fria, mas essa óbvia hipocrisia não passou despercebida às massas no Irã. O presidente dos Estados Unidos era agora considerado amigo íntimo do xá, e não demorou muito para que as multidões de manifestantes raivosos começassem a denunciar o nome de Carter junto com o do xá.

Apesar da retórica iraniana, parecia haver algumas afinidades entre os dois países. O xá, por um lado, comprou enormes quantidades de equipamentos militares americanos durante as administrações Nixon e Ford, e parte deles ainda precisava ser entregue. Além disso, o Irã tinha alguns bilhões de dólares depositados em bancos americanos, dinheiro de que o governo revolucionário necessitava desesperadamente para se manter à tona. Durante o outono de 1979, Khomeini ainda precisava consolidar seu poder, e o país era conduzido de forma frouxa pelo governo relativamente "moderado" do primeiro-ministro Mehdi Bazargan. Em junho de 1979, os iranianos aceitaram a indicação de Bruce Laingen como encarregado de negócios da embaixada dos Estados Unidos, e parecia que os dois países estavam a caminho de normalizar suas relações.

Ao deixar o Irã, o xá passou vários meses como "fugitivo" internacional, até que o presidente Carter foi persuadido a receber o governante deposto por razões humanitárias, quando se descobriu que ele sofria de um linfoma e necessitava de tratamento médico emergencial. Ainda assim, ao acolhê-lo, Carter sabia que assumia um risco. Khomeini vinha exigindo o retorno do xá para responder por seus "crimes", e Carter estava preocupado com represálias. Numa reunião de café

da manhã com sua equipe na Casa Branca, o presidente reiterou suas preocupações, perguntando: "Que curso de ação vocês me recomendam caso os americanos no Irã sejam capturados ou mortos?"[6] Ninguém tinha resposta.

* * *

A NOTÍCIA DA CHEGADA do xá aos Estados Unidos detonou imediatamente uma onda de ira e paranoia entre a população iraniana, que temia uma conspiração para sua volta ao poder. Durante meses, os jornais fabricaram histórias que diziam que os Estados Unidos estavam por trás de cada revés sofrido pelo país. Khomeini, em busca de um meio de fortalecer seu controle, acrescentou combustível às chamas, conclamando os estudantes a intensificar os ataques aos Estados Unidos para pressionar o país a devolver o governante deposto. Como era de se prever, os iranianos focaram o alvo mais óbvio: a embaixada americana em Teerã.

* * *

A MANHÃ DE 4 DE novembro de 1979 começou igual às outras, e, para os americanos a caminho do trabalho, não havia motivos para desconfiar que a embaixada estivesse à beira de sofrer um grande ataque. Bruce Laingen havia presidido uma reunião dos chefes de departamento, após a qual, junto com Vic Tomseth e Mike Howland, ele se dirigira ao Ministério do Exterior iraniano para discutir a obtenção de imunidade diplomática para militares americanos alocados no Irã.

John Graves, encarregado de assuntos públicos, foi um dos primeiros a verem os militantes penetrando no complexo. Graves estava no Irã havia mais de um ano e passara pelo ataque do Dia dos Namorados.

A assessoria de imprensa ficava localizada bem ao lado da bomba da piscina, junto ao portão. Alguém cortara a corrente do portão, e uma turba de manifestantes invadiu. A maioria era de mulheres com cartazes em que se lia NÃO

TENHAM MEDO e SÓ QUEREMOS ENTRAR — com pequenos erros de inglês. A preponderância feminina na primeira leva foi, na verdade, planejada, pois os militantes sentiam que os fuzileiros americanos hesitariam em abrir fogo contra mulheres. Parado junto à janela, Graves viu um dos militantes se aproximar de um policial iraniano que supostamente deveria proteger a embaixada.[7] Os dois se abraçaram. Graves não ficou surpreso.

Enquanto os manifestantes se dispersavam pelo complexo, os demais funcionários da embaixada demoraram a reagir. Multidões berrando "Morte aos Estados Unidos" e "Abaixo o xá" haviam se tornado uma ocorrência quase diária, tanto que os americanos que trabalhavam dentro da embaixada se referiam àquilo como ruído de fundo. Para complicar, os militantes tinham escolhido lançar o ataque no Dia Nacional dos Estudantes, evento que recordava a morte de um grupo de estudantes pelas forças do xá durante uma manifestação na Universidade de Teerã no ano anterior.[8] A celebração atraíra vários milhões de universitários, e os planejadores puderam utilizar a enorme multidão para camuflar o ataque.

Em questão de minutos, a chancelaria ficou completamente isolada. Funcionários e diplomatas, agora plenamente cônscios do que se passava, subiam em cadeiras para espiar pelas janelas. Alguns se aglomeraram em torno de monitores de circuito fechado localizados na sala de segurança. O que viram os deixou estarrecidos. O terreno da embaixada estava pululando de militantes carregando cartazes e cantando "Só queremos entrar!". Então, um a um, os monitores de circuito fechado foram saindo do ar à medida que as câmeras eram arrancadas das paredes.

* * *

A MAIOR PARTE DOS funcionários da embaixada ficou calma, e alguns até se irritaram. Parecia que os estudantes estavam apenas desfilando, entoando palavras de ordem e gritando até que fosse hora de ir para casa.[9] Repetidamente erguiam-se vozes acima do rumor geral — algumas com auxílio de megafones —

berrando: “Não queremos lhes fazer mal! Só queremos entrar!”

Sem que os americanos soubessem, não se tratava de mais um protesto e, sim, de uma invasão muito bem coordenada. Autodenominando-se Estudantes Muçulmanos Seguidores da Linha do Imã, os militantes observaram a embaixada por muitos dias e desenharam mapas detalhados. Tinham cortado tiras de pano para usar como vendas em quase cem reféns e haviam até armazenado víveres para alimentar os cativos.

O plano era ocupar a embaixada por três dias, quando leriam uma lista de acusações contra o xá e os Estados Unidos. Sua principal esperança era que o ataque enfraquecesse a posição do governo moderado de Bazargan ao forçá-lo a enfrentar uma situação difícil.[10] Se Bazargan socorresse os americanos, os iranianos veriam que ele e os outros moderados não passavam de fantoches do Ocidente.

Alguns militantes portavam armas improvisadas, tais como correias de bicicleta, tábuas e até martelos. E uns poucos traziam pistolas, contradizendo alegações posteriores de que a invasão fora completamente não violenta.

Depois de trancar a chancelaria, os fuzileiros logo se prepararam para enfrentar o tumulto. Carregaram as pistolas e metralhadoras e assumiram posições por toda a embaixada. A adrenalina corria solta, e alguns pareciam ávidos por uma briga. Um deles se deitou de bruços num dos escritórios, com munição ao seu alcance, fazendo mira com o cano da arma como um atirador de elite enquanto esquadrinhava a janela.[11]

Nesse meio-tempo, Laingen, Tomseth e Howland estavam num carro, voltando da reunião no Ministério do Exterior. Tinham acabado de entrar no trânsito quando Al Golacinski os chamou pelo rádio e lhes disse para dar meia-volta. “Centenas de pessoas tomaram conta da área da embaixada”, avisou. Os três se deram conta de que, mesmo que chegassem ao local, provavelmente não conseguiriam entrar. Decidiram que o melhor seria retornar ao Ministério do Exterior e tentar organizar o socorro dali.

A última coisa que Laingen disse a Golacinski antes de desligar foi para que ele garantisse que os fuzileiros não abririam fogo.[12] Se apenas um deles

disparasse, provavelmente aconteceria um banho de sangue.

— E gás lacrimogêneo? — indagou Golacinski.

— Só em último caso — foi a resposta de Laingen.

A essa altura, os funcionários do segundo andar da chancelaria começaram a perceber que o ataque era mais sério do que pensavam. Alguns fuzileiros e outras pessoas, como John Graves, que trabalhavam nos prédios mais periféricos, já haviam sido capturados, e os americanos na chancelaria viram das janelas do segundo andar seus colegas serem vendados, terem as mãos amarradas e serem conduzidos em seguida rumo à residência do embaixador, nos fundos do complexo.

Don Hohman, um paramédico militar que estava nos apartamentos Bijon na rua diante do portão dos fundos,[13] contatou Golacinski pelo rádio dizendo que um grupo de iranianos também havia entrado ali. No quarto andar, onde se encontrava, ele os ouvia chutando as portas e vasculhando as unidades abaixo: Golacinski percebeu que pouco havia a fazer; disse a Hohman que ele estava por sua própria conta. (Hohman mais tarde seria capturado ao descer pela parede externa do edifício.)

Nesse momento, Golacinski tinha problemas maiores que os de Hohman; chegara aos seus ouvidos pelo rádio que a chancelaria acabara de ser invadida. Apesar de recentemente terem sido despendidos vários milhões de dólares para fortificar o prédio, os militantes encontraram o único ponto fraco da estrutura: uma janela do porão que ficou sem grades para servir de saída de incêndio.[14] Na verdade, os intrusos pareciam saber exatamente onde ela estava.

Com os militantes no porão, Golacinski ordenou a todos, inclusive aos funcionários iranianos que aguardavam no primeiro piso, que subissem para o segundo andar. (O segundo andar era, em geral, inacessível aos funcionários locais.) Num rasgo de bravura ou de estupidez, dependendo de como se olha, Golacinski perguntou, então, a Laingen pelo rádio se ele podia sair para "argumentar" com a multidão, que agora já perfazia bem mais de mil pessoas.[15] Laingen respondeu que só fizesse isso se pudesse garantir sua própria segurança, o que não era possível. Golacinski foi mesmo assim, e logo foi capturado e

obrigado a marchar de volta para a chancelaria sob a mira de armas.

No segundo andar, fuzileiros e funcionários começaram a empilhar móveis por trás da porta de aço. O corredor central estava atulhado de gente, todos trocando olhares preocupados. Alguns dos iranianos começaram a chorar. Os fuzileiros andavam por toda parte entregando máscaras antigás. Outros examinavam e reexaminavam a mira de suas armas. O clima era tenso.

Em outra parte do edifício, um pequeno grupo de americanos ocupava-se em destruir documentos e desmontar equipamentos usados em comunicações reservadas para evitar que caíssem nas mãos dos militantes.[16] Laingen demorou a dar essa ordem, pois esperava que a manifestação terminasse sem incidentes. Alguns membros da equipe com mais iniciativa já tinham começado a destruir documentos dentro da sala de comunicações da embaixada, de segurança máxima, conhecida como "cofre" porque podia ser fechada por fora por uma porta de aço semelhante à de um cofre. Além de abrigar o equipamento de comunicação, o cofre, com cerca de dezesseis metros quadrados, também continha um dispositivo especial usado para pulverizar documentos.[17] No entanto, a máquina muitas vezes dava problema, e por isso alguém trouxera um picador comercial, que cortava os papéis em longas tiras. Mas o progresso era lento, e, em vez de destruir os documentos completamente, ele deixava uma pilha de tiras de papel no chão.

A situação deteriorava-se rapidamente. Os militantes levaram Al Golacinski para o porão da chancelaria e o conduziram em seguida até o segundo andar, onde os americanos tinham feito barricadas por trás da porta reforçada. As escadas estavam se enchendo de gás lacrimogêneo, e os olhos ardiam. Alguém agitou uma revista em chamas diante do seu rosto, e ele se encolheu apavorado.[18] "Não me queime!", berrou. Então, um cano de arma foi encostado em sua nuca e lhe deram um ultimato: diga-lhes para abrir a porta ou você morre.

Golacinski berrou através da porta metálica, dizendo aos colegas que não adiantava resistir.[19] Informou que os militantes já tinham capturado oito americanos (era sua própria avaliação) e que apenas queriam ler uma declaração e depois partir. "É igualzinho a 14 de fevereiro", disse.

John Limbert, um adido político que falava parse com fluência, apresentou-se como voluntário para sair e ver se conseguia persuadi-los a libertar Golacinski.[20] De início, os militantes ficaram surpresos de ele os censurar como crianças em seu próprio idioma, dizendo-lhes que a Guarda Revolucionária estava a caminho para botá-los para fora. Sabiam que estava blefando, e numa questão de minutos ele foi capturado e recebeu a mesma opção que Golacinski: faça seus amigos abrirem a porta ou atiramos em você.

Laingen, a essa altura, já tinha percebido que era inútil resistir. Apesar de todos os seus esforços junto ao Ministério do Exterior iraniano, ele e Tomseth não conseguiram obter auxílio do governo. Pelo telefone da sala do ministro, ele ligou para a embaixada dos Estados Unidos e disse a Ann Swift, adida política sênior da embaixada, para se renderem. Swift e outros dois funcionários cuidavam de uma central telefônica na antessala de Bruce Laingen. Como funcionária mais graduada presente na embaixada, ela fazia o que podia para manter abertas as linhas de comunicação. No começo da invasão, telefonara para o Centro de Operações no Departamento de Estado dos Estados Unidos e a puseram em contato com três funcionários de escalão superior, entre eles Hal Saunders, secretário de Estado assistente para Assuntos do Oriente Próximo e Ásia Meridional. Saunders ainda estava ao telefone com Swift uma hora depois, quando Laingen declarou que era hora de desistir. "Nós vamos deixá-los entrar", disse ela a Saunders pelo telefone.

Ao perceber a seriedade da situação, Saunders transmitiu a informação ao conselheiro de Segurança Nacional do presidente Carter, Zbigniew Brzezinski, que por sua vez ligou para o presidente às quatro da madrugada. Carter ficou "profundamente perturbado mas razoavelmente confiante"[21] de que o governo iraniano removeria os militantes com rapidez, assim como acontecera em 14 de fevereiro.

Após a rendição, os americanos na chancelaria resignaram-se. Quando a porta de aço foi finalmente aberta, a turba ofegante inundou a sala. Os funcionários no interior do cofre aguentaram ainda mais de uma hora destruindo documentos, mas por fim também foram obrigados a se entregar.

O plano de segurança original requisitava que os funcionários da embaixada resistissem por duas horas até que o governo iraniano pudesse enviar socorro. Como se viu, o plano funcionou com perfeição. O único problema, é claro, foi que o socorro nunca chegou.

* * *

A NOTÍCIA DO ATAQUE à embaixada me alcançou num domingo de manhã, quando eu estava na bancada da cozinha tomando a primeira xícara de café. Era a minha parte favorita do fim de semana — a família ainda adormecida; a casa em silêncio. Eu tinha um rádio de pilha ligado na NPR e não prestava muita atenção à transmissão enquanto passava os olhos pelo jornal de domingo. Lá fora, uma leve camada de neve cobria o chão, e o céu estava cinzento e frio. Eu pensava em quanta lenha precisaria cortar antes de poder me dedicar à pintura no ateliê. Tínhamos uma grande estufa anexa à frente da casa, e eu estava prestes a entrar nela para observar a neve quando a transmissão da NPR foi interrompida pela notícia do ataque.

Os acontecimentos ainda se desenrolavam, mas o quadro geral era claro. Uma multidão invadira a embaixada e as vidas de aproximadamente 70 diplomatas americanos corriam perigo.

Minha mente voou de volta para abril de 1979, a última vez em que eu pusera os pés dentro da embaixada americana em Teerã. Como eu era um agente especializado do Escritório de Serviços Técnicos da CIA, com mais de catorze anos de experiência naquela época, haviam me pedido que me infiltrasse no Irã em meio à revolução para ajudar a resgatar um *blue striper*, ou melhor, um agente iraniano de primeiro escalão, cujo codinome era RAPTOR. Como chefe do setor de disfarces, fui encarregado de bolar uma fachada convincente que permitisse ao agente, um ex-coronel do exército iraniano, passar pelos controles de segurança do Aeroporto de Mehrabad e pegar um voo comercial.

A operação era semelhante a incontáveis outras que eu fizera no Sudeste Asiático e em outras partes distantes do mundo, mas estava longe de ser

rotineira. A violência explodira por todo o país, e os revolucionários estavam à caça de antigos membros do regime do xá. O tempo se esgotava para o coronel. Ele tinha passado o inverno escondido no sótão de sua avó, com a neve gotejando sobre ele enquanto um grupo de guardas revolucionários vasculhava com rifles o apartamento abaixo. Quando o encontrei, ele estava terrivelmente abalado.

Eu usara a biblioteca da embaixada para fazer parte da minha pesquisa para o seu disfarce. Depois, passei a maior parte da semana preparando-o, treinando-o, empregando todos os truques que havia aprendido no decorrer da minha carreira para tirá-lo do país com vida.

Após escutar as notícias por alguns minutos, fui na ponta dos pés até o quarto e, em silêncio, peguei as chaves do carro e meu distintivo da Agência. Parei na cozinha para rabiscar um bilhete para Karen, explicando aonde tinha ido; depois peguei o telefone e liguei para o plantonista da minha seção. Nos fins de semana, era função dele monitorar todo o fluxo de mensagens e informar se minha presença era necessária. Os detalhes do ataque ainda não estavam claros, mas novas informações de Teerã chegavam a cada minuto. Todos nós da CIA estávamos cientes dos perigos enfrentados pelo pessoal da embaixada num lugar imprevisível como o Irã revolucionário. Entre eles, havia três colegas meus da CIA, que, sem dúvida, seriam escolhidos para o tratamento especial se os iranianos conseguissem identificá-los. Eu só esperava que os funcionários tivessem tido tempo suficiente de destruir todos os documentos mais delicados dentro da embaixada. Quando finalmente alcancei o plantonista, ele só confirmou aquilo de que eu já desconfiava. As coisas estavam movimentadas no escritório. Era hora de ir para o trabalho.

Z

RECOLHENDO OS PEDAÇOS

Em 1979, o quartel-general do EST localizava-se em Foggy Bottom, uma pequena colina no Distrito da Ponte Teddy Roosevelt, logo ao norte do John F. Kennedy Center for the Performing Arts. A pequena coleção de edifícios neoclássicos em pedra calcária e tijolos nada tinha de especial, segundo a opinião da maioria das pessoas. Parte integrante do antigo Observatório Naval no fim do século XIX, os prédios acabaram sendo ocupados durante a Segunda Guerra Mundial pela primeira agência de inteligência dos Estados Unidos, o OSS (Office of Strategic Services; Escritório de Serviços Estratégicos). Comandado pelo major-general William "Wild Bill" Donovan, o OSS teve entre seus servidores alguns dos personagens mais inusitados da história da espionagem, entre vigaristas profissionais, arrombadores de residências, peritos em falsificação, mágicos e até mesmo atores e aristocratas formados pelas melhores universidades do país. A Segunda Guerra Mundial foi repleta de proezas realizadas por esses audaciosos agentes secretos. O ainda inexperiente serviço de espionagem mandava tais agentes para além das linhas alemãs e japonesas e criava artefatos engenhosos como cigarros-pistolas, câmeras em caixas de fósforos, até mesmo farinha explosiva. E isso também abriu caminho para a CIA. Na verdade, grande parte da estrutura, dos métodos operacionais e dos procedimentos que a CIA viria a empregar mais tarde evoluiu diretamente das práticas do OSS.

O EST, por sua vez, teve origem no setor de Pesquisa e Desenvolvimento do OSS. Originalmente encabeçado por Stanley Lovell, um químico, esse setor viria a desempenhar um papel integral no desenvolvimento e no aprimoramento das habilidades dos agentes operacionais do OSS, ao mesmo tempo que abria caminho para a chegada de técnicos como eu.

Talvez um dos mais importantes legados do setor de P&D para as gerações futuras de técnicos do EST tenha sido a maneira como contratavam fornecedores externos para desenvolver novas tecnologias. Isso permitiu ao OSS tirar vantagem plena da capacidade industrial e tecnológica do setor privado norte-americano, muito diferente do método empregado por outros serviços estrangeiros, como o MI6 ou a KGB. E acabou nos dando uma enorme vantagem sobre nossos colegas soviéticos, que dependiam de equipamentos e instalações estatais e de uma mentalidade burocrática. Parte do motivo para recorrermos a fontes externas era a necessidade, uma vez que Lovell não dispunha das verbas necessárias para construir laboratórios a partir do zero. Aproveitando ao máximo o setor privado, porém, o EST foi capaz de se manter na vanguarda.

Em 1965, quando entrei a serviço da Divisão de Serviços Técnicos da CIA, ou DST (o nome seria alterado para EST em 1973), relacionávamos nosso departamento e nosso trabalho ao personagem Q dos filmes de James Bond. Éramos os criadores de engenhocas da CIA, os fornecedores do equipamento técnico necessário para os agentes de operações terem sucesso em roubar os segredos dos nossos inimigos.

Nossa organização era parte do setor operacional da CIA conhecido como Diretório de Operações, ou DO. Havia outros três diretórios: Administração, Ciência e Tecnologia, e Inteligência. O trabalho do DO era basicamente no exterior, o que vale dizer que nossos equipamentos e conhecimentos eram utilizados em todo o mundo, e em geral fora dos Estados Unidos.

Havia essencialmente dois grupos que compunham nosso departamento. Metade dos funcionários nas divisões de desenvolvimento e engenharia era de químicos, físicos, engenheiros mecânicos e elétricos, e um sortimento de cientistas com Ph.D. especializados em campos restritíssimos, tais como baterias, balões de ar quente, tintas especiais, escolha o que quiser. Eram os caras que projetavam e construíam as engenhocas. A outra metade fazia parte da divisão de operações; eram eles que utilizavam os equipamentos e ensinavam nossos agentes responsáveis e os estrangeiros a usá-lo.

Listar alguns de nossos recursos pode dar uma ideia da robustez das possibilidades à disposição da CIA. Sem nenhuma ordem específica, eles

incluíam áudio, foto/vídeo, disfarces, documentos e dissimulações. Havia também peritos em grafologia, psicologia e parapsicologia, medicina forense e muitas outras disciplinas esotéricas. Se alguém precisasse de suporte técnico para uma operação, nós fornecíamos, e, se não existisse, podíamos inventar.

* * *

MINHA SALA LOCALIZAVA-SE NO Edifício Central, que também abrigava o setor de autenticação, os laboratórios de disfarces, o "cercado dos artistas" e a seção de documentos. Do outro lado de um pequeno pátio ficava o imponente Edifício Sul, em estilo neoclássico, sede do EST. Em 4 de novembro de 1979, meu título era "chefe de disfarces", mas, na verdade, eu estava prestes a ser promovido a "chefe do setor de autenticação", um cargo que me tornaria responsável pelas operações sob disfarce da CIA em todo o mundo, bem como de quaisquer casos envolvendo documentação falsa e o monitoramento forense desses documentos para fins de contraterrorismo.

Passar de chefe de disfarces para chefe de autenticação era um grande passo, e eu estava ansioso pela transição. Tinha uma boa base em disfarces e sentia-me perfeitamente capaz de seguir em frente. Em termos de conhecimento e qualificações profissionais, eu sentia, com toda sinceridade, que era provável que não houvesse ninguém tão bom quanto eu, à exceção de alguém na KGB que eu ainda não conhecia. "Arrogante mas seguro" era provavelmente como meus colegas me viam, "promissor", devia ser a opinião dos meus chefes. Quanto a mim, ainda não tinha encontrado situação ou oponente que não me sentisse capaz de enfrentar.

Nunca planejei me tornar um espião. Nunca ouvi uma vozinha em meus ouvidos dizendo que eu deveria me candidatar a uma vaga em serviços clandestinos. Na verdade, eu estava convicto de que a minha carreira seria em belas-artes. Sob vários aspectos essa carreira se materializou, mas não foi da forma que eu havia previsto.

Nasci em Eureka, Nevada — segundo a *National Geographic*, a cidade mais

solitária na estrada mais solitária dos Estados Unidos. Provavelmente foi bom eu não saber disso enquanto crescia. Achava que estava tudo bem.

Minha mãe, Neva June Tognoni, vinha de uma antiga família de Nevada e era a única filha numa casa de rapazes. Seus três irmãos tinham obtido relativo sucesso nesse estado do Oeste: um se tornou senador estadual, e os outros dois viraram advogados, geralmente representando casos na área de mineração. Seu avô, J. C. Tognoni, um imigrante do norte da Itália, da cidade de Chiavenna, enriquecera com o maior filão de ouro da história do estado. No entanto, com a mesma rapidez que construiu sua fortuna, ele a perdeu. Neva June nunca sentiu o sabor das riquezas de que seu avô tinha desfrutado; pelo contrário, era sempre preterida, enquanto os irmãos recebiam a educação e as oportunidades que lhe eram negadas.

Essa foi a história da minha mãe. Ela, por sua vez, transmitiu sua experiência para os filhos: quatro meninas e dois meninos. Minhas irmãs foram favorecidas, em detrimento de mim e meu irmão, numa tentativa de corrigir o erro cósmico que ela sofrera.

Meu pai se chamava John Mendez. Era um homem incrivelmente jovem e bonitão com apenas 23 anos quando nasci, mas não pude conhecê-lo direito. Trabalhava nas minas de cobre de Nevada, onde morreu quando eu tinha três anos, esmagado por um vagão cheio de minério. A família de meu pai tinha um passado sombrio; é bem possível que seu verdadeiro nome fosse Manuel Gomez. Corria a história de que sua mãe morrera num acidente de carro em Los Angeles e, durante a disputa pela custódia das crianças com a cunhada, meu avô pegou os dois meninos, fugiu e mudou de sobrenome.

Mamãe falava muito sobre meu pai enquanto crescíamos. Ela tinha sido loucamente apaixonada por ele, e os dois eram muito jovens quando ele morreu.

Meu irmão John e eu trabalhávamos arduamente no árido deserto em torno de Eureka, rebocando madeira pela neve durante o inverno numa pequena carroça, vendendo jornais no trem que fazia uma parada de nove minutos na cidade uma vez por dia, recolhendo e vendendo guano de morcego para as senhoras mórmons do outro lado da cidade, que utilizavam o produto como fertilizante para seus jardins. Ganhávamos o suficiente para uma ida ocasional

dos seis ao cinema, e às vezes um sorvete na confeitaria local. Minha mãe não tinha dinheiro sobrando para esses luxos.

Desde muito cedo, sempre adorei desenhar. Como éramos pobres, tive de me virar com o que achava. Usava um pedaço de pau pontudo para rabiscar figuras no chão, um toco de carvão sobre uma tábua velha ou pedaço de cartolina, um lápis sobre um saco de papel pardo. Quando tinha cinco ou seis anos, minha mãe chegou da cidade com um embrulho para cada um de nós. Meu presente era um pequeno estojo de aquarela, do tipo mais básico. Mamãe disse: "Tony, você vai ser um artista." Não era uma sugestão. Durante a minha futura carreira na CIA, eu costumava levar comigo um estojo de aquarela bem semelhante nas minhas viagens pelo mundo, apenas uma entre muitas ferramentas que usei em minha trajetória na espionagem.

Após o ensino médio, frequentei a Universidade do Colorado, em Boulder, por um ano, mas tranquei para trabalhar como auxiliar de encanador e ajudar no sustento de minha família. Foi mais ou menos nessa época que conheci minha esposa, Karen Smith, e cinco anos depois tínhamos três filhos: Amanda, a mais velha, seguida de Toby, e mais tarde Ian. A essa altura, eu estava em Denver trabalhando para Martin Marietta como desenhista/ilustrador de ferramentas e mantendo um estúdio de design. Era um trabalho prosaico — desenhar os diagramas de fiação para os mísseis Titan que estavam sendo instalados em silos em todo o país —, mas pagava as contas. Aí, em 1965, vi algo que mudaria a minha vida para sempre. Foi um anúncio no *Denver Post* em busca de candidatos para trabalhar no exterior como artistas para a Marinha dos Estados Unidos. Mandei uma resposta com algumas amostras do meu trabalho para a caixa postal em Salt Lake City. Disse a Karen que poderia ser revitalizante experimentar algo novo.

Quando me encontrei com o representante do governo, não foi no edifício da administração federal no centro de Denver, mas num quarto de motel na Avenida Colfax, no lado oeste da cidade. As venezianas estavam fechadas. Meu interlocutor era um sujeito de aspecto um tanto escuso que manteve o chapéu com abas dentro do quarto, como um detetive dos velhos tempos. Ele me mostrou rapidamente uma credencial do governo e pôs uma garrafa de Jim Beam

sobre a mesa.

— Filho — disse ele, servindo o bourbon para os dois —, isto não é a marinha.

Não brinca!, pensei.

A verdade, segundo me contou, era que ele pertencia à CIA. Na época, eu não sabia o que era a CIA, mas tentei parecer interessado enquanto escutava seu papo de vendedor.

— Não sei que tipo de artista estão procurando — falou. — Mandei alguns currículos para eles, mas não pareceram servir. Aqui, veja isto. Você vai entender melhor do que eu.

Li o guia de recrutamento (confidencial!) e entendi imediatamente que o tipo de artista que o recrutador da CIA tinha em mente acabaria trancafiado numa prisão se tentasse praticar aquele tipo de "arte" por conta própria. O que estavam procurando eram falsificadores à moda antiga. Do ponto de vista técnico, aquilo não representava um problema para mim. Era uma questão de coordenação da mão e do olho, em conjunto com a habilidade de manusear materiais, e seguramente eu era capaz.

Fui para casa e comecei a ler sobre a CIA, e, quanto mais eu lia, mais interessado ficava. Eu podia servir o meu país, ver o mundo e possivelmente causar algum impacto sobre os acontecimentos. Reuni uma amostra do meu trabalho artístico, incluindo um selo postal búlgaro, parte de uma nota de um dólar e alguma caligrafia chinesa, e despachei para o recrutador da Agência em Salt Lake City. A convocação para ir a Washington chegou em poucas semanas.

Na capital, passei por diversos níveis de entrevistas. Estava claro que tinham gostado das minhas amostras, e a qualidade do meu trabalho nunca foi um problema. Por fim, a questão se tornou um assunto moral. Encontrei-me com o vice-diretor do DST, Sidney Gottlieb, que conduziu minha última entrevista.

— Sabe, Tony — disse ele —, há gente que talvez tenha problema em fazer o que nós vamos lhe pedir. Infringir leis de governos estrangeiros. Mentir para seus amigos e sua família, que vão querer saber onde você trabalha e o que faz. Você vai ter problemas com isso? Por um longo período?

Considerei com seriedade o que ele me dizia. Seria um novo modo de vida,

um novo modo de trabalhar, de fechar alguns caminhos e abrir portas que eu só podia imaginar. Não hesitei:

— Penso, Dr. Gottlieb, que a verdade não é necessariamente da conta de todo mundo, sobretudo quando seu país confia em você para guardar segredos.

Ele se levantou para apertar minha mão.

— Você vai se sair bem, Tony — falou.

* * *

MINHA PRIMEIRA FUNÇÃO NA Agência foi no setor gráfico, trabalhando no "cercado dos artistas", onde aprendia a trabalhar com linguistas e peritos que haviam estudado controles de segurança e viagens ao exterior. Quando cheguei, eu me encontrava na base da cadeia alimentar. O escritório era encabeçado por Franco, um sujeito corpulento, jovial, muitas vezes exigente, mas também muito justo. Se você se dispunha a trabalhar com um pouco mais de dedicação, ele assegurava que recebesse o crédito. Se você resolvia problemas, era recompensado. Foi um ótimo primeiro chefe. Seu segundo em comando, Ricardo, por outro lado, era muito competitivo com a equipe. Se visse alguma fraqueza, atacava.

Tive muitos projetos desafiadores nos 22 meses em que trabalhei no cercado, na sede. Talvez o mais difícil, porém, tenha sido lidar com Ricardo. Todo mundo deixava o trabalho sobre a mesa no fim do dia, e Ricardo chegava cedo na manhã seguinte para checar o progresso de cada um, rondando cada escrivaninha para ver como o artista se saía. Depois de sua inspeção, marcava com pequenas setas azuis as áreas que precisavam ser mais trabalhadas. Assim, ao se chegar de manhã, a primeira coisa que acontecia era encontrar seu trabalho do dia anterior cheio dessas setinhas. Parecia que ele sentia certo prazer em fazer as tais marquinhas azuis. Aquilo deixava os artistas furiosos.

Para aliviar a tensão, instalamos um alvo para dardos, que usávamos durante os intervalos. Em vez de lançar três dardos a uma distância padrão de três metros, bolamos um jogo mais desafiador, coisa de macho: um dardo, a uma

distância de seis metros, por um dólar o arremesso. Ricardo demonstrou maestria, sendo capaz de lançar o dardo com a fina precisão de um escorpião espetando o rabo. O que ele adorava fazer era se meter no jogo e tirar seu dinheiro na frente dos outros. Quando, finalmente, consegui vencê-lo, não concordei com uma revanche e, durante algum tempo, temi pela minha vida. Mas ele apreciava meu trabalho, tanto que, um ano depois, ao sair para assumir o cargo de chefe do setor gráfico da nossa base no Extremo Oriente, solicitou especificamente que eu fosse seu subordinado, passando por cima de outros funcionários mais antigos.

Como artistas, reproduzíamos basicamente documentos pessoais de identidade que pudessem ser usados com objetivos operacionais, tais como viagens, locação de casas ou quartos de hotel. Podiam ser utilizados, também, para exfiltrações, operações de bandeira falsa, ciladas ou travessia de fronteiras internacionais. As falsificações às vezes eram destinadas a desacreditar indivíduos ou governos, da mesma forma que a KGB fazia conosco. O programa deles era chamado de Medidas Especiais. O nosso não tinha nome — simplesmente chamávamos de ação secreta. Outros documentos que produzíamos podiam assumir a forma de desinformação, cartas em diários, adesivos ou qualquer outro item gráfico que pudesse influenciar os acontecimentos. Éramos capazes de reproduzir quase tudo que fosse colocado à nossa frente; as únicas restrições eram questões de ordem política, tais como dinheiro. Fabricar dinheiro dos outros, naquela época, era considerado um ato de guerra. Mas bombardear um país com panfletos em vez de munição era um recurso que fornecíamos com o maior prazer.

Depois do meu tempo no cercado, passei os sete anos seguintes, de 1967 a 1974, vivendo e trabalhando em Okinawa, Bangcoc e outros lugares distantes, em viagens pelo mundo como técnico clandestino da CIA. Durante todo esse tempo, continuei a trabalhar como artista-autenticador, mas também me aventurei em outras áreas, como os disfarces e as exfiltrações, ajudando a resgatar desertores e refugiados da Cortina de Ferro. Uma grande parte disso se deveu ao fato de que ajudei a conceber um novo programa "generalista", que dava treinamento multidisciplinar aos funcionários técnicos e abarcava temas como disfarce ou

documentos, ou o que fosse necessário para a região específica na qual estariam trabalhando. Isso não só nos dava um novo conjunto de aptidões como também nos permitia respostas mais ágeis às necessidades potenciais de nossos chefes locais e supervisores de caso, que, em campo, muitas vezes pediam um pouco de tudo.

Então, em 1974, fui promovido a chefe de disfarces e pedi para voltar à sede para dirigir a seção. Nessa época, eu tinha apenas 33 anos, e algumas pessoas não reagiram bem quando um novato como eu, surgido do nada, veio lhes dizer o que fazer.

Na esteira de Watergate, o moral da Agência estava em seu ponto mais baixo. Nixon acabara de deixar a Casa Branca, e o Senado preparava uma investigação sobre a CIA. Havia sangue na água. Minha postura era de que ainda havia gente boa por lá e muito trabalho a ser feito. Eu estava ansioso por fazer a minha parte.

Os anos 1970 caíram bem no meio da Guerra Fria, e havia numerosos casos em andamento. A União Soviética se espalhava pelo Terceiro Mundo, e, à medida que estendia seu alcance, passamos a ter mais acesso a seu pessoal.

* * *

QUANDO ABRI AS PORTAS do Edifício Central na manhã de 4 de novembro de 1979, percebi que a crise capturara a atenção de todos. Apesar de ser domingo, o prédio parecia em estado de sítio, com gente correndo em todas as direções. Várias pessoas carregavam arquivos secretos de tarja vermelha; todos exibiam uma expressão soturna. Eu nunca tinha visto o lugar tão frenético — era como se um alarme silencioso tivesse disparado. O fim de semana havia terminado oficialmente.

Dirigi-me até meu conjunto de salas e laboratórios, localizado no terceiro andar, para ler as mensagens e me reunir com minha equipe.

Primeiro, meti a cabeça pela porta do subchefe de operações do EST. Matt, um homem intenso, conservador, mas educado, estava sentado atrás de sua mesa, distribuindo telegramas e falando ao telefone.

— Oi, Tony, bem-vindo. Que bom que você conseguiu chegar — disse, cobrindo o bocal do telefone com a mão e apontando uma cadeira onde estava jogado seu paletó. Era a primeira vez que eu via Matt sem gravata. O cabelo ruivo, sua marca registrada, estava despenteado, e ele não tirava os olhos da papelada sobre sua mesa.

— Parece que temos o que fazer — falei quando ele desligou o telefone.

— É, estamos esperando que as coisas fiquem ainda mais agitadas por aqui. Por que você não vai tomando pé das coisas e conversamos mais tarde?

Segui adiante até a minha seção. A maior parte da equipe já estava lá, alguns trabalhando em outros projetos não relacionados com a crise dos reféns. Tim, o meu segundo em comando, entrou e foi arrancando a gravata; estava voltando da igreja. Sem dar mais do que um alô, ele começou a preparar café. Parei diante da porta do laboratório de disfarces para ver quem mais tinha chegado.

Quando fui promovido para comandar a seção de disfarces do EST em 1974, o chefe de operações me chamou de lado e me encarregou de tornar o setor o mais eficiente possível, e eu me propus fazer disso uma realidade. Na época, a maioria das pessoas achava que o setor nada mais era do que um grupo de maquiadores. O conceito amplo de disfarce não era tratado com muito mérito dentro da Agência, especialmente por funcionários que tinham chegado à maturidade nos tempos em que ele não passava de perucas mal assentadas, bigodes e chapéus. Houve gente que trabalhou para a CIA durante esse período cuja abordagem sobre o assunto se limitava a sentar um agente numa cadeira de barbeiro e ficar discursando sobre a arte do disfarce, sem fornecer absolutamente nada em termos de recursos materiais.

Tudo mudou quando comecei a trabalhar com um maquiador de Hollywood no começo da década de 1970 e a mostrar o que podia ser obtido com alguma criatividade. A primeira dessas operações exigia a transformação de um supervisor de caso afro-americano e de um ministro do Laos em caucasianos para que pudessem se encontrar em Vientiane, Laos, em 1972. As caracterizações foram tão convincentes que os dois conseguiram passar por uma blitz de estrada sem serem detectados. O episódio abriu as comportas e mudou tudo que dizia respeito a disfarce operacional.

Em meados dos anos 1970, todos no setor precisavam aprender a fazer uma impressão facial. Algumas pessoas que trabalhavam ali havia vinte anos não estavam mais qualificadas. Mas em 1979 tínhamos revolucionado totalmente o departamento, criando numerosos recursos capazes de alterar por completo a aparência de uma pessoa e que podiam ser aplicados no escuro, em questão de segundos. Parado na porta, observando o profissionalismo da minha equipe no trabalho, me ocorreu quão longe tínhamos chegado. Eles estavam motivados e prontos, e eu tinha confiança de que, não importava o desafio, eram capazes de fazer um serviço bem-feito.

Ao entrar na minha sala naquela manhã, vi uma pilha de umas duzentas mensagens de telex à minha espera sobre a mesa. Isso não era incomum; o que chamou imediatamente a minha atenção, porém, era que um grande número delas vinha com a marca FLASH [a jato]. Era o mais elevado nível de prioridade usado pela CIA (os outros eram IMEDIATO, PRIORIDADE e, o mais baixo, ROTINA). Mensagens de categoria FLASH eram assunto sério, utilizadas apenas em tempos de guerra ou quando vidas de cidadãos americanos corriam perigo imediato. Alguns encarregados de comunicação passavam a carreira toda sem jamais ver uma delas. Nesse caso, eu não estava olhando para uma, mas para várias dezenas. Foi então que a ficha caiu em relação à gravidade da situação.

Naquela manhã, a maioria de nós ainda confiava que os ocupantes da embaixada ficariam apenas algumas horas, como ocorrera com o grupo de guerrilheiros marxistas em 14 de fevereiro.

Nesse intervalo, nossa primeira ordem de serviço era enorme. Agora que a embaixada fora tomada, precisaríamos tentar restabelecer algum tipo de rede de inteligência humana no Irã. Normalmente, quando um país atravessa um período de turbulência ou quando é preciso lidar com uma área inacessível, tal como Moscou, monta-se uma rede de agentes deixados para trás, cidadãos que concordam em ficar em contato com o Ocidente após qualquer incidente desagradável, propondo-se a dar informações sobre a situação corrente. Nós tínhamos uma rede dessas estabelecida em Teerã antes do ataque. Nossos agentes, porém, pareciam ter se fundido à paisagem. Talvez estivessem em posição, mas a maioria deu para trás quando percebeu o perigo que eles e suas

famílias estariam correndo.

O plano era reunir um grupo de agentes treinados que pudesse se infiltrar no Irã para fazer o reconhecimento da situação e começar a construir uma infraestrutura para algum resgate potencial. Tal cenário envolvia antes de tudo diversas perguntas: Como seriam seus documentos e materiais de disfarce? Quais seriam suas nacionalidades? Começamos a procurar candidatos que pudessem assumir os personagens estrangeiros para quem tínhamos documentos e histórico de informações a respaldar. Esses indivíduos necessitavam de conhecimentos linguísticos que permitissem se passar por não americanos. Também precisavam ter aparência condizente. Um empresário latino-americano tem de parecer latino. Um estudante alemão precisa falar alemão.

Uma vez identificados os candidatos, poderíamos construir suas histórias de fachada. Quem estava indo ou voltando do Irã a essa altura dos acontecimentos? Empresários? Jornalistas? O mundo estava de olho, e a mídia, com certeza, estava acompanhando de perto toda a situação.

Quanto ao disfarce, as mesmas regras se aplicavam. Já teríamos alguma coisa pronta nas prateleiras? Alguém precisaria parecer mais velho? Era possível lhes dar a aparência de iranianos? Que tal criar a insígnia para os uniformes iranianos? Nós nos debatíamos, correndo para antecipar quaisquer exigências que nos fossem solicitadas. Estávamos apreensivos, mas não assustados. Éramos capazes de fazer o que precisava ser feito, pensava eu, mas levaria tempo.

Embora a sensação de ansiedade prevalecesse no Edifício Central naquela primeira semana, não faltaram ideias. Mas nem todas eram muito bem concebidas. Houve um ex-agente das forças especiais que entrou na minha sala e me disse que resolveria tudo se eu conseguisse lhe arranjar uma máscara de borracha e um fuzil AK47.

Em outra ocasião, um experiente funcionário com quem eu trabalhara no sul da Ásia apareceu na minha porta parecendo perdido.

— Ei, Jack. Em que posso ajudá-lo? — perguntei.

Ele explicou como o diretor de operações o vira caminhando pelo corredor, na sede, e lhe dissera para mexer a bunda e ir até o Edifício Central para ser disfarçado e ir ao Irã. Jack era de origem asiática, e corria a ideia de que

provavelmente seria mais fácil para um não caucasiano entrar no Irã sem chamar atenção. Faltava apenas um importante elemento para transformar o plano em realidade.

— Mandaram que eu o procurasse — disse ele. — Mas não tenho como fazer isso. Eu não falo japonês.

Em outra parte do EST, Mike Dougherty, mercenário irlandês em uma vida passada, dirigia sua divisão com mão de ferro e entusiasmo. Ele estava juntando seus recursos paramilitares para formar uma força-tarefa que supervisionaria a reação mais ampla. Sua força-tarefa e a minha equipe coordenavam esforços com o diretório de operações do quartel-general da CIA e do Pentágono. Mike e eu tivemos uma série de reuniões nos quatro dias seguintes, com uma frequência que variava de acordo com o assunto. Ele adorava uma reunião, de modo que talvez houvesse mais reuniões do que eu esperava. A certa altura, chegamos a ter uma reunião sobre reuniões. Recebíamos um volume esmagador de mensagens, mas isso era uma tarefa administrativa com a qual já tínhamos estabelecido como lidar — não havia muita diferença entre duzentas ou quatrocentas mensagens por dia. Mas as reuniões consumiam tempo, e o tempo era precioso. Ao final de quatro dias, estávamos exaustos. As coisas estavam em andamento. Planos haviam sido feitos. Mas o Pentágono estava desorganizado porque não existia um comando especial de operações; assim, eles não tinham meios de requisitar recursos. A Casa Branca foi tão tímida em sua reação que o presidente Jimmy Carter nem queria chamar os reféns de "reféns", com medo de ofender o governo revolucionário do Irã, expressão crivada de contradições.

Cheguei em casa me arrastando na quinta-feira à noite, exausto após trabalhar dezoito horas por dia nos quatro dias anteriores. Estava esgotado e fui tirando o casaco enquanto passava pela estufa, que servia como vestíbulo anexo à nossa cozinha. Frequentemente tínhamos jantares formais ali no inverno, sempre à espera de neve. Era um lugar mágico à noite, com a neve e alguma luz de velas. Afrouxei a gravata e afundei na minha poltrona favorita na sala de estar, tirando os sapatos. Karen se aproximou com uma cerveja e um abraço. Sentou-se ao meu lado no sofá e ficou me escutando tagarelar sobre o trabalho, o escritório, o Pentágono, tudo. Estava começando a parecer cada vez mais que a crise iria se

arrastar indefinidamente. Em 5 de novembro, o filho do aiatolá Khomeini, Ahmad, elogiara a tomada da embaixada, dizendo que fora em nome do povo. Depois disso, todas as lideranças religiosas manifestaram apoio aos militantes. Mehdi Bazargan, primeiro-ministro iraniano, foi obrigado a renunciar em protesto, e isso queria dizer que restava apenas uma pessoa com quem o presidente Carter e sua administração poderiam tratar: o aiatolá Khomeini.

Fiz uma longa pausa para tomar um gole de cerveja e senti que ela me olhava com atenção. Erguendo os olhos, percebi que Karen esperava que eu parasse de falar para poder me dizer algo.

— O que foi? — perguntei. Em algum nível subconsciente, imaginei que ela estivesse tendo problemas com um de nossos filhos.

— Querido, andei pensando — começou. — Tenho pensado em como fazer aqueles iranianos saírem da embaixada e libertarem os reféns. Como dar um fim à crise. E tive uma ideia...

— Tudo bem — eu disse. — Conte-me sua ideia.

Recostei na poltrona. A verdade era que eu estava só entreouvindo, cansado demais.

— Você precisa matar o xá — ela disse.

Virei-me para encará-la.

— Sou todo ouvidos — respondi.

3

DIPLOMACIA

As primeiras semanas de novembro viraram meio que um borrão para mim enquanto trabalhávamos para montar e preparar a equipe avançada. Estávamos nos reunindo com o chefe da Divisão do Oriente Próximo, Chuck Cogan, seu segundo em comando, Eric Neff, e todos os chefes de setores para nos organizar e avaliar as opções dos Estados Unidos. A partir dessas reuniões, estabeleceu-se uma divisão de tarefas. Numa situação de crise como essa, um país tem quatro opções: diplomacia oficial, ou melhor, tentar relacionar-se com o governo do Irã revolucionário; ataque militar; diplomacia secreta; ou ação clandestina.

Desde o começo, a administração Carter deparou-se com uma série de desafios. Quando Khomeini e o Conselho Revolucionário deram seu apoio à ocupação, não havia basicamente ninguém com quem o governo americano pudesse negociar. Carter tentou enviar dois emissários, mas Khomeini não permitiu sequer que entrassem no país. Com a diplomacia oficial fora de jogo, Carter voltou-se, então, aos estrategistas militares, que lhe deram uma avaliação igualmente desoladora. Se os Estados Unidos desfechassem um ataque de retaliação, os iranianos poderiam executar os reféns. A probabilidade de um resgate também parecia remota. Do ponto de vista geográfico, o Irã era extremamente isolado, e o complexo da embaixada americana encontrava-se no coração da capital. Parecia não haver como fazer os participantes da ação de resgate entrarem e saírem sem que os iranianos soubessem.

A essa altura, o presidente optou por uma estratégia dupla: intensificar a pressão diplomática, ao mesmo tempo dando sinal verde aos militares para elaborar um plano de contingência para um resgate. Os Estados Unidos não entregariam o xá em nenhuma hipótese.

Mantendo a primeira parte de sua estratégia, em 9 de novembro o presidente bloqueou todos os embarques de materiais militares e peças sobressalentes para o

Irã. Depois, em 12 de novembro, cortou a importação americana de petróleo do país (cerca de 700 mil barris diários).[1] E, em 14 de novembro, quando correu a informação de que os iranianos estavam tentando retirar os quase doze bilhões de dólares depositados pelo xá em bancos americanos, Carter assinou um ato executivo congelando o dinheiro.

O efeito dessas medidas foi mínimo. O Irã, de sua parte, intensificou a guerra verbal e exigiu o retorno do "criminoso" xá e seus pertences, com a advertência de que qualquer tentativa de resgate provocaria a execução dos reféns e a explosão da embaixada. Num discurso proferido diante de uma ruidosa multidão de correligionários, Khomeini espicaçou Carter, dizendo: "Por que haveríamos de ter medo? (...) Carter não tem coragem de se envolver numa ação militar."[2] E, se chegasse a esse ponto, Khomeini declarava que toda a nação iraniana estava pronta para morrer como mártires.

Um dos maiores problemas que Carter em breve teria de enfrentar era o fato de que as manobras diplomáticas normais — pressão internacional, ameaça de ser rotulado como país fora da lei e assim por diante — não surtiam efeito sobre o Irã. Para Khomeini, um profeta à moda medieval convencido de que seu sonho de uma República Islâmica tinha inspiração divina, nenhum sacrifício era grande demais para atingir sua meta, nem mesmo macular a posição internacional de seu país. Confrontados com uma perspectiva tão fatalista, os diplomatas de carreira em Washington logo se sentiram perdidos. Era quase como lidar com seres alienígenas.

* * *

É COMPREENSÍVEL QUE, À medida que os dias se passavam e o impasse continuava, não tenha demorado muito para que o público começasse a duvidar da determinação do presidente. E, enquanto a administração Carter agia com cautela, protestos e violência contra iranianos começaram a eclodir por todo o país. Num exemplo surreal, Hamilton Jordan, chefe de gabinete do presidente Carter, lembra-se de ter passado de carro por uma manifestação diante da

embaixada iraniana em Washington, onde policiais continham uma multidão furiosa. Era a ironia das ironias. Os Estados Unidos protegiam diplomatas iranianos, enquanto seus colegas americanos no Irã permaneciam em cativeiro e sofriam agressões.

Como o presidente podia ficar parado sem fazer nada enquanto 66 cidadãos corriam perigo? Não faltaram críticas, inclusive dos inimigos políticos de Carter, que aproveitaram a ocasião para ganhar pontos desacreditando-o como fraco e ineficaz.

A cobertura dos noticiários sobre a crise era implacável. Desde o primeiro dia, armou-se um verdadeiro circo, com centenas de jornalistas de todo o mundo chegando à embaixada americana em Teerã para apontar câmeras e pontificar nos noticiários noturnos. Está claro que no início os militantes viam os jornalistas como aliados, contando com eles para transmitir sua mensagem às salas de estar dos americanos. Isso, logicamente, levou a uma situação esquisita, na qual jornalistas americanos vagavam livremente pela cidade ao mesmo tempo que 66 compatriotas eram mantidos reféns. A maioria dos âncoras dos telejornais montava a cena para suas transmissões noturnas bem na frente dos portões da embaixada, enquanto nas proximidades multidões entoavam: "Morte aos Estados Unidos" e "Abaixo Carter".

Um dos motivos para essa frenética cobertura era a natureza altamente personalizada da crise. Os reféns vinham de diferentes partes do país e tinham família e amigos que podiam ser entrevistados. Tudo isso contribuiu para que os noticiários locais pudessem ter algum peso em uma história nacional. Uma emissora local de Ohio conseguiu, de alguma maneira, ligar para a embaixada e falar com um dos militantes, que se identificou como "Sr. X".[3] Em outra estação de rádio no Meio-Oeste, o gerente da emissora passou uma parte do dia amarrado a uma cadeira no estúdio para comunicar melhor aos ouvintes qual era a sensação de estar em cativeiro.[4]

Os familiares dos reféns eram convidados frequentes em *talk shows* e programas de rádio. E, a cada aparição, a câmara de eco reverberava. Carter era criticado por não ser suficientemente arrojado e por deixar que o xá entrasse no

país. Um de seus críticos mais eloquentes era Dorothea Morefield, esposa de Dick Morefield, cônsul-geral da embaixada. Repetidamente, ela criticava Carter por não ter evacuado a embaixada antes de permitir que o xá viesse a Nova York.

Num dado momento, Mike Wallace, de *60 Minutes*, conseguiu uma entrevista com Khomeini. As perguntas deviam ser apresentadas de antemão, e, quando Wallace tentou fugir do roteiro, o imã recusou-se a responder. Ao longo de toda a entrevista, Wallace foi extremamente — quase excessivamente — respeitoso com Khomeini, o que irritou a administração Carter.[5]

A situação dos reféns no Irã também foi tema central do programa de Ted Koppel na ABC, *Nightline*, que começou quatro dias após o cerco da embaixada e continuou sua cobertura ao longo de toda a crise, e muito além.

Num acesso de frustração, Carter disse um dia ao seu assessor de imprensa que estava cansado de ver "aqueles filhos da puta que estão retendo nossa gente citados como 'estudantes'.[6] Deviam referir-se a eles como 'terroristas' ou 'captores', ou algo que descreva precisamente o que são".

Os militantes, de sua parte, logo revelaram seus talentos para manipular a mídia, ávida por ganhar acesso aos reféns e disposta a tolerar quase tudo para obter uma reportagem exclusiva. Eles organizaram eventos encenados, entregaram "confissões" assinadas e selecionaram os reféns mais maleáveis para dar falsos depoimentos sobre as condições do cativeiro. Trinta e três reféns foram obrigados a assinar uma petição solicitando o retorno do xá. Quanto mais atenção recebiam, mais ousados os militantes se sentiam.

Uma das primeiras estratégias de Carter foi incentivar intermediários externos com ligações ou acesso a Khomeini a procurar resolver a crise. O papa João Paulo II mandou um emissário a Qom só para ouvir um discurso de Khomeini sobre as maldades do xá e a hipocrisia da Igreja Católica em relação a seu regime. Relata-se que o imã teria dito ao emissário que, se Jesus estivesse vivo, ele gostaria que Carter fosse destituído.[7]

Em 19 de dezembro, a NBC levou ao ar uma entrevista com o sargento dos fuzileiros Billy Gallegos, a primeira exclusiva com um refém. As condições dadas pelos militantes, porém, estipulavam que Nilufar Ebtekar, porta-voz dos

militantes, também conhecida como "Maria de Teerã", tivesse permissão de ler uma declaração não editada antes e depois da entrevista. Nela, Ebtekar se dedicava a dar uma aula ao povo americano sobre as maldades do xá e os velhos pecados da agenda imperialista americana, após o que um Gallegos de olhar vazio entrou no ar para exigir que a administração Carter entregasse o xá.

Naturalmente, a população americana respondeu a tais demonstrações com raiva e frustração, o que desconcertou os militantes.

De início, estavam convencidos de que suas ações fariam com que os "oprimidos" nos Estados Unidos, isto é, negros e outras minorias, se erguessem e derrubassem o governo.[8] Em uma ocasião, os militantes compraram um anúncio de meia página no *New York Times* conclamando as minorias à revolta. Quando a revolução não aconteceu, presumiram que a causa era a censura à mídia. Por exemplo, quando a NBC transmitiu a entrevista de Gallegos, o produtor mencionou a Ebtekar que, por motivos de restrições de tempo, seriam obrigados a editar o segmento, o que ela presumiu significar que o governo americano havia ordenado à NBC que censurasse a entrevista.[9] Tendo crescido no Irã, ela não concebia uma imprensa que não fosse controlada pelo Estado.

Quando veio à tona a realidade de que, na verdade, os americanos desprezavam os militantes por sequestrarem e torturarem seus conterrâneos, eles ficaram chocados e aborrecidos. Para alguns dos reféns que interagiam com eles diariamente, isso se ajustava perfeitamente à sua visão de mundo distorcida. Como atores num filme de Hollywood, os militantes se viam como heróis e esperavam que o mundo inteiro os visse assim.

* * *

POR OCASIÃO DA TOMADA da embaixada, os militantes pareciam quase tão chocados quanto os americanos com o sucesso do plano. Eles não tinham muita ideia de como uma embaixada funcionava ou o que faziam seus funcionários. Nas suas cabeças, o único propósito de uma embaixada era espionagem. Numa entrevista coletiva, ergueram um ditafone alegando ser um tipo de aparelho de

espionagem — o que foi recebido com uma gargalhada por nós na CIA.

Eles pareciam ávidos por acreditar em qualquer teoria conspiratória, não importando quão absurda.[10] Assim, qualquer nome encontrado numa caderneta de endereços era considerado um conspirador. Alguns adidos políticos com muitos contatos no país ficaram aterrorizados pela possibilidade de os militantes saírem à caça de algum representante de um governo local e simplesmente o matarem por ter se encontrado com um diplomata americano. Os estudantes pareciam não captar todo o propósito das relações diplomáticas.

Na realidade, havia apenas três funcionários da CIA na embaixada quando ela foi tomada. Mas até mesmo seu envolvimento era nominal. A revolução cortara a maioria dos laços que tínhamos com antigos agentes, e esses funcionários — sendo que dois deles estavam no país havia menos de três meses antes da ocupação da embaixada — passaram a maior parte do tempo montando sua fachada e travando conhecimento com as características do Irã e do seu governo. Na cabeça dos estudantes, porém, todos na embaixada estavam, de algum modo, ligados à CIA, e eles se empenharam em provar sua teoria, de forma diligente e rancorosa.

Relativamente no começo do confinamento, os reféns foram submetidos a surras, privação de sono e longos e dolorosos períodos amarrados, além de serem com frequência obrigados a permanecer em posições incômodas e desconfortáveis. Eram também repetidamente ameaçados. Dick Morefield chegou a ser obrigado a se deitar no chão com uma arma apontada na nuca. Em outra ocasião, mostraram ao coronel Dave Roeder, adido assistente de defesa, um retrato de sua família e lhe disseram saber o trajeto do ônibus escolar de seu filho nos Estados Unidos.[11] Se ele não começasse a cooperar, disseram-lhe, sequestrariam seu filho, o esquartejariam e mandariam os pedaços para sua esposa.

Outros reféns, especialmente os três funcionários da CIA, foram mantidos em isolamento por quase todos os seus 444 dias de cativeiro. Todos estavam subnutridos, passando fome, e deixaram o local parecendo sombras das pessoas que tinham sido.

No começo de novembro, a administração Carter e o público em geral praticamente ignoravam as condições do cativeiro. Então, em 18 e 19 de novembro, num acordo intermediado por representantes da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), um grupo de treze reféns, constituído de mulheres e minorias, teve permissão para sair. Antes de irem embora, foram obrigados a participar de uma entrevista coletiva, na qual tiveram de sentar diante de um cartaz denunciando os Estados Unidos por abrigar o xá. Foi com seu retorno que a Casa Branca ficou sabendo das condições extremas às quais os reféns estavam sendo submetidos.

Com a libertação, veio uma declaração de Khomeini dizendo que os americanos restantes seriam em breve levados a julgamento como espiões. Carter imediatamente advertiu o governo iraniano, pelos bastidores, de que, se tais "julgamentos" ocorressem, ou se qualquer um dos reféns se machucasse, o Irã sofreria consequências terríveis. Para respaldar sua ameaça, ordenou que um grupo de porta-aviões de combate assumisse posições nas proximidades da costa do Irã. O *USS Kitty Hawk* juntou-se a outro porta-aviões no local, o *USS Midway*, para formar uma das maiores forças navais americanas já reunidas na região.

* * *

NO FINAL DE NOVEMBRO, o Pentágono concebera uma complexa operação de resgate chamada *Eagle Claw* [Garra de Águia]. O plano exigia que um pequeno grupo de comandos da Força Delta e dos Army Rangers fosse levado de helicóptero para um local remoto no deserto iraniano conhecido como Deserto Um. Ali, o grupo se encontraria com três aviões de transporte Hércules C130, reabasteceria e voaria para uma segunda área de pouso, Deserto Dois, localizada a cerca de oitenta quilômetros de Teerã. No Deserto Dois, os comandos da Força Delta, liderados pelo coronel Charles Beckwith, se disfarçariam e então entrariam na embaixada em caminhões, invadindo o complexo e resgatando os reféns.

Com tantas etapas sujeitas a tantas variáveis, muitos de nós da comunidade

de inteligência sentíamos que as chances de sucesso eram pequenas. A estrutura do Comando Unido de Operações Especiais que existe hoje e ajuda os vários serviços a operar em conjunto de maneira harmoniosa não existia na época. Isso queria dizer que pilotos de helicóptero do corpo de fuzileiros, pilotos da força aérea, comandos do exército e equipes da marinha teriam de aprender a cooperar durante o andamento da operação. (Na verdade, o fracasso na coordenação entre esses elementos foi determinante para a criação do Comando Unido de Operações Especiais.)

Quer concordássemos ou não com o plano, nossa prioridade absoluta era conseguir que nossa equipe avançada penetrasse no Irã, de modo a estabelecer uma área para a organização fora da cidade. Composta por diversos agentes secretos não oficiais recrutados nas fileiras da CIA e da sua contraparte na Secretaria de Defesa, a DIA, a equipe era liderada por um agente experiente que trabalhara no OSS, "Bob", que teve sua iniciação na atividade atuando por trás das linhas inimigas na Segunda Guerra. Bob era uma figura lendária na história clandestina da CIA, um herói invisível, cujas façanhas jamais poderão ser celebradas. A meta dessa equipe avançada era o reconhecimento da situação na embaixada em Teerã e, com alguma sorte, conseguir também descobrir a localização exata dos reféns. Além disso, vasculharia a área em torno da embaixada em busca de locais de pouso para que os helicópteros de resgate tirassem os reféns de Teerã assim que eles fossem libertados pelo grupo de assalto. Essas zonas urbanas de aterrissagem foram chamadas de Parada de Ônibus I e Parada de Ônibus II. Também seria preciso estabelecer um sistema para se comunicar com representantes do governo americano enquanto estivessem em território inimigo.

A equipe ainda teria de reconhecer quaisquer possíveis locais de pouso no deserto, bem como furtar caminhões para o assalto final. Imagens de satélites orbitais seriam usadas inicialmente para estabelecer um local de pouso no deserto, mas, no final das contas, alguém precisaria ir até lá para verificar. Parte do processo exigiria um voo secreto executado por piloto e copiloto da CIA juntamente com um operador especial da força aérea americana. O voo, que teria lugar muitos meses depois, desenrolou-se sem nenhum problema, e os pilotos

foram capazes de determinar que não havia radar na área. Assim que o Twin Otter aterrissou, o operador especial da força aérea descarregou uma *scooter*, dando algumas voltas para colher amostras de solo da região. Mais tarde, depois de análises, concluiu-se que o local seria adequado como campo de pouso. Uma das muitas tarefas do EST era fabricar luzes de aterrissagem infravermelhas para marcar um corredor que pudesse ser visto com óculos especiais.

* * *

COM OS PLANOS PARA a operação de resgate ainda em desenvolvimento e a diplomacia claramente sem funcionar, não demorou para que eu e meus colegas na CIA começássemos a analisar outras formas de pôr um fim ao impasse. Não havia muita coisa acontecendo nos primeiros dias da crise em relação à ação secreta, além do apoio à equipe avançada. Mas uma ideia interessante veio à tona mais de uma vez.

Meu segundo em comando, Tim Small, entrou na minha sala cedo na manhã de 9 de novembro.

— Tony, você tem um minuto? — perguntou.

Era um comportamento fora do normal para Tim, pois sua rotina matinal era passar as primeiras horas do dia lendo as mensagens que chegavam por telex sem ser incomodado e distribuindo atividades específicas para o setor. Ele raramente modificava a rotina; por isso, quando pediu essa reunião, é claro que concordei.

— Estava passeando com meu cachorro ontem à noite — começou — e tive uma ideia. Não quero dizer nada muito maluco, mas me diga: é possível inventar um ardil e fazer parecer que o xá se foi?

Era exatamente a mesma ideia que eu ouvira de Karen na noite anterior. Ela havia concluído que, se os reféns haviam sido presos porque o xá se encontrava nos Estados Unidos, então, se ele partisse — ou morresse —, eles poderiam ser libertados. Era impressionante estar ouvindo aquilo uma segunda vez, e da boca de Tim.

Ele e eu sabíamos que, quando Carter tomara a decisão de admitir o xá nos

Estados Unidos para tratamento médico, ele fora advertido de que corria o risco de novos sítios à embaixada. Então, fazia algum sentido que, se removêssemos o xá, poderíamos também remover o problema.

Há uma grande tradição, em operações de espionagem, do emprego dos princípios da mágica, diversionismo, enganação e negação. O cavalo de Troia é um famoso exemplo de enganação. Winston Churchill é apenas mais um entre muitos líderes mundiais que praticaram a arte da enganação — ele tinha um dublê de corpo, como muitas outras figuras públicas ao longo da história. No mundo da mágica de palco, isso é conhecido como diversionismo. O mágico Jasper Maskelyne usava os mesmos princípios da grande ilusão para criar tapeações durante a Segunda Guerra. Ele efetivamente "moveu" a cidade de Alexandria, no Egito, várias noites seguidas, de modo que os nazistas bombardearam por engano um porto vazio. A Operação Guarda-Costas, outra operação britânica, foi um engodo profundamente elaborado usado na invasão da Normandia. Churchill chamou-a de seu "guarda-costas de mentiras". A falsa concentração de forças em outra parte da Inglaterra fez os nazistas acreditarem que a invasão seria desfechada em Calais.

Decidi fazer uma experiência. Saí, atravessei o pátio e segui rumo ao Edifício Sul. Acabei no segundo andar, no escritório de Matt, o subchefe do nosso grupo de operações. Ele estava metido até os cotovelos no maciço fluxo de mensagens gerado pela crise dos reféns, anotando algumas, dando destaque para outras e colocando-as na sua caixa de saída para distribuição.

— O que é, Tony? — perguntou, sem erguer o rosto.

Eu sabia que Matt veria imediatamente a desvantagem de qualquer proposta, o que fazia dele o melhor advogado do diabo em todo o prédio.

— Se você tiver um minuto, tenho uma ideia — falei, adentrando a sala e fechando a porta.

— Claro, o que é? — ele quis saber, ainda sem erguer os olhos.

— E se pudéssemos fazer parecer que o xá partiu e faleceu?

Matt parou, refletiu, olhou para mim e disse:

— O xá torna-se uma não pessoa. Bastante bom...

Durante as noventa horas seguintes, essa iniciativa foi a única a ser

considerada dentro do governo dos Estados Unidos como meio de lidar com a crise dos reféns. Como chefe de disfarces, reuni depressa uma equipe de peritos para esquadrinhar a ideia. Convoquei Tim e diversos membros do meu setor, bem como um funcionário da área de documentos. Queria tanto funcionários experientes como gente jovem, uma mistura eclética de ideias que eu sempre preferia quando lidava com um problema.

— Se não conseguirmos estabelecer um cronograma operacional em 45 minutos, vamos esquecer a ideia — eu disse.

Quarenta minutos depois, tínhamos o esqueleto de um plano operacional. Chamei Hal, chefe da Divisão do Oriente Próximo, Irã, pelo telefone de segurança, e lhe disse que tinha uma ideia. Eu o conhecia bem, pois havíamos trabalhado juntos em Teerã para retirar de lá o agente iraniano RAPTOR. Estabelecêramos uma boa relação durante e depois da operação, e eu o considerava um amigo, o que viria a calhar nos dias a seguir.

— Venha! — respondeu ele.

Entrei sozinho no seu escritório, no quartel-general, trinta minutos depois. Ele se levantou da mesa para me dizer que nos encontraríamos com Bob McGhee, subchefe da Divisão do Oriente Próximo. McGhee então pegou o telefone e chamou John McMahon, vice-diretor da CIA. McMahon estava na sala de McGhee poucos minutos depois.

— Do que vocês precisam? — indagou McMahon.

— Acesso imediato ao xá — respondi.

— Não sabemos quem está falando com ele — McMahon disse. — Sabemos quem não está. Dá para fazer de trás para frente? — perguntou.

O que ele estava querendo dizer era: será que podíamos executar o plano sem envolver o xá, inicialmente? Eu disse que sim.

— No entanto, vamos precisar de tudo que temos sobre ele: todos os registros, todas as fotos, tudo que pode nos ensinar sua aparência. Cicatrizes, tatuagens, marcas, qualquer coisa que pudesse estar sujeito a escrutínio numa autópsia adversa.

Foi nesse momento, por estranho que pareça, que McMahon recebeu um telefonema do bilionário texano H. Ross Perot no escritório de McGhee. Perot

havia retirado dois de seus empregados no início da revolução iraniana com a ajuda de uma equipe de ex-comandos do exército. Os comandos tinham se infiltrado no Irã e usaram uma estrada terrestre clandestina para "contrabandear" os empregados para fora do país, para a Turquia. Nós ficamos de lado e (disfarçadamente) escutamos. Podíamos ouvir a voz roufenha de Perot ressoar pela sala, sem nenhuma amplificação.

— Qual é o empecilho? — ele perguntava. — É a burocracia? Se for, posso tentar ajudá-lo a botar as coisas para funcionar. É dinheiro? Posso ajudar também até o seu fluxo de caixa se firmar.

McMahon agradeceu a Perot pelo telefonema e lhe disse que ligaria de volta se precisasse de alguma coisa. Pôs o fone no gancho e atravessou a sala até o nosso grupinho.

— Diga-me do que você precisa, Tony — ele falou —, e eu faço acontecer.

Sábado de manhã, desci até a sala fortificada do Diretório Adjunto de Inteligência (DDI), o braço analítico da CIA, junto com dois dos meus melhores funcionários de disfarce e documentos. Montanhas de papéis, fotografias, publicações e arquivos nos cercavam. Passamos um pente-fino na papelada, em busca de qualquer coisa que nos ajudasse nesse projeto de engenharia reversa.

Ao meio-dia estávamos prontos para passar para a fase seguinte: organizar um "teste de elenco", um convite para um grupo seleto de funcionários da Agência para audições para o papel principal. Precisávamos de uma autoridade de alto nível para ir até o Centro de Pessoal de Segurança e examinar as fotos de todos os empregados da CIA. Quando contatamos aqueles que pareciam adequados, todos menos um se dispuseram a vir durante o fim de semana e trabalhar conosco.

Trabalhamos sem parar durante as noventa horas seguintes, dormindo no chão e usando nossos casacos enrolados como travesseiros. Nosso consultor de Hollywood, um grande maquiador que chamarei de "Jerome Calloway", viera de avião de Los Angeles para nos ajudar. Esse episódio já é uma história impressionante por si só, mas o resultado foi que, quando nós chegamos ao fim, tínhamos duas farsas prontas para serem usadas.

Infelizmente, na sexta-feira, o presidente vetou nosso plano, porque não

queria dar a impressão de que estava recuando e cedendo aos iranianos — uma decisão, segundo fui informado, da qual ele mais tarde se arrependeria. À luz disso, nosso consultor-chefe retornou a Hollywood, mas eu voltaria a chamá-lo para outro favor em poucas semanas.

* * *

COM O FIM DE novembro veio a frustrante constatação de que, apesar de fazermos progressos graduais para restabelecer nossa capacidade de inteligência no Irã e ajudar no planejamento de uma missão de resgate, 53 diplomatas americanos continuavam reféns. Era um fato duro de engolir, mas, se serviu para algo, foi para que redobrássemos nossos esforços. Havia trabalho de sobra por fazer, e, com outros lugares perigosos e operações clandestinas exigindo nossa atenção, estávamos sobrecarregados. Então, em meio a toda essa atividade, chegou um memorando do Departamento de Estado com a marca URGENTE. Para nossa surpresa, nem todos os americanos que trabalhavam na embaixada em Teerã haviam sido capturados. De algum modo, um grupo de seis que trabalhava no consulado em outro prédio tinha conseguido escapar e percorrer as ruas hostis de Teerã. Por enquanto, pareciam estar a salvo, mas os iranianos estavam fechando o cerco, e havia a possibilidade de serem descobertos a qualquer momento.

4

SEM LUGAR PARA FUGIR

O consulado passara relativamente despercebido durante os primeiros minutos do ataque. Localizado no lado nordeste do complexo da embaixada americana, a estrutura atarracada de concreto, com dois andares, fora reformada recentemente para receber o maciço fluxo de pedidos de visto. Tantos apareceram na esteira da partida do xá que fora um desafio manter o edifício com uma equipe adequada. Na manhã de 4 de novembro havia dez americanos, além de cerca de vinte empregados iranianos, trabalhando no interior. Entre os americanos estavam o cônsul-geral Dick Morefield, os vice-cônsules Richard Queen e Don Cooke, os funcionários consulares Robert Anders e Bob Ode, bem como o único oficial de segurança do edifício, o fuzileiro-sargento James Lopez, conhecido pelo pessoal como Jimmy. Havia, também, dois jovens casais, Mark e Cora Lijek, e Joe e Kathy Stafford (um décimo primeiro americano, Gary Lee, posteriormente se juntaria ao grupo, durante o assalto).

Os Lijek e os Stafford eram muito chegados. Mark e Joe, ambos com 29 anos, tinham se conhecido no ano anterior em Washington enquanto faziam um curso de idiomas no Instituto de Serviços Estrangeiros. Apesar de serem opostos quase polares, eles se tornaram bons amigos. O cabelo liso e louro de Mark, bem como seu ar de menino, era acentuado por um par de grandes óculos que, de algum modo, o fazia parecer ainda mais jovem e inocente. Com ele, se podia falar de tudo, e ele gostava de falar. Joe, por outro lado, era um tipo sério e silencioso. Com entradas e um bigode cuidadosamente aparado, era um pouquinho mais baixo que a esposa e cultivava a aparência de um professor de economia, complementada por óculos, um colete de lã e um casaco esportivo. Os dois amigos passaram quase sete horas por dia juntos por seis meses e começaram a se conhecer bastante bem. Para Mark, que de início teve dificuldade de entendê-

lo, Joe era um sujeito reservado, trabalhador, capaz de subitamente surpreender com um senso de humor mordaz. Joe gostava de implicar com Mark, e Mark sempre demorava a perceber que Joe estava tirando um sarro com sua cara.

Felizmente para Mark e Joe, Cora e Kathy também tinham se dado bem. Eram todos jovens, ardentes e, de um modo geral, empolgados por estarem em Teerã, que era seu primeiro posto. (E, na verdade, não estavam sós — muitos dos diplomatas que trabalhavam na embaixada em Teerã haviam sido atraídos para lá pela sensação de emoção e perigo oferecida pelo posto.)

Mark pensara em entrar para o Serviço Exterior durante seu segundo ano no ensino médio, quando um amigo apresentou-lhe a ideia. Originalmente de Detroit, mas criado em Seattle, ele foi para o leste após o ensino médio para frequentar a Universidade de Georgetown em Washington, D.C., com uma bolsa de estudos do Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva. Depois de se graduar em 1974, passou os quatro anos seguintes no exército, dois deles como redator de discursos de um general de alta patente. Acabou ingressando no Serviço Exterior em 1978. Sua primeira opção de posto era a América do Sul, mas aí recebeu um telefonema pedindo-lhe que se apresentasse como voluntário para o Irã. Ele pensou no assunto. O xá ainda estava no poder e parecia que poderia ser uma aventura. Ele aceitou.

Cora, uma vibrante americana de origem asiática, com 25 anos, também ficara empolgada com a notícia. Seus pais tinham vivido no Irã por quatro anos quando ela tinha dezenove, e ela visitara o país duas vezes. Achava que era um lugar exótico. Não vinha acompanhando as notícias e pensara que seria bastante divertido voltar para lá. No entanto, já ao aterrissar no Aeroporto de Mehrabad, sua opinião mudou de forma significativa. A essa altura o país estava em meio a uma revolução e sob o duro governo de Khomeini. As coisas tinham mudado drasticamente. Para ela, a maior diferença era ver as mulheres em seus véus negros, ou xadores. Lembrava-se de como antes da revolução poucas os usavam, e mesmo assim eram sempre coloridos, alguns com estampas florais. Agora, estavam todas cobertas de preto da cabeça aos pés.

Sua amizade com Kathy havia crescido no Irã. Extrovertida e meiga, com uma tranquilidade de bibliotecária de cidade pequena, Kathy, que tinha 28 anos e

era quase uma cabeça mais alta que Cora, estudara artes na faculdade e esperava um dia tornar-se artista.

Assim como os Lijek e os Stafford, a maior parte da equipe do consulado era de aquisições e substituições recentes. Quase todos os funcionários estavam no país havia menos de quatro meses. Nenhum deles estava lá por ocasião do ataque de 14 de fevereiro, mas todos tinham ouvido falar no assunto. Quando o xá teve permissão para entrar nos Estados Unidos, todo mundo foi informado das novas medidas de segurança e instruído a manter um comportamento discreto. O consulado fora atacado por granadas lançadas por pequenos foguetes durante o verão, mas desde então fora fortificado. A entrada principal do prédio era da rua, mas, no dia do ataque, Morefield resolvera fechar o consulado para remover algumas pichações na parede externa. Em vez do azáfama normal das manhãs, havia apenas cerca de sessenta iranianos que tiveram permissão de manter seus agendamentos.

Na parte de cima, Robert "Bob" Anders estava em seu escritório ajudando um velho casal iraniano com seus vistos de imigração. Mais para alto, com denso cabelo grisalho, Anders tinha a aparência de galã de filmes B, com um sorriso sempre pronto (na verdade, ele realmente chegara a fazer uma figuração no filme *O exorcista*, caracterizado como padre). Aos 54 anos, era considerado um veterano em relação aos outros funcionários consulares. Nativo de Milwaukee, servira como mensageiro para o Sétimo Exército durante a Segunda Guerra, quando foi ferido na mão num ataque de morteiro na época da batalha de Bulge. Ao retornar para casa após a guerra, frequentou a Universidade de Georgetown e se formou em 1950. Depois de ser reprovado na prova de língua estrangeira no exame para o Serviço Exterior, ocupou-se com uma série de biscates até conseguir uma segunda chance. Obteve uma indicação de avaliação e serviu por um tempo em Burma e Manila. Problemas conjugais, porém, forçaram-no a abandonar o serviço. Após um divórcio e mais alguns anos oscilando na trilha financeira, Anders voltou ao Serviço Exterior, trabalhando na emissão de passaportes como GS5, o mesmo nível no qual começara 25 anos antes. Alguns anos e várias promoções depois, indagou sobre a possibilidade de servir novamente além-mar. "Que tal Teerã?", perguntaram-lhe. Naquela época, o xá

ainda estava no poder, e para Anders parecia um lugar tão bom como qualquer outro. Mas, quando chegou para assumir o posto, Khomeini já tomara o poder, e àquela altura era tarde demais para recuar.

Notícias do ataque de 4 de novembro chegaram ao consulado quando algumas empregadas iranianas que tinham saído para pegar biscoitos voltaram correndo para o prédio. O ex-marido de uma das mulheres era um dos policiais no portão e mandou que elas voltassem. Enquanto corriam, a turba já penetrava no complexo.

Ao relatarem aos outros o que haviam ouvido, o rádio de Jimmy Lopez de repente ganhou vida: "Estão pulando os muros!"

Não demorou muito para os militantes convergirem para o consulado. Um grupo correu para a porta dos fundos do prédio e tentou derrubá-la. A porta era feita de vidro à prova de bala, com tranca eletrônica. Não se moveu. Lopez viu que os militantes se espalhavam. As janelas do consulado eram protegidas por barras metálicas. Sem vacilar, os militantes arrebentaram o vidro e estenderam as mãos, agarrando tudo que podiam das escrivaninhas e dos arquivos.[1] Lopez correu até as janelas brandindo seu cassetete, tentando golpear os braços dos manifestantes.

Ouviu Morefield berrar: "Todos para cima!"

Os funcionários e os iranianos rapidamente obedeceram.

Bob Anders ainda estava em seu escritório no segundo andar quando Morefield enfiou a cabeça pela porta e lhe disse para se trancar depressa. O casal iraniano que Anders ajudava levantou-se para ir embora, mas Anders lembrou à mulher que ela ainda não terminara de preencher o formulário de solicitação de visto de imigrante. Observou-a assinar seu nome. Sua mão tremia o tempo todo.

Todos se amontoaram no segundo andar e esperaram. Cora se sentiu segura pelo fato de nenhum dos funcionários americanos demonstrar preocupação exagerada, mas notou que o mesmo não poderia ser dito em relação aos iranianos, que se mantinham em silêncio e de cabeça baixa. Como os outros, Cora ouvira falar do ataque de 14 de fevereiro e achava que tudo acabaria logo. Sentou-se perto de uma secretária filipina, e, para passar o tempo, as duas entabularam uma conversa. A mulher já trabalhava na embaixada no ataque do

Dia dos Namorados e relatou como vários iranianos haviam sido baleados. Isso imediatamente fez Cora cair na real.

Enquanto aguardavam, ouviram passos correndo pelo telhado, seguidos de fortes batidas: "Estão tentando arrebentar o telhado para entrar", Cora ouviu alguém dizer.

Então, a eletricidade acabou e o prédio ficou às escuras. Alguns dos iranianos gemiam, mas de modo geral todo mundo permaneceu calmo — algo que Cora achou notável. Alguns minutos depois, no entanto, todos se retesaram ao ouvir um vidro quebrando em algum ponto do segundo andar. Parecia que uma janela tinha acabado de ser arrebentada. Esperando no corredor, Lopez correu para investigar. Um banheiro tinha uma janela sem barras e foi para lá que ele se dirigiu. Antes de entrar, sacou a pistola, arrancou o fecho metálico de uma lata de gás lacrimogêneo e abriu a porta.[2] Lá dentro, encontrou um iraniano solitário entrando pela janela quebrada. Ao ver o fuzileiro, o militante logo saltou de volta pela abertura, e Lopez arremessou a lata em cima dele. Aí, tirou o fecho de uma segunda lata e jogou no próprio banheiro, fechando a porta atrás de si. Não havia como trancar a porta, então usou alguns cabides de um armário próximo para fazer uma amarra de arame.

A essa altura, Morefield dizia a todos que acabara de falar com Golacinski pelo rádio. O plano era fazer com que saíssem pela porta dos fundos e se dirigissem à chancelaria em grupo.

Mark olhou pela janela para ver o que acontecia do lado de fora. O terreno fervilhava com militantes. Um grupo de iranianos havia arrebentado a porta do comissariado usando barras de ferro e começava a saquear o lugar. Sair naquela confusão não lhe parecia uma boa ideia.

Assim que alcançaram a porta dos fundos, Morefield chegou à mesma conclusão. Nesse ponto, havia um anel de quase mil manifestantes cercando a chancelaria com gritos de celebração, e ele percebeu que o plano não iria funcionar.

Dando meia-volta, Morefield ligou para a chancelaria e deliberou com Ann Swift por telefone. Ela lhe disse que alguém havia chamado a polícia, que o socorro estava a caminho e que todo mundo devia ficar quieto no lugar e esperar

tudo terminar. Então, Lopez ouviu pelo rádio que os militantes haviam penetrado na chancelaria. Como o consulado tinha uma porta para a rua, a essa altura ele concluiu que a melhor opção era fugirem do complexo, arriscarem-se pelas ruas da cidade e tentarem entrar numa embaixada amiga.

Antes de sair, Don Cooke destruiu as matrizes dos carimbos de vistos com uma barra de ferro para que não caíssem nas mãos dos iranianos. Mark, que estava encarregado do caixa, considerou pegar todo o dinheiro e metê-lo nos bolsos antes de trancar. Por fim, resolveu não fazer isso. Como todo mundo, ele ainda presumia que todos retornariam depois de alguns dias, e as coisas voltariam a correr como de hábito. Vários dias depois, quando estava nas ruas precisando de dinheiro, ele viria a lamentar sua decisão.

A porta principal do consulado se abria para uma pequena rua lateral, bem longe do caos da chancelaria. Depois de destrancar a porta, Richard Queen pôs a cabeça para fora e ficou surpreso ao ver que havia apenas um par de policiais iranianos nas cercanias.[3] Com exceção deles, a rua estava completamente vazia.

O plano era deixar que os iranianos candidatos a vistos saíssem primeiro, seguidos pelos empregados iranianos e depois os americanos. Para não atrair demasiada atenção, Morefield sugeriu que os americanos se dividissem em dois grupos. Kim King, um turista americano cujo visto vencera e que viera ao consulado para resolver o problema, decidiu sair sozinho e desapareceu de imediato.

Mark, Cora, Joe, Kathy, Bob Ode e Lorraine, que viera ao consulado nesse dia para pedir um visto para seu marido iraniano, estavam no primeiro grupo de americanos a sair. Com eles estava uma funcionária iraniana que disse que poderia lhes servir de guia para ajudá-los a encontrar a embaixada britânica. Cora lembra que, ao saírem, por algum motivo os policiais iranianos checaram as bolsas de todo mundo.

Quando começaram a andar, Ode voltou para auxiliar um iraniano cego que disse estar esperando alguém para vir buscá-lo. Vendo o primeiro grupo partir, Bob Anders correu até alcançá-los.

Caminharam cerca de quinze minutos por uma das ruas laterais rumo à embaixada britânica. Estava chovendo pesado, e não demorou muito para

ficarem totalmente ensopados. Mark se sentia especialmente vulnerável na chuva, vestindo um terno com colete e sem capa impermeável. Cora e a mulher iraniana tinham se adiantado um pouco e, ao dobrarem uma esquina, ficaram surpresas de ver que a embaixada britânica também tinha seus próprios problemas. Uma enorme massa de manifestantes estava diante dela, berrando, gritando e batendo nos portões. As duas mulheres retornaram para confabular com o restante do grupo. A embaixada britânica estava fora de cogitação. Para onde poderiam ir? Ao discutirem as opções, começaram a perceber que mais e mais iranianos passavam a observá-los. A funcionária ofereceu-se para levá-los para sua casa, mas nenhum dos americanos quis forçar a situação. Considerando que o apartamento de Anders era o mais próximo, ele sugeriu que fossem para lá secar-se e aguardar. Todos concordaram; a iraniana despediu-se e misturou-se à multidão.

Depois de auxiliar o cego a entrar num carro, Ode juntara-se ao segundo grupo, que consistia em Morefield, Lopez, Gary Lee, Richard Queen e Don Cooke. Eles não poderiam ter chamado mais atenção. Ao contrário do primeiro grupo, resolveram pegar uma rua maior que corria paralela à embaixada. Não tinham ido longe quando uma multidão de iranianos começou a gritar para eles: "CIA, CIA!" e "SAVAK!". Finalmente, um dos policiais que tinham conferido as bolsas do lado de fora do consulado correu e deu um tiro para o alto. "Parem", gritou. Morefield virou-se para ele e explicou que o prédio estava vazio e que podiam fazer o que bem quisessem.[4] Logo, um grupo armado do *komiteh* correu para junto deles, e eles entenderam que tudo estava terminado. Um dos militantes agarrou Morefield pelo braço: "Você é nosso refém!", ele disse. Morefield ficou perplexo. "Refém por quê?", perguntou. Foi o primeiro sinal de que se tratava de mais do que uma simples manifestação. Para seu grande horror, foram declarados prisioneiros e escoltados de volta para a embaixada.

* * *

COM ANDERS MOSTRANDO O caminho, o primeiro grupo fez um trajeto

cheio de voltas, até retornar ao seu apartamento, passando por um posto de guarda *komiteh* em fila única para evitar suspeitas. O apartamento de um quarto era no térreo de um prédio de dois andares, com uma entrada direto da rua. Todavia, a rua estava tranquila, e, quando o grupo entrou, eles finalmente se sentiram a salvo. Secaram-se e Anders distribuiu todas as roupas extras que tinha. Mark ganhou um suéter em um tom de amarelo berrante. *Ótimo*, pensou, *vão conseguir me localizar a um quilômetro de distância.*

Em seguida, Anders tirou restos de um curry de galinha do congelador, esquentou e serviu um almoço tardio para todo mundo.

Como todo o pessoal da embaixada, ele tinha um pequeno rádio portátil de comunicação para situações de emergência, e todos se apertaram em torno dele para escutar. Os acontecimentos da chancelaria ainda estavam se desenrolando. A essa altura, Golacinski já fora capturado, mas os americanos do segundo andar ainda estavam por se render. Ocasionalmente, entrava uma voz na transmissão falando parse, indicando que o rádio de alguém fora tomado e a pessoa, provavelmente capturada. À medida que o dia transcorria, eles repararam que mais e mais vozes em parse entravam na rede.

Alguém que se autodenominava Palm Tree — Palmeira — transmitia informações sobre a invasão de algum ponto fora do complexo. "Agora estão tentando quebrar os para-raios no telhado", disse a voz. "Os idiotas devem achar que são antenas de comunicação ou algo assim."

"Quem diabos é esse?", todo mundo quis saber.

A voz, ficariam sabendo, era de Lee Schatz, um sujeito alto e esguio do noroeste com um bigode em forma de guidão e um sorrisinho malicioso, adido agrícola em missão para o Departamento de Agricultura. Schatz trabalhava num prédio comercial a cerca de uma quadra e meia da embaixada.

Natural da região norte de Idaho, Schatz entrou para o Departamento de Agricultura americano depois de concluir o mestrado em economia agrícola na Universidade de Idaho em 1974. Passou os anos seguintes trabalhando na capital, até que na primavera de 1978 lhe deram seu primeiro posto no exterior, em Nova Délhi. Ele gostava do trabalho, que lhe permitia viajar. Deveria ser uma temporada de dois anos, mas, depois de apenas três meses no país, ofereceram-

lhe um posto em Teerã, onde chefiaria o escritório. Tinha 31 anos na época e a oportunidade lhe pareceu boa demais para ignorar. O Irã era um enorme mercado agrícola para os produtos americanos, e ele estaria bem no centro de tudo. Todavia, como aconteceu com os outros americanos, ao chegar o país estava no meio de sua espiral política. As coisas tinham ficado tão ruins que o ministro da Agricultura se recusou a deixá-lo viajar para fora de Teerã, para inspeções, pois não poderia garantir sua segurança.

Como adido agrícola, Schatz geralmente comparecia à reunião matinal na chancelaria. Então, no caminho de volta, fazia um joguinho com uma de suas secretárias, dizendo-lhe que tinha "esquecido" a correspondência, para que ela pudesse dar uma passada para pegá-la, aproveitando para fazer uma visita a algumas de suas amigas.

Em 4 de novembro, quando voltava da embaixada para seu escritório na mesma rua, foi obrigado a esperar uma gigantesca manifestação passar na frente do portão principal da embaixada. Seu escritório ficava no segundo andar, com vista para a bomba da piscina da embaixada. Depois de dizer à secretária para pegar a correspondência, sentou-se à mesa e, minutos depois, surpreendeu-se quando espiou por acaso e a viu atravessando a rua apressadamente, dirigindo-se de volta ao edifício. Não demorou a entender a razão: um "tsunami" de iranianos derramava-se pelas paredes e pelos portões da embaixada. A invasão acabara de começar.

Alerta, Schatz permaneceu junto à janela, observando. Tinha consigo um radinho de comunicação, que imediatamente começou a irradiar as frenéticas conversas do dia. Logo ele ouviu Al Golacinski berrar: "Regresso! Regresso! Todos os fuzileiros ao Posto Um!"

Ficou espantado pela coordenação do ataque. Notou como alguns dos militantes paravam em pontos estratégicos, de onde podiam repassar as ordens entre si na falta de rádios ou dispositivos de comunicação. Notou também como, em vez de ser apenas uma corrida espontânea rumo à chancelaria, vários grupos irromperam juntos e invadiram rumando para direções que pareciam predeterminadas. Pegou seu rádio e relatou o que via. Todo mundo na embaixada recebera codinomes, e o dele era Palm Tree.

Num dado instante, ele fez uma pausa para anotar pedidos para o almoço de sua equipe e mandou o motorista buscar a comida. Mais tarde, enquanto comiam, Cecilia Lithander, funcionária consular da embaixada da Suécia, que ficava no andar de cima, entrou e lhe disse que o Departamento de Estado estava na linha, procurando por ele.

Antes de ir, disse à sua equipe para falar a quem viesse à sua procura que o tinham visto ir embora. Então, desejou a todos boa sorte e saiu porta afora.

No andar de cima, ao telefone, o Departamento de Estado pediu um comentário corrente sobre a invasão. A embaixada sueca ficava no quarto andar, e com um binóculo ele podia ver praticamente tudo. Ficou ao telefone até tarde da noite. A essa altura, uma multidão de quase um milhão de pessoas havia se juntado na frente da embaixada, obstruindo a rua e as calçadas. A atmosfera era festiva, como um parque de diversões. Havia famílias, crianças. As pessoas repetiam refrões e aplaudiam enquanto ambulantes se enfiavam pela multidão vendendo beterraba cozida.

* * *

NO APARTAMENTO DE ANDERS, o grupo começava a ficar inquieto. Anders e Joe tentavam ligar para os vários apartamentos para ver se mais alguém tinha saído, quando de súbito a linha ficou muda. Para piorar as coisas, a rede de rádio estava quase totalmente dominada por vozes falando parse. Palm Tree desaparecera havia muito tempo. Então, pouco depois das quatro e meia da tarde, ouviram a rendição dos americanos restantes, aqueles que se encontravam na sala fortificada. A partir daquele momento eles estavam por conta própria.

Perto das sete horas da noite, o marido iraniano de Lorraine apareceu com comida, e todo mundo jantou. Lorraine ofereceu-se para levá-los para sua casa, mas os americanos declinaram, não querendo colocá-la em risco com seu marido. (Seu marido seria mais tarde executado pelo governo revolucionário por algo não relacionado com os americanos.)

Sem um telefone, Anders resolveu subir para fazer algumas ligações do

aparelho de sua senhoria. Isso deixou Mark ainda mais nervoso. Uma infindável quantidade de cenários possíveis se desenrolava na sua cabeça. Corria o boato de que o xá tivera em andamento uma extensa operação de escuta telefônica, e ninguém sabia em que medida a Guarda Revolucionária controlava esses grampos. Além disso, estariam de fato seguros no apartamento de Anders? A maioria das pessoas na vizinhança provavelmente sabia que havia um americano morando no prédio. Teria alguém os visto entrar e talvez chamado os militantes? Mark conhecera um funcionário da embaixada que tinha morado no apartamento antes de Bob, de modo que sabia que o imóvel deveria estar incluído no registro de moradias oficiais havia algum tempo. Duvidava que os militantes já tivessem tido tempo de descobrir os registros de moradias, mas quem podia ter certeza?

Após uma de suas viagens para o andar de cima, Anders retornou com novidades. Conseguira entrar em contato com Kathryn Koob, uma devota católica de 42 anos que trabalhava para a Agência de Comunicação Internacional, o setor do Serviço Exterior relacionado a programas de divulgação cultural. No Irã, ela era diretora executiva da Sociedade Irã-Estados Unidos, instituição que se parecia com um campus universitário, com auditório, biblioteca e salas de aula, localizado três quilômetros ao norte da embaixada americana. Koob explicara a Anders que ela e seu vice, Bill Royer, tinham ficado ao telefone o dia todo com o Departamento de Estado e, se quisessem, poderiam dar um pulo lá e manter a linha aberta. (Se a linha caísse, não havia garantia de que seria possível restabelecer a ligação com o Departamento de Estado.)

Felizes com a chance de entrar em contato com Koob, que todo mundo chamava de Kate, tanto os Lijek como os Stafford concordaram em ir. Às onze da noite, o motorista de Koob encostou na casa de Anders num minúsculo Citroën Deux Chevaux, e todos se amontoaram dentro do carro para a angustiante viagem de vinte minutos pela cidade. Anders decidira ficar em casa e assumir o turno da manhã.

Na manhã de 4 de novembro, Koob estava no meio de uma reunião de equipe quando um empregado iraniano interrompeu o encontro para contar a todos que a embaixada estava sob ataque.[5] Seguindo o protocolo de segurança

estabelecido por Golacinski, ela não telefonou, mas esperou junto ao telefone. Quando o final da manhã se transformou em tarde, porém, ela começou a ficar preocupada quando ninguém se deu o trabalho de lhe telefonar. No final, pouco depois de uma hora, não conseguiu mais esperar e ligou para a linha geral. Uma voz iraniana atendeu.[6] "Embaixada americana", disse. Ela pediu o ramal do escritório de assuntos públicos. "A embaixada está ocupada", veio a resposta, seguida de um clique. Por fim, depois de ligar diretamente para outro ramal, conseguiu falar com alguém na central de comunicação, que recomendou que ela ligasse para o Departamento de Estado, o que ela fez. Então, passou a maior parte da tarde falando com o Departamento de Estado numa linha, enquanto Royer ficava na outra com os funcionários da central, recebendo as informações atualizadas.

* * *

QUANDO O GRUPO CHEGOU à sede da Sociedade Irã-Estados Unidos, pouco antes da meia-noite, os Lijek e os Stafford revezaram-se aos telefones. Descreveram suas provações aos funcionários do Departamento de Estado repetidas vezes. Qualquer coisa para manter a linha aberta.

Mark lembra-se de Joe pegar inexplicavelmente outra linha e ligar para a embaixada para falar com um dos reféns. A voz do outro lado da linha lhe disse que não havia ninguém disponível. "Bem, eles estão sendo tratados direito?", Mark ouviu Joe perguntar. A voz indagou seu nome. "Meu nome é Joe Stafford", ele respondeu, usando seu nome verdadeiro. *Clique.* A pessoa desligou. Mark sacudiu a cabeça, estarrecido.

Em certo momento, durante a permanência no local, eles tentaram fazer com que Koob e Royer se juntassem ao grupo e partissem com eles, mas Koob argumentou que, por dirigir um centro cultural, eles deveriam estar a salvo.

Os Lijek e os Stafford saíram às seis horas da manhã seguinte para evitar a hora do *rush*. Mark não queria voltar para casa porque sentia que sua senhoria era maluca. Ela ficava feliz por receber em dólares americanos, mas não deixava

que estacionassem o carro na sua área porque receava que alguém amarrasse uma bomba nele e explodisse o prédio. O motorista de Koob fez uma parada rápida para que Mark e Cora pegassem algumas roupas. Em seguida, desceram todos na casa dos Stafford, onde passaram a manhã se lavando e tirando uma soneca.

Sem que os americanos soubessem, um grande drama agora se desenrolava na Sociedade Irã-Estados Unidos. Apenas algumas horas depois que os casais saíram, Koob e Royer estavam de volta aos telefones quando um grupo de militantes chegou. Um funcionário iraniano conseguiu avisá-los, e os dois saíram rapidamente pela porta dos fundos e pegaram o carro de uma das secretárias. Em poucos minutos estavam na rua principal, rumo ao Instituto Goethe, dirigido pelos alemães.

Passaram cerca de uma hora no Instituto Goethe, até saberem que os iranianos tinham ido embora. Então, retornaram e restabeleceram a conexão com Washington. O diretor da instituição alemã se oferecera para dar abrigo a Koob e Royer indefinidamente, mas Koob declinou. Pouco mais de uma hora depois, porém, os militantes regressaram, dessa vez cercando o prédio. Koob tentou se esconder no banheiro feminino, mas foi logo capturada e levada para a embaixada, junto com Royer e uma secretária americana que passara a primeira noite escondida nos apartamentos Bijon.[7]

A primeira pessoa a saber de sua captura foi Vic Tomseth, que estava ao telefone com Koob quando os militantes voltaram.

Tomseth, junto com Bruce Laingen e Mike Howland, ainda estava no Ministério do Exterior tentando de tudo para resolver a crise. Estavam cientes também de que vários americanos tinham saído e estavam à solta em Teerã. Tomseth ligara para o consulado do Ministério do Exterior durante o assalto e dera aos funcionários o número do telefone em que ele e Laingen podiam ser encontrados.[8] De fato, uma das primeiras ligações que Joe Stafford fizera do apartamento de Anders fora para Tomseth. Na esteira da captura de Koob, Tomseth se deu conta de que algo precisava ser feito em relação aos Lijek, aos Stafford e a Bob Anders. Agora, havia ficado claro que os iranianos estavam

caçando americanos e era apenas uma questão de tempo até localizarem os cinco.[9] Percebendo que o tempo era essencial, começou a tentar resolver o problema imediatamente.

* * *

MAIS TARDE NESSA MANHÃ, os Lijek e os Stafford assustaram-se com o som do telefone tocando, mas ficaram felizes ao ouvir a voz de Vic Tomseth do outro lado. Tomseth ligara para o encarregado de assuntos britânicos e tinha algumas boas-novas. Os britânicos haviam concordado em deixar os americanos ficarem em seu complexo residencial, conhecido como Gholhak Gardens. Uma sensação de alívio tomou conta de todos. "Eles vão passar para pegar vocês mais ou menos em uma hora", explicou Tomseth. Como Anders ainda não tinha um telefone funcionando, Mark usou o rádio de comunicação portátil para informar a Anders que dali a pouco um carro passaria para apanhá-lo.

Todos arrumaram as roupas que tinham e puseram-se a esperar. Quando a hora programada passou sem sinal de Tomseth ou dos britânicos, os Lijek e os Stafford começaram a ficar nervosos. Alguma coisa dera errado? Os militantes estariam vindo? Finalmente, por volta das cinco horas, Joe ligou para a embaixada britânica para descobrir que estavam em meio à sua própria crise.[10] "Eles estão pulando os muros!", exclamou o encarregado de assuntos externos.

O carro prometido por fim chegou às seis horas, e os Lijek, junto com Joe, foram levados para o complexo residencial. Kathy, nesse meio-tempo, foi num segundo carro buscar Anders, que passara uma noite terrível, pois de sua casa podia ouvir o som da multidão aos berros diante da embaixada. Normalmente um sujeito fácil e de boa índole, sentia que seus nervos estavam à flor da pele. Quando Mark lhe disse que um carro viria apanhá-lo, perguntou-se se seria ou não uma cilada. Será que Mark estava com uma arma apontada para sua cabeça? Ao reconhecer um dos seus colegas da embaixada britânica estacionando, compreendeu imediatamente por que Mark não lhe dissera pelo rádio quem viria buscá-lo. Como os outros, Anders ficou aliviado de se mudar para um local do

outro lado da cidade, longe da embaixada.

A viagem foi enervante para todos. O trânsito estava terrível, e muitas vezes o carro andava a passo de lesma. De forma inexplicável, Mark ainda vestia o suéter amarelo de Anders, o que lhe deu subitamente a sensação de ser um alvo. A cada parada de trânsito, ele tinha consciência dos olhares dos motoristas vizinhos. A cada minuto era mais difícil manter a calma.

A chegada ao complexo residencial liberou uma onda de alívio. Os britânicos foram anfitriões gentis e lhes ofereceram uma de suas casas, serviram-lhes uma refeição quente e até prepararam coquetéis. Como precaução, disseram-lhes para não acender nenhuma luz e, se possível, ficar longe das janelas. Também foram avisados sobre o vigia, que era membro de um *komiteh* local e ardente entusiasta da revolução. A despeito dessas preocupações, naquela noite dormiram profundamente, pela primeira vez sentindo-se seguros sob os cuidados do governo britânico.

* * *

JÁ LEE SCHATZ PASSARA a noite na embaixada da Suécia, usando a bandeira daquele país como cobertor para manter-se aquecido. Na manhã de 5 de novembro, reassumiu seu posto junto à janela, observando e reportando. Teve alguma dificuldade em conseguir uma linha direta para Washington, mas, no final da manhã, pôde lhes dizer que um carro acabara de estacionar na embaixada com dezenas de rifles e metralhadoras que estavam sendo descarregados do porta-malas. Schatz tinha a impressão de que um segundo grupo se preparava para assumir o controle. Não tinha a menor ideia dos planos dos invasores.

Posteriormente naquela tarde ficou decidido que, para sua própria segurança e talvez também para a segurança dos suecos, ele deveria sair dali. Foi levado no carro do embaixador até a casa de Cecilia Lithander, a funcionária consular sueca que o avisara do telefonema. Sua casa localizava-se num bairro tranquilo no norte de Teerã, e, quando Schatz chegou lá, não pôde acreditar que estava na

mesma cidade onde ocorrera o ataque à embaixada. Na mesma noite, ele e Cecilia saíram para dar uma volta no mercado local. Considerando-se tudo que havia se passado, foi uma bela noite.

* * *

NA MANHÃ DE TERÇA-FEIRA, 6 de novembro, os americanos em Gholhak Gardens acordaram sentindo-se melhor em relação às suas perspectivas. Era uma área bonita, a casa espaçosa, e eles sentiam alguma paz de espírito por saber que tinham a proteção do governo britânico. Tinham ouvido de um diplomata inglês que o primeiro-ministro Bazargan acabara de renunciar, e começava a lhes ocorrer que era provável que a crise se intensificasse. Porém, saber que tinham encontrado um lugar relativamente seguro para se esconder apaziguava suas preocupações. É óbvio que estavam preocupados com os colegas na embaixada, mas a essa altura ainda não tinham sido informados do péssimo tratamento que os reféns recebiam. Por serem diplomatas, presumiam que o governo iraniano acabaria resolvendo as coisas e libertando os reféns. Além disso, perceberam que pouco havia que pudessem fazer. Tomaram um desjejum consistente e se instalaram para o que esperavam que fosse ser uma estada tranquila em meio ao caos que se desenrolava ao seu redor.

Não durou muito. Pouco depois do meio-dia, Tomseth ligou para lhes dizer que teriam de sair dali. No final das contas, aquela noite relaxante quase terminara em desastre sem que eles soubessem. Depois do ataque à embaixada britânica, um segundo grupo tinha aparecido em Gholhak Gardens. O guarda disse à multidão que estava todo mundo na embaixada, de modo que não restava ninguém para capturar. Foi por pura sorte que acreditaram nele, e nada garantia que não voltariam. E os britânicos não se sentiam mais capazes de garantir a segurança dos americanos. (Khomeini acabou ordenando que os invasores saíssem da embaixada britânica.) Tomseth recebeu um telefonema do encarregado de assuntos britânicos, que lhe disse que a presença dos americanos era perigosa demais para sua própria gente, e por isso eles precisavam partir.

Foi uma decepção enorme para todo mundo. Depois de todos os esforços, tinham voltado à estaca zero. Tomseth não lhes revelara que a multidão de iranianos tinha aparecido em Gholhak Gardens na noite anterior, e assim os americanos sentiram apenas que estavam sendo chutados dali.

Enquanto isso, no Ministério do Exterior, as coisas iam de mal a pior para Laingen, Tomseth e Howland, que, como consequência da renúncia de Bazargan, se sentiam menos como hóspedes e mais como prisioneiros.[11] Sem aposentos no ministério, os três ficaram enfurnados na área de recepção diplomática do edifício, um salão de baile repleto de lustres tchecos, tapetes persas e poltronas confortáveis. Passavam o tempo assistindo TV, ouvindo rádio, lendo jornais e revistas e lavando suas roupas, que penduravam para secar nos lustres tchecos. Ocasionalmente, um criado iraniano trazia chá. Na manhã de 6 de novembro, o chefe do protocolo, Ali Shokouhian, um diplomata iraniano da velha escola que simpatizava com a causa americana, lhes disse que tivessem cuidado para não fazer muitas ligações locais.[12] Tomseth desconfiara desde o começo que suas conversas telefônicas pudessem estar sendo monitoradas, e a advertência de Shokouhian confirmou suas suspeitas.[13] A partir daquele momento, teriam de ser cuidadosos na hora de escolher com quem falar, o que complicava imensamente a comunicação com os americanos fugitivos.

Tomseth, porém, bolou uma solução engenhosa. Graças a missões passadas, ele sabia falar tailandês, uma língua que tinha bastante certeza de que os iranianos não poderiam entender. Acontecia que o cozinheiro de Kathryn Koob, Somchai "Sam" Sriweawnetr, era tailandês. Falando o idioma, ele ligou para Sam e os dois elaboraram um plano. A esposa de Sam trabalhava para John Graves, o chefe de assuntos públicos da embaixada, que fora capturado nos primeiros minutos do assalto. A casa de Graves ficava numa parte relativamente sossegada no norte de Teerã, longe da embaixada, e Sam julgou que poderia ser um bom lugar para eles se esconderem. No mínimo, raciocinou Tomseth, Sam e sua esposa estariam ali para ajudar a cuidar dos fugitivos americanos, o que já seria de grande valia.

Quando os Lijek, os Stafford e Bob Anders ficaram sabendo dessa solução,

ficaram longe de entusiasmados. Mais uma vez estariam voltando para uma casa pertencente a um funcionário da embaixada americana. Para Mark, parecia lógico que os militantes não demorariam a começar a revistar as casas dos americanos em busca de fugitivos ou algum outro contrabando que pudesse ser usado como evidência de espionagem. E, no entanto, não tinham outra escolha a não ser ir.

Nessa noite, eles jantaram na casa de um diplomata britânico, despediram-se e foram levados pelos britânicos até a casa de Graves. Sam lhes disse que havia um velho nas redondezas que pertencia a um *komiteh*, e, ao se aproximarem da casa, viram alguém na rua que acabou dando uma boa olhada neles. Seria o tal sujeito? Ninguém sabia dizer com certeza.

À primeira vista, a casa de Graves parecia um local perfeito para não ser notado. Era grande, com três ou quatro dormitórios, numa estrutura em vários níveis, com quartos de empregados, tudo cercado por um muro. Era também afastada da rua o suficiente para poderem se movimentar livremente sem se preocupar em serem vistos. Lá, de certa forma, eles foram mimados. Além de Sam e de sua esposa, havia uma governanta tailandesa idosa, e os três cozinhavam e faziam a limpeza para os americanos, o que lhes poupou o incômodo, e o risco, de serem obrigados a sair. Como não havia TV nem livros, para passar o tempo jogavam pôquer e dormiam.

Um dia, enquanto procuravam algo para fazer, descobriram um filme de 16 mm num dos armários. Como Graves era funcionário de imprensa da embaixada, não haveria nada de extraordinário em ter um projetor para exibir esses filmes. Encontraram o projetor e começaram a assistir ao filme, porém logo perceberam que era um filme sobre a coroação do xá. *Perfeito*, pensou Mark. *Um grupo do* komiteh *chega aqui invadindo tudo e nos encontra assistindo a um filme sobre o xá*. Rapidamente desligaram o projetor e esconderam o filme num buraco do teto.

Depois de dois dias, a preocupação de que os militantes pudessem estar nos seus calcanhares começou a devorá-los. A casa de Kate Koob ficava a apenas três quadras de distância; então, ao primeiro sinal de perigo, sairiam correndo pela porta dos fundos, pulariam o muro e tentariam chegar até a casa dela. No

entanto, nenhum deles tinha familiaridade com o bairro, e Anders ficou preocupado com a possibilidade de se perderem e serem capturados.

Para piorar as coisas, a idosa governanta tailandesa vinha ficando mais e mais irracional à medida que os dias se passavam. Acusou os americanos de beberem todo o vinho da casa (uma garrafa) e de comerem a comida toda. "O que vou dizer para o Sr. Graves quando ele voltar?", ela lhes perguntou. Não adiantaria nada, perceberam eles, dizer-lhe que o Sr. Graves não voltaria tão cedo. À medida que foi ficando cada vez mais difícil, consideraram a possibilidade de trancá-la no porão, mas depressa perceberam que isso lhes traria mais problemas.

À noite, podiam ouvir o velho vigia *komiteh* passar continuamente pela casa soprando seu apito, dando a impressão de que só queria lembrar aos americanos que eles estavam presos lá dentro. O vigia tornava quase impossível relaxar.

Na quinta-feira, 8 de novembro, Laingen ligou do Ministério do Exterior para lhes dizer que o governo iraniano iria cortar as linhas telefônicas e que não poderiam mais dar telefonemas. Os americanos estariam agora por sua própria conta. "Boa sorte", foi tudo que Laingen pôde lhes dizer antes de desligar.

A essa altura, a tensão estava começando a ficar insuportável. Além da chamada final de Laingen, nesse ponto a notícia da captura de Koob já tinha chegado aos seus ouvidos, fazendo o moral despencar ainda mais. Sentiam-se isolados, abandonados, desamparados. Não tinham a menor dúvida de que os militantes estavam do lado de fora, à espera, dando um tempo antes de irromper porta da frente adentro.

E exatamente quando pensavam que a situação não poderia piorar ela piorou. No dia 9 de novembro, Sam chegou à casa e lhes disse que seus maiores temores haviam se concretizado: os militantes sabiam onde eles estavam e vinham buscá-los.[14] Sam ouvira a notícia de um jardineiro num dos apartamentos de um americano que estava detido na embaixada. O jardineiro estava trabalhando naquela manhã, quando um grupo de militantes apareceu e revistou o lugar. Era a pior situação imaginada por Mark transformando-se em realidade. Sam disse aos americanos que deveriam se aprontar para partir. Se

aparecesse alguém, o plano ainda era tentar alcançar a casa de Koob.

Nessa noite, todo mundo dormiu de roupa, pronto para dar no pé ao primeiro sinal de perigo. Kathy e Cora dividiram o quarto, enquanto Mark, Joe e Bob ficaram acordados na sala durante a maior parte da noite, conversando e pensando. Mark estava especialmente preocupado com Cora. Pensava nos fatos que tinham levado sua esposa a vir para o Irã. Eles tinham sido namorados de faculdade e se casaram assim que ela se formou. Inicialmente, quando Mark chegou ao Irã e viu como as coisas estavam malparadas, resolveu pensar melhor — os funcionários do Departamento de Estado, pensou, haviam pintado um quadro muito mais róseo do que a realidade. Cora lhe disse que ele estava exagerando. Agora, gostaria de ter firmado o pé e convencido a mulher a não vir. Junto com Joe e Kathy, eram os únicos casais da embaixada no Irã, e sua principal preocupação era que ele e Cora fossem capturados e os militantes os usassem um contra o outro. Ele pensava nas maneiras como ela podia ser maltratada, machucada — qualquer coisa que quisessem tirar dele, e vice-versa. Isso o fazia sentir-se vulnerável. Não era um filme de Hollywood, mas a vida real. As apostas eram altas.

Enquanto os americanos estavam sentados na sala, lá fora o *komiteh* solitário fazia suas rondas noturnas, o apito rompendo a calma com seu lamento estridente. O alçapão fechava-se à sua volta, e eles sabiam disso. E tinham a sensação de que não havia nada a fazer.

CANADÁ PARA O RESGATE

Pouco antes do nascer do sol de 10 de novembro, os americanos fugitivos já tinham tomado uma decisão. A casa de Graves simplesmente não era mais segura. Era hora de partir.

Organizaram-se com rapidez, concordando que seria melhor fazer a viagem antes de o dia clarear. Estavam com tamanha pressa que até esqueceram uma leva de roupa na máquina de lavar. Sam telefonou para um taxista armênio amigo seu, que veio e pegou todo mundo. A escolha lógica era a casa de Kate Koob.

Ao chegar, ficaram sentados inquietos no escuro, amedrontados demais para acender alguma luz. Quando finalmente clareou o suficiente, eles deram uma volta rápida pela casa e perceberam no mesmo instante que não poderiam ficar ali. A casa era de esquina e grudada na calçada. Também tinha janelas enormes, envidraçadas do chão até o teto, sem cortinas, e eles não poderiam sequer entrar na cozinha sem que o mundo todo ficasse sabendo. O desespero se instalou mais uma vez; precisavam encontrar outro esconderijo, e depressa. Por sorte, Anders tinha um plano.

Dois dias antes, em 8 de novembro, depois de Laingen ter telefonado para dizer que eles estavam por conta própria, Anders, que trazia alguns números telefônicos consigo, ligou para um bom amigo na embaixada australiana. Feliz em saber que ele estava bem, o amigo se prontificou a acolhê-lo de imediato, mas, quando Anders mencionou os outros, tirou o corpo fora, alegando que simplesmente não tinha espaço para todos. Anders lembrou-se, então, de John Sheardown, um colega da embaixada canadense que ele conhecera bem nos últimos meses. Os dois haviam sido apresentados em um dos muitos eventos das embaixadas ocidentais que haviam se popularizado na ausência de uma vida

noturna na cidade. Tinham muita coisa em comum. Como Anders, Sheardown servira na Segunda Guerra, e aos 55 anos era considerado um sujeito da antiga entre os diplomatas canadenses no Irã. Um homem distinto, com uma calvície crescente e uma predileção por cachimbo, Sheardown era o chefe do setor de imigração na embaixada do Canadá. Como Bob estava no Irã sem família, com frequência John o convidava para jantar em sua casa. Sua esposa, Zena, não era cidadã canadense e nascera na Guiana Inglesa (agora a nação independente da Guiana). Isso significava que ela não contava com a imunidade diplomática. Uma pessoa calorosa e vibrante, Zena adorava receber, mas raramente saía de casa.

Depois de descartar o amigo australiano, Anders pegou de novo o telefone e ligou para a embaixada do Canadá. Sheardown, é claro, sabia do ataque e presumia que Anders fora levado junto com todo mundo. Espantou-se ao ouvir que seu amigo conseguira escapar.

— Onde você *está*? — perguntou, incrédulo.

Anders tentou explicar, mas desistiu depois de alguns minutos. As ruas de Teerã eram suficientemente complicadas, e, para piorar as coisas, todas ganharam novos nomes depois da revolução.

— Não sei ao certo onde estou — falou.

Sheardown perguntou do que ele precisava. Isso aconteceu na quinta-feira, antes de os americanos saberem que em breve estariam se mudando para a casa de Koob. Anders informou que no momento estavam bem, mas que talvez precisassem encontrar outro esconderijo em breve.

— Estamos meio que numa enrascada — disse ele.

Sheardown não hesitou.

— Por que você não me ligou antes? Por que demorou tanto?

Anders explicou que estava com outros quatro americanos e que o grupo decidira permanecer unido. Por causa disso, relutaram em impor sua presença a qualquer um e colocar vidas em risco desnecessariamente. Apesar de não ter permissão oficial de fazê-lo, Sheardown disse a Anders que ficaria feliz em ajudar de qualquer forma que pudesse. Como a maioria dos diplomatas ocidentais em Teerã, ele havia ficado furioso quando Khomeini endossou a ocupação da

embaixada. A comunidade diplomática em Teerã constituía um grupo muito unido, e Sheardown não apenas conhecia muitas das pessoas que agora estavam sendo retidas a contragosto, como o exercício inteiro contrariava convenções do direito internacional e da diplomacia. O fato de ser Anders quem estava ligando o deixava ainda mais disposto a romper as convenções.

— Temos espaço de sobra aqui — disse Sheardown.

Anders agradeceu e eles combinaram de manter contato caso a situação mudasse.

Assim que desligou o telefone, Sheardown subiu para falar com seu chefe, o embaixador canadense Ken Taylor. Aos 45 anos, ostentando uma cabeleira grisalha e ondulada ao estilo dos anos 1970 e óculos finos, Taylor era um tipo meio iconoclasta entre os diplomatas mais graduados de Teerã. Nascido em 1934, entrara para o Serviço Exterior canadense em 1959 e galgara posições como adido comercial. Acabou se tornando diretor do Serviço de Comissionamento Comercial do Canadá em 1974. Taylor sempre tivera um estilo de trabalho pouco ortodoxo, que às vezes irritava os integrantes mais tradicionais do corpo diplomático canadense. Trabalhava numa mesa comum, em vez de em uma escrivaninha, e recusava-se a usar caixas de entrada e saída. Mas, independentemente de seu estilo, ele obtinha resultados. Era um trabalhador incansável e bom administrador, e seus empregados gostavam de trabalhar com ele.

Taylor estava em Teerã desde 1977 e acumulara a reputação de determinado e calmo sob pressão graças à forma com que lidou com a evacuação de um contingente razoável de cidadãos canadenses poucas semanas antes da abdicação do xá.

Sheardown tinha relativa certeza de que Taylor apoiaria sua decisão de ajudar os americanos. Como Sheardown, Taylor estava indignado por ver diplomatas inocentes reféns, usados por um governo como forma de pressão. Quase imediatamente após o ataque, ele começara a trabalhar com os chefes de outras representações estrangeiras em Teerã, tentando apresentar algum tipo de protesto oficial contra o governo iraniano. Além disso, alguns dias após a ocupação, o Departamento de Estado americano lhe pedira para servir de

contato com Bruce Laingen no Ministério do Exterior iraniano, o que viria a acontecer uma semana depois, quando ele apareceu trazendo consigo, entre outras coisas, livros e um frasco de colônia inglesa, que na verdade estava cheio de uísque escocês *single-malt*.[1]

Sheardown explicou o telefonema de Anders e fez Taylor apressar o ritmo. Reiterou que os americanos estavam a salvo por enquanto, mas que provavelmente precisariam em breve de um lugar para ficar. Taylor, num gesto louvável, não hesitou e concordou que deveriam fazer tudo que pudessem para ajudar. Os dois começaram a discutir qual seria o melhor lugar para esconder os americanos. A embaixada canadense tinha o benefício da segurança, mas era muito movimentada e não possuía aposentos residenciais. Além disso, ficava no centro da cidade, perto da representação americana. Por fim, resolveram dividir os americanos entre as residências particulares de Sheardown e Taylor. Ambas ficavam num bairro tranquilo e, mais importante, distante da embaixada. Como vantagem adicional, as casas também estavam sob proteção de imunidade diplomática, o que não significava grande coisa no Irã. Mas já era algo.

Nesse ponto, Taylor começou a elaborar um telegrama para enviar a Ottawa, na esperança de obter a permissão oficial do governo. No texto, expôs suas opiniões pessoais sobre a questão e também o plano que ele e Sheardown tinham acabado de traçar.

Entre os muitos aliados americanos, o Canadá fora um dos mais veementes em condenar o Irã pelo ataque à embaixada. Levou apenas um dia para Taylor receber sua resposta, logo na manhã seguinte. Ottawa recomendou-lhe discrição, mas lhe deu sinal verde para fazer o que julgasse necessário para ajudar os americanos. A aprovação viera diretamente do primeiro-ministro canadense, Joseph Clark.

O momento não poderia ter sido mais fortuito para os fugitivos. Bob Anders ligou para Sheardown pela segunda vez da casa de Kate Koob naquela mesma manhã de sábado, poucas horas depois de Taylor receber o telegrama de Ottawa.

— Bem, John — disse Anders —, acho que chegou a hora.

— Vocês têm algum jeito de chegar até aqui? — indagou Sheardown.

— Para falar a verdade, não — respondeu Anders. Explicou como os dois

funcionários britânicos os conduziram até a casa de Graves, e Sheardown concordou em buscá-los.

— Aguardem — falou.

Os carros chegaram para apanhá-los pouco depois de uma da tarde. Anders explicara a Sheardown que a casa de Koob ficava na mesma rua que a de Graves, e os motoristas não tiveram problema para encontrá-la. Não era o ideal ficar percorrendo a cidade no tráfego da tarde, mas eles conheciam bem as ruas e se mantiveram longe das avenidas principais.

A casa de Sheardown localizava-se no elegante distrito de Shemiran, a versão de Teerã de Beverly Hills. Situado numa elevação na parte norte da cidade, o bairro íngreme, com seus grandes complexos murados e jardins cuidadosamente aparados, era popular entre diplomatas veteranos, iranianos ricos e empresários estrangeiros.

Quando chegaram os carros com os americanos, Sheardown estava à espera diante da casa, molhando a calçada com uma mangueira de jardim. Podia parecer incongruente, mas lhe dava um motivo plausível para manter o olho na rua. Havia um canteiro de obra rua acima, frequentemente lotado de jovens trabalhadores iranianos, alguns deles vagando de um lado a outro sem ter o que fazer. Quando os veículos se aproximaram, John acenou para que entrassem na garagem e os seguiu, fechando a porta atrás de si.

Na segurança da garagem, os americanos saltaram e John saudou todos calorosamente.

— É bom ver você de novo — disse-lhe Anders.

Depois que as apresentações foram feitas, todos seguiram Sheardown, subindo um lance de escadas para entrar na casa principal.

Assim que chegou, o grupo foi apresentado a Zena, bem como a Ken Taylor, que tinha chegado enquanto todos ainda estavam na garagem. Os americanos imediatamente foram postos à vontade. Zena havia preparado alguns drinques e petiscos, e todos se sentaram na sala. Passaram alguns minutos batendo papo, relatando os acontecimentos de sua fuga, bem como as novidades sobre a crise dos reféns. Disseram-lhes que os dois enviados do presidente Carter, Ramsey Clark e William Miller, não tinham recebido permissão para entrar no Irã e

esperavam na pista de pouso na Turquia. Em determinado momento, Mark passou vergonha ao se levantar e perguntar se o embaixador canadense estava ciente da situação deles. Preocupava-se com a possibilidade de que talvez Sheardown estivesse agindo por conta própria e que corressem o risco de a situação de Gholhak Gardens se repetir caso Sheardown perdesse a coragem. Taylor se apresentara somente pelo nome, e Mark não percebera quem ele era. Sheardown não resistiu:

— É claro que o embaixador canadense sabe — respondeu. — Ele está sentado bem ao seu lado.

Todo mundo caiu na risada às custas de Mark, mas foi um grande alívio saber que havia um governo que lhes dava apoio. Pela primeira vez desde a fuga, eles se sentiram realmente seguros.

Como planejado, o grupo deveria ser dividido entre as residências de Sheardown e Taylor. Os Lijek e Bob Anders ficariam com os Sheardown, enquanto os Stafford iriam com Taylor. O embaixador explicou que tinha numerosos empregados domésticos e que a presença de mais de dois visitantes provavelmente despertaria suspeitas. O grupo não gostou muito de ter de se dividir, mas compreendia a lógica que justificava a necessidade. A essa altura, todo mundo ainda pensava que a crise dos reféns seria solucionada em questão de semanas, ou talvez em poucos dias, e todos poderiam prosseguir com suas vidas.

Cora, Mark e Bob passaram o resto da tarde se familiarizando com a organização espacial da casa de Sheardown. Era um palacete com dezessete aposentos, numa contagem. A casa ficava empoleirada numa encosta, espalhando-se por vários níveis a partir de uma rua acima até chegar à rua inferior. Era efetivamente possível sair para a rua acima pelo piso mais alto, o que lhes proporcionava uma rota de fuga, se necessário. Os americanos receberam quartos individuais num andar alto, separados da suíte principal, que ficava no andar superior. O melhor da casa, porém, era que ela continha um pátio interno, o que lhes permitia passar tempo fora de casa sem correr o risco de serem vistos na rua. Engaiolados como estavam, uma hora de sol era inestimável.

Sheardown explicou que havia um grupo do *komiteh* local que às vezes

patrulhava o bairro, mas lhes disse para não se preocuparem, pois raramente aborreciam os moradores. No entanto, advertiu-os, sim, em relação ao jardineiro, que também fazia parte do *komiteh*. Se ficassem escondidos enquanto ele estivesse por perto, tudo estaria bem.

Enquanto isso, Joe e Kathy foram levados pelo embaixador canadense para sua própria residência, uma imponente mansão branca com colunas de dois andares tomando conta da fachada, afastada da rua e separada por um muro de quase três metros. Esperando por eles no interior estava a esposa de Ken, Pat, nascida na Austrália, mas de origem chinesa. Pat era uma mulher de energia ilimitada e, além de seus deveres como esposa de embaixador, era uma cientista pesquisadora no serviço nacional de transfusão sanguínea em Teerã. Mostrou a casa aos Stafford, explicando aos empregados iranianos que eram simples convidados de outra cidade. Apesar de a casa ter um amplo gramado nos fundos, foi-lhes recomendado que não saíssem, pois os vizinhos poderiam vê-los.

No dia seguinte, Taylor enviou um telegrama para Ottawa para informar que os americanos haviam sido acolhidos e que estavam a salvo. Para ser o mais discreto possível, a mensagem referia-se aos cinco simplesmente como "os hóspedes".

Não demorou muito para que os Lijek e Anders estabelecessem uma rotina na casa dos Sheardown. De manhã, cada um seguia seu próprio ritmo, acordando em horas diferentes e preparando seu próprio desjejum. No começo isso fora um desafio, pois o único caminho para a cozinha passava por uma grande janela e uma porta de vidro, por onde poderiam ser facilmente vistos pelo jardineiro. Percebendo que seria uma longa estada se não pudessem usar a cozinha, divisaram uma solução esfregando graxa de sapato no vidro, o que obscurecia a visão.

Depois do café da manhã, dedicavam-se à leitura ou a outras formas de passar o tempo. Anders tornou-se adepto dos banhos de sol e dos exercícios no pátio, e ganhou um bronzeado surpreendentemente bom. Cora, por sua vez, lembra-se de ter dormido muito. Mark resolveu deixar a barba crescer, algo que sempre quisera fazer. No começo da tarde, o grupo se reunia numa saleta para conversar e esperar pela chegada de John. Zena costumava manter-se sozinha na

suíte principal.

Os Stafford, por seu lado, seguiam rotina semelhante. Depois do café, Joe invariavelmente era atraído pelo aparelho de rádio, escutando os noticiários transmitidos de hora em hora e fazendo anotações. De tarde, Pat chegava em casa e fazia companhia a Kathy e Joe até Ken chegar, no começo da noite. Inicialmente tímidos, os abalados Stafford precisaram de algum tempo até se sentirem à vontade diante de seus anfitriões. E, mesmo então, Joe nunca conseguiu superar a sensação de que a presença dele e da esposa estava sendo imposta para eles.

John Sheardown tinha uma TV, e nos primeiros dias os americanos foram apresentados ao espetáculo da crise dos reféns. Quando Anders e os Lijek assistiam a cenas que mostravam seus antigos colegas sendo exibidos diante das câmeras, o detalhe que saltava aos olhos e que se tornava dolorosamente visível era como os reféns pareciam maltratados. Cora achava as imagens perturbadoras. Era um verdadeiro lembrete — como se eles precisassem — da incrível sorte que tiveram por conseguir escapar.

Entre os que desfilavam pela tela da TV, havia alguns de seus colegas que estavam trabalhando no consulado no dia da captura. O outro grupo de seis americanos fora obrigado a se dirigir para a residência do embaixador, onde passaram os primeiros dias de cativeiro com as mãos e os pés atados a cadeiras na sala de jantar formal da mansão. Não tinham permissão de falar, de se deitar ou mesmo de se lavar. Alguns deles, como Dick Morefield, foram submetidos a execuções encenadas, enquanto outros passaram pela indignidade de serem surrados e obrigados a permanecer deitados por longos períodos de tempo no concreto frio e úmido, sem nada mais do que um cobertor. E com o passar do tempo foram trazidos, um por um, até um grupo de militantes, que os interrogaram e os acusaram de serem espiões trabalhando para a CIA. Kathryn Koob e Bill Royer não tiveram melhor sorte. Todos eles, com exceção de Richard Queen, libertado em julho de 1980 por motivos de saúde, permaneceriam em cativeiro por 444 dias.

* * *

EM 21 DE NOVEMBRO, Taylor recebeu um curioso telefonema do embaixador sueco, Kaj Sundberg.[2] O diplomata explicou timidamente que tinha um probleminha e esperava que Taylor pudesse ajudá-lo.

Nessa época, os militantes tinham conseguido achar dois passaportes com identidades falsas feitos para dois suspeitos de serem funcionários da CIA lotados na embaixada. Exacerbava-se o tom do discurso em torno de um possível julgamento dos capturados como espiões. A descoberta dos dois passaportes foi um tremendo constrangimento para o governo norte-americano e para a Agência. Ela também causou grande preocupação ao embaixador sueco, que começou a temer as repercussões por estar abrigando Lee Schatz. Foi então que Sundberg pensou em Taylor e, após explicar a situação, perguntou se o embaixador canadense estaria disposto a ajudar. Taylor não pestanejou, disse ao embaixador que já estava com cinco americanos e que seria simples adicionar Schatz ao grupo. Essa notícia e o desprendimento de Taylor desconcertaram o embaixador sueco, que não fazia ideia de que havia outros americanos que tinham conseguido fugir.

Enquanto os americanos acolhidos pelos canadenses estavam em fuga, Lee Schatz passara o tempo no confortável apartamento de Cecilia Lithander ao norte de Teerã. Ocupava-se com leituras e evitava a faxineira, que vinha praticamente todas as manhãs. Cecilia explicara a ela que Lee era um amigo seu, em visita, mas ele achava estranho estar por ali todos os dias enquanto ela fazia a limpeza. À noite, Cecilia voltava para casa e eles jantavam e conversavam sobre as últimas notícias da crise dos reféns. Às vezes, davam passeios pela vizinhança, perambulando pelo abarrotado mercado local. Ninguém jamais o perturbou, e não ocorreu a Lee que ele poderia estar correndo riscos. “Quando se é diplomata, você nunca acha que alguma coisa vai acontecer com você”, diria mais tarde. Ele se mantivera em constante contato telefônico com Joe Stafford e sabia que os outros cinco americanos haviam encontrado uma casa e estavam a salvo, mas não sabia onde. Por razões de segurança, não contaram um ao outro onde estavam. Duas semanas depois, porém, o que inicialmente parecia uma situação temporária tornava-se cada vez mais permanente, e o governo sueco estava

ficando nervoso.

Schatz não foi informado do telefonema entre o embaixador sueco e Ken Taylor, nem do fato de que iria ser transferido. Ele se lembra de um dia estar no apartamento de Cecilia quando de repente ouviu uma chave girando na fechadura. O ruído o assustou, pois Cecilia já saíra para o trabalho e era dia de folga da faxineira. Ele aventou a possibilidade de que uma turba de iranianos furiosos pudesse irromper porta adentro. Todavia, era apenas Cecilia, que informou ter importantes notícias.

— Fizemos um arranjo para você sair daqui, e realmente não posso lhe dizer mais que isso. Alguém estará aqui dentro de alguns minutos e você deve ir. Não se preocupe, está tudo bem — disse ela.

Schatz ficou branco. *Fodeu*, pensou. *Isso não está soando nada bem.*

Pôs as poucas coisas que tinha comprado numa mochila, inclusive uma trena retrátil de cinco metros, que por algum motivo estava com ele no dia do ataque.

John Sheardown, nesse meio-tempo, estava a caminho, vindo da embaixada canadense, e resolveu pregar uma pequena peça em Schatz. Quando Cecilia o deixou entrar no apartamento, em vez de se apresentar, bancou o durão e simplesmente disse: "Pegou tudo?" Schatz o olhou de cima a baixo e fez que sim. Na sua cabeça, já começava a se perguntar se o visitante misterioso não seria da CIA.

Sheardown o conduziu para fora do apartamento até o carro que estava à espera embaixo, ainda sem dizer uma palavra. Quando Schatz viu que havia um segundo carro atrás deles, isso pareceu provar suas suspeitas sobre Sheardown. *Não acredito que haja um punhado de caras da CIA zanzando por aí no meio dessa confusão*, ele pensou. Uma vez dentro do carro, porém, Sheardown virou-se para ele e, despindo-se da fantasia, sorriu e se apresentou:

— Você vai ficar comigo — disse.

Schatz assentiu e relaxou um pouco.

— Ok, parece que está tudo bem — retrucou. Ainda não tinha ideia de que havia outros americanos lá e emocionou-se ao entrar na sala e ver Cora e Mark Lijek e Bob Anders à sua espera. Não era íntimo de nenhum deles, mas os conhecia por causa dos eventos da embaixada. Foi um grande alívio ver seus

rostos e saber que estava entre amigos. Dadas as circunstâncias, parecia um lugar ideal para se refugiar da tempestade.

* * *

AS NOTÍCIAS SOBRE OS hóspedes não chegariam a mim antes de meados de dezembro. Com frequência, a única hora em que eu conseguia fazer algum trabalho era depois que todos tinham ido para casa, e, como eu morava a cerca de uma hora de carro de Washington, às vezes não sabia se estava indo ou vindo. Todos vinham trabalhando 24 horas por dia, mas nunca ouvi ninguém se queixar. Certa manhã, eu estava de pé junto à minha mesa, tendo acabado de voltar do lavatório, onde jogara uma água no rosto, quando Max, o chefe do setor gráfico, e Tim, meu segundo em comando, surgiram na minha porta. Max tinha na mão a cópia de um documento que ele agitava no ar à medida que se aproximava.

— Você viu isto? — ele perguntou. — Alguns americanos escaparam da embaixada em Teerã.

A essa altura, eu já fora promovido ao cargo de chefe do setor de autenticação e estava encarregado de criar e manter a infinidade de falsas identidades e disfarces que a CIA usava pelo mundo. Eu tinha uma grande equipe de peritos em todas as fases de alteração de identidade, capazes de penetrar por qualquer fronteira sem serem detectados, duplicar quase qualquer documento, modificar a aparência de uma pessoa, até fazer uma mudança de sexo, caso fosse necessário.

Historicamente, o chefe do setor de autenticação era um funcionário proveniente das fileiras da análise de documentos — ou melhor, alguém que teríamos considerado um dos nossos melhores e mais inteligentes. Corria a piada de que eram os únicos funcionários no nosso meio que sabiam escrever (ou soletrar). O fato era que, do ponto de vista operacional, eles eram mais astutos do que alguns dos nossos técnicos com Ph.D. e tinham uma noção melhor da essência da inteligência, que é a comunicação. O trabalho de nossos analistas de documentos envolvia idiomas, conhecimento da região, viagens e redação —

aptidões altamente valorizadas pela cultura da CIA.

Eu resolvera pôr o meu nome na roda quando soube que o chefe de operações do EST, Fred Graves, estava procurando alguém para substituir um chefe de setor. Graves era um homem que, à primeira vista, parecia ser duro como uma pedra. Dava para jurar que ele tinha pertencido aos fuzileiros — certamente xingava como fuzileiro —, mas não era verdade. Foi cadete no colégio militar de Citadel e adquiriu uma postura militar e uma perspectiva que lhe serviam muito bem na CIA que, na verdade, seguia um modelo inspirado na estrutura militar americana. Fred precisava substituir Ricardo, o chefe do setor gráfico, que estava se aposentando. Quando perguntou-lhe quem deveria substituí-lo, Ricardo me indicou. Na verdade, era um cumprimento e tanto, mas não fazia o meu gênero.

— Tenho outra sugestão — eu disse a Graves, sentado na sua sala no Edifício Sul. A mobília da Administração Geral de Serviços era apenas um detalhe do estilo singular de decoração de Fred. A maioria das visitas dava meia-volta na primeira vez que via o letreiro na sua porta. O BAR ESTÁ ABERTO, lia-se — ou FECHADO, dependendo de ele estar ou não em reunião.

— A gente vive falando aqui da boca para fora sobre treinamento interdisciplinar dos nossos futuros administradores. Por que não pegar alguém de autenticação para dirigir o setor gráfico e me nomear chefe do setor de autenticação, o primeiro vindo do setor gráfico? — perguntei.

— Nada mau — respondeu, assentindo com a cabeça. — Volto a falar com você, Mendez. Mas, lembre-se, não vai poder sair em viagens, vagabundear pelo mundo. Vai precisar ficar aqui, administrando o setor.

— Sim, senhor! — eu disse, tentando soar como um bom fuzileiro, resistindo à tentação de bater continência. Recuando até a porta, esbarrei numa placa de metal que dizia: SE VOCÊ OS PEGAR PELAS BOLAS, O CORAÇÃO E A MENTE VIRÃO ATRÁS. Todos nós adorávamos Fred, de verdade. Havia algo de muito meigo espreitando no interior daquele peito inflado.

Graças à nova promoção, parecia que a minha carga de trabalho havia praticamente triplicado com a crise dos reféns. Como estava mergulhado em reuniões demais, tanto em Langley como em Foggy Bottom, e tinha muitos

outros assuntos que exigiam a minha atenção direta, eu instruíra Elaine, minha secretária, a mandar cópias das correspondências importantes que exigissem ação imediata diretamente ao supervisor responsável.

Assim, não fiquei surpreso quando Max e Tim entraram na minha sala com uma cópia do memorando do Departamento de Estado nas mãos.

Max me entregou o documento e se sentou enquanto eu dava uma olhada. Tim sentou-se à mesa de reuniões em frente à minha escrivaninha, vistoriando uma cópia da mesma mensagem.

O memorando dirigia-se à equipe da Central de Cobertura da CIA, que cuida de todas as exigências para a criação de fachadas. Pedia a opinião da CIA em relação a uma possível exfiltração de seis diplomatas americanos que tinham escapado da embaixada dos Estados Unidos em Teerã e que se encontravam sob os cuidados dos canadenses. Não nos solicitava tomar a dianteira de nenhuma operação de resgate, apenas pedia nossa assessoria nas etapas de planejamento. O memorando não trazia muita informação — com certeza não o bastante para qualquer tomada de decisão.

Eu o li e pensei que parecia interessante, mas, no contexto da crise dos reféns, não dava a impressão de ser prioridade. Não soava urgente. Apesar de não afirmar precisamente, por omissão parecia deixar implícito que os seis americanos estavam instalados em segurança e que podiam aguentar mais algumas semanas ou meses sem riscos. Fiquei propenso a deixar o assunto de lado para me concentrar em ajudar o resgate dos reféns na embaixada.

* * *

O PLANO ORIGINAL PARA lidar com os hóspedes, ao que parece, era simplesmente ficarem quietos, esperando. Em seus primeiros contatos com o governo canadense, Taylor havia discutido a possibilidade de criar planos de contingência caso os diplomatas precisassem ser evacuados, mas, uma vez instalados, e relativamente seguros, o pensamento em Ottawa, bem como no Departamento de Estado dos Estados Unidos, era de que a situação na

embaixada deveria ter prioridade. Uma vez libertados os reféns, raciocinaram, o problema dos hóspedes se resolveria por si só.

Depois que Lee Schatz se juntou aos outros na casa de Sheardown, algumas semanas transcorreram sem incidentes. Passavam a maior parte do tempo lendo. Sheardown tinha uma biblioteca bastante extensa, que incluía muitos romances de espionagem de John le Carré. Ocasionalmente, o grupo se reunia para jogos de baralho ou de tabuleiro. Um dos favoritos era Scrabble — palavras cruzadas de tabuleiro. Competitivo por natureza, Schatz levava o jogo muito a sério. Seu principal rival era Anders, que tinha um talento para a coisa. Após um duro duelo, Schatz debruçou-se sobre um dicionário britânico em dois volumes que Sheardown tinha na prateleira. Não demorou muito para achar uma palavra mortífera — "*dzo*" —, que o ajudou a ganhar muitos pontos. Quando Anders, cético, sacudiu a cabeça, Lee puxou o dicionário:

— Aqui está — disse, triunfante. — *Dzo*: cruzamento entre uma vaca e um iaque.

Graças ao acaso, o porão da casa estava cheio de tudo que era tipo de cerveja, vinho e destilados fortes. Os hóspedes não perderam tempo para desfalcar os estoques. Essa generosidade se devia ao fato de a embaixada canadense ser a próxima da fila a dar uma festa na sexta-feira à noite — a farra semanal organizada por uma embaixada ocidental diferente a cada semana. A tradição foi interrompida após a ocupação, mas não antes de as bebidas serem transferidas para a casa de Sheardown. Finalmente, acabaram bebendo tanto que Sheardown teve de ser criativo para se livrar das garrafas vazias, que se amontoavam. Sua solução foi embalá-las e levá-las para a embaixada canadense.

Segundo todos os relatos, o ponto alto do dia era a refeição noturna, carinhosamente lembrada por todos como uma espécie de momento tradicional, ao estilo dos desenhos de Norman Rockwell, que acontecia todas as noites. John chegava do trabalho e todos se reuniam à mesa de jantar para ouvir as notícias. Como a TV quebrara cerca de uma semana depois da chegada dos hóspedes, dependiam dele para mantê-los informados sobre os fatos ocorridos no mundo exterior. A atmosfera era tão familiar que Anders começou a chamar Sheardown de "Papaizão".

Em certas ocasiões, os Stafford eram levados para lá de carro, dando ao grupo a chance de pôr a conversa em dia. No Dia de Ação de Graças, os canadenses ofereceram a todos uma ceia tradicional, o que contribuiu em muito para que mantivessem o ânimo.

Também recebiam visitas. Roger Lucy, primeiro-secretário da embaixada canadense, aparecia com frequência. Lucy, então com 31 anos, estava na Suíça visitando amigos quando ocorreu a ocupação, mas rapidamente soube de tudo. Ele chegara ao Irã no outono de 1978, poucos dias antes de o xá declarar a lei marcial, e sua ajuda foi fundamental para que Taylor organizasse o êxodo em massa de cidadãos canadenses. Um tipo aventureiro, viria a se tornar um membro importante da equipe local que cuidava dos hóspedes. Anders mais tarde se recordaria da primeira vez que encontrou com Roger Lucy em um desses jantares. Descreveu-o como um personagem saído de um livro de Rudyard Kipling, com um bigode espesso e pequenos óculos redondos, usando capacete e carregando um pequeno bastão.

Dois outros visitantes habituais eram os embaixadores Troels Munk, da Dinamarca, e Chris Beeby, da Nova Zelândia. Beeby viria a se tornar especialmente útil à medida que a crise evoluía, fazendo muito mais do que se esperava dele, como, por exemplo, aparecer com uma caixa de cerveja para os hóspedes. Era como levar um sanduíche a um restaurante, mas, mesmo assim, era muito bem-vinda.

De modo geral, porém, os hóspedes procuravam manter uma postura discreta. Apesar de suas acomodações, a ameaça de serem descobertos ainda era uma perspectiva muito real. Em mais de uma ocasião, os empregados dos Taylor fizeram perguntas sobre os Stafford, estranhando o fato de aqueles "turistas" ficarem sempre dentro de casa. A preocupação de que um visitante inesperado pudesse aparecer de repente significava que os americanos tendiam a ficar nos fundos da casa, ou frequentemente trancados em seus quartos. Por exemplo, numa noite, Taylor convidou o correspondente da ABC News, Peter Jennings, para jantar. Jennings era um dos muitos jornalistas ocidentais que foram ao Irã para cobrir a crise dos reféns. Enquanto os dois desfrutavam o jantar, os Stafford se enfiaram em seu quarto no andar superior, em silêncio, preocupados em não

fazer ruídos inesperados e serem descobertos.

Em certas ocasiões, solicitavam a Roger Lucy que levasse os Lijek, Bob Anders e Lee Schatz para sua residência. O proprietário da casa onde Sheardown morava estava tentando vendê-la, e de vez em quando aparecia com algum comprador em potencial. Roger Lucy se lembra dessas viagens como tremendamente enervantes; uma vez, chegaram a ficar presos na neve e ele teve de pedir a um grupo de iranianos que ajudasse a cavar para tirá-los.

Os hóspedes americanos tinham permissão de escrever cartas para casa uma vez por semana, mas não demorou para que não tivessem mais o que dizer. Logo no início da temporada, Mark escreveu para seus pais: "Estamos num esconderijo, mas não posso dizer onde. Se alguma coisa acontecer conosco vocês provavelmente saberão, pois vai dar na TV, ou então vão receber um telefonema do Departamento de Estado, mas, se nada disso ocorrer, fiquem sabendo que estamos bem."

À medida que as semanas se espichavam, começou a crescer entre os canadenses a preocupação de que o segredo dos americanos pudesse vazar. Para espanto de todos, o jornal local na cidadezinha natal de Lee Schatz, Post Falls, Idaho, publicou uma matéria sobre o fato de ele estar escondido "em um local não revelado no Irã" depois que o Departamento de Estado contou à sua mãe que ele estava a salvo, mas aparentemente esqueceu-se de dizer a ela para não contar para a imprensa.[3] Em outro momento, durante uma entrevista por telefone, um cidadão americano chamado Kim King, que estivera no consulado no dia da ocupação, disse a um repórter local que era um dos nove americanos que tinham conseguido escapar da embaixada no dia do ataque.[4] Embora essas histórias não tenham repercutido nos Estados Unidos, começaram a correr boatos na imprensa iraniana sobre a possibilidade de haver americanos escondidos em Teerã.

Além disso, havia uma grande chance de que os iranianos no Ministério do Exterior tivessem monitorado as ligações que Laingen e Tomseth fizeram, sabendo, assim, que os americanos tinham conseguido sair e estavam à solta. E havia também todos os empregados da Sociedade Irã-Estados Unidos que viram

os Lijek e os Stafford e poderiam facilmente ter contado a alguém. Sem falar nos colegas do consulado. Teriam os iranianos conseguido pegá-los?

Não haviam se passado cinco dias desde que os hóspedes tinham deixado a casa de Koob quando Sam foi abordado ali por um grupo de militantes que o ameaçaram com uma arma.[5] Fizeram-lhe perguntas sobre a casa e ele explicou que a ocupante já estava na embaixada, sendo mantida refém. Acabaram por soltá-lo, mas ele ficou muito abalado. Imediatamente foi para um esconderijo e ficou por lá até o fim da crise dos reféns.

6

LIÇÕES DO PASSADO

Depois de receber o memorando, o assunto dos hóspedes nunca saiu completamente da minha cabeça. O Departamento de Estado optou pela abordagem de esperar para ver, mas eu não estava convencido de que esse era o melhor caminho a seguir. Como muitas vezes costumo fazer quando tenho um problema difícil que precisa ser resolvido, fui para o meu ateliê numa tarde de sábado para pintar. E foi durante aquela sessão, enquanto trabalhava em *Wolf Rain*, que me dei conta de que não podíamos ficar sem fazer nada, para depois sermos atropelados pela urgência da situação. É claro que por enquanto eles estavam a salvo, mas já permaneciam escondidos em Teerã havia quase dois meses. Quanto tempo mais poderiam aguentar? Eu sempre dizia para minha equipe que, quando possível, era melhor realizar uma exfiltração antes de seus adversários saberem que você estava lá. Se por alguma razão os hóspedes fossem descobertos antes que pudéssemos pegá-los, então seria praticamente impossível tirá-los do país.

Um dos motivos da minha preocupação com essa exfiltração era que eu estivera recentemente no Irã. Na minha qualidade de chefe de disfarces, em abril de 1979, sete meses antes de ter ouvido falar dos hóspedes, eu me apresentara como voluntário para me infiltrar no país e resgatar um agente de alta prioridade, e sob muitos aspectos o caso servia como boa referência para o que estava à espera dos seis americanos.

Era um segredo conhecido por todos que, durante o reinado do xá, havia uma estreita ligação entre a CIA e o governo iraniano. Na verdade, um dos mais recentes embaixadores dos Estados Unidos no Irã, Richard Helms, fora anteriormente diretor da CIA. Mas, sem o conhecimento dos iranianos, a Agência recrutara também um informante, um integrante muito respeitado do

círculo íntimo do xá. Era conhecido dentro da CIA por seu criptônimo operacional. Eu optei por chamá-lo de "RAPTOR".

RAPTOR podia prover informações inestimáveis para os estrategistas americanos em relação às intenções do xá. Os dados fornecidos por ele eram transmitidos de maneira clandestina para seu contato, que, por sua vez, preparava um relatório bruto enviado de Teerã por um sistema de telex diretamente para o quartel-general. Em geral, as informações eram tão boas que eram levadas na mesma hora para o presidente, no Salão Oval, por um funcionário da CIA.

Os envelopes pardos usados para guardar as frágeis mensagens eram marcados com grossas bordas azuis e as palavras ULTRASSECRETO — MANUSEIO RESTRITO — SOMENTE PARA SEUS OLHOS impressas em grossas letras vermelhas no meio. Por causa dessas marcas, os relatórios eram conhecidos como "*blue stripers*" — "faixas azuis". Todas as cópias eram numeradas e cuidadosamente controladas. O envelope de faixas azuis e manuseio restrito era embalado duas vezes, lacrado e trancado num pesado fichário de lona azul, que estava sempre sob controle do portador.

Todos os relatórios de inteligência recebem uma nota de 1 a 10. Os mais valiosos às vezes recebem a nota "duplo 10". Os relatórios de RAPTOR costumavam ser duplos 10.

RAPTOR sabia havia tempos que o xá estava perdendo o controle e repetidamente avisara seus contatos da CIA, mas, como pode suceder quando a informação bruta não se encaixa com o cenário preferido dos que fazem a política em Washington, as advertências de RAPTOR tendiam a ser desconsideradas. A informação é tão boa quanto a capacidade do cliente de acreditar nela e utilizá-la.

Quando o xá deixou o país em janeiro, RAPTOR entrou imediatamente na clandestinidade. Com os tentáculos da Guarda Revolucionária se estendendo mais e mais fundo em todas as facetas da sociedade iraniana, ele sabia que não conseguiria se esconder por muito tempo.

A essa altura, ele começou a se encontrar sub-repticiamente com "Don", um funcionário local da CIA em Teerã que tentou organizar sua exfiltração. Os dois,

contudo, não se entendiam. Don, um jovem de cabeça quente que achava que podia fazer tudo sozinho, propôs disfarçar o iraniano como um árabe do Golfo, algo que RAPTOR sabia não ser capaz de sustentar. Infelizmente, em vez de tentar trabalhar com o que tinha em mãos e ver o que mais ele poderia bolar, Don apenas dissera: "É pegar ou largar", o que só serviu para piorar as coisas. Foi então que Hal, o chefe do posto da CIA em Teerã, mandou uma mensagem urgente requisitando meu auxílio.

Foi um caso desafiador desde o começo. Guerreiro nato, RAPTOR almejava sair de cena em grande estilo, com um Colt de coronha de marfim em cada mão. A perspectiva de ser agarrado no aeroporto usando um disfarce era demais para o seu senso de honra tradicionalista. Para complicar as coisas, ele havia treinado a maior parte da equipe de segurança do aeroporto, de modo que todos o conheciam. Tinha certeza de que seria imediatamente reconhecido sob qualquer disfarce. Como o sucesso da operação dependeria da sua autoconfiança e da capacidade de levá-la adiante, nada aconteceria a menos que pudéssemos convencê-lo a confiar em nós. Eu sabia, por experiências passadas trabalhando como funcionário técnico em numerosas exfiltrações, que algumas dependem mais do disfarce do que outras. No caso de RAPTOR, percebi que o disfarce era de suma importância. Com a Guarda Revolucionária bem nos seus calcanhares, seria fundamental impressioná-lo de imediato com o nosso profissionalismo. Não lhe faltava coragem, mas segurança.

Minha primeira parada ao entrar no país foi a biblioteca no segundo andar da chancelaria da embaixada americana em Teerã. A cidade parecia uma zona de guerra. Gangues armadas vagavam pelas ruas, e não era incomum ouvir uma explosão em algum bairro distante. Mas talvez a característica mais impressionante fosse o povo em si — intimidado, apavorado. Por toda parte, as calçadas estavam cheias de mulheres vestidas da cabeça aos pés com xadores pretos. Era como se a cidade inteira estivesse de luto.

Quando estacionamos na Avenida Takht-e Jamshid, notei que os muros da embaixada dos Estados Unidos estavam cobertos por pichações — um lembrete vívido de que o sentimento antiamericano no país era forte e crescente.

No quartel-general, havíamos revirado todo o estoque de documentos de

viagem do Oriente Médio e do Mediterrâneo, achando três nacionalidades diferentes que poderiam dar certo. Mas, como não sabíamos o tom de pele de RAPTOR, decidimos que eu deveria tomar a decisão final quando estivesse cara a cara com ele em Teerã. Nesse meio-tempo, fui até a biblioteca à procura de algo em particular.

A biblioteca era uma sala tranquila, embolorada, mal iluminada. Apesar disso, percebi que era bastante utilizada, com uma pilha de livros devolvidos esperando para voltar às prateleiras. Não havia bibliotecário no atendimento, provavelmente como resultado da redução de pessoal, de modo que prossegui sozinho. Examinei as prateleiras e alguns minutos depois encontrei o que procurava. Era um livro encadernado em couro marroquino verde e marrom, com o título na lombada estampado com maiúsculas em relevo dourado: STEWART — PELA PÉRSIA SOB DISFARCE.

Desci o volume e o revirei nas mãos. Eram as memórias coligidas de um oficial britânico, o coronel Charles E. Stewart. Em 1880, praticamente cem anos antes da minha viagem, ele assumira a identidade de um mercador de cavalos armênio e passara quase dois anos viajando a cavalo com seu pequeno grupo, esquadrinhando a região. Cobriu uma distância impressionante durante esse período, e nunca ninguém suspeitou que ele fosse europeu.

A operação para exfiltrar RAPTOR não era muito diferente da jornada do coronel Stewart. Eu sabia que o livro, que trazia muitos retratos de gente que Stewart encontrara na região, seria útil quando eu fosse ver RAPTOR mais tarde naquela noite. É claro que primeiro teria de chegar a ele, tarefa nada fácil numa cidade repleta de desconfiança de tudo que fosse estrangeiro, especialmente espiões americanos.

Qualquer boa operação de detecção de vigilância sempre começa com a premissa de que os agentes hostis, seja lá quem forem, estão por toda parte, observando. Essa máxima foi enfiada na minha cabeça no meu curso de iniciação em operações na "Fazenda", uma instalação de quatro mil hectares aonde funcionários novatos da CIA vão para aprender os ossos do ofício antes de partir em missões pelo mundo. Posteriormente, quando visitei Moscou em meados dos anos 1970 e deparei com a paranoia da KGB, patrocinada pelo Estado, pude ver o

quanto aquela afirmativa era verdadeira, pois simplesmente todo mundo — até mesmo o furador de bilhetes no zoológico — era informante.

Nas ruas de Teerã, meus colegas e eu usaríamos essas habilidades para despistar quaisquer perseguidores potenciais que pudessem tentar nos usar para chegar a RAPTOR. Andrew, um funcionário local do setor de documentos, juntou-se a mim e Hal. Serpenteando pelas ruas estreitas, nós três rapidamente retornamos e então entramos numa agitada loja de departamentos na Avenida Abbasabad. Era uma técnica predileta usada por funcionários da Agência, porque lojas grandes costumam ter múltiplas saídas e era quase impossível cobrir todas elas. Deixando a loja, caminhamos, então, pelo meio da rua, esquivando-nos do trânsito suicida de Teerã — muitos dos carros andando sem faróis acesos — com o objetivo de nos livrarmos de qualquer veículo de vigilância que pudesse estar nos seguindo. É provável que tal atitude fosse considerada uma provocação pelos padrões de Moscou, onde os agentes eram profissionais treinadíssimos; mas no Irã, onde a oposição era basicamente composta por fanáticos revolucionários, serviu-nos muito bem.

O desinteressante prédio de apartamentos estava localizado nas imediações do Bulevar Motahari, ao lado de um hotel que abrigava um restaurante popular.

RAPTOR estava escondido nas sombras do patamar do segundo piso, e, quando nos aproximamos, ele saiu para a luz e me abraçou, com os olhos cheios de lágrimas. Eu o estudei com a atenção de um artista ao detalhe — o homem esquelético, doentio, com o suéter largo demais, tinha pouca semelhança com as fotos que me foram mostradas, fotos de um coronel de ar confiante na casa dos trinta anos.

RAPTOR nos fez subir até um apartamento no quarto andar, quase vazio, a não ser por um sofá imundo e um aparelho de TV parcialmente desmontado. O balcão da cozinha estava atulhado de revistas velhas que haviam sido folheadas inúmeras vezes, e jornais em parse, junto com uma saca de arroz, um saco de lentilhas e alguma comida enlatada. Era óbvio que ele estava acampado ali havia várias semanas. No lugar de cortinas, jornais velhos cobriam as janelas.

Movimentando-nos com determinação, Andrew e eu conduzimos RAPTOR pelo apartamento às escuras em direção ao banheiro. Eu sabia que era

importante deixá-lo à vontade. “Não vai demorar”, eu disse, dizendo-lhe também para não se preocupar.

Quando entramos no banheiro, Hal abriu uma janela estreita nos fundos do apartamento e jogou uma corda enrolada. Seria a nossa “rota de fuga” no caso de os guardas revolucionários tomarem conta da escada. A janela se abria para uma claraboia sobre um vazio que terminava quinze metros abaixo de nós, grudado no hotel ao lado. Depois de descer pela corda, poderíamos, então, entrar por uma janela da lavanderia e sair do hotel pela porta de serviço. Tudo isso fora bolado no dia anterior, quando nós três nos revezáramos observando a entrada de serviço a partir do restaurante do hotel. Na vez de Hal, ele fora até o lavatório, que tinha uma janela que se abria para o espaço iluminado pela claraboia. Enquanto se debruçava para fora, a pulseira do seu caro relógio de pulso se quebrou e o relógio caiu embaixo pelo peitoril da janela. Ao voltar para a mesa, explicou o que tinha acontecido. Enquanto ele lamentava a perda, saí para ver o que podia fazer. Descendo dois lances de escadas, entrei na lavanderia e depressa vesti um paletó sujo de garçom para não chamar a atenção. Então abri caminho entre as enormes máquinas de lavar e recuperei o relógio sob a claraboia. Hal ficou mudo quando voltei e larguei o relógio em cima da mesa à sua frente.

Dentro do banheiro do apartamento, RAPTOR improvisou uma iluminação prendendo a ponta de cobre retorcida de uma antena de televisão a uma lâmpada com a mão direita, usando a esquerda para enfiar a outra ponta do arame na tomada elétrica perto da pia. Saquei meu kit e rapidamente comecei a trabalhar.

“Já fiz isso centenas de vezes”, fui dizendo, enquanto aplicava os materiais especiais de disfarce que trouxera comigo. Metade da sua face, da linha do cabelo até o lábio superior, logo foi coberta por um material elástico que obscurecia sua visão e o obrigava a respirar pela boca.

Andrew me auxiliava preparando uma cola especial, agitando-a sob a água corrente da torneira; e Hal ficou sentado no sofá do quarto monitorando um rádio Motorola transmissor-receptor que ele mantinha grudado ao ouvido. O rádio conectava-o a uma equipe de funcionários da CIA que estava do lado de fora, tomando conta da rua. Não queríamos deixar nada ao sabor do acaso.

— Só mais alguns minutos — falei, testando o disfarce com as pontas dos

dedos. De repente, ouvimos uma batida na porta e todo mundo congelou.

RAPTOR tirou os fios da tomada e nós deixamos o banheiro. Passamos pela sala rumo à porta da frente. Sem conseguir enxergar por causa dos materiais do disfarce aplicados em seu rosto, RAPTOR foi forçado a tatear o caminho, enquanto eu o conduzia pela mão. Mostrei-lhe pelo tato onde estava a maçaneta, e ele, por sua vez, pôs a boca na abertura entre a porta e o batente.

— Quem está aí? — sussurrou, com a boca a apenas alguns centímetros da porta.

— Sou eu, tio — respondeu uma voz cochichada de menino.

Nós relaxamos. Um dos parentes de RAPTOR era dono de muitos apartamentos no prédio, e a voz era do filho do homem.

A criança perguntou se RAPTOR precisava de algo do bazar.

— Não — disse ele. — Venha me ver depois.

Escutamos os passos leves do garoto sumirem escada abaixo. Então retornamos ao banheiro, onde pude finalmente remover os materiais.

* * *

APÓS ESSE EPISÓDIO, RAPTOR foi transferido para um local seguro da CIA perto da embaixada dos Estados Unidos. Nós dois continuamos a nos encontrar várias vezes nos três dias seguintes, enquanto eu finalizava o disfarce. Tínhamos resolvido levá-lo pelo Aeroporto de Mehrabad, bem debaixo dos narizes dos guardas revolucionários. Era uma jogada arriscada, mas eu tinha confiança de que funcionaria. Eu transformara o coronel iraniano de meia-idade num empresário jordaniano de 65 anos, perfeito, com alguma calvície e um grumoso terno de lã. RAPTOR falava árabe decentemente e conseguia fingir um sotaque britânico ao falar inglês, o que o ajudaria a dar conta do disfarce.

No dia anterior à partida, a gente se reuniu com RAPTOR para um ensaio final de figurinos. Usando o disfarce, ele se sentou na sala de jantar folheando os surrados documentos de viagem que Andrew providenciara para ele. Quando levantou os olhos, um sorriso se espalhou pelo seu rosto, e eu percebi que ele

estava satisfeito com os nossos esforços. Para o olho não treinado, ele era a imagem escrita de um distinto vendedor árabe que viajava pelo Golfo havia décadas. Eu inclusive o orientara sobre como andar, falar e buscar os documentos para apresentá-los aos funcionários da imigração. Além disso, ele passara horas com Andrew repassando a documentação de seu personagem, os planos de viagem e antecedentes. Também memorizou os números de telefone de escritórios "afiliados" no Oriente Médio, que na verdade eram controlados pela CIA especialmente para confirmar suas referências, caso funcionários iranianos telefonassem.

Tudo parecia pronto. RAPTOR demonstrou ser um bom aluno e estava motivado. Todavia, eu estava preocupado. Naqueles dias, eu havia percebido que, periodicamente, ele mergulhava em uma depressão profunda.

Seu maior medo era ser pego e torturado. "Você não tem ideia do que fariam comigo", dizia. Em geral, eu atribuiria esse tipo de conversa aos nervos à flor da pele, mas, quando ele perguntou se poderia levar uma cápsula de cianureto, fiquei genuinamente preocupado.

— Não tenho certeza de que ele vá conseguir dar conta disso tudo — falei a Hal na véspera da exfiltração.

— O que você tem em mente? — indagou ele.

— Vou acordá-lo de manhã cedo e fazer a minha avaliação final — respondi. — Se eu achar que ele não consegue fazer isso sozinho, vou pessoalmente fazê-lo passar pelos controles.

Isso ia muito além das ordens da central, mas eu não via outra saída.

No dia seguinte, meus temores se confirmaram quando fui acordar RAPTOR, agora conhecido como "Sr. Kassim", às três da manhã, apenas para me deparar com um caco de homem de palidez esverdeada e um olhar assustado. Estava claro que ele não tinha dormido nada, e por certo não estava em condições de tentar passar pela segurança sozinho.

Enquanto Andrew preparava um leve desjejum para RAPTOR, chamei Hal num canto. "Vou levá-lo ao aeroporto", eu disse. Hal parecia ter previsto que aquilo aconteceria, e assentiu. "Vou na frente com Andrew verificar o terminal uma última vez e então confirmar o voo", acrescentei. Sem dúvida, a central

acharia que eu estava assumindo um risco desnecessário, mas eu não estava a fim de ser questionado por alguém num escritório a milhares de quilômetros. Nós éramos os responsáveis operacionais em cena e ninguém sabia melhor do que nós o que era preciso.

As ruas de Teerã antes do alvorecer estavam calmas e sinistras quando Andrew e eu nos dirigimos para o Aeroporto de Mehrabad. Palavras de ordem e cartazes antiamericanos cobriam cada muro da cidade deserta, dando-nos uma sensação quase avassaladora de que o sucesso só seria obtido se, de alguma forma, conseguíssemos superar o país inteiro. Passando sob um arco decorado, paramos o carro perto do terminal principal, uma construção tosca em concreto aparente, bem na hora marcada.

Esperei Andrew estacionar o carro e fizemos uma rápida verificação do terminal, que estava vazio, com exceção de alguns *komiteh* estirados em bancos e um grupo de funcionários temporários da revolução junto aos balcões tomando chá. Ninguém pareceu se incomodar quando fomos até o balcão de *check-in* da Swissair para confirmar se o voo estava no horário.

Andrew, então, passou pelo controle de passaportes, enquanto eu saía para esperar por Hal e RAPTOR. Como Andrew sempre tinha usado disfarce nos encontros com RAPTOR, o plano era usá-lo como nosso "identificador" no aeroporto. Isso queria dizer que sua função seria fazer uma ligação de um telefone público no saguão de embarque passando um sinal de "vai" ou "não vai", dependendo de RAPTOR ter conseguido pegar o voo ou não. A essa altura, Andrew embarcaria no avião, se apresentaria a RAPTOR e seguiria para escoltá-lo para a liberdade.

Esperei do lado de fora e resolvi dar uma volta para não despertar suspeitas. Ainda estava escuro, e me dirigi para o lado oposto do estacionamento para assistir ao nascer do sol. Isso também me ajudou a acalmar os nervos. Na hora que voltei ao terminal, táxis e vans começavam a chegar, descarregando seus passageiros. Identifiquei RAPTOR e Hal saindo de um táxi e me aproximei com ar de indiferença. Apertei a mão de RAPTOR e abri um sorriso caloroso, na esperança de que o gesto ajudasse a fazê-lo se sentir à vontade. Sua mão estava fria e úmida, e o aperto, sem vida. Ele deu um sorriso forçado por trás do

disfarce. Olhou para mim como um homem a caminho do cadafalso, e eu comecei a me preocupar que ele cedesse ainda antes do *check-in*. Agarrei sua sacola e disse adeus a Hal, cuja função seria retornar ao local seguro e aguardar o telefonema de Andrew.

Entramos no terminal e nos aproximamos da alfândega, e fiquei satisfeito em ver que o disfarce de RAPTOR não levantava a mínima suspeita entre os amadorísticos fiscais aduaneiros nomeados pela revolução, que haviam recebido instruções de ficar de olho em iranianos ricos que tentassem contrabandear bens para fora do país.

Depois de passar pelo balcão de *check-in*, fiquei com RAPTOR até chegar ao controle de passaportes, onde o funcionário da Guarda Revolucionária carimbou seu passaporte e o devolveu. Era hora da despedida, mas, quando voltei a apertar sua mão, senti que havia algo errado. O olhar assustado retornara a seu semblante, e, em vez de ir embora, resolvi permanecer no aeroporto até a partida do voo.

Estava sentado na área de espera vinte minutos depois quando vislumbrei Andrew pela divisória de vidro. Ele estava claramente agitado por algum motivo e fez sinal para que eu me aproximasse. Explicou que o voo da Swissair fora chamado, mas que não havia sinal de RAPTOR em lugar nenhum.

— Eu o vi entrar na sala de embarque — disse Andrew —, mas depois ele desapareceu.

Minha cabeça ficou a mil. Onde ele poderia estar? Eu disse a Andrew para voltar e embarcar; aí, retornei ao balcão da Swissair. Expliquei ao agente que estava com um sério problema:

— Meu tio está embarcando no voo de vocês para Zurique, mas receio ter me esquecido de entregar a ele seu remédio para o coração. Será que seria possível você me acompanhar pelo controle de imigração para me assegurar de que ele saiba como tomar? Sabe, ele é um homem muito velho.

O atendente da Swissair assentiu com um ar solidário e rapidamente passou comigo pela segurança e me acompanhou até a sala de embarque, onde me deixou sozinho.

Passei os olhos pelo amplo salão, procurando algum sinal de RAPTOR. Ele

devia estar em algum lugar. Meus olhos pousaram na porta do banheiro masculino.

Meus sapatos ecoaram no piso ladrilhado quando entrei. O banheiro parecia vazio, mas notei que a porta de uma das cabines estava fechada. Fui até lá.

— Sr. Kassim? — sussurrei.

Uma fresta da porta se abriu e vi um olho ansioso me fitando.

— Venha, Sr. Kassim. Vai perder seu voo.

A porta se abriu mais um pouco e pude perceber que RAPTOR estava chocado por me ver — os dois olhos arregalados como se ele fosse um animal assustado.

— Como você entrou aqui? — gaguejou.

Sem responder, eu o agarrei pelo cotovelo e o empurrei para fora do banheiro. Enquanto caminhávamos apressados pela sala de embarque rumo ao portão, alguns guardas revolucionários nos lançaram olhares oblíquos, mas de modo geral pareceram não se importar. RAPTOR ficara paralisado de pavor, mas a minha súbita aparição o sacudiu de volta.

Cinco minutos depois, fiquei sabendo pelo atendente da Swissair que o voo estava a caminho de Zurique, e cabia a mim telefonar para Hal e informá-lo de que RAPTOR acabara de partir. Naquela tarde, recebemos um telegrama de Andrew dizendo que RAPTOR estava a salvo. E também contava uma história engraçada: enquanto voavam, RAPTOR removeu sua verruga falsa e a deu a Andrew como suvenir.

* * *

A OPERAÇÃO RAPTOR ESTAVA na minha cabeça enquanto eu me dirigia ao Departamento de Estado para descobrir a situação do plano de exfiltração para os hóspedes. O memorando do Departamento de Estado dizia que eles planejavam assumir o comando, mas eu estava preocupado com a capacidade deles de se saírem bem. Sabia que havia vários desafios nesse caso que podiam não parecer importantes aos não iniciados. Infiltrar e exfiltrar gente, para áreas

hostis e para fora delas, é uma das tarefas mais perigosas no ramo da espionagem. É, também, uma das constantes preocupações do EST, que realiza esse tipo de operação desde os tempos do OSS. A "autenticação" de responsáveis de operações e seus agentes, fornecendo-lhes disfarce e documentos pessoais, históricos falsos e dados de apoio, "parafernália de bolso" e assim por diante, é um dos elementos fundamentais em qualquer operação clandestina. No EST, peritos em disfarce e documentação pessoal, artistas gráficos e outros especialistas passam centenas de horas preparando material, elaborando histórias e coordenando o plano. Se valiosos recursos humanos não podem mais permanecer onde estão, a política oficial da CIA é retirá-los da situação de risco.

Em se tratando dos hóspedes, eu compreendia que a operação seria um osso duro de roer. RAPTOR havia sido um agente altamente treinado e ainda assim vacilara sob pressão. Com os seis americanos estávamos lidando basicamente com amadores despreparados, escondidos numa cidade que fervilhava de ódio aos ocidentais. Seriam necessários todos os nossos recursos para resolver essa situação.

O edifício do Departamento de Estado na Rua 23 com a Rua C no centro de Washington, D.C., é imenso. Estava localizado bem em frente aos nossos escritórios de Foggy Bottom, de fato tão perto que às vezes almoçávamos na imensa cafeteria deles.

A arquitetura da sede do Departamento de Estado, tanto interna como externa, fora projetada para ser moderna e elegante, mas rapidamente perdera o viço, transformando-se numa série de retângulos insossos sem nenhuma personalidade.

Teríamos uma reunião com uma subsecretária de Estado, uma mulher respeitada, com bastante autoridade. Ela ocupava uma sala espaçosa no sétimo andar. Presentes à reunião, além de um jovem encarregado de documentos e eu mesmo, estavam dois de seus assistentes, um membro da equipe de cobertura da CIA e um supervisor da CIA da Divisão do Oriente Próximo, que achou que ia dirigir a reunião. Ele começou descrevendo como planejaria e executaria a exfiltração dos seis diplomatas do Departamento de Estado.

A subsecretária o colocou imediatamente em seu lugar:

— Desculpe — disse ela —, mas ainda não delegamos a responsabilidade a vocês. Entendemos que estão aqui para nos assessorar, e não para assumir o comando. Eu lhe asseguro que, por serem nossos diplomatas, o departamento tem a maior preocupação de como devemos nos comportar para efetivar seu resgate.

Nosso homem sentou-se, e um dos assessores tomou a palavra. Descreveu o que eles julgavam que seria a maneira de montar e efetuar uma operação dessas. Pareciam preferir um plano que trouxesse os seis aos poucos, realizando três ou mais operações paralelas, sem sair necessariamente pelo Aeroporto de Mehrabad em Teerã. Nesse ponto, eu interrompi.

— Desculpe — comecei —, mas a minha experiência me diz que, quando estamos dirigindo uma operação complexa para mais de uma ou duas pessoas, é melhor consolidar o risco, botar todo mundo junto sob uma cobertura apropriada e pegar a saída mais curta e rápida possível. É um dos princípios da guerrilha: escolher o lugar e a hora para a ação e confundir seus sentidos.

Olhei ao redor e percebi que tinha capturado a atenção de todos.

— Exfiltrações são como abortos — prossegui. — Não são necessárias a menos que alguma coisa esteja errada. Se vocês estão precisando de uma, não tentem fazer sozinhos. Nós podemos lhes dar um trabalho limpo, bem-feito.

A subsecretária olhou para mim com espanto, obviamente horrorizada. Então, com um sorriso irônico, falou:

— Bem, o senhor certamente tem talento com as palavras, Sr. Mendez. Talvez possamos levar isso adiante, e com sua ajuda, afinal de contas.

* * *

EU TIVE MINHAS PRIMEIRAS experiências com exfiltrações no começo dos anos 1970. Na época, os soviéticos espalhavam sua influência pelo Terceiro Mundo, e, como resultado, estávamos tendo mais e mais "visitantes inesperados". Um visitante inesperado é exatamente isto: um desertor que aparece sem mais nem menos na embaixada dos Estados Unidos, ou dá um jeito de chegar a uma

representação oficial, para em seguida pedir asilo, ou compartilhar alguma informação valiosa. Qualquer bom supervisor precisa saber como lidar com a situação, pois costumam ser o arroz com feijão no ramo da espionagem. Ferre com um visitante inesperado e você já era — simples assim.

Tantos funcionários soviéticos desapareceram durante esse período sem deixar vestígios que a KGB achou que nós devíamos estar sequestrando-os. Em retaliação, foi até aventada nos escalões mais altos da KGB a criação de um programa de sequestro de funcionários americanos, mas Yuri Andropov, o chefe da KGB, acabou vetando a ideia.

Minha primeira exfiltração envolveu um funcionário de alto nível da KGB de codinome NESTOR, lotado na embaixada soviética numa capital densamente povoada do subcontinente asiático. Na época, eu estava em Okinawa, dirigindo a equipe de 25 homens do setor gráfico, quando chegou uma mensagem classificada como IMEDIATA pedindo um artista-autenticador. O telegrama fora enviado por um funcionário da CIA que chamarei de "Jacob Jordan". Ele e eu trabalhamos juntos pela primeira vez numa missão em Hong Kong em 1968, quando me pediram que ajudasse a forjar os documentos de viagem para um figurão chinês.

Jacob, um veterano do setor de disfarces e documentação do EST para a Ásia, já era uma lenda quando comecei a trabalhar com ele. Apesar de ser do Meio-Oeste, Jacob tinha aparência e comportamento mais condizentes com butiques finas do que com lojas de departamentos. Usava calçados feitos sob medida e ternos caros e, sob todos os aspectos, tinha o ar de um cavalheiro britânico. Durante todo o tempo que passei com ele, jamais o vi perder a compostura. Linguista prendado, falava fluentemente mandarim, coreano e japonês. Depois de entrar para a Divisão de Serviços Técnicos da CIA (precursora do EST), Jacob foi enviado para Xangai, em 1949. Na época em que a China caiu nas mãos do Exército Vermelho comunista, ele era considerado o maior especialista americano da região.

Menos de 24 horas depois de receber o telegrama de Jacob, eu me vi, junto com um agente de documentos, "David", enfiado numa minúscula sala, que parecia um cofre-forte, num porto marítimo no Sudeste Asiático. Entráramos no

país por via aérea, bancando os turistas, e depois de nos registrarmos num hotel fomos apanhados num lugar previamente combinado por um funcionário local da CIA, "Mac", e levados por um emaranhado de vielas para essa locação segura. O lugar ficava num prédio de escritórios comerciais que serviam de fachada para contatos extraoficiais. O prédio se situava no meio de um mar de prédios parecidos, então não foi difícil nos misturarmos à infinidade de empresários britânicos e americanos que faziam seus negócios nesse movimentado porto.

Uma vez dentro da sala, Mac nos apresentou a mais dois funcionários locais da CIA, "Raymond" e "Jane", que vinham trabalhando dia e noite nos últimos dias.

Nossa presença ali havia sido consequência de uma ação deflagrada doze dias antes, quando NESTOR saiu da embaixada soviética e contatou um funcionário local da CIA dizendo-lhe que queria desertar. Depois de confirmar a identidade de NESTOR, o agente da CIA lhe dera instruções de como se manter em contato e prometeu ajudar a organizar sua fuga. NESTOR, nesse meio-tempo, mergulhou na clandestinidade durante vários dias antes de chegar ao lugar marcado, onde Jacob estava à sua espera.

Se pudéssemos tirá-lo do país, NESTOR seria uma grande aquisição. Ele não era apenas um funcionário do Primeiro Diretório da KGB, setor responsável pela espionagem no exterior, mas também fazia parte de um grupo que a CIA tinha apelidado de "KGB Júnior". Sob falsa identidade, NESTOR passara vários anos frequentando escolas na Inglaterra e nos Estados Unidos, posando de filho de funcionários soviéticos legitimamente lotados no país — de modo que falava inglês fluente, com sotaque tanto britânico quanto americano. Depois disso, frequentara diversos institutos da KGB como preparação para assumir postos na Ásia. Como resultado, ele não só podia fornecer informações valiosas sobre as operações da KGB na Ásia Central e Meridional como trazia o bônus adicional de poder ajudar a identificar outros "juniores" que estivessem sendo treinados no estrangeiro.

Como era de se esperar, o desaparecimento de NESTOR desencadeou uma avalanche de atividades por parte da KGB e do Setor Especial local. A vigilância em torno das embaixadas ocidentais e nas fronteiras aumentou drasticamente,

enquanto a KGB e o Setor Especial inundavam de agentes o aeroporto, rodoviárias e estações de trem. Além disso, jornais por todo o país divulgavam notícias sobre um adido soviético desaparecido, incluindo uma boa foto de NESTOR para ajudar qualquer um a identificá-lo. Graças a seu treinamento feito em Moscou, NESTOR evitara ser seguido raspando a cabeça e se disfarçando como um dos moradores locais. Mas, para fazê-lo passar pela densa rede de segurança lançada contra nós, teríamos de fazer o nosso melhor.

Nossa maior preocupação eram os controles de segurança no aeroporto. Com uma caçada humana em andamento, as companhias aéreas solicitavam que todos os passageiros confirmassem seus voos pessoalmente antes de deixarem o país. De algum modo, tínhamos conseguido bolar um jeito de superar esse obstáculo final. Mas era preciso agir depressa. Tínhamos apenas três dias até a hora de efetivar a operação.

Quando se trata de exfiltrações, o leigo quase sempre pensa em "opções negras", geralmente envolvendo uma viagem noturna de helicóptero ou uma travessia desesperada de fronteira em compartimentos ocultos num carro e um espião americano passando uma boa conversa para se livrar do perigo. O problema inerente à maior parte dessas hipóteses é que, se qualquer coisa der errado, então não há chance de negativas plausíveis. Se o plano ruir por terra, a bandeira americana envolverá todo o carro ou helicóptero. Em certas situações, não há escolha — as únicas opções possíveis são essas e é preciso assumir os riscos.

Na maioria dos casos, porém, uma partida quase legal num voo comercial é o meio mais simples e eficaz de tirar uma pessoa valiosa do país. Jacob forneceria o disfarce para NESTOR, enquanto David e eu criaríamos dois conjuntos de documentos falsos para ele usar.

Quando me sentei para dar uma olhada no plano operacional para NESTOR, pude ver de imediato que, no quartel-general, não havia escassez de ideias sobre o que fazer. Raymond trouxera uma grossa pilha de mensagens, cada uma com uma opinião diferente. Parecia que todo mundo estava dando palpite, algo que eu viria a chamar de "efeito comitê".

Mais tarde, após alguns dias de suspense, Jacob chegou a uma decisão. Ele

vinha dormindo no esconderijo com NESTOR, instruindo-o para o disfarce, e conhecia a situação melhor do que ninguém. NESTOR estava ficando ansioso, e, enquanto Jacob lia os comunicados, sacudia a cabeça com espanto. "Tudo bem", disse Jacob ao concluir. "Eis o que nós vamos fazer." Ao ouvir Jacob apresentando sua ideia, percebi que estava aprendendo uma lição valiosa, uma lição que levaria comigo pelo resto da minha carreira: jamais subestime o homem em campo. Nesse caso, Jacob sabia que NESTOR falava alemão fluente e poderia facilmente incorporar um empresário alemão, que se danassem as restrições da central. Mais importante, como NESTOR começava a fraquejar, Jacob nos informou que o levaria ao aeroporto "de cabo a rabo", o que queria dizer que ele estaria fisicamente presente para intervir caso algo saísse errado. Era uma jogada arriscada, pois NESTOR poderia comprometer Jacob, mas, por outro lado, aquilo lhe permitiria resolver o problema da confirmação pessoal da reserva do voo. Era algo que Jacob poderia fazer no lugar do fugitivo.

Uma vez escolhida a cobertura, Jacob começou a trabalhar no disfarce de NESTOR, transformando o russo baixo e atarracado num distinto empresário alemão. Usando uma câmera que eu havia providenciado, bateu algumas fotos em várias poses e diferentes jogos de luz, permitindo a David e a mim montar todo um complemento de documentos falsos que dariam a impressão de um homem em diferentes fases da vida.

Na noite da exfiltração, minha função era ficar de vigia no terraço da sala de embarque, para ver se Jacob e NESTOR haviam conseguido chegar ao avião. Tínhamos escolhido o voo da TWA, que deveria partir à uma da manhã. Porém, o voo sofreu uma hora de atraso, e quando ele finalmente chegou a "fumerda" — um espesso nevoeiro que enlaça o chão composto de partes iguais de fumaça e merda queimando — estava tão densa que eu mal podia distinguir as silhuetas dos passageiros que caminhavam pela pista. Quando não vi Jacob e NESTOR entre aqueles que embarcavam, fiquei nervoso. Mais tarde, soube que tudo lá dentro correra de acordo com o planejado até NESTOR chegar ao balcão da alfândega, onde um funcionário de turbante imediatamente pegou seu passaporte e desapareceu numa salinha. Alguns minutos depois, o funcionário ressurgiu acompanhado de um europeu que era na verdade um dos colegas de

KGB de NESTOR. Os dois se encararam por longos segundos antes de NESTOR, mergulhado no personagem, acender um charuto cubano que Jacob lhe dera e soltar uma grossa baforada de fumaça na direção do funcionário da KGB. O homem continuou a estudar NESTOR, mas por fim acenou para que ele passasse. O charuto foi o detalhe final que enganou seu ex-colega.

Alguns minutos depois, finalmente pude ver Jacob e NESTOR embarcarem no avião junto com os últimos passageiros.

Quando conseguiram decolar para Atenas, um pouco antes das três da manhã, ocorreu-me ligar para Raymond para lhe contar que a operação fora um sucesso. Enquanto revirava os bolsos em busca de uma moeda no telefone público, meu corpo cedeu diante de toda a tensão dos três últimos dias. De repente, tive um ataque de pânico de o telefone não funcionar, algo que me assombraria por muitos anos. Mas, após discar o número, ouvi o toque e o inconfundível clique quando Raymond atendeu do outro lado. Conforme nosso código pré-combinado, informei que NESTOR saíra perguntando: "Suzy está aí?"

Fazendo o jogo, Raymond berrou: "Não!", e bateu o telefone na minha cara.

Quando finalmente consegui voltar ao hotel, estava exausto, mas não pude dormir, pois caíra a ficha em relação à gravidade do que acabávamos de realizar. Não só tínhamos efetuado uma das mais importantes exfiltrações da história da Agência, mas, na minha cabeça, também havíamos estabelecido uma espécie de arcabouço pelo qual todas as outras exfiltrações se guiariam.

* * *

TODA AGÊNCIA DE INTELIGÊNCIA é, em última instância, julgada por seu sucesso no resgate de pessoas e pela habilidade de retirá-las de situações de perigo, o que constitui, em essência, uma exfiltração. A chave para fazer isso é a prontidão, e, na esteira de NESTOR, a CIA começou a procurar meios de poder melhorar nossos recursos. Uma das principais lições que aprendi foi que, em se tratando de exfiltrações, quase 90% dos problemas são questões de logística —

simplesmente assegurar-se de que cada coisa esteja em seu lugar. Prever cada um dos problemas logísticos pode de fato significar a diferença entre sucesso e fracasso. A necessidade de prontidão já fora ressaltada numa operação anterior envolvendo a filha de Stalin, Svetlana, que decidira desertar durante uma viagem à Índia em 1967. Ela foi casada com um indiano e, quando ele morreu, Svetlana viajou para aquele país levando suas cinzas. Normalmente, solicitava-se aos cidadãos soviéticos que deixassem os passaportes na embaixada local durante suas estadas no estrangeiro. Mas ela convenceu o funcionário russo de que partiria cedo, na manhã seguinte, e pediu para ficar com o documento para ir embora sem ter de esperar. Assim que recebeu o passaporte, de forma parecida ao que aconteceu com NESTOR, Svetlana deixou a embaixada soviética e entrou direto na nossa. Isso foi à meia-noite, e o supervisor responsável mandou imediatamente um telegrama a Washington pedindo orientação. A resposta da central foi algo do tipo "se Stalin tivesse tido uma filha, ela jamais teria se casado com um indiano". A decisão cabia ao supervisor. Ali estava uma visitante inesperada que poderia definir o resto de sua carreira. Se fosse realmente a filha de Stalin, então pela manhã a embaixada estaria cercada e haveria pouca chance de tirá-la dali. Por sorte, ela havia trazido seus documentos, o que facilitava as coisas. Decidindo que não podia correr o risco, o agente a pôs dentro de um avião que a tirou do país nas primeiras horas da manhã, antes que uma busca decente pudesse ser organizada. Ela conseguiu chegar aos canais de refugiados na Europa. Como se viu depois, falava a verdade.

Essa operação, bem como a de NESTOR, nos ensinou que seria extremamente interessante para a Agência se pudéssemos preparar de antemão materiais que melhorassem a nossa prontidão. Começamos a montar sondagens e a estabelecer trajetos predeterminados para certas áreas. Um desses trajetos incluía a travessia de uma fronteira no dorso de um elefante.

Para enfrentar tal conceito de prontidão, pensei em um treinamento polivalente para um seleto grupo de agentes técnicos especializados em várias disciplinas, como disfarces e documentos. Hoje pode parecer óbvio, mas na época não era assim que se faziam as coisas. Apelidado de "programa generalista", a ideia era criar um corpo técnico capaz de fazer coisas que seriam

críticas em campo e que precisariam ser feitas com rapidez. Teoricamente, um agente poderia fazer o trabalho de dois especialistas. Além disso, acabaria sendo criado um novo cargo na central, conhecido como assistente especial de exfiltração, cuja função seria acompanhar todos os casos de exfiltração da CIA em andamento pelo mundo. Isso nos daria condições de arrebanhar recursos a qualquer momento. Quando o próximo caso de exfiltração ou de visitante inesperado ocorresse, nós estaríamos prontos.

1

REUNINDO A EQUIPE

Ao caminhar de volta para Foggy Bottom depois da nossa reunião com o Departamento de Estado, percebi que, como acontecera no caso NESTOR, não faltavam opiniões no que dizia respeito aos hóspedes. Na central, em Ottawa, e no Departamento de Estado, havia montes de palpites. Com os hóspedes assentados, porém, parecia que tínhamos algum tempo para pesar nossas opções. E aí, justamente quando eu pensava que era impossível que a situação ficasse mais complicada, soube que um jornalista canadense em Washington estava trabalhando no caso e em vias de torná-lo público.

Em meados de dezembro, a embaixada canadense em Washington, D.C., recebeu o telefonema de um jornalista pedindo para confirmar uma reportagem que ele estava escrevendo. Era verdade que a embaixada canadense em Teerã estava abrigando um grupo de diplomatas americanos fugitivos? O repórter era Jean Pelletier, correspondente em Washington do jornal *La Presse*, de Montreal. Ainda no começo da crise dos reféns, Pelletier começara a questionar por que o Departamento de Estado fazia tanta questão de manter tamanho sigilo em relação ao número de americanos que estavam trabalhando na embaixada no dia do ataque. A Casa Branca não havia sequer divulgado uma lista oficial de nomes nem discutido os detalhes, o que lhe parecia estranho. O jornalista se colocou no lugar deles: *Por quê?* Então lhe ocorreu — teriam alguns americanos conseguido escapar? Por meio de seus contatos no Departamento de Estado dos Estados Unidos, bem como na embaixada canadense em Washington, ele confirmou sua teoria. Para Pelletier, seria o furo jornalístico de sua vida, mas ele também tinha suas reservas. Se a história fosse publicada cedo demais, sabia que poderia causar mais mal do que bem. Na mesma tarde, suas suspeitas foram confirmadas quando ele recebeu uma ligação do embaixador canadense nos Estados Unidos,

Peter Towe, que lhe pediu para não publicar a matéria até que os americanos tivessem deixado o país.

Pelletier concordou, mas o fato de que a história começava a vazar deixou o governo canadense extremamente apreensivo. O que impediria outro jornalista, não tão solidário, de escrever uma matéria parecida? A última coisa de que o Canadá precisava era um escândalo internacional envolvendo sua embaixada em Teerã. O fato de seis americanos terem conseguido escapar poderia ser mal interpretado, convencendo os militantes de que eles tinham treinamento clandestino — mais uma "prova" de que eram espiões, e não diplomatas.

À medida que se espalhou pelos círculos diplomáticos canadenses a notícia de que um jornalista estava a par do segredo dos hóspedes, Ottawa começou a se agitar. Numa troca de mensagens, solicitaram ao embaixador Taylor que desse sugestões sobre possíveis opções para se retirar os seis do país. Como era uma embaixada pequena, ele costumava trocar ideias com Roger Lucy, que fora de extrema utilidade durante a evacuação dos cidadãos canadenses do Irã no ano anterior. A maioria dos canadenses estava instalada na região à beira do mar Cáspio. Por isso, Lucy pegou um motorista e saiu verificando as fronteiras com a Turquia e a Rússia, para ver se seria viável tentar levá-los por terra. Por fim, decidiram utilizar um campo de aviação nas proximidades para fazer a retirada por via aérea.

As diversas ideias ventiladas para a situação dos hóspedes variavam de transportá-los de carro até o Golfo Pérsico para tirá-los de navio a fazê-los percorrer rotas clandestinas para entrar na Turquia.[1] Taylor e Lucy sentiam que qualquer hipótese que incluísse percursos terrestres provavelmente não iria funcionar, pois aumentaria as chances de serem pegos se algo saísse errado.

Quando a ministra do Exterior canadense, Flora MacDonald, soube da notícia, ficou particularmente alarmada. Algo precisava ser feito em relação aos hóspedes, e depressa. Numa reunião de ministros do Exterior dos países da OTAN em Bruxelas, no dia 13 de dezembro, ela pôs o secretário de Estado americano, Cyrus Vance, contra a parede, expressando sua frustração ao afirmar que os Estados Unidos não estavam fazendo o suficiente. Então lhe contou sobre Pelletier e os danos que poderiam ocorrer se a história dos hóspedes viesse a

público. Foi seca e direta, dizendo-lhe que, se nada fosse feito em relação a eles, ela os despacharia de bicicleta e faria com que pedalassem até a fronteira turca.[2]

Informado por um colega sobre as várias catástrofes em andamento, compreendi que precisávamos agir rápido. Nos tumultos que antecederam a tomada da embaixada, bandos de *komiteh* haviam executado incontáveis membros do governo anterior, do xá, bem como quaisquer pessoas consideradas colaboradores. Na minha cabeça, eu tinha poucas dúvidas sobre o que aconteceria aos seis americanos caso fossem capturados. Espalhei que haveria uma reunião na minha sala. Sabia que cada membro da minha equipe estava dando duro em outros projetos e que aquilo que eu estava prestes a lhes contar só serviria para aumentar a sua sobrecarga de trabalho, mas eram todos profissionais e me dariam tudo que tinham, não importando quanto eu lhes pedisse.

* * *

OS ESCRITÓRIOS DO SETOR de autenticação ficavam no terceiro andar do Edifício Central em Foggy Bottom. Como chefe, eu tinha uma sala tipo suíte no meio do corredor principal do prédio. Passando pela entrada, encontrava-se uma espaçosa saleta, com uma mesa para a secretária, uma área de recepção e outra de registro, onde os membros do setor vinham enviar ou coletar a correspondência confidencial. Comunicados mais urgentes ou muito delicados eram entregues por portador.

Se você parasse na entrada dos escritórios do setor e olhasse para a esquerda, veria a porta para a sala do subchefe. Tim Small fora meu chefe no passado. Agora, era meu subordinado. Tim era mais velho, na casa dos cinquenta anos, um homem sério e austero do Leste Europeu, cujo escritório refletia perfeitamente sua personalidade. Não havia decoração pessoal. Tudo vivia em ordem: a escrivaninha arrumada, a caixa de entrada de correspondência vazia. Tim escrevia colocando pingo no "i" e traço no "t" antes de qualquer outra coisa. "Vale a pena conferir" era seu mantra. Na verdade, ele tinha razão. Todavia, nós

o chamávamos de "velho chato", um belo contraponto para alguns de nossos funcionários mais jovens.

Olhando para a direita, você veria a entrada para o meu escritório. Bem no meio, diante da minha mesa, havia uma placa com cerca de trinta centímetros de altura e quinze de largura onde se lia O TRABALHO FEDE. Nas paredes, algumas pinturas que havia terminado recentemente; eu fazia um verdadeiro rodízio de minhas obras de arte à medida que completava quadros novos e vendia os mais antigos.

As janelas altas atrás da minha secretária, Elaine Younger, davam para o pátio interno do complexo. Elaine tinha a voz de uma daquelas buzinas de nevoeiro, em parte devido a um longo histórico de tabagismo. Pessoas que telefonassem sem tê-la conhecido pessoalmente a chamavam de "senhor". Ela estivera no Corpo de Fuzileiros Navais na Segunda Guerra Mundial e era uma mulher objetiva. Datilografava com um cigarro pendurado na boca. Guardava a porta de nossos escritórios com absoluto vigor e era leal a mim, seu novo chefe, como era leal ao país, e que Deus tivesse pena de quem cruzasse nossos caminhos. Elaine estava ali muito antes de qualquer um de nós chegar, e permaneceria ali depois que muitos de nós tivessem partido. Estávamos apenas de passagem, no que lhe dizia respeito.

O grupo foi entrando na minha sala um por um. Além de Tim Small, havia Truman Smith, chefe de produção gráfica. Truman era um consumado burocrata-advogado guardião da área gráfica. Ele sabia como agradar seu chefe e como bombardear o moral de alguém. Alto, louro e com péssima postura, o cinquentão tinha o físico de um ex-jogador de futebol americano envelhecido: talvez um *lineman*, um jogador de linha de frente. Embora não fosse particularmente querido, era eficiente. "Prazos são conosco" poderia ser o seu lema. Ele e Tim Small tinham alcançado um equilíbrio cósmico de antipatia mútua. Se houvesse lugar para apenas um dos dois, o júri ainda não teria chegado a um veredito para decidir qual deles era o pior.

Depois entraram Joe Missouri e Dan Varga, dois jovens, brilhantes e enérgicos analistas de documentos.

Joe estava na CIA havia apenas uns dois anos. Era o exemplo perfeito de um

“jovem chato”, do tipo que contrabalançava a mente bitolada de Tim Small. Eu gostava de pôr o velho e o novo na mesma sala porque com certeza teriam visões diferentes do mesmo problema. Joe acabaria se tornando nosso homem no Canadá durante essa operação, mas não vou me antecipar.

Joe tinha apenas 24 anos. Era talentoso, e não apenas pelo conhecimento em idiomas, comum no setor de documentação, mas em criar fachadas de grande credibilidade. Era audacioso. Tinha também um senso de humor feroz que lhe servia, e a nós, muito bem. Penetrantes olhos castanho-escuros, uma compleição mediterrânea e estatura que não era excessivamente alta: Joe era um ótimo “infiltrado”.

Dan, por sua vez, vinha da porção analítica da CIA, o Vice-Diretório de Inteligência. Tinha um diploma de chinês avançado e era a imagem de um jovem professor: calvície incipiente, barba aparada, cabelo mais para longo, olhos com aros de plástico com cara de artigo produzido em série para o governo. Tinha grande senso de humor e era sagaz ao extremo. Eu estava ansioso para ver qual seria sua contribuição para essa empreitada.

A seguir, veio Doris Grange, nossa chefe de disfarces. Doris era uma mulher do tipo *mignon*, mas com uma postura que impedia que fosse desconsiderada quando estivesse falando. Sua aparência profissional combinava toques da moda com ares de executiva, e era uma das agentes mais capazes que tínhamos no setor — afinal, se tornara chefe de sua divisão. Doris era encantadora, mas ambiciosa. Era considerada um modelo por muitas de nossas funcionárias mais jovens. Mas, sob a fachada agressiva, havia afetividade e uma habilidade natural para ser uma mentora.

O último membro de nossa equipe era Jack Kerry, nosso Ph.D. em química. Jack era novo na CIA e no EST. Sua atribuição seria nos dar apoio nas exigências de pesquisa, desenvolvimento e engenharia que pudéssemos ter — por exemplo, fornecer uma peça de equipamento técnico ou construir alguma coisa necessária. Era uma alma gentil, muito inteligente, intelectualmente curioso e bastante dado a atividades ao ar livre. O cabelo prematuramente grisalho, que escasseava, e a barba esparsa ocultavam o fato de que ele tinha apenas 35 anos.

Fechei a porta depois que Jack entrou. Elaine nem ergueu os olhos; apenas

bateu a cinza do cigarro no cesto de papéis junto à sua mesa.

— Todo mundo se lembra do memorando do Departamento de Estado que recebemos algum tempo atrás? — indaguei. Todos assentiram. — Bem, parece que as coisas ficaram um bocado mais urgentes.

Expliquei a situação com Pelletier, o que capturou a atenção de todos.

— Ok — eu disse. — Vamos começar pelo básico.

Desde a epifania no meu ateliê, eu vinha, de modo informal, atribuindo aos membros da equipe tarefas preliminares para o planejamento da exfiltração, e chegara a hora de conferir os resultados. Nossa prioridade inicial seria estabelecer a rota pela qual poderíamos tirar os hóspedes do país. Sabíamos que a melhor opção sempre seria um voo comercial decolando do Aeroporto de Mehrabad.

Isso queria dizer que nossa maior preocupação seria como fazer com que os hóspedes passassem pelos draconianos controles de imigração do aeroporto. Os procedimentos nos aeroportos de cada país são diferentes, e a melhor maneira de compreendê-los é mandar alguém para sondar e coletar os dados. Os controles do Irã haviam sido estabelecidos pelo regime do xá, mas, graças à revolução, era impossível saber o que esperar. O protocolo poderia mudar de um dia para outro. Porém, em certo sentido, estávamos com sorte, pois já possuíamos uma ampla base de dados sobre os controles de imigração e alfândega no aeroporto graças à Operação RAPTOR, sete meses antes. Além disso, podíamos ampliar nossa base de informações continuando a apoiar a inserção de uma equipe avançada ou de nossas próprias "sondas". Em última análise, agentes da inteligência teriam de fazer uma verificação final no Irã e se reunir com os hóspedes para avaliar seu estado de espírito e sua capacidade de realizar a operação. A Divisão do Oriente Próximo, nesse meio-tempo, procuraria uma possível rota clandestina para tirá-los por terra, semelhante àquela que Ross Perot utilizara para resgatar dois de seus empregados um ano antes. Nessa fase, era importante não excluir nada e ter um plano B em caso de necessidade.

Depois de tratar desse assunto, voltamo-nos, então, para o problema da criação de fachadas, que representava um desafio singular. Tínhamos seis diplomatas americanos, homens e mulheres, com idades entre 25 e 54 anos. Pelo

que sabíamos, nenhum deles sabia falar uma língua estrangeira nem tinha qualquer treinamento clandestino. Para piorar a situação, pelo fato de trabalharem no consulado, que era intensamente frequentado por iranianos, desconfiávamos que seus rostos talvez fossem familiares e que poderiam estar numa lista de procurados.

— Ainda não sabemos o que vamos usar como documentos ou qual será a fachada, mas vamos ter de achar algumas dessas respostas bem depressa — eu disse. — Vou precisar interagir com a Divisão do Oriente Próximo/Irã e mantê-los informados de tudo que fizermos.

Virei-me para Dan e Joe:

— E vocês, o que acham, rapazes? O que têm em mãos?

Seria função do setor de documentação fabricar para os hóspedes uma história realista que acompanhasse seus documentos falsos. Por esse motivo, eles sempre mantinham um estoque de identidades nas prateleiras, prontas para serem usadas a qualquer momento. Mas, dependendo da situação, existiam apenas algumas poucas nacionalidades que poderiam funcionar a qualquer momento, e, até começarem a inventar países novos, tínhamos que tomar muito cuidado para não as desperdiçar.

Era uma questão que já havia merecido atenção quando os militantes na embaixada descobriram dois documentos emitidos para dois agentes da CIA capturados na embaixada. Ambos haviam sido alterados para corresponder aos de potências ocidentais amigas, o que quase criou um escândalo diplomático. O ministro da Defesa de um dos países em questão estava, por acaso, em visita a Langley quando a notícia veio à tona e perguntou diretamente quantos documentos daquele tipo a CIA fabricara. "Apenas aquele", disseram-lhe. "Até parece", o ministro resmungou. Como consequência, tínhamos de ser incrivelmente seletivos com os tipos de documentos que usaríamos.

— Que tal um dos países nórdicos? — respondeu Dan.

— Tudo bem — eu disse. — O que seis pessoas do norte da Europa estão fazendo em Teerã?

Joe se meteu:

— Precisam ser todos do mesmo lugar? Poderíamos dar a cada um

documentos de viagem de um país diferente e aí botá-los em fila no aeroporto como se simplesmente tivessem chegado todos juntos.

— O verdadeiro problema — falei — é que ninguém na central acredita que essa gente vai ser capaz de assumir uma identidade estrangeira. Eles nem mesmo têm certeza de que seriam capazes de usar passaportes americanos falsos.

Num telefonema anterior para Hal, que, após a Operação RAPTOR, fora promovido a chefe da Divisão do Oriente Próximo para o Irã, discutimos a possibilidade de os hóspedes usarem documentos estrangeiros como fachada. Uma vez que nenhum deles recebera treinamento básico nas manhas necessárias para assumir uma falsa identidade estrangeira, eu duvidava que pudesse funcionar. "Além disso", ele dissera, "quase todo mundo no Irã fala uma língua estrangeira, e não podemos correr o risco de eles darem de cara com alguém que possa questionar sua língua 'nativa'".

— O que diz o Departamento de Estado? — perguntou Tim.

— A ideia deles é que sejam professores americanos desempregados que foram ao Irã em busca de trabalho — respondi. — Eles poderiam nos dar qualquer documentação de que precisássemos, mas isso ainda faria deles cidadãos americanos, o que para mim não parece ser a melhor ideia.

— Que tal passaportes canadenses? — perguntou Doris.

— É o que mais faria sentido, mas não sei se eles topariam. Eu gostaria de fazer essa pergunta quando estiver em Ottawa para ver a reação deles.

— Quando você vai? — Joe quis saber.

— Estou programando neste momento — respondi. — Quero ir para lá o mais rápido possível, e, se vamos lhes pedir documentos canadenses, temos que tê-los para ontem.

Eu já tinha decidido que seria função de Joe bolar uma história fictícia para os seis. Trabalhar com documentos não fazia de Joe um falsificador. Os falsificadores eram os artistas que trabalhavam no "cercado", posição que eu mesmo ocupara nos primeiros tempos de carreira. O pessoal da documentação estava encarregado da manutenção desses documentos de viagem e de compreender a fiscalização que se aplicavam a eles. Muitas vezes, esses agentes faziam viagens para se atualizar e saber que tipos de documentos seriam

necessários para alguém assumir determinada fachada.

— Joe, quero você comigo. Isso pode não ser legal, e pode ser que neguem, mas, se aceitarem, quero estar pronto para ir em frente.

— O que precisamos levar? — Joe indagou. Àquela altura, ele já havia atravessado a rua para visitar o Departamento de Estado e requisitado fotografias de passaporte atualizadas dos seis hóspedes. Colheu, também, amostras atualizadas de suas caligrafias e lhes atribuíra antecipadamente nomes fictícios. Ele fizera todo esse trabalho sem saber que rumo iríamos tomar em relação aos documentos. *Sempre alerta* não é só o lema criado por Baden-Powell para os escoteiros. Era também o lema do agente da inteligência.

— Leve o que você tem — repliquei. — É possível que tenhamos que usar tudo.

Houve uma batida na porta. Levantei os olhos e vi Elaine introduzindo a cabeça no canto.

— Eles estão aqui — ela disse.

Quando viu a expressão intrigada no meu rosto, deu uma tragada no cigarro e soprou a fumaça no vestíbulo.

— O Comitê de Decoração de Natal da oficina de arte — ela explicou.

Olhei para ela sem falar nada.

— Vou apenas fechar a porta e eles podem fazer tudo sem criar problemas — disse Elaine, fechando a porta com uma leve pancada. Sacudi a cabeça.

Virei para Doris:

— Nesse meio-tempo, Doris, não sabemos ainda quais serão as exigências de disfarce, mas quero ter certeza de que você e todo o setor estejam prontos em caso de necessidade.

— Pode ter certeza — ela respondeu.

— Ok, isso acabou de virar a nossa prioridade mais alta. Então, botem as cabeças para funcionar e vejam o que conseguem bolar — ordenei.

HISTÓRIA DE COBERTURA

À medida que o final de dezembro se aproximava, a calma inicial dos hóspedes começou a se esvair. Passavam horas intermináveis tentando combater o tédio, bebendo demais, dormindo demais e fantasiando fugas. Depois de ler tantos romances de Le Carré, Schatz teve uma boa ideia de como poderia fugir. Em uma das situações que imaginou, ele usava "um traje nativo" para se misturar à população ao cruzar a pé a fronteira com o Paquistão. Em outra, pegava um carro que deixara escondido em algum lugar da cidade e guiava até a fronteira turca. Numa terceira fantasia, ele controlava uma pequena lancha que cruzava a toda velocidade o Golfo Pérsico, enquanto o caos do Irã desaparecia atrás de si num nevoeiro. Quanto mais lia, mais fantasiava.

Os outros também estavam ficando irrequietos. A essa altura, já tinham jogado tanto Scrabble que eram capazes de reconhecer as pecinhas pela textura da madeira no verso de cada uma. Depois de quase dois meses, começaram a se sentir esquecidos e a questionar se alguma coisa estava sendo feita para salvá-los.

Sua única fonte de notícias era a transmissão da BBC pela manhã. Mark criara o hábito de dormir tarde e geralmente perdia o programa, de modo que Anders lhe fazia um resumo. Numa tentativa de desviar a ira dirigida aos Estados Unidos, o xá, que estava com saúde suficiente para viajar, deixara o país em 15 de dezembro e fora para o Panamá. Os militantes, porém, pareceram não se importar. Na cabeça deles, eram os Estados Unidos que estavam por trás da manobra, não o Panamá. Para piorar as coisas, em 26 de dezembro os soviéticos invadiram o Afeganistão, o que só serviu para aumentar a tensão na área. Com o exército soviético combatendo às portas do Irã, as opções militares para um ataque ao Irã ficaram ainda mais limitadas. Numa estranha virada, a Casa Branca subitamente se viu na desconfortável posição de ter de fazer todo o possível para trazer os reféns para casa e ao mesmo tempo tentar conter a agressão soviética na

região. Sob muitos aspectos, a invasão do Afeganistão se tornou a faísca inicial que acabaria por levar Irã e Estados Unidos de volta para a mesa de negociações. No entanto, ninguém poderia prever isso. O Irã tinha passado por uma série de novos ministros do Exterior, cada um mais incompetente que o anterior. A vontade da Guarda Revolucionária não podia ser questionada por motivo nenhum, e qualquer um que fosse visto negociando com os Estados Unidos era rotulado de traidor. E, ainda por cima, os militantes na embaixada continuavam a estimular a histeria revolucionária arrastando a nação com sua retórica e exibições públicas de americanos vendados, todos eles mentirosos, todos eles espiões, todos eles prontos para destruir a revolução.

Não é de admirar, portanto, que, em 31 de dezembro, quando o secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, viajou ao Irã numa tentativa de mitigar a crise, ele quase tenha sido agredido no aeroporto por turbas iradas. Como se a humilhação não fosse suficiente, naquela mesma tarde ele foi recriminado pelo Conselho Revolucionário e, sem a menor cerimônia, mandado de volta para casa como um cachorro com o rabo entre as pernas. Alguns dias depois, ele se reuniria com funcionários da Casa Branca para relatar o ocorrido. Conforme escreveu o presidente Carter em *Keeping Faith* [Mantendo a fé], Waldheim tinha lágrimas nos olhos ao falar da visita e acreditava que "tinha sorte de estar vivo".[1]

O Natal ajudou a quebrar a monotonia dos hóspedes, ainda que por apenas alguns dias. Para entrar no espírito, Cora resolveu assar biscoitos de Natal. Os Sheardown tinham uma enorme bancada que logo ficou coberta por todos os tipos de biscoitos confeitados. Mark e Lee estavam ajudando a enfeitá-los quando, de repente, uma secretária iraniana da embaixada canadense apareceu na porta, e eles foram forçados a abandonar o trabalho. Obviamente, Taylor não havia informado sobre os hóspedes a nenhum dos funcionários iranianos. Quando a secretária entrou na cozinha, Zena precisou fingir que os biscoitos eram um de seus projetos. A secretária ficou impressionada, dizendo que sempre tivera curiosidade de saber o que Zena fazia enquanto estava em casa.

Uma noite, quando Roger Lucy transportava os hóspedes de volta da casa dos Taylor, Lee, Mark e Bob pararam do lado de fora da garagem. Havia nevado

recentemente, e eles não puderam resistir à vontade de pegar um pouco de neve nas mãos e jogar bolas de neve num poste de luz próximo. Riam como crianças até que lhes ocorreu o que poderia acontecer a eles se o poste fosse danificado. Sem dúvida, resultaria numa visita do *komiteh* local. Imediatamente pararam de fazer farra e entraram na casa.

Para o Natal, John dera um jeito de comprar um enorme peru numa fazenda nos arredores de Teerã, e todo mundo ofereceu sua contribuição. Lee assumiu o comando no preparo da ave, junto com um guarda de segurança da embaixada canadense que era ex-cozinheiro do exército. Bem ao estilo do programa de televisão *Galloping Gourmet* (em que o cozinheiro fazia as receitas tomando taças de vinho), eles começaram a beber cedo. O peru era tão grande que foi preciso duas pessoas para levar a assadeira ao forno, uma de cada lado. No final do processo, tiraram a ave do forno para ver se estava no ponto, e um deles tropeçou. O peru escorregou da assadeira e caiu no chão. Os dois se entreolharam, depois olharam a porta da cozinha, pegaram rapidamente tudo do chão e puseram de volta na assadeira. Quando acabaram de limpar, os dois *chefs* ergueram um brinde por terem salvado a refeição. Mais tarde, o embaixador Taylor trouxe os Stafford e todos se sentaram à mesa para saborear a ceia sem fazer a mínima ideia do que havia acontecido.

Como presentes, Schatz trouxe rosários de contas e tapetes de orações de Khomeini para todos. "Vou usar o meu como capacho na porta", ele disse. Outros sugeriram usar o tapete para treinar filhotes de cães. Numa tirada irônica, o governo iraniano dera aos Sheardown uma lata de caviar como presente de Natal, e todos a devoraram felizes. Olhando para trás, os hóspedes se recordam do Natal de 1979 com carinho, percebendo corretamente que tiveram uma sorte incrível por poderem celebrá-lo na casa dos Sheardown, e não aprisionados com seus colegas na embaixada dos Estados Unidos.

Os militantes haviam prometido aos reféns na embaixada que poderiam participar de algum tipo de comemoração de Natal, incluindo uma cerimônia religiosa e a possibilidade de se confessar. Em vez disso, ganharam uma farsa. Em grupos de três ou quatro, foram conduzidos a uma sala toda decorada. Havia uma árvore de Natal com luzes cintilantes no canto e mesas repletas de presentes,

alguns enviados por americanos, especialmente para elevar o ânimo dos reféns. Convidaram três clérigos americanos para estar presentes, e os prisioneiros foram filmados sentados em sofás cantando *Noite Feliz* acompanhados por um dos três ao piano.[2] É claro que, enquanto essa cena aparentemente inócua se desenrolava, uma fileira de militantes se mantinha atrás da câmera, girando pistolas e acariciando rifles. Antes de entrar na sala, os reféns foram avisados de que não tinham permissão de falar.

Reconhecendo o real significado daquela situação, muitos reféns se recusaram a falar com os religiosos, a quem consideravam traidores por ajudar os militantes. Alguns se aborreceram quando um deles, William Sloane Coffin, da Igreja Unida de Cristo, sugeriu que os americanos cantassem e dessem as mãos aos iranianos em sinal de solidariedade.[3] Para a maioria dos reféns, a cerimônia serviu apenas para lhes recordar aquilo de que mais sentiam falta: o lar. Um deles descreveu mais tarde esse momento como o instante em que chegou ao fundo do poço.

Ainda assim, algo positivo emergiu de toda a experiência: os clérigos conseguiram deixar claro para os reféns que as pessoas em casa se importavam com eles, e muito. Por todos os Estados Unidos, cerimônias especiais de Natal foram realizadas em homenagem aos reféns, enquanto nas escolas as crianças escreviam cartões e mandavam doces e biscoitos. Para a maioria dos reféns, que não tinham permissão de receber correspondência, foi a primeira vez que tomaram conhecimento de uma reação pública nos Estados Unidos. E sentiram-se reanimados por saber que havia uma nação inteira torcendo por eles e rezando para que voltassem para casa sãos e salvos.

* * *

NO COMEÇO DE JANEIRO, eu senti que estávamos prontos para viajar a Ottawa e apresentar o nosso caso aos canadenses. Antes de partir, porém, eu precisava ir ao quartel-general da Divisão do Oriente Próximo e conversar com eles. O subchefe, Eric Neff, estivera recentemente em Ottawa, e eu queria

descobrir a melhor maneira de agir com o governo canadense.

O escritório de Eric, no sexto andar do edifício-sede, era espaçoso para os padrões da central, com muita luz entrando por janelas altas com vista panorâmica para as copas das árvores. Eram as mesmas árvores que haviam levado Allen Dulles* a declarar que o complexo de Langley mais parecia um campus do que uma instalação governamental.

Como sempre, Eric estava vestido de forma excessivamente refinada, com uma gravata de bolinhas, abotoaduras francesas e botas feitas sob medida. Ele contrastava de forma radical com o resto da população masculina da CIA, que trajava paletós de *tweed* Harris, camisas sociais, gravatas estampadas e sapatos de couro com bicos redondos, quase como uniforme. Para Eric, o código de vestimenta era sempre formal. Os outros sujeitos da divisão muitas vezes reclamavam, comentando que se algum dia fossem convidados para jantar na casa de Eric seriam solicitados a calçar sapatos sociais de verniz. Eric e eu havíamos trabalhado juntos num projeto no sul da Ásia quando ele era chefe da CIA lá, e eu sentia admiração pelas suas habilidades. Também estavam na reunião Joe Missouri e Hal, o chefe da Divisão do Oriente Próximo para o Irã.

Assim que o caso dos hóspedes se tornou prioridade máxima, Eric viajara ao Canadá para fazer o contato inicial da CIA. Enquanto estava em Ottawa, ele conseguiu estabelecer um método de comunicação especial por meio do qual podíamos contatar Ken Taylor em Teerã via Ottawa. Era um canal muito eficaz e no mês seguinte se tornaria praticamente a nossa linha privativa compartimentada. Nos meus contatos com Ken Taylor, eu encontraria uma alma gêmea. Ele se saíra de forma admirável ao dar abrigo aos reféns e fora um valioso intermediário para o Departamento de Estado e os diplomatas presos no Ministério do Exterior. Parecia pegar as coisas com rapidez e tinha o talento de guardar segredos, qualidades que o tornariam um elemento valioso para nós em Teerã. Uma das primeiras coisas que fiz foi lhe perguntar quais seriam as opções de fachada para os hóspedes.

A essa altura, porém, a questão-chave era a documentação.

— Podemos pedir aos canadenses para usar seus passaportes? — indaguei a

Eric, indo direto ao ponto.

Ele disse, em tom ligeiramente defensivo, que já tinha tocado no assunto.

— Mas você pode falar de novo se quiser — prosseguiu.

Assenti com a cabeça e lhe contei que o faria. Indiquei Joe e mencionei que o levaria comigo, e em seguida apresentei o jovem agente a Eric e Hal. Joe estava vestido mais como um professor desleixado do que como um dos agentes de Eric em traje completo e pareceu hesitante, quase se desculpando, ao apertar sua mão.

O papel de Joe em Ottawa seria estabelecer a continuidade entre a CIA e os canadenses, essencialmente criando parcerias entre seus colegas do EST e os parceiros em Ottawa. Isso me deixaria livre para fazer negociações mais estratégicas com os canadenses, Teerã e o governo dos Estados Unidos. Lidar com o Departamento de Estado, com a Casa Branca e com a cúpula da CIA, trabalhando por intermédio de Eric, era uma tarefa intimidante. Em breve eu descobriria que a simplicidade com que o governo canadense operava era um sonho, em comparação.

Eric era autoritário por natureza. Ele não estava realmente seguro de como eu iria proceder, mas tentou de fato exercer alguns dos privilégios de seu cargo. Suas instruções eram um pouco empoladas, mas a intenção era boa. Por exemplo, ao responder à minha pergunta sobre os passaportes dizendo que já tinha tratado do assunto, ficou um pouco irritado quando avisei que voltaria a abordar o tema — quase como se eu tivesse pisado no seu pé. Eric estava tentando descobrir como conduzir a exfiltração, algo que nunca fizera antes, e se apresentar ao Canadá como um especialista. Ele era também o canal entre o presidente Carter e Stansfield Turner, diretor da CIA. Era como um tripé: o presidente, o diretor e os canadenses. A função de Eric era manter um equilíbrio delicado entre os políticos e os elementos clandestinos em campo. Eu não o invejava.

* * *

O CÉU DE INVERNO estava cinzento e havia vestígios de neve no solo quando

nosso avião pousou em Ottawa. A cidade em si me deu a sensação de ser um tanto maltratada, mas os prédios do Parlamento davam certo ar de elegância ao que era essencialmente uma cidade pequena.

Registramo-nos no Lord Elgin Hotel, um gótico e imponente aglomerado de pedras no meio de Ottawa, perto da maioria dos edifícios governamentais. Era decorado com fotos, quadros e arranjos cheios de tulipas, um contraste incongruente em meio à escuridão dos dias do inverno canadense.

Como se fosse necessário um lembrete de que a vida de um espião de verdade nada tinha a ver com o que vemos nos filmes, a bagagem de Joe fora extraviada pela companhia aérea. E, somente com a roupa do corpo, ele foi obrigado a pegar emprestado um de meus suéteres de esqui, que vestiria durante os dez dias em que permaneceu na capital do Canadá. Por estranho que pareça, não seria a única peça de roupa que eu viria a perder nessa operação.

No dia seguinte, Joe e eu nos dirigimos à embaixada dos Estados Unidos para nossa primeira reunião com os integrantes da sucursal canadense da CIA. O chefe da Agência em Ottawa, um homem alto, magro e de meia-idade, repassou animado as reuniões que nos havia preparado para esse dia.

Na primeira delas, mais tarde nessa mesma manhã, Joe e eu fomos direto ao ponto. Sentamo-nos diante de um homem de meia-idade mirrado, mas vestido de forma impecável. Vou chamá-lo de "Lon Delgado". Ele juntou as mãos e me olhou direto nos olhos.

— O que posso fazer por vocês? — indagou.

— Estamos aqui, em primeiro lugar, para lhe agradecer por tudo que o Canadá tem feito pelos Estados Unidos neste caso — respondi. — Em segundo lugar, como pode imaginar, estamos aqui de chapéu na mão, pedindo mais favores. E pedimos desculpas por isso. Sentimo-nos afortunados por nossas relações, governo a governo, serem tão benéficas.

Fiz uma pausa, medindo as palavras.

— Na sua opinião, quais seriam nossas chances de obter permissão para usarmos passaportes canadenses para fornecer uma fachada aos nossos seis diplomatas? — Pronto, estava dito. A coisa que mais queríamos e que julgávamos que seria a mais difícil de negociar. Eu me dei conta de que estávamos pedindo

aos canadenses que abrissem uma exceção à sua própria lei de passaportes. Minha pesquisa revelara que a única maneira de fazer isso seria com uma permissão especial do Parlamento.

O Sr. Delgado abriu uma pasta à sua frente e retirou um pedaço de papel com um grande lacre vermelho. Pôs a folha de lado e suavizou seu comportamento ao responder:

— Acho que já fizemos isso — ele disse.

Ficamos estarrecidos. Tentei imaginar o que seria para o representante de um governo estrangeiro vir a Washington e pedir ao Congresso dos Estados Unidos que abrisse uma exceção à nossa própria lei de passaportes. Não se tratava de um assunto sem importância.

O que eu não sabia era que os canadenses vinham trabalhando no problema dos passaportes havia algum tempo. Desde o dia em que os hóspedes passaram a seus cuidados, creio que os canadenses perceberam a lógica de deixá-los usar documentação de seu país. Posteriormente, eu viria a descobrir que a autorização fora aprovada durante uma sessão ordinária do Parlamento, quando Flora MacDonald, trabalhando em consonância com o primeiro-ministro Joe Clark, havia manipulado a questão de tal modo que esta pudera passar sem discussão. Isso ocorreu porque, para começar, apenas poucos ministros sabiam de alguma coisa sobre os hóspedes, e o sigilo era de suma importância.

A essa altura, decidi forçar a nossa sorte e perguntar a Delgado se podíamos ter seis de reserva para os seis hóspedes, como uma margem de manobra para a operação, bem como dois passaportes adicionais para uso dos "acompanhantes" da CIA. Lon concordou em arranjar os documentos extras para os hóspedes, mas rejeitou nosso último pedido. A exceção à lei valia para os refugiados, e não para agentes da inteligência.

— Sinto muito — ele disse —, mas você vai ter que se virar com os seus.

Há um entendimento entre as agências de que não existe algo como um serviço de inteligência "amistoso". Nesse momento da história, o Canadá nem admitia ter um serviço secreto. Porém aquele homem estava provavelmente muito perto de incorporar tais atribuições. E a sensação com certeza era amistosa. O Sr. Delgado prosseguiu:

— Você tem uma lista de nomes a serem usados para os passaportes? — ele perguntou. — Além disso, também vamos precisar de fotografias.

Sem hesitar, Joe abriu sua maleta e retirou um envelope onde se encontrava a lista de nomes que já tinha sido preparada para as identidades falsas dos seis. Acompanhando cada nome havia uma fotografia própria para passaporte. Ao longo da margem vertical de cada foto, havíamos forjado os nomes falsos na caligrafia de cada um dos seis hóspedes. Era assim que deveriam constar nos passaportes canadenses.

O Sr. Delgado deu uma rápida olhada no material. Comentou que as fotos pareciam boas, mas que um dos nomes que havíamos escolhido tinha uma sonoridade ligeiramente semítica — o que não era uma boa ideia num país muçulmano. Achou que deveríamos corrigir isso, e Joe sugeriu um novo nome. Delgado aquiesceu com um meneio afirmativo e Joe tirou outra foto limpa de Kathy Stafford, estendendo-a a mim.

— Você é o artista-autenticador, Tony — disse ele.

Usando uma técnica que eu aprendera nos meus primeiros dias do "cercado", posicionei a foto no canto da mesa de Delgado e assinei o novo nome de Kathy na sua caligrafia.

* * *

JOE E EU SAÍMOS da reunião animados. A primeira fase do nosso plano estava dando certo com muito menos esforço do que imagináramos. Tínhamos a promessa de seis passaportes canadenses para os nossos cidadãos, além de um jogo de duplicatas, o que nos daria uma opção para um plano B se fosse necessário.

Depois de um intervalo para o almoço no Lord Elgin, fomos apanhados por um carro oficial e levados para o Ministério da Defesa.

Antes de seguir para o Canadá, soubemos que o embaixador Taylor estava enxugando o pessoal de sua representação, o que poderia nos ajudar na hora de obter as informações de que necessitávamos. De especial interesse para nós era a

polícia militar que trabalhava lá. Muitos dos policiais militares eram bastante viajados e tinham familiaridade com os procedimentos de fronteira por todo o mundo. Queríamos montar um sistema para que, caso mais algum deles entrasse ou saísse do país pelo Aeroporto de Mehrabad, pudéssemos obter um relatório detalhado sobre a fiscalização em vigor.

Com isso resolvido, retornei a Washington na manhã seguinte, deixando Joe no Canadá para acompanhar a emissão dos passaportes e se reunir com as forças nacionais de segurança que nos ajudariam a acertar toda a documentação para complementar os passaportes. Eles também providenciariam a aquisição de um visto iraniano emitido no Canadá. Joe passaria os dez dias seguintes no país cuidando dessas tarefas.

Embarquei no meu voo de volta com a sensação de dever cumprido, acompanhado pelo alívio de termos sido capazes de dar um grande impulso no projeto. Também senti gratidão por estarmos trabalhando com um vizinho realmente solidário ao problema americano.

A caminho de casa, refleti sobre o Canadá e seu governo. O mantra "O negócio é ser pequeno" girava na minha cabeça. O governo canadense parecia pronto e capaz de pinçar um fio de cabelo se necessário, enquanto o nosso parecia lerdo e paquidérmico em comparação. O fato de os canadenses terem antecipado as nossas necessidades e dado os passos extraordinários exigidos para nos atender era um tanto avassalador e, com toda certeza, sem precedentes. Eles estavam redefinindo o que significava ser um bom vizinho.

* * *

COM A QUESTÃO DOS documentos solucionada, podíamos nos concentrar na questão da história de fachada. A importância de ter uma boa história acompanhada da documentação pode ser às vezes a diferença entre vida e morte. Um dos mais famosos casos na CIA aconteceu em Cuba em 1960. Um grupo de três técnicos de áudio, Thornton Anderson, Walter Szuminski e David Christ, todos da Divisão de Serviços Técnicos, havia viajado para Cuba numa missão de

grampo e escuta. Atuavam no papel de três turistas americanos que estavam ali para se divertir. Todos carregavam documentos forjados dizendo que eram engenheiros elétricos, nas carteiras levavam cartões de crédito e carteiras de motorista, tudo falsificado pelos técnicos competentes que lhes haviam fornecido suas identidades falsas. O real propósito de viagem para Cuba era instalar escutas clandestinas num prédio que deveria se tornar a embaixada de um importante e visado país do Terceiro Mundo. Em meio à instalação dos dispositivos, porém, eles foram capturados e jogados na prisão local. Se apenas um deles soltasse a língua, ou fosse detectada alguma falha em sua documentação, seriam rotulados de espiões e provavelmente executados. No final das contas, os homens passaram quase um mês sofrendo duros interrogatórios noturnos, mas não se dobraram. Acabaram sendo transferidos para uma notória prisão nos arredores de Havana e finalmente soltos três anos depois, quando o governo americano conseguiu trocá-los por tratores. Durante todo esse tempo, a fachada foi mantida e eles nunca foram condenados por espionagem. Pela sua coragem, os três receberiam a mais elevada medalha de bravura da Agência, a Distinta Cruz da Inteligência.

Quando voltei a Foggy Bottom, minha equipe e eu começamos uma busca generalizada de informações sobre os tipos de grupos que viajavam entrando e saindo pelo Aeroporto de Mehrabad. Logo descobrimos que grupos que viajavam legalmente para o Irã incluíam técnicos de companhias de exploração de petróleo com base na Europa, jornalistas de todas as nacionalidades cobrindo a questão dos reféns, toda espécie de caçadores de curiosidades e trabalhadores de assistência humanitária de todo o mundo. Muitos eram cidadãos americanos. Nenhum se encaixava nos nossos objetivos, dados os perfis e padrões desses grupos, e um meticuloso escrutínio lhes era aplicado pelos serviços de segurança e imigração iranianos.

* * *

DIFERENTEMENTE DO QUE ACONTECE no cinema, as histórias de fachada geralmente são planejadas para serem tediosas e não chamar a atenção. Também

são escolhidas com base na experiência da pessoa. Existem vários fatores que entram no processo. A pessoa fala alguma língua estrangeira e pode passar por alguém de outra nacionalidade? Ela possui algum treinamento clandestino? Havíamos transformado tanto NESTOR quanto RAPTOR em homens de negócios. No passado, viajei como turista ou diplomata de médio escalão, situações que eu podia administrar com facilidade. Tão importante como quem a pessoa pode ser é sua habilidade de vestir uma nova identidade e torná-la passível de crédito. Por isso foi tão importante que Jacob Jordan se encontrasse com NESTOR, e era por isso que agora eu propunha à central que mandássemos uma equipe para fazer uma avaliação dos hóspedes. Qualquer que fosse o motivo que inventássemos para justificar sua estada no Irã, tinha de ser algo que pudessem vestir com o mesmo conforto que uma roupa, algo que lhes caísse bem, quase como uma segunda natureza. Não é tarefa fácil quando se está lidando com seis amadores.

O Departamento de Estado havia proposto que os seis usassem documentação americana e fossem disfarçados de professores de inglês desempregados que tinham viajado para o Irã presumivelmente para encontrar trabalho, ao passo que a ideia de Ottawa era transformar os hóspedes em nutricionistas que viajaram ao Irã para inspecionar colheitas. Uma terceira opção sugeria que bancassem funcionários de companhias petrolíferas. Nenhuma dessas opções despertava o meu entusiasmo. A maioria das escolas de inglês em Teerã tinha fechado meses antes, e seria esquisito ter um grupo tão grande de professores desempregados aparecendo todos juntos. No que se referia aos planos canadenses, eu não acreditava que levasse muito tempo até um guarda revolucionário perceber que essas pessoas não entendiam nada de agricultura ou petróleo. O Irã ficava totalmente coberto de neve no inverno e simplesmente não seria plausível que um grupo de nutricionistas estivesse inspecionando colheitas naquela época do ano.

Precisávamos de uma fachada que ajudasse a engajá-los, que fizesse com que acreditassem em nós e se tornassem participantes dispostos. Fingir ser alguém diferente não é algo fácil como parece, especialmente se sua vida está em jogo. Eu já vira agentes treinados como RAPTOR, acostumados a operações em campo,

quase desmoronarem sob a pressão.

Discuti com minha equipe os prós e contras de cada opção. Todo mundo pareceu concordar com a minha avaliação, mas ninguém tinha uma ideia melhor.

Com tanto por fazer, interrompi a reunião e decidimos nos reencontrar depois.

Passamos o resto da semana tentando resolver o problema, mas não conseguimos conceber nada de novo. Então, quando estava parado no meu ateliê aprontando-me para voltar a Ottawa e conferir as coisas com Joe, de repente me ocorreu uma ideia. Se, por um lado, era verdade que histórias de fachada deveriam ser triviais, aqui não estávamos lidando com uma situação comum. Então, em vez de uma história sem graça, e se fôssemos na direção oposta? E se bolássemos uma história tão fantástica que ninguém acreditaria que estivesse sendo usada com propósitos operacionais?

Quando aterrissei em Ottawa, eu já tinha formulado um plano. Se conseguíssemos executá-lo, seria uma das mais audaciosas operações de resgate na história da CIA. Mas, antes de ir em frente, eu precisaria ligar para a única pessoa que poderia tornar esse plano uma realidade. Peguei o telefone e disquei.

---

* Primeiro diretor civil da CIA. [N. do T.]

9

HOLLYWOOD

Conheci Jerome Calloway no começo dos anos 1970, no *set* de gravação de um programa de TV sobre espionagem. Foi um seriado popular no final dos anos 1960 e começo dos 1970, famoso por forçar os limites dos efeitos visuais e da maquiagem. Calloway fora trazido pela produção especificamente para conceber a tomada que seria a marca registrada de cada episódio — o ardiloso espião por fim revelando sua verdadeira identidade. O programa, junto com um filme em que Calloway trabalhara mais ou menos no mesmo período, chamou a atenção de Lou Terno, que na época chefiava o setor de disfarces da CIA. Como no programa de TV, durante o filme uma sucessão de atores conhecidos magicamente revelavam suas belas figuras depois de remover uma série de disfarces esquisitíssimos, mas inteiramente dignos de crédito. Por exemplo, um famoso cantor, com um dos rostos mais conhecidos do mundo, aparecia como uma velha, mas ninguém diria. Para Terno, o assombro que ele experimentou ao ver o astro emergir de sua crisálida vulcanizada assemelhava-se ao de uma remota tribo amazônica subitamente assistindo a um espetáculo de fogos de artifício do 4 de Julho. Foi algo miraculoso: "Por que não podemos fazer a mesma coisa?", ele exclamou.

Terno resolveu, então, pegar um voo para Los Angeles para encontrar-se com Calloway. Isso foi logo depois do episódio NESTOR, quando a CIA começava a pensar em preparar de antemão kits para melhorar nossa prontidão em caso de necessidade de realizar alguma exfiltração de urgência. Terno não tinha certeza do que Calloway poderia fazer, mas esperava que ele estivesse disposto a nos assessorar de alguma maneira.

Calloway, que servira no exército na Segunda Guerra Mundial, ficou muito feliz em ajudar. Era um completo patriota e adorou a ideia de voltar a fazer algo

pelo seu país. Antes de se envolver com Hollywood, ele havia trabalhado por muitos anos criando narizes falsos e olhos de vidro para soldados feridos. Na verdade, mesmo depois de se tornar uma fera na indústria de entretenimento, essa faceta do início de sua vida profissional ainda era aquela que mais o gratificava. Para ele, os produtores não passavam de barracudas dispostas a devorar o almoço dos outros.

Alguns meses após a viagem de Terno, eu voei de Okinawa a Washington para receber um treinamento que fazia parte do novo programa generalista de autenticação. Era exatamente o mesmo programa que eu tinha proposto depois da Operação NESTOR para preparar técnicos com treinamentos multidisciplinares a serem enviados para mais perto da ação. Jacob e eu tivemos a oportunidade de testar nossa teoria formando a primeira equipe. Ficaríamos lotados no Extremo Oriente, mas primeiro eu precisava receber treinamento em disfarce.

Naquela época, as técnicas usadas pela CIA não davam orgulho — utilizavam principalmente perucas, óculos e chapéus encontrados nas prateleiras das lojas de departamento. Não é de admirar, eu pensava, que a maioria dos agentes em campo se recusasse a usar aquele material. Ao todo, o treinamento durou dez dias, ao cabo dos quais recebi o certificado de "perito". Foi durante a minha viagem de retorno à Ásia que Terno pediu que eu fizesse uma escala em Los Angeles e visitasse Calloway.

Desde sua concepção, a CIA sempre se apoiou na engenhosidade de consultores externos para auxiliar os espiões americanos a se manter à altura dos adversários. Ao contrário dos seus colegas soviéticos, que desfrutavam de forte apoio governamental, no rastro da Segunda Guerra Mundial os espiões americanos viram-se desempregados, quando o presidente Truman desmontou o OSS em 1945. Seria apenas em 1947 que os Estados Unidos voltariam a ter uma agência de inteligência, mas mesmo então suas verbas eram irrisórias quando comparadas às dos rivais. Além disso, os chefes de espionagem nos Estados Unidos achavam difícil competir com o setor privado, que não só pagava mais, mas também oferecia a seus cientistas a perspectiva de louvores e reconhecimento, algo que um serviço secreto não podia oferecer. Como

resultado, a CIA viu-se em desvantagem tecnológica por quase duas décadas, no início de sua existência. Ainda no começo dos anos 1960, por exemplo, a CIA ainda não criara uma câmera pequena e confiável que pudesse ser usada para fazer cópias de documentos. Essa desvantagem ficou dolorosamente óbvia quando um dos mais importantes agentes russos dos Estados Unidos, o coronel Oleg Vladimirovich Penkovsky, foi denunciado no outono de 1962 e executado em 1963.

Para superar esse déficit de tecnologia, a Agência começou a contratar mais técnicos recém-saídos da universidade, ao mesmo tempo que repassava vários outros projetos para o setor privado.[1] Por exemplo, ao buscar auxílio para projetar uma nova câmera em miniatura conhecida como T100 no começo da década de 1970, os técnicos do EST recorreram a um especialista em óptica de precisão que foi capaz de projetar lentes de 4 mm de diâmetro. Quando o projeto foi concluído, a câmera era tão pequena que cabia numa caneta-tinteiro. Em outro caso, os técnicos do EST trabalharam junto com um conhecido fabricante de aparelhos auditivos para criar um microfone pequeno o suficiente para caber numa bala calibre .45.[2] Os técnicos buscavam um meio de implantar um dispositivo de escuta dentro de uma árvore que estava no pátio de uma embaixada estrangeira. A questão, é claro, era que o microfone precisava continuar funcionando mesmo depois que a bala estivesse encravada na árvore. Levou algum tempo, mas no final das contas a empresa teve êxito no projeto.

Além de Calloway, eu trabalharia com muitos profissionais terceirizados ao longo da minha carreira. Em meados da década de 1970, desenvolvi uma associação com um criador de mágicas que inventava truques para ilusionistas e produções de Hollywood para ajudar a aperfeiçoar um dispositivo conhecido como JIB. A ideia por trás do JIB era permitir que um agente que estivesse viajando no banco do passageiro de um carro escapasse da vigilância fazendo um manequim tomar seu lugar exatamente no momento de sair do carro. Para dar certo, porém, a troca tinha de ser tão rápida que os integrantes do carro da KGB que o seguissem não percebessem nada. O dispositivo passou por diversas versões, desde uma boneca inflável ligeiramente modificada até uma geringonça

que pesava mais de vinte quilos. Pensando em como poderíamos simplificar, entrei em contato com o criador de mágicas, que era amigo de Calloway (os dois, na verdade, tinham trabalhado juntos num filme de James Bond, entre outras coisas). A solução encontrada por ele foi um elegante instrumento que podia ser escondido dentro de uma variedade de objetos e que funcionava com o mesmo princípio de um guarda-chuva. Quando foi finalmente concluído, o motorista do carro podia até mesmo animar o dispositivo usando um pequeno controle para fazer a cabeça virar.

Durante o nosso primeiro encontro, Calloway me levou em visita ao *set* de gravação do programa de espionagem, apresentando-me como seu "amigo do exército", uma frase sempre acompanhada por uma piscadela. Em anos futuros, esta se tornaria a grande piada entre nós: "Este é o meu amigo; ele faz efeitos especiais para o exército."

Na época em que o conheci, Calloway já era considerado um dos mais criativos profissionais de maquiagem na indústria cinematográfica. Ganhara os principais prêmios do setor pelo trabalho num filme de ficção científica.

Enquanto ele me guiava pelo *set*, alguém chegou às nossas costas e disse: "Jerome Calloway é uma bicha." Viramos para ver um dos astros do programa andando atrás de nós. A piada tinha graça quando se conhecia Jerome. Americano de primeira geração criado em Chicago, Calloway tinha uma exuberância característica. Seu rosto grande e expressivo era emoldurado por um par de óculos de aro grosso, estilo anos 1950, enquanto o cabelo era geralmente puxado para trás com uma espessa camada de brilhantina. Era um homenzarrão que mais parecia um leão de chácara do que um maquiador e usava camisa branca de mangas curtas e gravata preta quase como se fosse um uniforme. Aqui e ali, porém, exibia certo tipo de afetação. Usava um anel no dedo mindinho com uma pedra preciosa encravada e guiava um Pontiac amarelo pastel, o maior veículo da marca.

Apesar de ter crescido longe do mundo do cinema, Calloway fora atraído para a ribalta desde o início. Ele me contou que, quando ainda era menino em Chicago, ficara sabendo de um incêndio num armazém em seu bairro. Ele saiu correndo na esperança de que, apresentando-se como voluntário, pudesse ter sua

foto estampada no jornal. Quando o fotógrafo bateu um instantâneo dele com outra pessoa carregando uma maca, ele achou que, com certeza, apareceria na primeira página. Na manhã seguinte, porém, ficou desolado ao ver que o fotógrafo o cortara do quadro, a não ser pelas mãos. Costumava contar essa história como advertência para o vazio da fama: "Você passa por todas aquelas dificuldades, e no final a única coisa de que eles se lembram de você são as mãos!"

Ir a qualquer lugar com Calloway era sempre uma aventura, fosse dar um pulo numa lanchonete local, fosse penetrar num dos muitos mundos que habitavam suas histórias. Um narrador inveterado, Calloway tinha uma queda pelo drama. E quando seus braços entravam em ação e ele abria um sorriso, seu entusiasmo era contagiante. Vários artistas conhecidos se recusavam a trabalhar se não fosse ele o maquiador. Um de seus clientes favoritos era Bob Hope. Piadista nato, ele e Hope ficavam trocando tiradas engraçadas o tempo todo que trabalhavam juntos.

* * *

DEPOIS DA VISITA AO *set*, Jerome e eu voltamos para seu ateliê em Burbank, que era essencialmente a garagem de seu bangalô suburbano. Era uma casa pequena, mas agradável. Ele era casado com uma boa moça com o jeitão típico dos anos 1950 e morava com seu pai, de noventa anos, um ex-bombeiro hidráulico da cidade de Chicago que ele apropriadamente chamava de "Papai".

Andar por sua garagem era como andar por uma espécie de museu. Calloway modificara o espaço adicionando um pequeno escritório e ateliê. Tinha mesas e bancadas arrumadas com materiais em várias fases de execução. Atrás da garagem, havia dois barracões que serviam de depósito, cheios de tudo que ele já tinha feito um dia — narizes de borracha, orelhas, partes de monstros. Ele vivia recebendo telefonemas de outros maquiadores pedindo ajuda, alguns de muito longe, até mesmo da Austrália. Se você lhe dissesse que estava procurando determinado tipo de nariz, havia nove chances em dez de encontrá-lo numa

caixa de sapatos em um de seus barracões. Porém, talvez os artefatos mais notáveis que ele guardava na garagem fossem os bustos de diversas atrizes famosas. Antes dos tempos das cirurgias plásticas, Calloway fora contratado para fazer moldes do busto de certas estrelas e criar "enchimentos" naturais de espuma colocados num sutiã, fazendo com que as mulheres parecessem mais bem-dotadas. Ele mantinha os bustos cobertos por toalhas, mas ocasionalmente os exibia ao receber visitas. Uma das muitas histórias que contava envolvia um famoso ator inglês que, ao entrar, viu o molde do peito de sua esposa.

— Está reconhecendo? — perguntou Calloway.

— Ela parece familiar — respondeu o ator, hesitante.

Calloway informou-lhe, então, que pertencia à sua esposa, que naquela época era uma atriz jovem e em ascensão.

Brincadeiras à parte, Calloway era realmente talentoso em seu trabalho. Criativo e intelectualmente curioso, estava sempre em busca de novas tecnologias. À frente de seu tempo, vivia em contato com indústrias químicas, à procura de produtos, desenvolvendo-os, fazendo o que fosse preciso para obter os resultados que desejava. E para ele apenas o melhor servia. Era um mestre, e trabalhar com ele era uma farra. Se você precisava de que algo fosse feito, nem que fosse apenas um mero esboço, Jerome tinha a solução, ou então a produzia em pouquíssimo tempo. Com frequência, ele já tinha aquilo pronto e escondido em algum canto de seu ateliê. "Parece aquela peça que fiz para Robert Mitchum."

Desnecessário dizer, nós dois nos entendemos de imediato. O processo de criar um bom disfarce era muito semelhante ao de criar uma obra de arte, e creio que nós dois percebemos que éramos almas gêmeas. Depois do nosso primeiro encontro, não demoraria muito para que eu lhe pedisse ajuda.

* * *

VOLTANDO DE LOS ANGELES para a Ásia, logo me encontrei em Vientiane, capital do Laos. Com a guerra chegando ao fim no vizinho Vietnã, Vientiane se tornara um centro de atividade clandestina. Era como uma cidade fronteiriça do

velho Oeste, só que banhada pelo rio Mekong. Assim que caía a noite, serviços de inteligência do mundo inteiro desciam para a rotatória em torno da praça principal da cidade para fazer suas coletas com carros em movimento. Uma coleta com carro em movimento é exatamente isto: um agente guia um carro bem devagar, o suficiente para que uma pessoa possa saltar rapidamente no banco traseiro sem ser vista. Havia tantas coletas com carros em movimento nessa rotatória de Vientiane que as pessoas chegavam a entrar nos carros errados. Em certo momento, fiquei responsável por administrar 26 disfarces diferentes. Tudo o que eu podia fazer era me manter atualizado.

Aí, certo dia, fui abordado por um dos supervisores veteranos da CIA com um problema real. Ele era um dos poucos — talvez o único — afro-americanos na cidade, o que fazia dele um alvo fácil para a vigilância. Por uma estranha conjuntura de fatos, ele se viu lotado no país quando foi requisitado pelo novo embaixador americano no Laos, que o conhecera no Congo. O agente vinha mantendo encontros com um importante ministro do Laos que possuía informações vitais sobre o que acontecia no lado comunista durante as conversações de paz na Indochina. Os dois se reuniam em segredo havia muitas semanas, mas, com o Pathet Lao fechando o cerco sobre a cidade, a milícia local instituíra um toque de recolher e começara a bloquear as ruas de forma aleatória. O supervisor sabia que, se o ministro fosse pego com ele, seria um desastre.

Depois de ele explicar sua atribulação, fiquei ali sentado por alguns segundos pensando no que fazer. Sem que me ocorresse nada, expliquei ao agente que o acompanharia na próxima ocasião em que fosse se encontrar com o ministro para programá-lo para um disfarce. Nesse ínterim, mandei imediatamente um telegrama para a central pedindo instruções. Quase de imediato, recebi uma resposta dizendo que eles tampouco sabiam o que fazer. O que mais os preocupava, disseram, eram as orelhas. Em outras palavras, a única coisa que lhes ocorria era um artefato no qual estávamos trabalhando para nossos funcionários que se dirigiam à União Soviética e que se ajustava ao rosto, mas não cobria as orelhas.

Pensei, então, em alguns dos utensílios que tinha visto na garagem de Calloway e imaginei se ele teria algo que pudesse ajudar. Antes de tudo, porém,

teria de me encontrar com o ministro para tirar suas medidas, o que pude fazer depois de me sujeitar eu mesmo a ser coletado por um carro em movimento. Depois de estar de posse dessa informação, sentei e escrevi um longo telegrama delineando meu plano. No texto, especifiquei minha ideia e depois pedi à central que encaminhasse a informação anexa a Calloway.

Como fiquei sabendo depois, Calloway recebeu as medidas e foi imediatamente para os barracões de depósito. Ele tinha feito máscaras da maioria dos astros de Hollywood para serem utilizadas por seus dublês, e por acaso as medidas que eu lhe enviara coincidiam com as de Victor Mature e Rex Harrison.

Após um intervalo de poucas semanas, recebi um pacote da central. Dentro dele havia duas máscaras, junto com outros materiais que eu solicitara, inclusive um par de luvas cor da pele. As técnicas de disfarce que Jacob e eu acabamos utilizando para essa operação ainda são confidenciais. Quando terminamos, Jacob e eu conseguimos transformar um supervisor de caso afro-americano e um ministro do Laos em dois caucasianos que se pareciam vagamente com Rex Harrison e Victor Mature. E acabou sucedendo que, depois de disfarçados, enquanto voltavam do lugar seguro onde se reuniam, nossos piores temores se concretizaram. Uma barreira aleatória havia sido montada e os dois foram forçados a parar. No entanto, em vez de entrarem em pânico, exibiram suas novíssimas identificações diplomáticas. Os soldados olharam as carteiras, deram uma espiada dentro do carro e mandaram que seguissem, sem maiores incidentes.

O sucesso dessa operação foi reportado aos mais altos escalões da central. Foi realmente o início daquilo que viríamos a chamar de disfarce avançado.

* * *

AO LONGO DOS ANOS, à medida que Calloway e eu nos tornamos bons amigos, comecei a passar um bocado de tempo com ele em Los Angeles. Em algumas dessas viagens, eu me juntava à sua equipe no estúdio para o qual estivessem trabalhando, como se fizesse parte do time. Em uma dessas ocasiões,

eu estava esculpindo um novo protótipo de cabeça a ser usada para o JIB enquanto ele e o grupo trabalhavam nas máscaras para um filme de ficção científica com monstros. De outra vez, ele e eu caminhávamos pela área externa do estúdio quando um ônibus de turismo passou e o guia anunciou:

— Senhoras e senhores, o premiado maquiador Jerome Calloway!

Calloway, é claro, apontou para mim.

Depois que passei a chefiar o setor de disfarces, começamos a fazer um rodízio de funcionários para esse estágio em Hollywood. E, como eu, eles frequentemente trabalhavam em *sets* de filmagem, nas produções das quais ele estava participando. Ele ensinou a uma geração de funcionários da CIA os rudimentos de como fazer um disfarce eficaz. Além disso, também se tornou uma inestimável caixa de ressonância para futuras situações hipotéticas, muitas das quais ainda usadas pela CIA até hoje.

Calloway também se tornou um patrimônio para o setor de disfarces de outras maneiras. Numa de suas muitas viagens a Washington, marquei um almoço com ele e com o nosso chefe de operações. Na época, eu estava procurando expandir a seção de disfarces. Calloway sabia disso, e o tópico surgiu durante o almoço, quando o chefe perguntou como a seção estava se saindo.

— Bem — Calloway respondeu —, mas estariam se saindo ainda melhor se tivessem mais espaço no escritório.

E nós ganhamos mais espaço.

Quando Jerome visitou Washington alguns anos depois, resolvi incluí-lo num exercício de treinamento. "Flick", o químico de uma indústria que também colaborava com a CIA, por acaso também estava de visita, e achei que poderia ser bom para os dois ver como operávamos em campo.

Após o programa generalista ter decolado, treinávamos continuamente três ou quatro agentes por vez, deixando-os preparados para suas atribuições além-mar. Com o objetivo de submetê-los a treinamentos multidisciplinares, fazíamos com que mergulhassem por várias semanas em determinado assunto para lhes ensinar um ofício específico, como, por exemplo, a criação de dentaduras falsas. Aí, como exame final, juntávamos tudo em uma única operação complexa que exigia que usassem todas as suas habilidades recém-adquiridas. Em um desses

exercícios, um grupo de três *trainees* devia se infiltrar sub-repticiamente num país fictício, estabelecer um quartel-general num quarto de hotel no Key Bridge Marriott em Rosslyn, Virgínia, e então sair e pegar um terrorista foragido. Feito isso, deveriam trazê-lo de volta ao hotel, onde ele seria disfarçado para ser retirado do país.

Para nos divertirmos um pouco, resolvemos deixar que Calloway e Flick interpretassem os papéis dos guardas de fronteira do país fictício. Os dois ficaram animadíssimos e foram ao nosso guarda-roupa para tornar a coisa mais realista. A travessia da fronteira foi montada em Crystal City, perto do Pentágono. Quando nosso grupo apareceu numa van, encontraram Calloway e Flick sentados a uma mesa de baralho numa área vazia, trajando chapéus de pele e uniformes poloneses. Os *trainees* permaneceram imperturbáveis e dirigiram-se para a mesa.

— Olá — disseram —, gostaríamos de permissão para entrar no seu país.

— Por que vocês querem entrar? — perguntou Calloway.

Usando a cobertura que haviam preparado, responderam:

— Somos apreciadores de pulgas e planejamos participar do seu festival de pulgas.

Sempre rápido no gatilho, Calloway disse:

— Tudo bem, mas as nossas pulgas são restritas, de modo que vamos ter de fazer uma inspeção. Baixem as calças.

Os *trainees* devem ter imaginado o que estava por acontecer, porque, quando baixaram as calças, estavam todos usando a bandeira americana como roupa de baixo.

Após um rápido exame, Calloway e Flick liberaram a passagem e eles entraram de volta na van, seguindo para o Key Bridge Marriott. Depois de darem entrada, disfarçaram-se e aí se dirigiram para o bar para se encontrarem com seu contato local, papel assumido por outro aluno. Este responderia usando uma senha/contrassenha que a equipe elaborara de antemão. Nesse caso, porém, em vez de usar uma palavra ou uma frase, o grupo havia bolado algo ligeiramente mais criativo.

Calloway, que vivia contando piadas, tinha uma favorita que havia penetrado

nos nossos escritórios. Era uma piada do tipo toc-toc, que envolvia um bêbado num bar:

— Toc-toc — dizia Calloway.

— O que é? — questionava a pessoa.

— Argo — respondia ele.

— Argo o quê? — a pessoa perguntava, compenetrada.

— Argo que vai te foder! — ele exclamava, em um tom pastoso, como se tivesse acabado de virar uma garrafa de bourbon.

Não demorou muito para o bordão virar um grito de guerra quando a carga de trabalho estava pesada demais e tínhamos muita coisa na cabeça. Sempre que isso acontecia, Calloway cortava a tensão berrando "Argo!", ao que todos respondiam conforme o roteiro.

Os *trainees* haviam decidido usar ARGO como contrassenha. Só que, em vez de dizer a palavra, um deles a desenhara numa dentadura falsa que tinha criado. Assim, a troca correu mais ou menos assim: "A lua é azul", seguido de um grande sorriso com ARGO escrito em vermelho nos dentes da pessoa.

A terceira parte da operação envolvia pegar o terrorista, que resolvera trazer a namorada, representada por Doris Grange. A namorada era a pegadinha, pois o grupo não tinha preparado documentos de mulher e assim teve de disfarçá-la de homem.

Quando o exercício terminou, ocupamos um salão privativo no hotel e comemoramos. Havia sido um dia divertido. Calloway curtiu imensamente e penso que apreciou a complexidade das tarefas exigidas de um responsável por uma exfiltração.

* * *

DEPOIS QUE NOSSA OPERAÇÃO de criar um dublê de corpo para o xá fora cancelada, antes de pegar seu voo de volta para Los Angeles Calloway reiterou que estava disposto a fazer qualquer coisa para ajudar. Na primeira semana de janeiro de 1980, a crise ainda estava nas manchetes de primeira página e eu sabia

que Jerome se sentia tão frustrado quanto qualquer um de nós.

Enquanto eu me aprontava para minha segunda viagem para Ottawa, fiquei pensando no problema da história de fachada para os hóspedes, repassando vezes intermináveis na cabeça os tipos de pessoa que viajavam entrando e saindo do Irã. Parado em meu ateliê, as últimas palavras de Calloway ressoavam nos meus ouvidos. Haveria algum jeito de Calloway nos ajudar com os hóspedes? Pensei em todas as histórias que ele tinha me contado, em todas as minhas experiências em Los Angeles. Então, no momento em que aterrissei e me registrei mais uma vez no Lord Elgin, ocorreu-me de supetão uma ideia que achei que poderia dar certo. Em vez de fingirem ser trabalhadores em firmas petrolíferas, nutricionistas ou professores, os seis americanos fingiriam ser parte de uma produtora de Hollywood averiguando locações no Irã para um filme a ser rodado em breve. O plano, que normalmente estaria fora de questão para a maioria das operações clandestinas, tinha diversas características atraentes. Uma delas: as equipes das produções de Hollywood eram tipicamente compostas de pessoas do mundo todo. E, entre todos os grupos que se dirigiam ao Irã, não seria implausível imaginar um grupo de excêntricos e egocêntricos técnicos de Hollywood viajando para lá em meio a uma revolução para encontrar as locações perfeitas para seu filme. Além disso, tinha a única qualidade de que eu sentia falta nas outras histórias: era algo divertido, o que eu sabia que ajudaria os hóspedes a se relacionarem com ela de uma forma que as outras não permitiriam. Com suas vidas em jogo, poderia tornar suas performances muito mais convincentes. Embora algumas pessoas pudessem não saber as coisas básicas sobre agricultura, todo mundo tinha alguma ideia de como era Hollywood. O principal critério para qualquer fachada era sempre: eu estou disposto a usá-la? No meu íntimo, senti que era a nossa melhor opção.

Mas, antes de apresentar a ideia aos canadenses, eu precisava telefonar para Calloway e saber o que ele achava. Ele não tinha ideia sobre o que eu estava trabalhando naquele momento, e, já que se tratava de uma linha aberta, eu tinha de ser circunspecto sobre o que podia dizer.

— Oi, Jerome. É o seu amigo do exército — eu disse.

— Ei, Tone — ele disse, usando um dos meus apelidos prediletos. — Que é

que há?

— Quantas pessoas há num grupo de pesquisa de locações de uma produção de Hollywood? — perguntei.

— Estou captando — ele disse. — Umas oito.

E listou um por um: diretor, diretor de fotografia, gerente de produção, diretor de arte, gerente de transportes, consultor de roteiro, produtor associado e gerente administrativo.

Explicou, então, que o objetivo do grupo seria examinar potenciais locações para o filme do ponto de vista artístico e comercial. O produtor associado representava os investidores financeiros. O gerente administrativo preocupava-se basicamente com arranjos bancários; mesmo uma filmagem de dez dias podia exigir milhões de dólares gastos na economia local. O gerente de transportes alugava uma variedade de veículos, desde limusines para transporte das estrelas do filme até o equipamento pesado exigido para construir um cenário. O gerente de produção juntava tudo isso. Os outros membros da equipe eram técnicos que criavam as imagens a partir das palavras do roteiro.

Quando ele terminou, achei que parecia perfeito.

— Obrigado — eu disse. — Foi de grande ajuda.

Na manhã seguinte, encontrei-me com Delgado bem cedinho, ansioso para lhe apresentar minha nova ideia. Ele permaneceu sentado pacientemente enquanto eu pincelava meu envolvimento passado com Calloway e explicava a história de fachada do grupo de pesquisa de locações para uma produção de Hollywood. Ficou logo intrigado e disse que achava que poderia funcionar. Concordou comigo quanto ao fato de que as excentricidades das pessoas que trabalhavam na indústria de cinema eram bem conhecidas, provavelmente até mesmo entre os iranianos. Melhor ainda, disse ele, o Canadá tinha uma indústria cinematográfica bastante robusta, de modo que a fachada se encaixaria perfeitamente com a documentação canadense.

Comecei, então, a pensar em como eu iria criar uma fenda para enfiar uma cunha e convencer a central da minha ideia. Pensei em algo que aprendera com a Operação NESTOR, quando Jacob fora obrigado a lidar com todos os palpiteiros. Naquela ocasião, Jacob basicamente entregara à central um *fait accompli*: ele já

estava fazendo o que se propunha fazer. A tática também fora usada durante a exfiltração de Svetlana Stalin, quando o supervisor local mandou um telegrama para a central dizendo-lhes simplesmente que iriam botá-la num avião para Atenas, porque, se não o fizessem, pela manhã sua ausência já teria sido descoberta. Assim, no momento em que a central recebeu o telegrama, a operação já estava em andamento. Em essência, era isso que eu tinha em mente fazer agora. Delgado e eu iríamos elaborar os detalhes do plano da operação, resolver os problemas, fazer um cronograma, e aí dizer à central que ele e eu estávamos de acordo e que ambos queríamos seguir adiante com o plano no final da semana.

Com Delgado a bordo, informei, então, ao chefe do posto em Ottawa, que sinalizou sua concordância. "Parece ótimo", disse ele. A essa altura, sentei-me à mesa do chefe e escrevi à mão um plano operacional de dezesseis páginas num bloco de papel amarelo. Era o plano abrangente que se espera que a central endosse; por isso, você tenta ser o mais detalhista possível e responder a qualquer pergunta que lhe ocorra. Lembro-me de que, enquanto escrevia o telegrama, o chefe e o embaixador americano estavam parados à porta do escritório me observando. "Ele está escrevendo a solução neste exato momento", lembro-me de ter ouvido o chefe do posto cochichar ao embaixador. Quando terminei, entreguei diretamente ao encarregado de comunicações, que datilografou e enviou para a central, discriminando o documento como FLASH.

Na manhã seguinte, eu estava de volta a Washington, sentado na minha sala para me atualizar com alguns telegramas, quando o telefone tocou. Eu tinha uma boa ideia de quem poderia ser do outro lado da linha, antes mesmo de atender.

— Alô? — falei.

Com toda a certeza, era Hal, da Divisão do Oriente Próximo.

— Eric quer ver você — ele disse. — Você acha que arranja algum tempo esta manhã para vir até aqui?

O telegrama enviado do Canadá já tinha, conforme o esperado, percorrido todo o circuito, e, mesmo sem que Hal me contasse nada, eu sentia que Eric não estava nada feliz. Informei à minha secretária aonde estava indo e me dirigi ao estacionamento. Nos meus primeiros tempos no "cercado" gráfico, eu costumava

ir para o trabalho de bicicleta. Ter carro me parecia quase um luxo. Quando cheguei à sala de Eric, ele ergueu os olhos de uma pasta sobre sua mesa e me pediu para sentar. “Tenho algumas questões com você”, ele começou. E seguiu, explicando que, em sua opinião, eu tinha cometido um erro mandando uma comunicação baseada na aprovação do chefe da representação local, que era apenas um contato. Seu ponto principal, é claro, era que eu deveria ter me coordenado com ele, em vez de tentar agir pelas suas costas com o chefe, cujo cargo no Canadá era mais de representante do que qualquer outra coisa. “E você sabe disso, Mendez”, ele concluiu. Depois que o assunto foi resolvido, a tensão na sala pareceu se dissipar e ele disse que o plano era a porra de uma obra de arte, reconhecendo que poderia ter vantagens que extrapolavam a questão do resgate dos seis hóspedes. E explicou seu pensamento:

O Pentágono ainda estava aparando as arestas do plano Eagle Claw — Garra de Águia — e, dada a localização geográfica de Teerã, não apresentara nenhum modo viável de inserir uma força de comandos do exército para resgatar os reféns. A história do filme poderia ser uma solução elegante que talvez até fosse bem recebida pelo Ministério da Orientação Nacional iraniano. O ministério fora encarregado de combater a publicidade negativa sobre o Irã — de forma absurdamente afrontosa — promovendo o turismo. Teerã também procurava meios de aliviar alguns dos problemas de fluxo de caixa decorrentes do congelamento dos ativos iranianos nos Estados Unidos, feito pelo presidente Carter. Uma produção cinematográfica em solo iraniano poderia ser uma bela injeção financeira e proporcionaria uma estratégia de relações-públicas ideal para contra-atacar a publicidade adversa proveniente da situação dos reféns.

Relativamente “moderado”, Abulhassan Bani-Sadr estava prestes a ser eleito presidente do Irã, e nós julgamos possível que ele fosse convencido pelos argumentos econômicos e então conseguisse obter a concordância das facções radicais do regime. Se assim fosse, a fachada para infiltrar comandos da Força Delta (como preparativo para uma tentativa de resgate dos reféns) como uma equipe de cenotécnicos e operadores de câmeras para preparar a locação pareceria natural. Imaginamos que talvez fosse possível inclusive ocultar armas e outros materiais nos equipamentos de filmagem.

Era uma hipótese que poderia funcionar em muitos níveis. No entanto, enquanto guiava de volta a Foggy Bottom, por um momento fui consumido pela dúvida. A opção Hollywood fora abraçada tão prontamente que me perguntei se não seria apenas um excesso de otimismo por parte de todos. De cara, era uma ideia tão absurda que eu tinha esperado alguma resistência, e, quando a resistência não veio, foi apenas natural que eu começasse a me questionar: Será que nos esquecemos de considerar alguma coisa? Estaríamos criando um plano desnecessariamente complicado que acabaria provocando a morte de alguém? Como era eu o arquiteto, precisava ter toda a certeza. Por algum motivo, apesar de sua implausibilidade, era a única opção que me deixava confortável.

* * *

O RESTO DO MEU dia foi passado em reunião com a minha equipe, fazendo com que ela entrasse de cabeça na opção Hollywood, bem como nas outras fachadas. Joe Missouri permanecia no Canadá trabalhando na questão de documentos secundários, como cartões de crédito e carteiras de motorista canadenses, que acabaram por se revelar difíceis de obter. Do mesmo modo que o governo dos Estados Unidos, os canadenses tinham certas restrições em relação ao uso de seus documentos de segurança. Numa tentativa de conseguir as carteiras, Joe acabara se encontrando com o chefe das forças de segurança nacional, que lhe disse que aquilo não iria acontecer sem algum tipo de aprovação especial dos altos escalões. A essa altura, haviam mobilizado o procurador-geral. Posteriormente, Joe relatou como o procurador-geral tinha entrado, olhado para o chefe das forças de segurança nacional e dito: "Providencie logo essa porra." Além disso, os canadenses tinham finalizado o conjunto de seis passaportes e alguns artistas do EST no Canadá inseriram rapidamente os selos apropriados, inclusive um visto originário de um país europeu. Esses deveriam ser os documentos de emergência caso os hóspedes precisassem escapar imediatamente, de modo que foram reunidos com certa rapidez e enviados pela mala diplomática. O outro conjunto seria enviado bem

mais tarde, junto com os documentos secundários que Joe estava arranjando.

* * *

EU ESTAVA NO MEU escritório naquele mesmo dia quando apareceu Matt, subchefe de operações do EST. Estava dando uma passada para verificar nosso progresso. Matt vira a minha mensagem e sabia sobre a ideia do grupo de pesquisa de locação vindo de Hollywood, mas estava na hora de tornar aquilo realidade.

— Se alguém for conferir, precisamos que as fundações estejam lá — eu disse.

— E como você pretende fazer com que isso ocorra?

O melhor tipo de escoramento de histórias de fachada é aquele em que você entra na cidade de origem dos documentos falsos da pessoa, depois vai até a rua e finalmente até a casa, onde sobre a lareira vê a foto da pessoa junto com seu suposto cônjuge e família. Esse era o nível de escoramento que eu propunha agora.

— Hollywood é uma cidade que vive de imagem — falei. — Quero arranjar um escritório, gente para trabalhar lá, fazer o máximo que pudermos.

Considerando que os hóspedes fingiriam ser membros de um grupo de busca de locações, precisávamos criar uma produtora e um filme no qual estariam trabalhando. Como eu conhecia o território, fazia todo sentido que fosse eu a ir para lá e cuidar do assunto. Disse a ele que planejava pedir um adiantamento de verba de dez mil dólares ao departamento de orçamento e finanças para cobrir as despesas.

Matt pensou por um instante. Ele sabia que corríamos um risco, pois ainda não tínhamos obtido aprovação consensual para a opção Hollywood, mas era um risco mínimo comparado à recompensa. Se a fachada fosse utilizada também para o resgate dos reféns na embaixada, assentar a base parecia a coisa mais astuta a fazer naquele momento.

Seu rosto se iluminou, e ele balançou a cabeça:

— Só você para pensar numa coisa dessas. Eu gosto.

Começamos, então, a discutir a logística da exfiltração. Até esse ponto, eu ainda tinha de designar os agentes que se infiltrariam no Irã para fazer contato com os hóspedes.

— Quem você tem em mente? — ele perguntou.

Creio que é seguro dizer que desde o começo eu estava convencido de que deveria liderar a equipe. Tecnicamente, como chefe do setor de autenticação, eu era um gerente graduado demais para estar em campo. Além disso, pela natureza do meu trabalho, eu sabia demais acerca do funcionamento interno das operações clandestinas da CIA. Se eu fosse desmascarado, seria um tremendo risco de segurança. Ainda assim, graças à minha recente viagem ao Irã e devido à natureza dessa exfiltração, penso que todos estavam dispostos a aceitar os riscos. Com a vida de seis americanos em jogo, o envolvimento direto do governo canadense, bem como a crescente pressão de todo canto sobre o presidente Carter, todos nós sabíamos que o fracasso não era uma opção.

— Eu e alguém de documentação — repliquei. — Talvez o Julio.

"Julio" era um agente de documentação com 31 anos locado na Europa. Na minha cabeça, ele era um dos caras mais habilidosos do setor. Era um verdadeiro "homem cinzento", capaz de encarnar qualquer personagem que se pedisse a ele. Quando as pessoas pensam em espiões, a maioria pensa nos filmes de Hollywood, em que o espião é sempre exuberante, arrojado. No mundo real, porém, um espião tem que ser capaz de se integrar à paisagem. Uma coisa que eu sempre digo quando se trata do tipo de pessoa que a CIA procura é que não deve ser o sujeito que atrai todos os olhares, e, sim, aquele que, depois de passar na fila do banco ou pelo caixa do supermercado, ninguém mais se lembra da sua aparência. Le Carré entendeu isso muito bem. Ele podia ser alto, baixo, europeu, americano, sul-americano — o que fosse preciso para fazer o serviço, e Julio era assim. Originário do Meio-Oeste, Julio estudara na Sorbonne e era um linguista talentoso, que falava alemão, espanhol, parse e francês. Dava a impressão de que, se você lhe desse um fim de semana para aprender uma língua nova, ele voltaria na segunda-feira completamente fluente. Além disso, Julio havia participado de numerosas exfiltrações, nas quais provara ser mais do que capaz. Durante uma dessas operações no Oriente Médio, ele pegara um importante terrorista que

queria passar para o nosso lado. Julio se encontrara com ele num local seguro e o colocara numa balsa para carros, apenas para ver a embarcação dar meia-volta e retornar ao cais. As hélices tinham emperrado por causa de algum lixo, e Julio foi obrigado a improvisar. É fácil imaginar como o terrorista deve ter ficado assustado quando a balsa fez lentamente a curva para voltar às docas. Nesse tipo de situação, pode ser incrivelmente difícil fazer a pessoa passar uma segunda vez por todo o processo de tentar fugir, mas Julio se mostrou imperturbável e tirou o terrorista do país no dia seguinte.

Tão importante quanto esse tipo de serenidade, nessa operação, era a grande necessidade de falar a coisa certa. Inspirar a confiança dos hóspedes era fundamental; tudo cairia por terra se apenas um deles não acreditasse. Eram pessoas inteligentes, mas muitos dos envolvidos na aprovação da operação não acreditavam que um grupo de seis novatos pudesse se organizar e agir de forma coesa. Eu acreditava que poderia convencê-los de que nosso plano daria certo.

— Penso que há uma boa chance — disse Matt.

* * *

NA MANHÃ SEGUINTE, QUINTA-FEIRA, 10 de janeiro, liguei para Elaine e lhe disse para ir até o departamento de orçamento e finanças para pedir um adiantamento de dez mil dólares em dinheiro vivo. O pessoal do setor era formado por muquiranas de primeira, que inventavam burocracia só para se divertir. Dez mil dólares eram o máximo permitido. Qualquer coisa mais exigia a mão direita de Deus. Quando Elaine voltou com o dinheiro, coloquei-o dentro das nossas maletas-esconderijos. Eu sabia que seria bombardeado pelo povo de orçamento e finanças, mas o dinheiro seria muito bem aplicado. Era hora de partir para Hollywood e criar a nossa produtora de cinema.

IV

ESTÚDIO SEIS

Cheguei a Los Angeles na quinta-feira à tardinha. Depois de pegar o carro alugado, entrei no trânsito agitado das ruas da cidade. Normalmente, quando eu ia a LA, ficava hospedado no Vale num motel de beira de estrada com temática havaiana, perto da casa de Calloway em Burbank. Eu só me encontraria com Jerome na manhã seguinte, e, como tinha a noite livre, resolvi não me apressar e curtir a viagem de carro.

Los Angeles era uma grande mistura de emoções para mim. Uma delas era que um pouquinho da história da minha família tinha relação com esse lugar. Meus pais haviam passado a lua de mel em LA, e mamãe sempre falava da sua visita a Olvera Street.* Além disso, meu avô Frank Gomez foi um dos pedreiros que construíram o Grauman's Chinese Theatre. Ele chegou a entalhar seu nome numa das pedras angulares do teatro. Isso foi antes de ele alterar seu nome para Mendez e se mudar com meu pai e meu tio para Nevada.

Fora isso, havia o fascínio do cinema, que significara muito para mim na infância passada numa cidadezinha pobre e coberta de poeira. Naquela época, os filmes eram mais importantes para mim do que a vida real. Num ambiente em que ainda não havia televisão, isolados como vivíamos, o único mecanismo de fuga que eu conhecia era entrar no Cine Rex no sábado à tarde para assistir a um filme. O cinema ficava localizado na minúscula Caliente, Nevada, uma cidadezinha que crescera em torno da ferrovia. Na verdade, os trilhos corriam bem no meio da rua principal. Cheia de lojinhas barateiras, Caliente era muito sem graça sob todos os aspectos, exceto pelo Rex. A marquise era quase tão grande quanto o cinema em si. No poeirento deserto monocromático, ele parecia um palácio para mim. Eu era um grande fã de John Wayne e Alan Ladd e de

filmes como *Rio Bravo*, *Sangue de herói*, *Rio vermelho* e *A dália azul*. Eu me perguntava se minha vida não poderia ser mais como as aventuras na tela. Ficava maravilhado com as composições e os cenários que Hollywood usava. Observava os atores meticulosamente, imitando-os diante do espelho quando voltava para casa. Era irremediavelmente viciado nesse mundo visual e continuei assim pelo resto da vida.

E também havia o astral de Los Angeles. A cidade tinha uma energia inegável — era um lugar onde o tempo parecia parar num vórtice de imaginação arrebatadora. Olhando de perto, era possível identificar os sinais por todo lado. Nas placas ao longo da Sunset Strip e do Hollywood Boulevard. Nos bares informais e nas casas noturnas onde as estrelas do momento colidiam com as do passado. No rosto dos recém-chegados, cujas vidas estavam cheias das mais sinceras promessas e esperanças, e daqueles cujos sonhos já haviam se despedaçado. Eu viajara pelo mundo todo, mas a cidade era diferente de todas que conheci. Era um lugar que rodopiava à sua volta como uma bailarina russa, que arrastava você nessa pirueta até que você se descobria enfeitiçado.

A década de 1970 fora particularmente importante para Hollywood. Foi uma época em que um influxo de juventude expandia os limites de realismo e fantasia, rompendo as barreiras estabelecidas no começo dos anos 1960. À frente de tudo vinha um grupo de diretores que criaram o que veio a ser conhecido como Nova Hollywood: Francis Ford Coppola, Martin Scorsese, Stanley Kubrick, Steven Spielberg, George Lucas, William Friedkin, Brian De Palma e Roman Polanski, para citar apenas alguns. Esses cineastas não só brincavam com as convenções, eles as estraçalhavam, fazendo filmes arrojados e realistas e obras de ficção científica, estrelados por atores relativamente desconhecidos na época, como Al Pacino, Robert De Niro, Harvey Keitel e Harrison Ford. *O poderoso chefão*, *Taxi driver*, *Terra de ninguém*, *Laranja mecânica*, *Chinatown*, *O exorcista*, *Apocalypse now*, *Guerra nas estrelas*, *Tubarão*, *Caminhos perigosos*, *Contatos imediatos de terceiro grau* e *Loucuras de verão* — esses são apenas alguns dos filmes que definiram a década.

Esses diretores e suas obras não apenas mudaram a cultura de Hollywood

como também despertaram todo um novo fenômeno: o *blockbuster* — filmes que faziam um megassucesso. *O poderoso chefão*, de Coppola, *Tubarão*, de Spielberg, e *Guerra nas estrelas*, de Lucas, derrubaram todos os recordes de bilheteria e mudaram a maneira de fazer filmes nas décadas seguintes.

Foi um período em que qualquer coisa parecia possível. Além de desovar alguns dos mais influentes autores, diretores e produtores de toda uma geração, também estimulou uma onda sem precedentes de avanços artísticos e tecnológicos, tais como a criação da Industrial Light and Magic, que levaria os efeitos visuais ao reino do impossível.

Enquanto guiava para o norte pelo Hollywood Boulevard, eu esperava que nós também pudéssemos beber um pouco dessa fonte de magia.

* * *

CHEGUEI À CASA DE Calloway às nove horas da manhã seguinte. Jerome atendeu a porta e me levou para a cozinha, onde um de seus associados já estava à nossa espera. Eu tinha ligado para Calloway de Washington antes de vir e lhe pedira que trouxesse alguém que pudesse nos ajudar a montar uma produtora. "Precisa ser alguém em quem você confie e que seja conhecido na cidade", eu tinha dito. A pessoa escolhida por Calloway era o veterano maquiador Bob Sidell. Um verdadeiro personagem, Sidell parecia uma versão ligeiramente menor e menos intensa de John Milius, o roteirista de *Apocalypse now*. Aos 42 anos, ficando careca e com um sorriso largo e expressivo, Sidell usava uma barba bem cuidada e óculos grossos de aro dourado. Calloway conhecia Sidell havia quase vinte anos, e os dois trabalharam juntos em vários filmes, inclusive naquele de ficção científica que rendera prêmios a Calloway. Naquela manhã, Calloway ligara para Sidell e lhe dissera apenas para vir tomar uma xícara de café. "Tem uma pessoa que eu quero que você conheça", explicara. Sidell estava numa entressafra de trabalhos e ficou feliz por ter uma desculpa para rever seu velho amigo.

Nascido na Filadélfia em 1937, Sidell passou sua primeira infância em

Detroit, antes de se mudar para Encino, Califórnia, onde entrou para a Marinha dos Estados Unidos assim que saiu do colegial, sendo designado para tripular um destróier antissubmarino com base no Havaí.

Bob acabou entrando para o sindicato de cabeleireiros e maquiadores com a ajuda do tio de sua mulher, que era maquiador. Naquela época, era essencialmente o sindicato que controlava os maquiadores e os distribuía pelas várias produções da cidade. Após um programa de instrução de dez semanas no qual profissionais do ofício, inclusive Calloway, apresentaram suas equipes como voluntárias para auxiliar no treinamento, ele recebeu um certificado e seu nome entrou para a lista dos profissionais disponíveis. O primeiro trabalho foi no filme *Nevada Smith*, estrelado por Steve McQueen. Ele acabou encontrando um emprego estável na rede de televisão NBC, trabalhando em vários programas, como *Laugh-In*, ao lado de astros como Dean Martin e Sammy Davis Jr.

Sidell era um maquiador talentoso, mas sua área de excelência era a logística. Tinha um verdadeiro dom de lidar com as minúcias de uma tarefa; Jerome também conhecia muito bem essa faceta do homem.

— Que é que há, Jerome? — Sidell perguntou, enquanto se sentava.

Dava para ver que ele não tinha a menor ideia de quem eu era. Mais tarde, vim a descobrir que, embora alguns de seus amigos soubessem que ele tinha feito algum trabalho para a CIA, Jerome jamais discutira os detalhes com ninguém.

— Tony quer conversar com você sobre um projeto — disse Calloway. — Mas, antes de tocar no assunto, você vai precisar assinar um documento.

Eu trouxera comigo um contrato de confidencialidade, que fiz deslizar sobre a mesa na sua direção. Sidell leu duas vezes e olhou para Calloway, que assentiu com a cabeça.

— Você tem assistido aos noticiários? — perguntei, enquanto ele me devolvia o contrato assinado.

— Claro que sim — respondeu.

— Então você está a par do que está acontecendo no Irã? — indaguei.

Ele ficou um ou dois minutos falando de como estava irritado e frustrado com a situação, descrevendo como era errado que os iranianos detivessem inocentes reféns americanos no interior da embaixada.

— E se eu lhe dissesse que nem todos os nossos diplomatas estão presos na embaixada? — perguntei.

Isso atraiu sua atenção. Expliquei a situação dos hóspedes, e concluí:

— E a minha função é tirá-los de lá.

Dei a ele um segundo para digerir o que eu acabara de dizer. Então, expliquei nossos problemas com a história de fachada e a ideia de fazer com que os hóspedes fossem parte de uma equipe de filmagem.

— Fizemos toda a pesquisa a respeito do tipo de grupo que está entrando e saindo do país, procurando aquele com que estamos lidando. Em minha opinião, essa opção parece a mais plausível — expliquei.

Sidell embarcou de imediato na história.

— É uma ideia fantástica — ele disse. — Mas por que vocês precisam de mim?

— Bob, eis o que estamos fazendo — eu disse, espalhando algumas fotos dos hóspedes e suas identidades falsas. — Digamos que alguém resolva verificar um dos hóspedes, por exemplo, Teresa Harris.

Levantei uma fotocópia do passaporte canadense de Cora Lijek.

— Eles têm inúmeras formas de fazer isso: podem usar o telefone, o telex, ou entrar pela porta. E ainda podem fazer tudo isso ao mesmo tempo. O que eles deverão encontrar, no final das contas, é o escritório de Teresa. Se alguém for verificar, precisam saber que ela tem um escritório.

Sidell assentiu com um meneio, pegou a fotocópia do passaporte canadense de "Teresa Harris" e o examinou meticulosamente.

— O que eu necessito é de alguém daqui que lhes diga que ela está fora, viajando, escolhendo uma locação para o filme. A filmagem vai começar em março, então o tempo é precioso. Ela estará de volta em mais ou menos uma semana, ou algo assim. Entendeu?

Sidell assentiu novamente. Estava examinando a pilha de cópias do resto dos passaportes.

— Vai dar certo — ele disse. — Vamos garantir que funcione.

Enquanto conversávamos, surgiu Dave, do nosso departamento de contratos. Dave trabalhava no escritório da divisão da CIA na Costa Oeste e estava ali

basicamente para monitorar a verba e assegurar que Calloway e Sidell obtivessem o que fosse necessário. Antes de deixar Washington, pedi à minha secretária que o avisasse sobre a reunião na casa de Calloway.

— E o Dave aqui vai garantir que vocês tenham tudo que for preciso — eu disse.

Ao mesmo tempo, entreguei a Dave a maleta com os dez mil dólares, e ele a abriu e espiou o interior. Depois de sentar do outro lado do aposento e contar cuidadosamente as notas de cem dólares, assinou um recibo pela maleta e a entregou a Sidell, que repetiu a mesma rotina meticulosa. Isso me pouparia do problema de ter de me preocupar com o lado contábil das coisas e também me ajudaria com o pessoal de orçamento e finanças. Com tudo resolvido, Dave se recostou para curtir o espetáculo enquanto Calloway, Sidell e eu começávamos a discutir o que seria necessário para montar a nossa produtora, que resolvi batizar de "Estúdio Seis Produções", por causa dos seis hóspedes aprisionados no Irã.

Nossa prioridade era arranjar o local para o escritório. Sidell explicou que não deveria ser muito difícil, porque produtoras de cinema eram muitas vezes criadas e desmontadas da noite para o dia, de modo que a indústria se articulava em torno de contratos de curto prazo. Calloway me dissera mais de uma vez que havia um longo histórico de lavagem de dinheiro da máfia em Hollywood, abrindo e fechando produtoras de um dia para outro. Era um padrão comum e uma maneira conveniente de lavar dinheiro. Tratava-se de um negócio muito itinerante; bastava ter uma história e alguma verba, e sempre se podia achar alguém para fazer um filme para você. O sucesso do filme ou do programa de TV nunca entrava em consideração, mas de vez em quando a máfia se via com um sucesso nas mãos. Existe uma lenda urbana que conta que um programa de televisão extremamente popular dos anos 1970 surgira desse modo. Calloway jurava que o programa, a princípio, fora financiado pela máfia, e ninguém jamais me provou que ele estava errado.

Eles se revezaram ao telefone para ver o que conseguiam encontrar, e tivemos êxito mais ou menos depois de uma hora.

— Pronto, conseguimos — Sidell disse, virando-se para nós. — A Sunset Gower Studios tem um espaço que estão liberando amanhã.

Aparentemente, Michael Douglas tinha acabado de produzir *Síndrome da China* e podíamos usar seus escritórios. A Sunset Gower era uma produtora independente localizada no terreno dos antigos estúdios da Columbia Pictures, onde foram realizados clássicos como *A mulher faz o homem*. Parecia um patrimônio hollywoodiano de primeira, e o fato de Michael Douglas ter tido alguma conexão com ele serviria apenas para dar muito mais cacife à nossa produtora.

— Vamos ter três salas e sala de recepção — disse Sidell.

— Se serviu para Michael Douglas, com certeza servirá para nós — disse eu.

Com isso resolvido, começamos a examinar os vários papéis que nossos hóspedes poderiam representar. Eu encarregaria Joe de cuidar dos detalhes mais tarde, mas nesse intervalo pensei que não faria mal nenhum pedir a opinião de Sidell e de Calloway. Junto com as cópias dos passaportes, eu trouxera uma lista dos hóspedes e de seus nomes e idades. Ambos concordaram que qualquer pessoa de credibilidade junto à indústria cinematográfica precisaria de uma longa lista de trabalhos anteriores. O truque, disse Calloway, seria achar os tipos de funções que dão poder a uma pessoa — diretor de arte, diretor de fotografia, coordenador de transportes — sem que necessariamente houvesse um nome atrelado à função, como um diretor ou produtor. Esses os iranianos teriam mais facilidade para checar.

Além disso, uma vez que as personalidades hollywoodianas representadas por cada um dos hóspedes provavelmente fariam parte de um dos onipresentes sindicatos da indústria, Sidell nos lembrou de que todos precisariam de carteirinhas da sua associação profissional. Anotamos tudo e combinamos voltar a estudar o assunto no decorrer dos próximos dias.

Eu já tinha resolvido que assumiria o papel de gerente de produção, o que me daria uma razão lógica para transportar o portfólio, bem como para manter controle sobre todos do grupo. Meu parceiro, Julio, por sua vez, faria o papel de produtor associado, representando os pretensos patrocinadores sul-americanos da nossa produtora.

* * *

NO SÁBADO DE MANHÃ, fomos até Sunset Gower Studios para dar uma olhada nos escritórios. Eles puseram o nome da nossa empresa numa plaquinha que foi encaixada num quadrinho na porta de entrada. Tudo estava se juntando, e com bastante rapidez, pensei. Passamos o resto do dia arranjando mobília e máquinas de escrever para os escritórios e pedindo favores a todo mundo que Calloway e Sidell conheciam para termos telefones em funcionamento. Instalamos diversas linhas, inclusive algumas que constavam do catálogo telefônico. Anteriormente, quando discutimos a ideia de uma produtora, Sidell concordara em gerenciar o escritório durante o período da operação. Seria um papel absolutamente necessário para tornar convincente a ideia de que Estúdio Seis era realmente uma produtora cinematográfica, e não somente um endereço.

Um dos escritórios acabou ficando comigo, e o outro, com Sidell. Sendo Calloway tão conhecido, procuramos manter o envolvimento dele em segredo.

Nesse ponto, Sidell perguntou se estaria tudo bem se ele trouxesse sua esposa, Andi, para atuar como secretária de produção. Eu concordei, mas ressalvei que não podiam contar a ninguém o que estávamos fazendo, nem mesmo aos filhos.

Mais tarde, naquela mesma noite, Sidell pediu à esposa que desse um passeio com ele fora de casa e lhe relatou os últimos acontecimentos. Depois, ele me diria que a mulher quase teve um chilique só de ouvir. E, como se o choque ainda não tivesse sido suficiente, ele acrescentou:

— Ah, e, aliás, meus parabéns, agora você tem um emprego novo. Vai ser secretária de produção. E começa na segunda-feira.

* * *

NO DOMINGO, VOLTAMOS A nos reunir na casa de Calloway. Agora que já tínhamos a nossa produtora em funcionamento, precisávamos de um roteiro. Começamos nos perguntando que tipo de produção viajaria para o Irã. Como recentemente *Guerra nas estrelas* fizera um sucesso estrondoso (e fora filmado na

Tunísia), imediatamente pensamos que o gênero seria perfeito para nós. Histórias de ficção científica muitas vezes incorporavam elementos mitológicos e seria um ganho extra se pudéssemos achar algo que tivesse um tempero do Oriente Médio. Foi então que Calloway me falou de um roteiro que haviam lhe empurrado alguns meses antes. Baseado num romance de ficção científica de Roger Zelazny, *Lord of Light* [O senhor da luz], o projeto acabara caindo por terra quando um membro da produção fora preso por desfalques, mas não antes de a pré-produção ter sido iniciada. Melhor ainda, os produtores haviam contratado Jack Kirby, um famoso desenhista de histórias em quadrinhos, para criar a identidade visual. Em certo ponto, o produtor tinha concebido um parque temático relacionado ao projeto chamado Science Fiction Land [Terra da Ficção Científica], completo, com um "Complexo de Decolagem de Coches por Trovão", um "Transportador de Tubo a Jato" e até mesmo uma roda gigante de cem metros, tudo montado tendo como pano de fundo as Montanhas Rochosas no Colorado.

Calloway ainda tinha o roteiro e os desenhos conceituais, então foi pegá-los.

— Pavilhão Brahma da Alegria — li ao examinar um esboço do artista que retratava uma rua flanqueada por estátuas de trezentos metros. Em outro esboço, um homem trajava uma "armadura eletrônica de batalha" com aparência de robô e um elmo imenso com seis chifres.

— Do que se trata? — perguntei.

— Só Deus sabe! — ele respondeu. — Uma espécie de *space opera* que se desenrola num planeta colonizado onde os homens viram deuses hindus ou algo assim.

Folheei o roteiro e li uma página ao acaso:

— Vishnu, o Preservador, e Yama-Dharma, Senhor da Morte, cobriram todo o Céu... com o que se diz ser um domo impenetrável.

— Isso é perfeito — eu disse. — Os iranianos não vão conseguir entender nada.

Eu estava pensando que, por motivos operacionais, quanto mais confuso melhor. Se alguém nos interpelasse, seria muito fácil, para nós, deixá-los atrapalhados com um confuso jargão conceitual. Além disso, eu poderia

acrescentar esboços ao portfólio, junto com o *script*, o que daria à nossa produção mais uma camada de autenticidade.

Teerã tinha um famoso bazar subterrâneo que até combinava com uma das locações do *script*, o que nos daria algo para mostrar ao Ministério da Orientação Nacional do Irã, se fosse preciso chegar a isso.

— Que nome vamos dar ao filme? — perguntei.

Concordávamos que precisaria ser algo chamativo, proveniente da cultura ou da mitologia oriental. Após diversas tentativas, chegamos ao ponto.

— Vamos chamar o filme de *Argo* — disse Calloway, com um sorrisinho maroto.

Pôs-se, então, a explicar como "Argo" também tinha importantes conotações mitológicas.

— É o nome do navio em que Jasão e os argonautas navegaram para resgatar o velocino de ouro.

— Parece a nossa operação — falei.

A essa altura, peguei um bloco de papel amarelo e desenhei o esboço de uma logo para o nosso filme. Sidell e Calloway recomendaram que puséssemos um anúncio na mídia especializada. Como o cinema de Hollywood é uma indústria que se alimenta de imagem, seria uma boa ideia, segundo eles, fazer algum barulho para criar um pouco de reconhecimento para o projeto. Se a indústria *soubesse* que o filme iria acontecer, isso significava que *iria* acontecer. Calloway tinha algumas revistas jogadas pelo estúdio, então dei uma folheada rápida em algumas delas para ver o tipo de anúncio que publicavam. Percebi que quanto mais dramático e chamativo melhor. No final, optei por uma página totalmente negra para representar a escuridão do espaço sideral, em cujo centro um planeta explodia enquanto um grupo de asteroides, formando as letras ARGO, rumava na direção dele. Pensando num jeito de incrementar ainda mais o nosso filme, imaginei um slogan, "Uma Conflagração Cósmica", escrito em delicado desalinho. Quando terminei, o anúncio dizia:

ROBERT SIDELL E ASSOCIADOS

APRESENTAM

UMA PRODUÇÃO ESTÚDIO SEIS

ARGO

UMA CONFLAGRAÇÃO CÓSMICA

BASEADO NUMA HISTÓRIA DE TERESA HARRIS

INÍCIO DAS FILMAGENS EM

MARÇO DE 1980

No dia seguinte, Calloway e eu fomos até o *Hollywood Reporter* e o *Daily Variety* para colocar o anúncio de página inteira, programado para sair na quarta-feira, 16 de janeiro.

Enquanto fazíamos isso, Sidell saiu para arranjar alguns objetos, dirigindo-se a uma loja de varejo sustentada pela indústria de cinema que fornecia ferramentas e equipamentos para a produção de filmes. Ali, Sidell pegou uma prancheta para horários de filmagens, contendo divisões diárias, dando a impressão de um cronograma, bem como um monóculo de câmera para o diretor de fotografia usar pendurado no pescoço.

Quando terminamos, dei meu primeiro telefonema empresarial dos nossos escritórios para o consulado iraniano em São Francisco, usando meu nome falso de gerente de produção. Disse que solicitava um visto e instruções sobre os procedimentos para obter permissão para encontrar uma locação de filmagem em Teerã. Meu grupo de oito pessoas seria composto de seis canadenses, um europeu e um latino-americano.

O telefonema para o consulado iraniano foi um fiasco. Os funcionários sugeriram que eu entrasse em contato com a embaixada em Washington, D.C. Não foi uma surpresa, porque muitos diplomatas provinham do regime do xá e a maioria estava insegura de qual era seu status corrente e da autoridade de que dispunham para fornecer vistos.

Passamos a terça-feira de manhã juntando tudo que era "lixo de bolso" que conseguíssemos arranjar, inclusive carteiras da associação profissional, bem

como recibos e qualquer outra coisa que fizesse parecer que nossos hóspedes de fato viviam e trabalhavam em Los Angeles.

Naquela tarde, Calloway e eu tivemos um almoço "de lançamento" no Brown Derby, badalado ponto de encontro do pessoal do cinema, onde Clark Gable certa vez pediu Carole Lombard em casamento. Eu estava programado para ir embora cedinho na manhã seguinte, e Calloway queria me despachar em alto estilo com a nossa pequena versão da tradição de Hollywood de comemorar o lançamento de uma produção.

Por ser um irlandês profissional, Calloway sabia se divertir. Sua bebida predileta era a margarita, e havia somente um problema que a impedia de ser absolutamente perfeita: era sempre servida num copo minúsculo. Inicialmente, ele resolveu isso pedindo um jarro para tomar sozinho. No entanto, não demorou muito para que sua espelunca favorita começasse a nos servir "JCs" — margaritas em copos gigantescos.

Calloway e eu tomamos diversos deles naquela noite antes de soltar o grito de guerra Argo.

Depois, conversando sobre algumas das personalidades que Jerome tinha conhecido ao longo dos anos de cinema, elaborei minha própria história. Eu usaria a identidade de "Kevin Costa Harkins", personagem que criei inicialmente para realizar todas as exfiltrações que fizemos no subcontinente asiático no começo dos anos 1970. Um agente de operações da CIA podia ter, em dado momento, múltiplas identidades falsas emitidas para si. A equipe de Cobertura Central as liberava à medida que as situações exigissem. Uma identidade falsa não era suficiente. Às vezes, era preciso ocultar viagens a certos destinos, ou mudar seu padrão de viagem de modo a não interessar a um funcionário da imigração. Os nomes eram registrados e controlados pela Cobertura Central, de maneira que não houvesse duplicação nem sobreposição.

Kevin Costa Harkins era uma identidade bem escorada que eu usava de vez em quando ao longo dos anos. Era supostamente do norte da Europa com conexões na Califórnia. Tinha um apartamento nas proximidades de Ghirardelli Square, em São Francisco. Era um artista e viajava pelo mundo. Estava obviamente bem de vida e podia resolver ir para qualquer lugar por simples

capricho. Era a fachada ideal para um agente de inteligência que precisasse aparecer de repente num lugar estranho numa hora estranha.

O fato de eu vir da Califórnia era uma vantagem se fosse estar envolvido em escolher uma locação de cinema. Eu podia mostrar laços entre minha personalidade de artista e a fachada hollywoodiana que estávamos criando para a operação. Não havia dúvida de que eu podia provar que residia na Califórnia — partes interessadas presumiriam que eu poderia estar ligado à turma de Hollywood. No entanto, por razões óbvias, a melhor coisa em Kevin era o fato de ser estrangeiro, o que significava que eu não viajaria com passaporte americano.

Eu contei a Calloway sobre Kevin, e ele imediatamente captou a ligação com o norte da Europa. Sempre o irlandês profissional, ele se dispôs a me dar uma compreensão mais complexa do nome Costa Harkins, pois se relacionava a lugares onde estivera e pessoas que conhecera. A origem do nome "Costa Harkins", como se descobriu, remontava ao tempo do Império Romano, quando os romanos conquistaram, pilharam e colonizaram o norte da Europa. Certos condados da Irlanda assimilaram muitos dos romanos, particularmente marinheiros que haviam naufragado seus navios nos recifes do condado de Cork; eles se tornaram conhecidos como "Irlandeses Negros".

Enquanto o escutava, fiquei inspirado. Finalmente, eu teria uma história de fachada decente. Uma história que adoraria contar. Jerome ficou encantado. Ele e eu praticamos nossos sotaques ancestrais e erguemos os copos num brinde às nossas raízes comuns.

Quando chegou a hora de eu me despedir, Jerome de súbito ficou muito sério, pois acabara de lhe ocorrer que poderia ser a última vez que nos víamos. "Cuide-se lá", ele me disse. Jamais dado a manifestações abertas de afeto, ele me deu um forte abraço.

* * *

NA MANHÃ SEGUINTE, ENQUANTO eu voava de volta para Washington, nosso anúncio do filme *Argo* apareceu nas publicações especializadas, com o

aviso de que as filmagens estavam programadas para começar em março.

Ao pousar na capital, fiquei empolgado com a forma como as coisas haviam dado certo. Tínhamos agora um escritório de verdade em um estúdio de cinema, com funcionários que conheciam a vida em Hollywood e que podiam respaldar a nossa história se alguém checasse de Teerã. No que dizia respeito a identidades falsas, melhor não poderia ser. Agora, eu esperava que a central e os canadenses ficassem tão entusiasmados quanto eu.

---

* Olvera Street é a principal rua do bairro originalmente chamado Pueblo de Los Angeles, hoje um monumento histórico. [N. do T.]

II

UMA CONFLAGRAÇÃO CÓSMICA

Mal pus os pés em Washington, fiquei sabendo que a situação com os hóspedes em Teerã estava se tornando crítica. Além do perigo de um vazamento para a imprensa, parecia haver agora uma ameaça mais direta de que fossem descobertos a qualquer momento.

Em uma ocasião, a esposa de Ken Taylor, Pat, recebera o telefonema misterioso de uma pessoa não identificada que pediu, em inglês perfeito, para falar com Joe e Kathy Stafford e então desligou.[1] Ken Taylor, é claro, sabia que havia jornalistas que vinham juntando pedaços da história e, como o autor da ligação falara em inglês, tinha esperança de que fosse apenas um jornalista ocidental à cata de informação. Mas, num gesto calculado, decidiu não contar aos seis americanos sobre o telefonema, com medo de assustá-los.

Após quase três meses, havia gente no Irã sabendo que seis americanos estavam à solta. A essa altura, os militantes tinham uma boa noção a respeito dos vários empregados que trabalhavam na embaixada no dia em que ela foi tomada. Muitos documentos haviam sido retalhados num picotador comercial, daqueles que cortam as folhas de papel em longas tiras. Porém, os iranianos empregaram crianças tapeceiras para emendar as tiras. Além disso, várias caixas de documentos foram inexplicavelmente esquecidas no primeiro andar da embaixada quando a equipe fugiu. O mais prejudicial, contudo, foi a apreensão de todo o conteúdo do cofre de Bruce Laingen, revelando não apenas as comunicações secretas entre Washington e Teerã, mas também as identidades de vários empregados, inclusive dos três funcionários da CIA.

Mais tarde, Cora viria a descobrir que os militantes acabaram levando um empregado do consulado para percorrer as diversas salas, perguntando quem

trabalhava em cada uma. Ficou claro que o número de capturados não batia, e, quando os militantes mencionaram isso, o colega deu cobertura aos ausentes dizendo que estavam fora do país quando a embaixada caiu. Aparentemente, os militantes acreditaram, mas ninguém podia dizer por quanto tempo isso iria colar.

Em outra ocasião, Anders e Schatz tomavam sol no pátio quando foram obrigados a se abaixar e se esconder dentro de casa quando um helicóptero pairou bem em cima deles. Os quatro hóspedes se encolheram dentro da casa, esperando o que presumiam ser um ataque iminente. Anteriormente, tinham criado um plano de fuga em duas etapas no caso de algo assim acontecer. A primeira etapa pressupunha uma corrida até o telhado e dali uma saída para a rua que passava no alto da casa dos Sheardown. A segunda etapa era — bem, era a parte que eles ainda não tinham concebido. Com um helicóptero pairando sobre suas cabeças, seria apenas questão de segundos até serem localizados. Eles se encolheram e a aeronave acabou indo embora. Zena ligou para John na embaixada canadense para descobrir se ele sabia de alguma coisa. O que se passara era o assassinato de um mulá numa mesquita próxima. A Guarda Revolucionária vasculhava a área em busca do agressor.

* * *

ESSES SUSTOS OCASIONAIS, AGREGADOS à monotonia do confinamento, viviam testando a força moral dos hóspedes. Zena se recolhia mais e mais, enquanto os outros tentavam lidar com a incerteza da melhor forma possível. Cora, ao que parece, passou a dormir até tarde e também na maior parte do dia. Mark lembra-se de ter se escondido debaixo da cama uma noite enquanto os Sheardown levavam um visitante iraniano curioso para um passeio pela casa. Todos sentiam que estavam abusando da hospitalidade canadense, e queriam desesperadamente encontrar uma solução. Outra coisa que lhes ocorreu foi a possibilidade de um deles ficar seriamente doente e precisar de cuidados médicos. A chance de serem capturados, mortos ou de sofrerem algum acidente

esquisito aumentava a cada segundo que permaneciam no país.

No início da estadia, os hóspedes foram informados de que, quando os reféns fossem libertados, eles seriam escoltados até o aeroporto por um grupo de embaixadores ocidentais que tentariam colocá-los no mesmo avião. Todavia, à medida que as semanas se arrastavam, tal situação parecia cada vez menos provável. Nas suas cabeças, o fato de terem conseguido escapar os tornaria importantes suspeitos aos olhos dos militantes. E se os militantes exigissem interrogá-los? E se os acusassem de serem espiões simplesmente por terem escapado do cativeiro? Eles achavam que sua situação era completamente independente da captura da embaixada e sentiam que o Departamento de Estado não estava fazendo o bastante para ajudá-los.

Cansados do que consideravam inoperância, uma noite eles se reuniram na saleta para redigir uma carta na qual expressavam a frustração e medo de serem deixados para trás no caso da libertação dos reféns. E, mesmo sabendo que o embaixador Taylor provavelmente não mandaria a carta, tinham certeza de que a intenção da mensagem certamente seria transmitida.

Nesse meio-tempo, o estado de espírito em Ottawa também se tornou mais tenso. O conhecimento da existência dos americanos fugitivos vinha se tornando um segredo compartilhado por cada vez mais gente. Flora MacDonald, por sua vez, ficava cada vez mais nervosa, à medida que mais pessoas a abordavam com perguntas sobre os hóspedes. Os canadenses começaram a fazer arranjos discretos para fechar a embaixada. Ninguém sabia ao certo por quanto tempo o segredo dos hóspedes poderia permanecer a salvo.

* * *

DE VOLTA A WASHINGTON, as diversas iniciativas aglutinadas contra o Irã continuavam a todo vapor. Sentei-me imediatamente com minha equipe para repassar os preparativos técnicos finais para a história de *Argo*. Além disso, como a central ainda precisava avalizar um plano específico de operações, isso queria dizer que tínhamos de finalizar materiais para *Argo*, bem como para as outras

duas histórias de fachada — os nutricionistas canadenses e os professores de inglês americanos. Apesar de toda a fundamentação que obtivemos, aparentemente ainda havia gente no Departamento de Estado e no Conselho de Segurança Nacional que estava cética da opção hollywoodiana. Ela era ambiciosa demais, ousada demais, complexa demais. Na minha cabeça, eram exatamente essas as características que fariam com que funcionasse.

Todos no departamento ficaram impressionados com o anúncio na *Variety*, mas lembrei-lhes que ainda havia muito trabalho por fazer.

Agora que tínhamos a Estúdio Seis em funcionamento, o passo seguinte seria formar um portfólio, atribuir os papéis aos hóspedes e elaborar a documentação secundária. Eu sabia que tínhamos uma janela de tempo muito pequena para aprontar tudo, de modo que precisávamos agir rapidamente.

Joe Missouri havia retornado recentemente do Canadá, e eu o encarreguei da tarefa de bolar os antecedentes de cada um dos hóspedes. Eu tinha absoluta confiança nele. Era capaz de inventar qualquer história para qualquer situação. Havia partilhado com ele algumas das anotações que Calloway e Sidell me deram sobre os papéis mais prováveis que cada um deveria desempenhar, bem como seus créditos. Seria tarefa de Joe examinar suas personalidades e idades e criar funções plausíveis para eles. Por exemplo, soubemos que Kathy Stafford tinha um passado no campo das artes, por isso foi transformada em diretora de arte.

Lembro-me de ver Joe sentado à sua mesa, cigarro pendurado nos lábios, datilografando na sua máquina de escrever. Joe era brilhante e se encaixava no molde de uma nova geração que estava imersa no mundo à sua volta. Curtia sua tarefa, e ocasionalmente vinha me mostrar o que tinha feito. Para facilitar aos hóspedes lembrar detalhes, Joe inventara o engenhoso truque de usar particularidades de suas vidas reais. Por exemplo, ao elaborar a identidade falsa de Mark Lijek, "Joseph Earl Harris", Joe usara o primeiro nome e o nome do meio do pai de Cora. Da mesma maneira, como data de nascimento da identidade de Mark, utilizara o aniversário do pai de Cora.

Tentar memorizar uma identidade falsa pode ser uma tarefa assustadora, especialmente se sua vida depende disso. Às vezes, não dá para evitar a confusão, principalmente quando se está viajando com múltiplos documentos. Lembro-me

de uma vez que viajei a Moscou com uma identidade falsa e estava me registrando num hotel quando o recepcionista disse:

— Ok, Sr. Mendez, temos reservas para o senhor para duas noites.

Sem perder a compostura, passei-lhe meu passaporte falso e disse:

— Ah. Mendez não pôde vir. Eu vim no lugar dele.

Inadvertidamente, a reserva fora feita no meu nome real. Na verdade, às vezes, quando você assina o livro de visitantes de uma embaixada, dá para ver as pessoas que se esqueceram momentaneamente de quem deveriam ser, porque deram entrada sob outro nome e depois o rabiscaram para escrever outra coisa no lugar.

Ao terminar, Joe pegou os papéis dos vários membros do grupo de produção e os reescreveu sob a forma de currículos. Isso não só ajudaria os hóspedes a decorar suas identidades como também podia ser levado abertamente no portfólio do gerente de produção, o que daria credibilidade à minha própria fachada.

Enquanto isso se passava, reuni-me com Truman, nosso chefe de produção, para falar sobre os cartões de visita da Estúdio Seis. Cada hóspede teria seu próprio cartão, contendo o título e o número de telefone do nosso escritório em Los Angeles. Na viagem de volta de LA, eu tivera uma ideia e a submeti a ele:

— Que tal um enorme número seis em vermelho no cartão, feito de tiras de filmes? — perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça.

Também lhe entreguei dois exemplares de carteiras de associação profissional que Calloway e Sidell tinham pedido "emprestado" a seus amigos, bem como o roteiro do filme e os desenhos de Jack Kirby. Para o roteiro, precisaríamos tirar todas as referências ao título anterior e inserir "Argo". Para os desenhos, eu queria que alguns dos ilustradores do "cercado" criassem suas próprias versões de criaturas do espaço sideral e desenhos muito pirados, como se nossa diretora de arte viesse trabalhando em suas próprias ideias. Percebi que se tratava de um pedido estranho, mas tinha absoluta confiança em nossos artistas, contratados por sua habilidade para fazer de tudo. Tarefa nenhuma parecia fora de seu alcance, inclusive finos esquemas técnicos e caligrafia forjada.

A maioria deles era de "operários" do ofício que se orgulhavam de sua versatilidade. Era uma cepa especial em meio à burocracia da nossa organização. Os artistas eram difíceis de administrar. Mais de uma vez ameaçaram entrar em greve. Mas eram altamente competentes no que faziam.

Truman, originalmente um tipógrafo especializado em composição, se encaixava perfeitamente no molde desses operários. Como chefe de produção, ele supervisionava qualquer coisa de que precisássemos do departamento gráfico. Costumava dar um número a cada uma das tarefas que chegavam ao setor gráfico, colando-o num grande envelope pardo conhecido como capa da tarefa. Era assim que o progresso do trabalho era acompanhado, e as horas registradas de seção em seção. Isso acontecia, é claro, porque quase toda tarefa gráfica exigia uma multiplicidade de departamentos. O EST tinha peritos em tintas, em papel, em fotografia e até um prelo à sua disposição.

Depois de receberem as carteiras das associações profissionais, os artistas as esquadrinharam de todos os ângulos. Não basta que um documento pareça estar em ordem. Ele também precisa transmitir a sensação de que está em ordem. Por exemplo, qual o som que produz ao ser amassado? Por isso, examina-se o papel e procura-se no estoque aquele que é mais adequado. O mesmo vale para carteiras de identidade plastificadas. Se alguém para você no meio da noite para examinar o documento, talvez ele não consiga enxergá-lo direito, mas com toda certeza sente a textura. Talvez uma das ciladas seja um plastificado grudento. Tudo isso é levado em consideração quando o setor gráfico reproduz documentos.

Allen Dulles disse da melhor forma: *"Qualquer serviço de inteligência que se preze é capaz de fabricar dinheiro dos outros."* Em outras palavras, todo país precisa ter suas próprias e rígidas medidas de segurança, ao mesmo tempo que trabalha ativamente, de forma secreta, em um jeito de revirar pelo avesso as medidas do inimigo mais rápido do que o outro consegue inventá-las.

* * *

DEPOIS DE ELABORAR O portfólio, a tarefa seguinte seria trabalhar na

documentação de viagem dos hóspedes. Agora que sabíamos quem eram, precisávamos mostrar como tinham chegado ao Irã para conseguir tirá-los de lá.

Isso não era tão fácil quanto parece, pois exigia não só registro de passagens, mas também a inserção de diversos carimbos e selos de fronteira nos passaportes para mostrar que eles de fato seguiram o itinerário específico que diziam ter seguido. É sempre um processo complexo e envolve dezenas de funcionários técnicos altamente qualificados trabalhando em duplas. Nesse caso, tínhamos optado por um itinerário de volta ao mundo, com os hóspedes fazendo o voo final de Hong Kong para o Irã. Isso queria dizer que Joe precisava ir aos arquivos e buscar o carimbo específico usado pelo funcionário da imigração em Hong Kong no dia em que os hóspedes diziam ter partido. Por isso é tão importante atualizar continuamente os registros de viagem. É a razão para a CIA fazer constantes verificações para manter em dia a base de dados. Depois de achar o carimbo certo, Joe o mandaria para o chefe de produção, cuja tarefa seria acompanhar sua inserção por várias fases envolvendo numerosos departamentos no EST. Concluído o processo, Joe receberia um documento de viagem contendo o carimbo apropriado. Mas isso seria relativo a apenas um país. Imagine ter de inserir dezenas de selos e carimbos em um passaporte. E mais, imagine centenas de operações semelhantes acontecendo simultaneamente, e assim você terá uma ideia da natureza complexa do trabalho em andamento no departamento gráfico.

Para completar nosso roteiro, Doris estava ocupada reunindo alguns materiais de disfarce. Seriam incluídos num malote enviado de Ottawa para a embaixada canadense em Teerã. Como eu ia seguir para o Irã, meu envolvimento era mais direto do que o habitual, e de vez em quando Doris vinha a mim com um relatório dos progressos. Devido à inexperiência dos hóspedes em usar disfarces sofisticados, optamos por ressaltar traços visuais e comportamentais básicos para servirem de máscara. Diplomatas são tradicionalmente conservadores na aparência; nós os estimularíamos a ficarem mais extravagantes, geniosos, sensuais. Montes de perfumes e loção pós-barba, camisas desabotoadas, calças justas, correntes de ouro, joias chamativas, cabelos esvoaçantes — um visual que eles jamais escolheriam. E o comportamento também precisaria mudar: teriam de ser mais escandalosos, mais agressivos, mais

histriônicos, até mesmo arrogantes. Em suma, todo o estereótipo que um observador associaria a alguém que trabalhasse em Hollywood.

Também não sabíamos de quanto espaço dispúnhamos, uma vez que os materiais de disfarce teriam de caber na mesma sacola com os documentos. Doris voltou com um pequeno kit tipo faça você mesmo para cada um dos hóspedes, que incluía produtos como gel de cabelo, maquiagem, óculos da moda, delineador etc., bem como uma folha impressa com instruções detalhadas de como eles poderiam modificar suas aparências. O kit incluía, também, o monóculo que Sidell escolhera para o diretor de fotografia usar pendurado no pescoço, bem como os materiais que eu levaria comigo no portfólio, tais como o roteiro e a prancheta do cronograma.

Com a central e o Departamento de Estado ainda vacilando em relação às diferentes opções de fachada, redigi uma versão atualizada do plano de operações expondo a minha ideia de levar as três comigo para o Irã. Eu as apresentaria, então, aos hóspedes e os deixaria decidir se queriam sair individualmente ou em grupo e qual dentre as fachadas eles preferiam. Não era a situação ideal, mas, com tantas instituições governamentais envolvidas, senti que era o único jeito de chegar lá a tempo. Sabia também que, sendo eu quem lhes apresentaria as opções, poderia conduzi-los na direção que eu achava que deveríamos seguir. Qualquer coisa era melhor do que simplesmente ficar sentado esperando que os burocratas tomassem uma decisão. Eu sabia que os canadenses também estavam ficando nervosos. Era hora de tirar nossos diplomatas de lá, antes que fosse tarde demais.

Cerca de uma semana depois que voltei da Califórnia, tudo estava pronto. Joe e eu saltamos dentro de um avião e voamos para Ottawa para recolher o malote.

Logo que chegamos ao Canadá, saímos para finalizar os documentos e juntar ainda mais lixo de bolso, coisas como distintivos com o símbolo do Canadá, caixas de fósforos, cartões de visitas, recibos — dessa vez, elementos que dariam aos hóspedes a aparência de serem cidadãos canadenses.

O malote canadense se revelou do tamanho de uma fronha de travesseiro, mal tendo espaço suficiente para o kit de documentos e materiais de disfarce. Os *couriers* canadenses, pelo visto, tinham uma vida bem mais fácil que o *courier*

típico do Departamento de Estado, que geralmente transporta vários malotes do tamanho de sacos de correio. O canadense tem permissão de levar apenas uma sacola e a mantém junto a si o tempo todo. Assim, havia um contratempo final: parte do nosso material de disfarce extra teria de ser deixada para trás.

Antes de voar para o Canadá, eu fizera uma revisão de tudo que tínhamos juntado para a hipótese dos professores de inglês e percebi que havia a possibilidade de sermos levados a uma situação constrangedora. Os canadenses haviam conseguido documentos com referências escoradas para a opção proposta por eles — carteiras de motorista, carteiras de saúde do Canadá, cartões de visita para nutricionistas —, ao passo que as permissões das várias agências da CIA para obter documentos similares para os professores foram lentas demais. Lembro-me de ter procurado o chefe do setor gráfico na véspera às sete da noite e perguntado o que ele tinha no arquivo. A única coisa que conseguiu encontrar foi um cartão de crédito de uma grande loja de departamentos. Achei que era melhor do que nada, mas quando liguei para Fred Graves, chefe de operações do EST, para perguntar se podíamos usar o cartão de crédito sua resposta foi basicamente "Não". Como resultado, os conjuntos de documentos de identidades falsas dos Estados Unidos eram superados de longe pelos canadenses. Na verdade, a única razão de mandar esses documentos era apaziguar certas esferas do planejamento operacional. Mas eu não levava essas questões para o lado pessoal. Não desejava mal a ninguém. Sabia que eles só estavam fazendo o que julgavam ser o melhor para sua gente.

Se os nossos colegas canadenses fizessem um inventário dos documentos a serem colocados no malote, ficaríamos com caras de trouxa. Isso nos incomodou. Assim que chegamos à embaixada dos Estados Unidos em Ottawa, na manhã seguinte, nos revezamos juntando cartões de visita e outros artigos de bolso para encher o pacote.

Acabou que os canadenses não examinaram o conteúdo da sacola. Constrangimento evitado.

Tínhamos seis passaportes canadenses e doze americanos. É claro que já havíamos enviado antecipadamente um conjunto de passaportes canadenses, e isso queria dizer que possuíamos recursos redundantes nas duas nacionalidades.

Para o primeiro conjunto, os técnicos do EST no Canadá já haviam forjado vistos, vindos de um país da Europa, mas, para o segundo, os vistos operacionais tinham sido deixados em branco. Julio e eu os completaríamos com carimbos de entrada em terra já em Teerã, de modo a termos alguma flexibilidade de última hora.

Por fim, um conjunto de instruções altamente detalhadas sobre o uso dos documentos e sobre as informações finais a serem transmitidas aos hóspedes também foi preparado para fácil consulta — escrito por gente não especializada —, acompanhado de passagens aéreas mostrando itinerários de volta ao mundo. Ao deixar o Canadá, senti-me bem sabendo que estávamos alguns passos mais perto de tirar os hóspedes de lá.

* * *

DE VOLTA A WASHINGTON, comecei a me preparar para a fase seguinte da operação, que seria viajar para a sucursal do EST na Europa. Ali, eu planejava me juntar a Julio, preparar meus documentos falsos e obter meu visto.

Antes de partir, porém, fiz uma visita ao EST. Ao caminhar pelo corredor, passei pela sala de Fred Graves. "Mendez!", ele me chamou quando eu ia passando, parecendo um instrutor do corpo de fuzileiros.

— Você não está mais lá fora em campo se divertindo! — berrou. — Tem que voltar para cá e administrar; você não é mais um agente de operação!

Eu sabia que era o jeito dele de me manter no meu lugar, mas era também um bom lembrete de que, se algo saísse errado, era o meu que estava na reta.

Na noite seguinte, Karen foi comigo de carro até o Aeroporto Internacional Dulles. Com meus filhos, procurei não criar muito alvoroço em relação à viagem. Nessa época, já adolescentes, eles tinham coisas mais importantes com que se preocupar. Karen era diferente. Quando encostamos no aeroporto, notei que ela estava preocupada. E sabia também que ela entendia a importância do que eu precisava fazer.

Já nos despedíramos muitas vezes, anteriormente. A despedida tinha

praticamente um ritmo. Não era como olhar o cano de um revólver e ver a vida passar em um segundo. Era mais como uma tradição, sabendo que havia perigo pela frente, mas que provavelmente poderia ser administrado. É claro que sempre pensamos que somos capazes de administrar o perigo, até o dia em que não conseguimos. Havia sempre uma tristeza pesada quando eu partia para essas missões. A última vez que eu estivera no exterior fora na operação de exfiltração em abril, nove meses antes, quando resgatara RAPTOR. Na ocasião, Karen sabia, como agora, que eu correria perigo, mas sem detalhes. Nem antes nem mesmo depois. Era melhor assim.

Tirei a chave do contato e me virei para Karen. Puxando-a para mim, eu a beijei e a abracei por muito tempo. Sentia as batidas de seu coração. Houve uma pausa — ficamos simplesmente ali sentados, sem falar nada. Finalmente, ela rompeu o silêncio:

— Você precisa arranjar um emprego de verdade — ela disse.

— Este é um emprego de verdade — retruquei. — É um bom emprego.

— Você tem que arranjar outro emprego — repetiu.

Saí do carro e tirei minhas sacolas do porta-malas. Karen também desceu e deu a volta no carro até chegar ao lugar onde eu estava segurando a porta do motorista. Entreguei-lhe minha aliança — agentes sempre usam fachadas de gente solteira. Poderia ter deixado a aliança no escritório. Ou no armário. Mas entregá-la a Karen era parte da nossa tradição. "Toma", aquilo significava. "Guarda para mim; vou voltar para pegá-la." Nunca dissemos essas palavras. Mas estava implícito. "Voltarei."

Enquanto ela se afastava com o carro, deixando-me na calçada, fui tomado por uma onda momentânea de tristeza. Eu esperava cumprir minha promessa.

IZ

PRONTO PARA DECOLAR

Cheguei à Europa na manhã de 22 de janeiro. Planejava encontrar-me com Julio antes da minha entrada final em Teerã, marcada em princípio para 23 de janeiro. Julio me seguiria um dia depois, o que nos daria redundância caso um de nós não conseguisse. Julio e eu vínhamos nos comunicando havia algum tempo enquanto eu finalizava os detalhes do meu pacote de documentos com o escritório do EST na Europa. O plano era que pedíssemos vistos iranianos separadamente, em diferentes cidades europeias, e voltássemos a nos encontrar em Frankfurt antes de finalmente nos infiltrarmos no Irã. Se nenhum dos dois tivesse sorte, eu já havia providenciado um plano alternativo. Um de nossos colegas na Europa tinha um passaporte com identidade falsa, emitido pelo EST, usado de vez em quando. No início do processo, eu o instruíra a obter um visto iraniano nesse passaporte, de modo a termos um exemplar, uma versão original e atualizada do visto real. Ele não teve problema em conseguir o visto, e, se necessário, eu pegaria carona na sua identidade se não tirasse o meu.

Tínhamos cerca de dez pessoas trabalhando na Operação Argo em Frankfurt: um analista de documentos, um encarregado de disfarces e um punhado de pessoas do setor gráfico. O chefe do escritório local estava por dentro das coisas, sempre de charuto aceso, mas não era do tipo que põe a mão na massa. Seu segundo em comando, Al, por outro lado, estava totalmente envolvido. Advogado de formação que também tinha diploma de engenharia, Al era um homem muito enérgico, perspicaz, meticuloso, que entendia as nuanças daquilo que estávamos prestes a realizar. Era uma boa pessoa para se ter na equipe, sensato e cuidadoso.

Na manhã de 21 de janeiro, no mesmo dia em que parti de Washington, Julio viajou para Genebra sob identidade falsa para solicitar um visto iraniano. O

motivo de ser tão importante obter um visto legal é que é muito fácil verificar se a pessoa que você alega ter emitido seu visto estava de fato trabalhando naquele dia. Também era importante ter um exemplar para comparar com as falsificações preparadas para os hóspedes e enviadas a Teerã. Como parte das medidas de segurança, os países mudavam constantemente seus carimbos ou inseriam ciladas ou truques para sinalizar um documento forjado. Durante minha primeira missão na Agência como artista-autenticador, minha função foi estudar esses carimbos à procura de irregularidades e cascas de banana. Podia ser qualquer coisa, desde uma letra ligeiramente apagada até a cor da tinta. Lembro-me de um país que usava especificamente grampos baratos que enferrujavam com facilidade. Quando examinavam o visto e não encontravam a ferrugem no grampo, eles sabiam que alguma coisa estava errada.

Quando cheguei a Frankfurt, Julio já havia voltado de Genebra com o visto. "Sem problema", disse ele, mostrando o passaporte recém-carimbado. "Eles pareciam ansiosos que eu fosse visitar seu país." Apesar de ter uma pele branca, quase leitosa, ele não encontrou dificuldades para convencer o funcionário de que era um produtor associado da América do Sul. É claro que eu nunca havia duvidado dele. A genialidade de espiões como Julio é que eles podem ser praticamente qualquer pessoa. Não havia nada de especial em sua aparência, sob nenhum aspecto. Tinha altura, compleição e peso medianos; o cabelo rareava e ele usava óculos. Era uma pessoa qualquer. Isso, associado a seu talento de dominar línguas estrangeiras, fazia dele um camaleão.

Meu plano era tirar o visto na manhã seguinte, dia 23, antes de voar para o Irã na mesma noite. Nesse meio-tempo, eu tinha muito o que fazer e pouco tempo para arranjar tudo.

Passei a manhã do dia 22 finalizando a documentação. Os técnicos do EST tinham dado duro para preparar minha identidade falsa de Kevin Costa Harkins mesmo antes da minha chegada, mas havia ainda alguns detalhes para resolver, como, por exemplo, tirar minha foto. Como minha fachada era de um europeu, eu precisava ter cara de europeu. No final da década de 1970, em especial, havia vários traços capazes de trair você como americano, por causa das roupas que se usavam. Os sapatos europeus, só para dar um exemplo, eram muito diferentes. A

importância desses detalhes sutis não poderia ser suficientemente enfatizada. Eu já tinha visto numerosos agentes serem desmascarados, apesar da documentação perfeita, por vestirem marcas americanas muito óbvias. Como qualquer agente secreto experiente sabe, o sucesso reside na atenção aos detalhes. Um funcionário do OSS uma vez me disse que se manteve vivo na Itália atrás das linhas inimigas porque havia colocado uma pedra no sapato para lembrar-se de mancar, pois precisava de uma desculpa para não estar no exército.

Por esse motivo, uma das primeiras coisas que fiz em Frankfurt foi ir às compras. A cidade tinha uma grande loja de departamentos chamada Kaufhof, que era uma versão alemã da Macy's. Deve ser engraçado imaginar um espião provando roupas no setor masculino de um magazine, mas foi exatamente o que fiz. Na época, os *trench coats* estavam na moda. Por isso, comprei um, junto com uma muda de roupas e, é claro, sapatos. Além do estilo, me certifiquei de que tudo fosse o mais comum possível. Qualquer coisa muito extravagante chamaria atenção sobre mim. Comprar roupas também me forneceria o "lixinho de bolso", que ajudaria a dar credibilidade ao meu disfarce.

Naquela tarde, recebemos um telex FLASH de Ottawa. O primeiro lote com seis passaportes canadenses já chegara a Teerã, mas Roger Lucy constatara um problema. Ele retirara pessoalmente a encomenda, enviada ao país num voo da Iraqi Airways. Os guardas revolucionários às vezes interceptavam os malotes das embaixadas ocidentais, e por issso o portador fora instruído a entregar o embrulho para Roger Lucy, em mãos. A essa altura, ele vinha recolhendo a correspondência diplomática havia cerca de dez meses e era bem conhecido no aeroporto. O malote lhe foi entregue sem incidentes; no entanto, depois de retornar à embaixada e examinar os passaportes, ele descobriu um defeito. Por algum motivo, o preenchimento manual em parse nos vistos iranianos mostrava uma data de emissão futura. Lucy aprendera parse sozinho e logo se deu conta de que o problema residia no fato de o calendário persa começar em 21 de março. Isso significava que os vistos teriam sido emitidos aos hóspedes depois de sua suposta entrada no país. Quanto ao motivo dessa ocorrência, eu só podia imaginar que o especialista em parse que assistia nossa equipe em Ottawa tivesse se equivocado em relação ao calendário. Taylor e Lucy ficaram preocupados com

a possibilidade de esse erro atrasar nossa partida por alguns dias, algo que lhes traria considerável dor de cabeça, pois estavam planejando fechar a embaixada quase imediatamente depois de termos resgatado os hóspedes.

Mandamos na hora uma mensagem para Taylor, proveniente de Ottawa, dizendo que isso não era problema, pois podíamos facilmente corrigir o erro depois de chegar a Teerã. Além disso, esses eram os passaportes reserva, a serem usados no caso de Julio e eu não conseguirmos entrar no Irã. Se isso acontecesse, enviaríamos instruções a Taylor e Lucy, de modo que eles próprios pudessem fazer a correção. Todavia, se nossa entrada fosse bem-sucedida, usaríamos o outro jogo de passaportes, que ainda receberia o carimbo de visto.

Nessa hora, os canadenses já estavam fechando rapidamente a loja em Teerã e se aprontando para a exfiltração dos hóspedes, programada para segunda-feira, 28 de janeiro, dia da eleição nacional iraniana. De antemão, Taylor pediu a John e Zena Sheardown que voltassem para o Canadá. Para John Sheardown, que fora a primeira pessoa a acolher os americanos, foi uma despedida muito emocionante. O grupo se reuniu na sala de estar e John deu a notícia. Como alguns dos hóspedes explicariam depois, John não queria deixar o barco e tinha o sentimento de estar abandonando os hóspedes, por quem se sentia responsável. Os Sheardown reclamaram por ter de ir embora, mas não tiveram muita opção. "Eu quero ficar e terminar o serviço", ele lhes disse. Os hóspedes, por sua vez, incentivaram os canadenses a partir. Sabiam quanto perigo os Sheardown tinham corrido por abrigá-los e, de certa maneira, tiveram uma sensação de alívio por não precisarem mais carregar esse fardo. Ainda assim, a despedida foi difícil. Como me contaria depois Bob Anders, o grupo sentiu que sua base de força e apoio havia sido retirada.

Depois que os Sheardown se foram, os hóspedes permaneceram sozinhos por um ou dois dias, mas ficaram preocupados com o que fariam se alguém viesse à porta ou se o telefone tocasse. Nesse ponto, Taylor encarregou Lucy de cuidar dos seis, e ele saiu de casa e se mudou para ficar com eles. Porém, uma vez que Lucy estava ocupado durante o dia ajudando Taylor na embaixada, um policial militar canadense conhecido como Junior foi mandado para vigiar a casa enquanto Lucy estava fora.

Os seis americanos ficaram um pouco surpresos com a partida precipitada dos Sheardown, mas isso também os fez desconfiar que estava em andamento um plano para tirá-los de lá. Mark raciocinou que, uma vez que Zena não tinha imunidade diplomática, fazia todo sentido do mundo que ela se fosse antes que se tentasse qualquer operação de resgate. Anteriormente, surgiram indícios de que havia uma possibilidade de fuga quando Taylor discutira a questão de preferirem usar documentos canadenses ou americanos. O simples fato de a pergunta ter sido feita indicou aos hóspedes que algum tipo de plano estava sendo elaborado. No entanto, como nem Sheardown nem Taylor tinham dado nenhuma confirmação de que alguém viria tirá-los dali, eles tentaram não ficar esperançosos demais.

* * *

DE VOLTA A FRANKFURT, Julio e eu passamos a tarde de 22 de janeiro revendo o plano operacional. Havia semanas que o EST vinha entrevistando viajantes e colhendo informações sobre a fiscalização no Aeroporto de Mehrabad.

Quando se trabalha nesse ramo durante tanto tempo como eu, acaba-se percebendo que todo aeroporto, sala de embarque e portão têm uma atmosfera própria. Dependendo da parte do mundo em que se está, há certos costumes culturais e profissionais que influenciam a forma com que as coisas correm no aeroporto. Como é o grau de organização dos funcionários? É um pessoal alfabetizado ou bem treinado? Eles reagem a ameaças ou é melhor bajulá-los? É possível suborná-los? Há alguma lista de pessoas em vigilância? Que tipo de coisas podem estar sendo procuradas pelos inspetores aduaneiros? Como é a disposição do aeroporto? Com o tempo, é possível desenvolver um sexto sentido sobre como lidar com determinadas situações. Na Índia, por exemplo, se confrontado pelo funcionário da alfândega em relação à ausência de um documento, é possível agir com indignação e culpar outra pessoa: "Como é que eu vou saber onde está o documento? O formulário é de vocês! O cara em Nova Délhi não me entregou; então, o problema é seu, não meu!" Essa jogada, porém,

jamais funcionaria, digamos, na antiga Tchecoslováquia, onde os agentes de fronteira eram temidos pela sua eficiência férrea nos tempos da Guerra Fria.

Nove entre dez vezes, os funcionários da imigração eram iletrados ou mal treinados, enquanto os da alfândega eram de primeira linha. Nesse caso, era prudente saber o tipo de item em que eles estariam de olho. Certa vez, quando fui a outra cidade no subcontinente para uma exfiltração, pus exemplares das revistas *Playboy* e *Time* na minha mala em lugares facilmente acessíveis, sabendo que seriam distrações óbvias. É claro que fui barrado, como sabia que seria, e, quando o primeiro funcionário da alfândega viu a *Playboy*, suas sobrancelhas se ergueram. "Pode pegar", eu disse. O funcionário seguinte franziu o cenho quando viu a revista *Time*. O número em questão trazia um artigo muito negativo sobre a religião oficial do país em que eu ingressava. "Esta aqui é proibida", o segundo funcionário disse. "É sua", respondi. Aí, sem esperar que eles continuassem a busca, rapidamente fechei a mala e segui adiante. Eu tinha vários carimbos de vistos e quase dez mil dólares em dinheiro escondidos num compartimento secreto.

Quando se tratava da fiscalização no Aeroporto de Mehrabad, em Teerã, a maior preocupação que tínhamos era com o formulário de desembarque/embarque composto de duas folhas que remontava aos dias repressivos da SAVAK. Ele era impresso num papel que dispensava papel-carbono. Na chegada, cada pessoa tinha de preencher um formulário, e o agente da imigração mantinha a folha branca de cima enquanto o viajante ficava com a cópia amarela. Teoricamente, quando o viajante deixasse o país, deveria devolver a via amarela para o agente poder compará-la com a outra e ver se havia alguma irregularidade. Como estávamos planejando falsificar a via amarela, essencialmente corríamos um risco. Devido à natureza caprichosa dos homens do *komiteh* no aeroporto, não era possível dizer se os fiscais da imigração se dariam o trabalho de comparar nossos formulários amarelos com as inexistentes vias brancas.

Para minimizar esse risco, tínhamos juntado o máximo de informações humanamente possível sobre os controles no Aeroporto de Mehrabad para descobrir se estavam fazendo as comparações.

Há basicamente dois jeitos de colher informação sobre aeroportos. Um é passivo, e o outro é mandar alguém fazer uma sondagem. Um exemplo de coleta passiva seria o viajante notar coisas que poderia ver simplesmente ao passar por ali; então, ao retornar, preencher um relatório detalhado. Essa é uma ação de coleta de informação de baixo risco, pois o viajante, na realidade, não está indo além dos procedimentos de viagem habituais. No começo da crise dos reféns, havíamos mandado uma mensagem abrangente pedindo que qualquer um que estivesse em trânsito pelo Aeroporto de Mehrabad monitorasse os controles.

Uma vez identificadas as lacunas em nossas informações — os "desconhecidos conhecidos", como se poderia dizer —, seguiríamos adiante para o segundo método, que é mandar alguém para fazer uma sondagem. Nesse caso, geralmente se está buscando testar uma teoria ou conceito específico.

Em meados de janeiro, a CIA fora capaz de alocar diversos agentes em Teerã coletando informação sobre uma variedade de assuntos, inclusive sobre o Aeroporto de Mehrabad. O mais proeminente entre eles era Bob, o antigo agente do OSS que fora tirado da aposentadoria para dirigir o apoio de inteligência para a Operação Garra de Águia. Bob era essencialmente um dos nossos agentes secretos não oficiais e fora incumbido de fazer o reconhecimento da embaixada e montar uma companhia de caminhões como parte da Garra de Águia. Os caminhões deveriam ser usados para transportar os comandos da Força Delta para a embaixada americana em Teerã como parte do assalto final. Bob era um verdadeiro profissional, capaz de falar várias línguas e adotar exatamente a fachada necessária. Para essa missão, estava viajando com documentos autênticos de um país do Leste Europeu, então não havia como ligá-lo à CIA. Para os objetivos da nossa operação, Bob também se tornara uma excelente aquisição. O trabalho exigia que ele fosse e voltasse com frequência, e ele passava bastante pelos escritórios do EST na Europa informando o que vira no aeroporto. Bob também tinha indivíduos trabalhando sob suas ordens no Irã, ocupados em colher informações.

Além disso, é claro, os canadenses também foram de grande ajuda. No começo da crise, eu solicitara ao embaixador Taylor que pedisse a qualquer um de seus funcionários em trânsito pelo aeroporto que auxiliasse na nossa tarefa de

coleta de informações. Nas minhas viagens a Ottawa, pude interrogar diversos policiais canadenses que haviam passado pelo aeroporto, e as informações por eles fornecidas demonstraram ser valiosíssimas.

Toda essa inteligência pintava o quadro dos desafios que enfrentaríamos para tentar fazer com que os hóspedes passassem por Mehrabad. Na primeira vez que estive no aeroporto, para resgatar RAPTOR, notei que os funcionários habituais da alfândega haviam sido substituídos por capangas do *komiteh*. No fim de janeiro, parecia que os iranianos voltavam a se organizar lentamente. Ainda assim, nossas melhores informações diziam que não estavam comparando as vias branca e amarela dos formulários de imigração. Eu esperava que conseguíssemos entrar e sair com os hóspedes antes que isso mudasse.

* * *

NA MANHÃ DE 23 DE janeiro, fui de carro para Bonn com uma das nossas quatro agentes disfarçadas para tirar o visto. Eu estava sob a identidade de Kevin e trouxera comigo o portfólio Argo, que planejava usar para impressionar os funcionários iranianos. Eu havia alterado minha aparência com um disfarce simples e vestia um pulôver verde de gola rolê com um paletó de *tweed*, que continuaria usando durante toda a operação.

À medida que nos aproximávamos da representação iraniana em Bonn, fiquei um pouco preocupado em ver que a embaixada do meu suposto país de origem se encontrava bem do outro lado da rua. Se os iranianos resolvessem, seria perfeitamente aceitável que me mandassem para a embaixada do meu país para pegar uma carta de apresentação antes de me concederem o visto. Se isso ocorresse, seria um verdadeiro teste para a minha habilidade de manter a fachada. Fui deixado no fim da quadra e caminhei de volta até a entrada da seção consular iraniana.

A área de recepção era uma sala grande, amorfa, que continha algumas cadeiras retas com espaldar de madeira e tapetes persas espalhados no chão. Uma fileira de janelas corria ao longo da parte superior de uma das paredes, mas

fornecia pouca luz natural. Na verdade, o espaço era iluminado por uma série de mortiças lâmpadas fluorescentes que davam ao ambiente um ar sombrio, quase lúgubre, como algo que poderia ser visto num filme de Hitchcock. Meia dúzia de candidatos ao visto estavam sentados nas cadeiras preenchendo os formulários, enquanto um punhado de guardas revolucionários em trajes civis se mantinha por perto examinando todo mundo com olhares ferozes. Foi só então que me dei conta de que, de forma estúpida, deixara o portfólio no carro quando saltei. Eu ainda estava com meu passaporte falso e outros documentos pessoais, mas fiquei furioso comigo mesmo. Fervendo de raiva, sentei-me para preencher os formulários e fui até o guichê para entregá-los ao encarregado consular. O funcionário, de aparência desgrenhada, me examinou com a postura arrogante de um fanático convencido de sua superioridade. Dava para dizer que ele estava ansioso para me mostrar que pertencia a um *komiteh* e desconfiava de todos os ocidentais.

Quando as pessoas me perguntam como é encarnar uma identidade fictícia, eu sempre digo que é muito parecido com ser um bom mentiroso. O truque é que você precisa acreditar na mentira e acreditar tanto que a mentira se torna verdade. Em outras palavras, ao entrar no consulado como Kevin, eu não estava fingindo ser Kevin. Eu *era* Kevin, e ele era eu.

Para mim, há duas abordagens básicas quando se desempenha um papel: fazê-lo pela intuição ou fazê-lo de maneira controlada. Em condições normais, tendo a ser meio maníaco por controle, mas, quando se trata de interpretar um papel, sou mais do tipo que age de improviso. Porém, se você não estiver afiadíssimo ao parar na frente do funcionário da imigração e mostrar seus documentos, então realmente não está preparado. Quando se consegue enganar alguém levando-o a pensar que você é outra pessoa, ser o único que sabe a verdade dá uma sensação de poder.

— Qual é o propósito da sua visita? — perguntou o funcionário, coçando a barba.

— Uma reunião de negócios com meus associados no Hotel Sheraton em Teerã — eu disse, com meu melhor sotaque do norte da Europa. — Eles vão chegar de Hong Kong amanhã e estarão esperando por mim.

— Por que não tirou o visto no seu país de origem? — ele perguntou, parecendo agora entediado com a transação e só cumprindo as obrigações.

Expliquei que estava viajando pela Alemanha quando meu patrão me mandou um telex me informando da reunião. Dei de ombros:

— Eu não tive tempo de voltar para casa.

O funcionário pensou no caso e assentiu duas vezes. Vinte minutos depois eu estava saindo pela porta com um visto iraniano de um mês carimbado no meu passaporte falso. Nem precisei do portfólio Argo, mas foi por sorte, e eu sabia muito bem disso.

* * *

DE VOLTA A FRANKFURT, Julio e eu fizemos os acréscimos finais no plano operacional, detalhes da aquisição de vistos, plano de infiltração para mim e Julio e a parte de escape e evasão. Esta última era um componente necessário, embora todos soubéssemos que, se algo desse errado, as chances de executar escape e evasão eram praticamente inexistentes. A segurança em Mehrabad era avassaladora e armada. Não haveria chance de mudar de ideia assim que decidíssemos dar a partida. A essa altura, a única saída do aeroporto seria num voo.

Escolhemos partir de Zurique porque queríamos chegar a Teerã de manhã cedo, quando o terminal de Mehrabad ficava sossegado. Também queríamos viajar de Swissair, por seu histórico confiável. Além disso, o voo da Air France que documentaríamos como o voo de chegada dos hóspedes aterrissava em Mehrabad quase na mesma hora que o nosso. Isso queria dizer que os hóspedes teriam passado supostamente pela imigração no mesmo dia que nós. As assinaturas e cores de tinta dos carimbos de entrada seriam idênticas àquelas que constavam em nossos passaportes, fornecendo-nos exemplares autênticos para serem copiados mais tarde.

Com tudo resolvido, mandamos um telex FLASH que incluía nosso plano final de operação requisitando permissão para dar partida. Era um procedimento-

padrão solicitar a aprovação da central antes de prosseguir.

Enquanto Julio e eu esperávamos, recebemos uma mensagem em código de um dos supervisores locais dizendo que havia alguém que queria se encontrar conosco. Demos uma volta pelo corredor e entramos numa sala vazia, onde nosso contato Bob estava à espera. Recém-chegado de Teerã, ele nos deu algumas informações de última hora sobre a fiscalização no aeroporto. Então, nos examinou de cima a baixo para ver se estávamos convenientemente trajados. Satisfeito, fez que sim com a cabeça e disse: "Vocês vão se sair bem." Pode não parecer muita coisa, mas foi um grande elogio vindo de uma lenda viva do mundo da espionagem, um sujeito que durante a Segunda Guerra Mundial saltou de paraquedas atrás das linhas inimigas para trabalhar com a resistência. Tomei como um bom sinal de que a nossa operação acabara de receber a bênção de um dos mestres do nosso ofício.

Meia hora depois de enviado o telex, chegou a resposta do diretor da inteligência central, dizendo: "Sua missão está aprovada. Boa sorte." Espiões não são do tipo que manifesta emoção, especialmente entre colegas. Virei-me para Julio e nos encaramos com um olhar firme. Não havia nada a dizer. Éramos profissionais e sabíamos dos riscos. Ele estendeu a mão para apertar a minha. Isso não era muito típico dele, e eu dei um sorriso discreto.

— Vejo você em Teerã — eu disse.

Conforme o nosso plano, eu partiria primeiro. Enquanto saía para me dirigir ao *flughafen* de Frankfurt, Al, o subchefe, desceu correndo pelo saguão.

— Espere aí — ele disse. — O presidente está para fazer uma declaração. — E virou-se para mim, parecendo ligeiramente espantado. — O quer dizer isso? — ele indagou.

— Acho que quer dizer que ele está tomando uma decisão — respondi.

O chefe do escritório reuniu Al, Julio e eu numa de suas salas. Andava de um lado a outro, mascando seu charuto e correndo os dedos pelos cabelos ralos, obviamente nervoso. Al, por outro lado, estava totalmente composto. Eu tinha uma sensação muito boa em relação a essa operação e achava que o presidente ficaria feliz com ela. O governo dos Estados Unidos não tinha muito mais que isso — pelo menos, não que eu soubesse. Eu estava tranquilo, como a calmaria

no olho de um ciclone.

O encarregado das comunicações nos trouxe a mensagem seguinte pelo saguão. Estávamos agrupados no meio da sala quando ele irrompeu porta adentro.

— É um Ok! — exclamou com um sorriso mesmo antes de chegar até nós, uma quebra da etiqueta operacional que ficamos felicíssimos em perdoar. Um sujeito da comunicação nunca deve verbalizar o conteúdo de uma mensagem.

A mensagem tinha duas linhas: "O Presidente dos Estados Unidos aprova sua missão. Boa sorte." Olhei-a por um segundo, absorvendo-a. Não é frequente receber uma mensagem pessoal do presidente numa missão. Se fosse para haver um sinal de que estávamos para embarcar numa operação importante, lá estava. O presidente — e, se desse errado, o mundo — estaria acompanhando.

De repente, eu estava do lado de fora, sendo levado ao Aeroporto de Frankfurt por um colega do setor gráfico para pegar meu voo da Lufthansa para Zurique. O presidente havia provocado um pequeno atraso no meu horário já apertado, mas parecia que ia dar tempo.

Cheguei a Zurique por volta das dez da noite, e o meu voo de conexão da Swissair para Teerã estava marcado para partir à uma da manhã. O avião para Teerã estava bastante cheio, pelo número de pessoas no salão para passageiros em trânsito. Descobri que o voo da Swissair seria o último a sair de Zurique naquela noite.

Enquanto aguardava, tive um momento para refletir. Apesar de todo o planejamento, não havia como ter certeza de nada no Irã. Muitos dos postos oficiais do país tinham sido ocupados por bandidões despreparados. Sob certos aspectos, isso era uma tremenda vantagem para nós, porque muitas vezes eles não sabiam o que deviam estar fazendo — na verdade, às vezes era até possível lhes mostrar o que deveriam fazer. Por outro lado, significava que não poderíamos esperar que a oposição agisse de forma racional. Em Moscou, por exemplo, se um agente fosse capturado, geralmente seria fichado e denunciado. Os soviéticos tirariam uma foto do infrator e a publicariam no jornal nacional, o *Izvestia*, declarando-o *persona non grata*, e o expulsariam do país. Eu sabia, porém, que no Irã tais condutas civilizadas seriam inexistentes. Quando tinha

exfiltrado RAPTOR, o país já era perigoso, mas o clima era diferente. Naquela época, a embaixada dos Estados Unidos ainda estava inteira e os americanos podiam ir e vir livremente. Agora, porém, o país todo parecia unido por um único propósito: engajar-se diretamente numa vingança contra os Estados Unidos e a CIA. Eu não tinha ilusão do que aconteceria comigo ou com Julio se fôssemos pegos.

Caminhei até um grande conjunto de janelas que davam para a pista. Fiquei ali parado alguns segundos observando um 747 taxiar, quando de repente tomei consciência do meu reflexo na vidraça. Estava vestido com o meu disfarce Kevin Costa Harkins e notei a ausência da minha aliança. Instintivamente, toquei o dedo, lembrando da minha promessa a Karen. *Será que isso é algo que eu quero realmente fazer?*, perguntei-me. *Quero voltar ao Irã e correr o risco de que os revolucionários estejam me "esperando"?* Pude sentir o meu corpo tremer ao passar pelo que nós sempre chamávamos de "checagem de entranhas". A ideia é fazer o melhor plano operacional possível e, quando atinge a casa dos 90% de confiança, você sabe que está pronto. Então, a pergunta era "Estou lá? Estou nos 90% ou acima?" Havia vidas em jogo — não só as dos hóspedes, mas a de Julio e a minha. Além disso, quem sabia que tipo de retribuição os militantes dariam aos reféns, ou aos canadenses, por causa disso? Embora as operações de espionagem sempre procurem ponderar o uso de recursos clandestinos e o risco para vidas humanas, o presidente Carter e seus assessores de segurança nacional já haviam feito esses cálculos na Casa Branca. No momento, contudo, eu teria de esquecer tudo isso. Minhas preocupações eram relativamente simples. Será que eu conseguiria entrar e resgatar os americanos em segurança?

Havia uma regra não escrita na CIA que dava ao encarregado da operação a opção de abortá-la quando achasse que ela iria falhar. Não era vergonha nenhuma recuar. Era apenas mais uma forma de estimular a avaliação de riscos no último momento, e já havia salvado muitas vidas.

Fiquei ali parado, pesando minhas opções. Abri o portfólio Argo e folheei os currículos dos hóspedes. Uma das perguntas que me foram feitas como parte do processo de entrevista em 1965 quando entrei na CIA foi: "E se você estivesse numa situação em que simplesmente desaparecesse e ninguém soubesse onde

você está?" Minha resposta foi imediata: "Tentariam me achar." Mesmo sem conhecer os seis americanos, eu sabia que, porque estava dentro das minhas possibilidades, eu tinha de fazer todo o possível para ajudá-los, independentemente de quaisquer reservas que tivesse acerca da minha própria segurança. Era a mesma coisa que eu esperaria que alguém fizesse por mim, e uma das razões de eu ter confiança para me colocar em situações de perigo.

E, de um instante para outro, a incerteza momentânea que eu sentia em relação à missão se dissipou, substituída por uma euforia à medida que a tensão abandonava meu corpo. Era um bom plano operacional, e nós estávamos prontos, pensei. A essa altura, meu compromisso era fazer o que fosse necessário para que tudo funcionasse a contento.

E, aí, sem mais nem menos, o sistema de alto-falantes anunciou que o voo da Swissair em que eu estava prestes a embarcar havia sido cancelado devido ao mau tempo no Aeroporto de Mehrabad. A Lei de Murphy tinha atacado.

Dei um telefonema estéril — uma ligação para um número europeu não registrado em nenhuma companhia telefônica — para informar Julio. "Estou definhando em Zurique", eu disse. Concordamos que nos ateríamos ao cronograma de Julio no dia seguinte e entraríamos no Irã juntos — mais uma vez, não era perfeito, mas teria de servir.

Depois disso, saí, peguei um táxi e fui a um hotel, onde dormi feito um bebê.

Na tarde seguinte, Julio chegou de Frankfurt e fomos juntos para a sala de embarque. Nós estávamos imbuídos de nossos papéis. Juntos, embarcamos para Teerã.

13

EM LOCAÇÃO NO IRÃ

Nosso avião pousou em Mehrabad às cinco horas da manhã de sexta-feira, 25 de janeiro. Enquanto taxiávamos, pude ver que montes de neve cinzenta tinham sido removidos para os lados da pista. Mesmo tão cedo, o ar já estava pesado por causa da fumaça das fogueiras que ardiam por toda a cidade. Quando os motores cessaram e as escadas foram levadas até o avião, percebi que alguns passageiros agitavam-se nervosamente em seus assentos. Reparei também que algumas mulheres que anteriormente estavam descobertas haviam colocado xadores pretos, um lembrete de que estávamos prestes a entrar num mundo com suas próprias regras. Outros passageiros se mantinham com o olhar fixo à frente. Eu tinha certeza de que a revolução atingira todas aquelas vidas de alguma maneira. Observei um homem ansioso roer as unhas. Por que estaria preocupado? Enquanto permanecíamos sentados, a cabine se manteve estranhamente silenciosa, tanto que, quando a porta por fim se abriu, pude ouvir o forte estalo da fechadura. Então, um por um, nos levantamos.

Julio e eu desembarcamos no frio ar matinal e rumamos para o terminal. Não havia muito que diferenciasse Mehrabad de uma centena de outros aeroportos no Oriente Médio, exceto, talvez, um leve toque de *art déco* nas balaustradas erguidas em torno de sua área externa. Era uma caixa de concreto baixa e espalhada, normalmente apinhada de gente nas horas matinais e vespertinas.

Logo preenchemos nossos formulários de desembarque/embarque, nas duas vias, branca e amarela, encontrados em pilhas sobre mesas da sala de chegada. Como seria função de Julio preencher os formulários para os hóspedes mais tarde, ele pegou disfarçadamente algumas cópias extras, dando uma de mão-leve. Andando rumo à mesa, ele pôs seu jornal, o *Frankfurter Allgemeine*, sobre uma pilha de formulários. Em seguida, preencheu o seu, rearrumou sua bagagem de

mão e, num único movimento, pegou o jornal com os formulários por baixo. Dobrando o jornal ao meio, ele o enfiou na sua sacola de mão e pronto.

O aeroporto estava salpicado de todo tipo de imagens turísticas de iranianos sorridentes curtindo férias de inverno nas montanhas do país. O Ministério da Orientação Nacional tinha um departamento turístico, que estava fazendo o melhor que podia para arrecadar algum dinheiro. Os anúncios traziam dizeres em inglês, francês, alemão e parse, todos com variações de slogans turísticos típicos, como "Aproveite o Irã!". Num dos cartazes, havia um astro de cinema iraniano posando com a família em trajes de esqui. Pensei em como a imagem era incongruente com a crise dos reféns que se desenrolava no centro de Teerã. Julio parecia ter chegado à mesma conclusão:

— Este lugar está sendo injustiçado — disse com um sorriso malicioso.

Eu sacudi a cabeça, atônito.

— É. Da próxima vez, vou trazer a família.

Depois de preencher os formulários, entramos na fila da imigração. Pude ver que havia vários guardas revolucionários e membros do *komiteh* à paisana circulando pelo saguão de chegada, mas pareciam mais interessados em aborrecer os iranianos que retornavam do que em perturbar os estrangeiros. A situação econômica no país só tinha piorado desde que eu estivera lá nove meses antes, e as autoridades iranianas estavam preocupadas com contrabando de bens para dentro e para fora do país. Isso queria dizer que podíamos esperar, também, encontrar uma fiscalização rigorosa na saída. A mesa da imigração não era mais comandada por um civil sem treinamento, e, sim, por um funcionário oficial da imigração uniformizado. Eu esperava que a minha operação de resgate de RAPTOR não tivesse deixado rastros em documentos na embaixada americana. A essa altura, os militantes provavelmente já tinham conseguido juntar a maior parte dos documentos retalhados durante o ataque. Se tivesse sobrado alguma coisa da Operação RAPTOR, ou se algo a ligasse a mim, então havia a possibilidade de terem colocado o meu nome numa lista de vigilância. Quando chegamos perto do balcão, porém, o funcionário não poderia ter nos dado menos importância. Depois de destacar as duas vias dos nossos formulários, carimbou nossos passaportes e fez um gesto para que passássemos sem dar sequer uma

segunda olhada. (Mais tarde eu ficaria sabendo que os militantes de fato acharam um documento secreto no cofre de Bruce Laingen que mencionava a exfiltração de RAPTOR. Felizmente, meu nome não constava nele, mas Tom Ahern, o chefe do posto no Irã que fora capturado durante o ataque, passou um inferno por causa daquilo. Depois ele me contaria que os militantes ficaram irados quando souberam que RAPTOR havia fugido.)

Passando rapidamente pela alfândega, saltamos para dentro de um decrépito táxi Opel Kadett e nos dirigimos para o Sheraton localizado em uma das principais vias de ligação entre Mehrabad e o centro de Teerã. Nosso motorista era um homem idoso e magro que usava um colete de lã sob o paletó por causa do frio. Pareceu feliz em nos ver e se lançou num longo monólogo em inglês sobre as belezas de Teerã. Presumiu que viéssemos dos Estados Unidos e perguntou se estávamos com fome. Sem esperar resposta, repartiu um enorme pedaço de pão sem fermento que trazia ao seu lado no banco da frente e o passou para trás. O pão ainda estava quente e era muito gostoso.

O trajeto pelo qual nosso táxi trafegava estava ladeado por uma profusão de cartazes escritos à mão com slogans revolucionários e propaganda antiamericana — uma realidade que traía a inocência retratada nos anúncios turísticos. Não estávamos em Moscou, mas Julio e eu ainda assim teríamos que pisar em ovos. Durante o reinado do xá, a SAVAK mantivera uma rede colossal de informantes e espiões domésticos, e era impossível saber quem tinha sido cooptado pelos guardas revolucionários.

O Sheraton em Teerã parecia ter sido transplantado de Detroit. Era um típico arranha-céu moderno, monolítico, cercado por um estacionamento — como qualquer Sheraton no mundo.

Era um hotel popular entre viajantes e empresários estrangeiros. Assim, Julio e eu nos encaixamos bem logo que entramos no imenso saguão. Uma passada geral de olhos não revelou nenhuma vigilância evidente, mas eu presumi que houvesse. Anos de trabalho clandestino em Moscou me ensinaram que é melhor presumir que o outro lado está sempre vigiando, mesmo que não possamos ver.

Depois de nos registrarmos no hotel, Julio e eu fomos até o escritório da Swissair para reconfirmar as reservas aéreas para nossa partida na segunda-feira

seguinte. A programação era partir para Zurique às sete e meia da manhã, e eu queria me assegurar de que não haveria surpresas. Se algo desse errado e nós fôssemos obrigados a abortar, seria quase impossível fazer os hóspedes passarem de novo por todo o processo de preparação psicológica para voltar ao aeroporto. Ter certeza de que teríamos lugar no avião era apenas os ossos do ofício.

Quando chegamos ao escritório da Swissair, porém, ele ainda estava fechado. Eu sabia, de minha viagem anterior, que a embaixada americana ficava bem na esquina, e, precisando matar tempo, resolvemos dar uma volta.

As paredes da embaixada estavam completamente cobertas com cartazes e pichações, todos eles denunciando os Estados Unidos, o presidente Carter e o xá. Aqui e ali, o rosto sombrio de Khomeini nos encarava de um cartaz ou pôster como um vilão de histórias em quadrinhos. Àquela hora, as ruas estavam assustadoramente silenciosas, e, ali parado, olhando para a embaixada, tive uma sensação de profunda e irremediável impotência. Eu estava tão perto e ao mesmo tempo era incapaz de fazer qualquer coisa para libertar meus conterrâneos presos lá dentro. No mínimo, podia prestar atenção ao que via e reportar na volta aos planejadores da Garra de Águia, mas isso não servia de consolo.

Continuamos descendo a Avenida Roosevelt e entramos numa ruazinha lateral, onde nosso mapa turístico nos dizia que encontraríamos a embaixada canadense. Porém, em vez da bandeira com a folha de bordo vermelha do Canadá, demos de cara com a bandeira azul e amarela da Suécia. Na verdade, tínhamos chegado ao prédio onde Lee Schatz estivera trabalhando no dia da tomada da embaixada.

Juntamo-nos por um segundo, consultando o mapa. Um policial iraniano solitário estava de guarda perto da entrada do edifício, as mãos metidas nos bolsos.

— Por que não perguntamos para ele? — falei em voz alta, apontando para o guarda.

Eu estava a caráter, seguindo o fluxo. É claro que o Departamento de Defesa ou o EST poderiam ter nos fornecido o mapa de Teerã mais detalhado e atualizado do planeta, mas ser pego com uma peça profissional tão óbvia teria imediatamente mandado a fachada pelos ares. Nós devíamos ser de Hollywood,

não de Langley.

Julio e eu nos aproximamos do guarda e, após várias tentativas de comunicação em alemão, árabe e até espanhol, Julio ergueu as mãos (embora ele falasse parse, se fizesse isso poderia despertar suspeitas). Eu segurei nosso mapa turístico e apontei para o labirinto de ruas. "Canadá", eu disse. Depois, ainda mais devagar, "Can-ah-dah". O guarda só olhou para mim e piscou.

Enquanto isso acontecia, um jovem iraniano vestindo jeans e uma jaqueta militar verde desbotada nos observava do outro lado da rua. Eu o tinha visto com o canto do olho, mas tentei não deixar transparecer que sabia que estava lá. Para mim, ele parecia exatamente um dos "estudantes" que haviam atacado a embaixada. Estávamos ali resolvendo o que fazer em seguida quando o jovem atravessou a rua e se aproximou. Ignorando-nos, foi direto ao guarda e os dois tiveram uma acalorada troca de palavras em parse. O homem virava o rosto para nós, depois olhava de volta para o guarda, e presumo que ele estava perguntando o que fazíamos ali. Em seguida, virou-se para Julio e dirigiu-se a ele num alemão puro, sem sotaque. Julio se animou e não demorou muito para que os dois estivessem numa conversa animada. Julio arrancou o mapa da minha mão e ambos o examinaram. O iraniano apontou uma rua ao norte da embaixada dos Estados Unidos.

Julio agradeceu, mas o rapaz não tinha terminado. Pediu uma folha do meu caderno e anotou o endereço. Depois, acenou para um táxi Mercedes que ia passando e entregou o pedaço de papel ao motorista. Por um instante, imaginei se não seria algum tipo de cilada. Será que tinha acabado de dar ao taxista o endereço de uma sede do *komiteh* local em vez da embaixada canadense?

Ele segurou a porta do carro para entrarmos. Antes de fazer isso, Julio tentou lhe dar algumas notas de rial amassadas, mas o homem sacudiu a cabeça e fez um gesto, como quem diz: "Por favor, foi um prazer." Pôs a mão sobre o coração e abriu um largo sorriso, revelando vários dentes de ouro. Pensei na ironia de todo esse intercâmbio. Ali estava um homem esforçando-se para mostrar a dois agentes disfarçados da CIA que os iranianos eram gente hospitaleira, afetuosa. Era difícil conciliar isso com a ideia de que a menos de uma quadra diplomatas americanos inocentes estavam sendo torturados e retidos contra sua vontade.

O táxi, então, atravessou a cidade para nos levar até a embaixada canadense, aonde chegamos pouco antes do meio-dia. O embaixador Taylor estava nos esperando, e um corpulento policial militar canadense, Claude Gauthier, nos conduziu ao encontro dele em seu escritório no segundo andar. Taylor era simpático e afável, e seu rosto se iluminou quando nos viu. "Bem-vindos a Teerã", ele disse, mão estendida. Usava óculos ao estilo *mod*, calça jeans e botas de caubói. Não se parecia em nada com o rígido burocrata governamental que eu estava esperando. Apresentou-me à sua secretária, uma senhora idosa e miúda chamada Laverna, e então nos levou para o interior do escritório.

Era um espaço elegante e muito moderno. Havia estantes de vidro cheias de livros, fotos emolduradas, além de um bar bem abastecido. O chão era coberto por vários tapetes persas de qualidade e havia uma bandeira canadense pendurada num dos cantos. O traço mais surpreendente da sala era sua escrivaninha, que, na verdade, não era uma escrivaninha, mas uma elegante mesa redonda com tampo de vidro.

Nós nos sentamos e Taylor explicou que estavam prontos para fechar a embaixada como preparativo para a exfiltração próxima. Na verdade, naquela mesma tarde ele iria se despedir de sua família no aeroporto. Permaneceriam apenas cinco membros do pessoal canadense, e estes partiriam na segunda-feira, 28 de janeiro, poucas horas depois do horário marcado para o voo da Swissair no qual esperávamos embarcar. Explicou que enviaria uma carta diplomática ao Ministério do Exterior na segunda-feira, informando ao governo iraniano que a embaixada canadense estaria temporariamente fechada. Dito isso, ele nos perguntou se havia algo que pudesse fazer para ajudar. Fiquei impressionado com o jeito descontraído e informal de todo o encontro.

A primeira coisa que precisávamos fazer, eu disse a ele, era nos encontrar com os hóspedes e informá-los das várias opções para a fuga. Isso também me daria a oportunidade de avaliar se conseguiriam levar o plano adiante. Concordamos que o encontro deveria ter lugar mais tarde naquele dia, no começo da noite, na casa de John Sheardown. Depois disso, precisaríamos mergulhar no trabalho dos vistos e documentos, o que provavelmente aconteceria no dia seguinte. Eu trouxera comigo meu estojo de aquarelas e

planejava usá-lo para pôr os carimbos finais nos passaportes. Taylor trouxe os documentos de reserva, junto com o segundo malote. Esse pacote lacrado continha o segundo conjunto de passaportes e vários outros documentos secundários que havíamos incluído. Julio e eu examinamos o conteúdo e ficamos contentes de ver que tudo tinha sido feito. Mostramos a Taylor o segundo conjunto, e ele pareceu satisfeito com a autenticidade. Para fazê-los parecer usados, nossos técnicos do EST em Ottawa tinham pisado repetidamente em cima deles e os esfregado no chão.

Quando o encontro terminou, Taylor nos apresentou a Roger Lucy, que nos deu a impressão de um líder tranquilo e competente. Ele já fizera diversas viagens por Mehrabad para Taylor e nos fornecera uma boa quantidade de informações sobre a fiscalização no aeroporto. Em seguida, fomos formalmente apresentados a Claude, de Quebec, chefe de segurança da embaixada. Claude recebera o apelido de "Marreta" por ter empunhado uma marreta para destruir quase todo o equipamento criptográfico e de comunicações na embaixada canadense em preparação para a partida. Era um apelido que ele viria a apreciar.

Antes de Taylor sair para se despedir da família, nós lhe pedimos permissão para mandar um telegrama a Washington via Ottawa, confirmando nossa chegada e os planos para o encontro com os hóspedes mais tarde, naquela noite. Devo admitir que era gratificante que tanto Taylor como Lucy estivessem empolgados com todo o progresso que tínhamos feito com a fachada Argo. Eles me disseram que tinha um apelo com o qual ambos podiam se identificar. Quando abri o portfólio e lhes mostrei o anúncio na *Variety*, ficaram impressionados. Algumas pessoas tinham insinuado que havia uma espécie de competição entre a CIA e Ottawa, mas Taylor e eu nunca enxergamos dessa forma. Era uma operação conjunta desde o início, e posso dizer, sem erro, que nós dois tínhamos apenas um objetivo em mente: tirar os seis americanos de Teerã.

* * *

OS HÓSPEDES TINHAM SIDO informados por Lucy que deveriam esperar visitas. É claro que ele não lhes contou que éramos da CIA — disse simplesmente que viríamos para ajudar. Como preparativo para a fuga, Taylor e Lucy haviam providenciado malas e roupas extras, pois os hóspedes não tinham nada. Seria muito estranho entrarem no aeroporto sem bagagem.

Depois de concluído o encontro na embaixada do Canadá, Claude concordou em nos levar até a casa dos Sheardown, e Julio e eu nos enfiamos na Mercedes da embaixada. Quando saímos eram cinco da tarde e as ruas estavam apinhadas de carros. Claude não se impressionou, usando generosamente a buzina, um equipamento sem o qual, segundo ele, seria impossível dirigir na cidade. As coisas não tinham mudado muito desde a última vez em que eu estivera em Teerã. Grandes setores da cidade ainda estavam fechados. Na época do xá, Teerã era famosa por sua vida noturna. Tudo isso desaparecera após a revolução, substituído por vitrines escurecidas, restaurantes tapados com tábuas e *bunkers* de sacos de areia onde se viam jovens com metralhadoras. A cidade estava dividida basicamente em norte e sul, com os habitantes mais abastados morando na área mais elevada e fresca do norte e os pobres na região mais quente, plana e superpovoada do sul.

Levamos cerca de trinta minutos para sair da parte central da cidade, e, quando finalmente chegamos ao distrito de Shemiran, era como estar em outro universo. Ele lembrava lugares como Bel Air, em Los Angeles, onde os ricos e poderosos moravam em segurança, enclausurados atrás dos muros de suas fortalezas.

Como Ken tinha ido ao aeroporto, Lucy fora até sua casa buscar os Stafford, tendo chegado aos Sheardown pouco antes de nós. Enquanto esperavam no interior, alguns dos hóspedes haviam feito um joguinho de como seria a nossa aparência. Nunca vou me esquecer da cara de Lee Schatz ao abrir a porta. Era a cara de uma criança crescida, cheia de malícia, com um bigode que sobressaía acima de todo o resto. Deu uma olhada em nós e disse: "*Trench coats*! Vocês estão vestindo *trench coats*!" Balançou a cabeça, desanimado. Podia parecer clichê, porém, não custa dizer, se encaixava ao nosso disfarce. Os outros vieram

correndo nos encontrar, vibrando de entusiasmo e expectativa.

Ao entrar na casa, fui confrontado por uma imagem bizarra. Um fogo ardia alegremente na lareira, e os hóspedes tinham preparado aperitivos. O grupo parecia descansado e ansioso, até mesmo em forma. Bob Anders exibia até um belo bronzeado. Lucy foi até a cozinha preparar uns drinques e não demorou muito para estarmos bebericando animadamente nossos coquetéis e nos apresentando. Não fossem os ruídos de marcha dos grupos de guardas revolucionários assassinos e o *komiteh* patrulhando as ruas, pareceria que estávamos num jantar igualzinho aos que eu costumava frequentar em Washington, D.C.

Quando senti que já fora o suficiente para quebrar o gelo, levantei-me para informá-los sobre as várias histórias de fachada.

— Muito bem, vocês já trabalham há bastante tempo no governo para saber que não viemos aqui sem algumas perguntas — eu disse. — Temos três opções diferentes, cada uma com seu próprio passaporte e documentos de apoio. Em última instância, são vocês que vão decidir qual delas preferem, mas Julio e eu com toda certeza podemos aconselhá-los.

Apresentei, então, os diferentes jogos de passaportes e discorri sobre as várias histórias de cobertura: professores americanos, nutricionistas canadenses, opção Hollywood. Expliquei que, independentemente da opção que escolhessem, o plano era sair pelo Aeroporto de Mehrabad na segunda-feira de manhã.

Os hóspedes estavam obviamente preocupados com a segurança no aeroporto e perguntaram o que aconteceria se fossem parados e levados a um segundo interrogatório, reservado para os indivíduos considerados suspeitos o bastante para justificá-lo. Pude perceber que, entre eles, talvez o mais preocupado fosse Joe Stafford. Ele me pareceu extremamente analítico, o tipo de pessoa que tem dificuldade de viver o momento. Considerando que o êxito de qualquer disfarce está calcado na confiança, eu esperava que pudéssemos dar um jeito.

Lee apontou os documentos americanos:

— Para mim, embarcar no aeroporto com documentos americanos parece uma ideia bastante ruim — ele disse.

Os outros assentiram, comentando, como eu fizera, que as escolas de inglês estavam fechadas havia muitos meses. Pude perceber que eles estavam tentando absorver todo o conceito de fuga, para apreender o máximo. Senti que era o momento perfeito de apresentar minha defesa de Argo.

— Eu realizei uma porção de operações desse tipo no passado — comecei. — Tenho confiança de que a opção Hollywood vai funcionar.

Abri o portfólio da Estúdio Seis e tirei o número da *Variety* com o anúncio da produção *Argo*. Depois, dei a Cora Lijek seu cartão comercial da Estúdio Seis e indiquei o anúncio:

— Baseado numa história de Teresa Harris. É você — eu disse.

Peguei o passaporte canadense falso com seu retrato e entreguei a ela. Cora examinou a foto e a assinatura forjada com visível admiração. Em seguida, peguei o bloco de esboços e entreguei-o a Kathy Stafford:

— Aqui está. Vimos que você tem um pouquinho de arte no seu histórico e resolvemos torná-la a diretora de arte.

Distribuí os outros cartões de visitas, que indicavam os vários papéis que eles iriam assumir: Joe Stafford era produtor associado; Mark Lijek era "Joseph Earl Harris", coordenador de transportes; Lee Schatz era "Henry W. Collins", cinegrafista; e Bob Anders era "Robert Baker", gerente de locação.

Expliquei que havíamos alugado um escritório em Hollywood e que nesse exato momento tínhamos um grupo de funcionários cuidando dos telefones.

— Se alguém ligar, vão dizer que Teresa Harris está viajando com um grupo, escolhendo locações no Oriente Médio, mas que estará de volta na próxima semana.

Os seis americanos ficaram me fitando por um longo instante, talvez compreendendo pela primeira vez a extensão do que tínhamos feito para tirá-los de lá, o que incluía a montagem de uma produção cinematográfica fictícia, com escritório e funcionários que eram realmente de Hollywood. Isso além de todas as horas que minha equipe passara trabalhando em Foggy Bottom para aperfeiçoar suas histórias e a documentação para "provar" que eles eram quem diziam ser.

Finalmente, Mark falou:

— Não parece uma coisa completamente maluca — ele disse.

— Qual é o filme? — perguntou Anders.

Fiz o melhor que pude para explicar, usando o jargão que Calloway me orientara a usar:

— É como *Buck Rogers* no deserto. A história mistura mitos do Oriente Médio com espaçonaves e mundos distantes. Acreditem em mim quando digo que os iranianos não vão conseguir entender uma palavra, e isso é ótimo.

Pude ver que eles ainda estavam em cima do muro. Então falei:

— Qualquer que seja a opção de vocês, tem de ser algo que vocês se vejam fazendo, algo em que possam acreditar.

Com isso, eu os instruí a irem para a sala de jantar e discutir entre si. Eles também precisavam resolver se queriam ir embora como grupo ou individualmente.

Mais tarde, eles me contariam sobre o que aconteceu durante essa conversa. Eles se reuniram em volta da mesa e imediatamente se lançaram nos prós e contras dos vários planos. Para Lee, que era adido agrícola, a ideia dos nutricionistas era uma furada, o que, levando em conta seu histórico, não era nenhum elogio. Os outros sentiam que não se encaixariam como professores e nutricionistas. Cora visualizou alguém parando-a e fazendo perguntas sobre colheitas, e a ideia a deixou preocupada. Ela sabia zero de agricultura e não teria a menor ideia do que dizer. Todavia, sabia um pouco sobre Hollywood, como todo mundo. Visualizou-se como roteirista de cinema. Tudo que precisaria fazer era ler o *script* e estaria pronta. Os outros também começaram a se animar. Mark percebeu que fazia absoluto sentido que alguém de Hollywood fosse maluco o bastante para vir ao Irã em meio a uma revolução. Anders, por sua vez, comprou a coisa no mesmo instante. Viu-se num *set* de filmagem, lado a lado com Faye Dunaway e Warren Beatty. Parecia um papel que ele estava predestinado a interpretar.

— Dava a impressão de que a gente ia se divertir para caramba, e eu mal podia esperar para começar — ele me revelou mais tarde.

Lee, por sua vez, não sabia praticamente nada de como operar uma câmera de cinema, mas imaginou a vida aventurosa de um diretor de fotografia de

Hollywood viajando pelo mundo. Ele próprio estivera em alguns lugares exóticos e imaginou que poderia se sair bem. O fator mais importante para todos eles era que se tratava da opção com mais documentos de apoio, sem mencionar que havia efetivamente um escritório com funcionários trabalhando para respaldar a história.

No final, o único dissidente parecia ser Joe, que não parava de dizer:

— Eu simplesmente não vejo como.

Joe, ao que parece, era contra todos os planos e, em vez disso, queria permanecer no Irã. A essa altura, Mark já o conhecia bastante bem e viu a resposta de Joe como mais emocional do que racional. Para Mark, parecia que Joe se sentia culpado com a perspectiva de fugir enquanto seus colegas definhavam na embaixada.

— E se eles fizerem alguma retaliação contra os reféns se nós formos embora? — Joe perguntava a todos.

Era uma boa questão a considerar, e eu mesmo tinha pensado nela. Mas, com o Canadá fechando a embaixada e os iranianos chegando cada vez mais perto de descobrir os americanos fugitivos, não havia alternativa a não ser partir. Os outros hóspedes certamente sentiam isso.

— Bem, o que você quer que façamos? Que fiquemos aqui? E como é que isso vai ajudá-los? — Anders lhe perguntou.

Joe propôs, então, que fossem até a embaixada dos Estados Unidos e tentassem ponderar com os militantes. Teria sido um gesto nobre, mas Anders e Schatz foram ambos irredutíveis:

— Pode esquecer isso — disseram.

Foi quando estavam discutindo o plano de Joe que eu resolvi entrar e ver como estavam as coisas. Pude sentir a tensão elétrica na sala e então decidi usar um pouco de mágica de salão.

— Deixem-me mostrar como funciona uma operação como essa — eu disse.

Peguei duas rolhas de um balcão ao lado e as pus entre o polegar e o indicador de cada mão, formando duas letras D entrelaçadas. Usei esse truque muitas vezes para ilustrar como se monta uma operação de tapeação.

— Aqui estamos nós, e aqui estão os bandidos. E é assim que vamos sair um

da frente do outro.

Com um rápido passe de mãos, separei uma da outra, e as rolhas pareceram atravessar-se mutuamente. Era um truque simples, mas o objetivo era mostrar-lhes que estavam envolvidos com profissionais na arte da tapeação e que havíamos pensado em tudo.

Deve ter funcionado, porque depois disso eles votaram e o resultado foi cinco a um em favor da opção Argo e de partir como grupo.

Com isso resolvido, os seis levaram Julio e eu para dar uma volta pela casa, que era um autêntico palacete. Enquanto fazíamos a visita, Chris Beeby, o embaixador da Nova Zelândia, apareceu com seu segundo secretário, Richard Sewell. Sewell acabaria se revelando incrivelmente valioso nos dias seguintes. Ele me explicou que tinha um bom contato em Mehrabad, alguém que trabalhava para a British Airways. Julio perguntou se ele estaria disposto a nos ajudar pegando alguns formulários brancos e amarelos de desembarque/embarque. Sewell imediatamente se prontificou e marcamos uma hora para um encontro na embaixada do Canadá no dia seguinte.

Antes de partir, sentei-me com os hóspedes mais uma vez para repassar suas histórias. Entreguei a cada um o currículo pessoal criado por Joe Missouri, dizendo-lhes para decorá-los de trás para a frente:

— Se alguém parar ou perturbar algum de vocês, da maneira que for, ajam com confiança, encarando-o olho no olho. Pensem em como alguém de Hollywood reagiria. Lembrem-se, Julio e eu estaremos bem ao seu lado. Assim, se alguma coisa der errado, deixem que a gente fale.

A última coisa que eu quis destrinchar foram os disfarces. Trouxera comigo os materiais que Doris preparara e os espalhei sobre a mesa. Uma vez que milhares de iranianos passavam pela seção consular da embaixada, onde a maioria dos hóspedes trabalhara, sempre havia uma chance de algum dos americanos ser facilmente reconhecido.

Expliquei-lhes que a chave para um bom disfarce era identificar os vários traços ou características mais importantes que eram sua marca pessoal e então alterá-los, em vez de exagerar na mão em algum aspecto. Muitas vezes, são coisas sutis que denunciam as pessoas, tais como a maneira de andar ou uma pinta

específica. Se essa operação se desenrolasse em Moscou, teríamos toda a nossa equipe de peritos em disfarce do EST trabalhando conosco. Naquela situação, precisaríamos nos virar com o que tínhamos à mão.

— Cada um de vocês vai ter que se tornar um pouquinho mais espalhafatoso, um pouquinho mais Hollywood — eu disse.

Entreguei a Schatz seu visor de cinegrafista e dei a Cora a pasta com o roteiro.

— Julio e eu estaremos de volta no domingo à noite para fazer um pequeno ensaio de figurinos — falei. — Mas, nesse meio-tempo, aprendam seus papéis. Vocês vão passar por um teste!

Como eles sabiam o que estava em jogo, não precisei lhes informar o que aconteceria se eles não passassem. Eu só esperava que Joe entrasse no espírito como os outros. Apesar de todo o trabalho duro e de toda a energia que tínhamos empenhado na história de *Argo*, uma única performance pouco convincente bastaria para comprometer todo o enredo.

14

PREPARATIVOS FINAIS

Julio e eu retornamos à embaixada do Canadá no sábado de manhã. O prédio, que normalmente ficava vazio nos fins de semana, estava fervilhando com os últimos preparativos dos canadenses para o fechamento da embaixada na segunda-feira. A primeira coisa que fiz foi enviar um plano operacional atualizado e o relatório da situação para o quartel-general da CIA e para Ottawa. No relatório, esmiucei a história de fachada, explicando que "os seis canadenses da Estúdio Seis Produções" tinham feito uma visita ao embaixador em Teerã. Esperavam conseguir uma audiência com o ministro da Orientação Nacional para apresentar sua proposta de locar um bazar local para o filme *Argo*. Expliquei em seguida que o embaixador os aconselhara a procurar locações em outra parte e que, seguindo seu conselho, provavelmente deixariam o país na segunda-feira, 28 de janeiro.

Isso nos daria a opção de levar os seis para o aeroporto num veículo com um motorista da embaixada, poupando-nos da dificuldade de arranjar transporte confiável até o aeroporto.

Feito isso, Julio e eu nos sentamos para trabalhar no pacote de documentos. Gentil como sempre, Taylor nos ofereceu seu escritório.

Julio imediatamente pôs mãos à obra nos formulários de desembarque/embarque. Sewell nos deixara um lote de formulários extras, o que nos dava uma boa margem para trabalhar. Julio completou as anotações em parse e em inglês em vinte deles, usando as palavras das nossas próprias folhas para orientar-se.

Enquanto ele fazia isso, voltei minha atenção para os passaportes. Minha principal tarefa era inserir os vistos iranianos que havíamos coletado em Toronto e completar a viagem de retorno, incluindo selos de entrada na chegada por

Mehrabad. O modelo para o selo de chegada era o que havíamos recebido nos nossos próprios passaportes.

A pior coisa que pode acontecer quando se está falsificando um selo de entrada é forjar a assinatura de um funcionário da imigração antes de chegar ao país para depois descobrir que a mesma pessoa está escalada para lhe dar o selo de saída. Ela obviamente saberia que não estava trabalhando no dia em que o seu passaporte diz que você chegou. Outro erro, é claro, seria colocar um selo que não está mais em uso. Nosso monitoramento cuidadoso e a coleta de selos e carimbos de Mehrabad, bem como a diligência de nossos peritos de tinta do setor gráfico do EST, nos permitiam produzir uma cópia exata.

Então, lenta e cuidadosamente, coloquei os selos nos passaportes, usando uma técnica que aprendi nos meus dias de "cercado", fazendo parecer que tinham sido colocados às pressas pelo funcionário da imigração.

Quando se trata de operações clandestinas, existem tipos de artistas-autenticadores: aqueles que o fazem por instinto e os que o fazem de maneira controlada. Os primeiros tendem a trabalhar melhor depois do almoço, depois que tomam uns martínis para relaxar. Eu, por outro lado, decididamente fazia parte do segundo grupo. Minha abordagem para dar autenticidade a um documento era fazê-lo parecer o mais casual possível, mas sob o meu controle. Desse modo, se alguma vez me encontrasse em dificuldades, não precisaria confiar nos meus instintos e reflexos, poderia contar com meus talentos mecânicos. Fui treinado no uso de diversas ferramentas e técnicas para me ajudar, tais como a "ponte de falsário", técnica que utiliza uma mão para firmar a outra enquanto se escreve. E, é claro, havia muitos outros truques que aprendi sozinho.

No decorrer da minha carreira, tive oportunidades de sobra para praticar minhas habilidades como falsário. Ser artista-autenticador é tudo menos rotina — havia vezes em que eu me achava metido num esconderijo do outro lado do mundo, trabalhando longas horas sob a luz de uma lâmpada de relojoeiro.

Entre os primeiros serviços que os novos artistas-autenticadores costumam receber está a reprodução dos carimbos de fronteira. Para começar, as impressões originais desses selos tendem a ser um tanto confusas e por isso não

há problema se o serviço não estiver perfeito. Na verdade, a perfeição às vezes pode ser prejudicial, pois a própria perfeição de um documento é o que acaba por distingui-lo. Não há nada mais suspeito para um funcionário da imigração do que ver um carimbo perfeitamente impresso no meio da bagunça de um documento de viagem. Depois de dominar a habilidade de criar uma bagunça realista, o artista pode passar a trabalhar em documentos secundários: carteiras de motorista, identidades das forças armadas, cartões de seguro de saúde — qualquer coisa que possa acompanhar um documento primário. No topo da cadeia alimentar estão os documentos mais importantes, e o passaporte é um deles. Alguns artistas podem trabalhar anos no "cercado" antes de conseguir chegar a eles, e era considerado um insulto se um artista menos experiente fosse designado antes de um com mais experiência.

Em algumas ocasiões, o departamento inteiro trabalhava junto. Lembro-me de uma vez em que alguém teve acesso a um raro passaporte de um país comunista, mas precisava devolvê-lo no dia seguinte. Toda uma equipe de peritos foi convocada no fim de semana. Foram necessários todos os fotógrafos que tínhamos na equipe só para fotografar os diversos elementos que precisaríamos reproduzir caso desejássemos duplicá-lo.

Como funcionário técnico em viagem do EST, era preciso estar pronto para trabalhar a qualquer hora e sob quaisquer condições. Uma vez fui obrigado a improvisar no banheiro de um avião. Foi numa missão ao subcontinente para ajudar na exfiltração de um desertor russo e de sua família. (Esse mesmo russo fora tirado de um país vizinho no porta-malas de um carro.) Chegara um telegrama pedindo os serviços de um artista-autenticador, e eu peguei o primeiro voo. Todavia, quando o avião ia começar a aterrissar, a aeromoça anunciou que havia um surto de febre amarela no país e que quem não estivesse com as vacinas em dia seria posto em quarentena por sabe-se lá quanto tempo. Nós tínhamos menos de 24 horas para tirar o russo e sua família do país, e a hipótese da quarentena não existia para mim. Além disso, eu tinha vários carimbos de borracha e instrumentos incriminadores, para não mencionar milhares de dólares em dinheiro vivo escondidos num compartimento oculto na minha maleta. Com tanta coisa em risco, eu não poderia ser detido. Rapidamente, entrei

no banheiro e dei uma melhorada no meu registro de vacinas de modo a incluir febre amarela por dez anos. Tive de fazê-lo em questão de minutos, pois o avião tinha começado a aterrissagem. A turbulência dificultou as coisas, mas fui capaz de voltar ao meu assento pouco antes de as rodas tocarem o solo. Conseguimos tirar o russo e sua família na manhã seguinte.

* * *

ENQUANTO JULIO E EU trabalhávamos nos documentos, Taylor fez uma pausa em suas atividades e se juntou a nós no escritório. Sem querer nos incomodar, sentou-se num sofá branco do outro lado da sala, e Julio e eu continuamos a tratar das nossas coisas. Taylor ficou sentado escutando as perguntas que fazíamos um ao outro ao discutirmos os aspectos mais refinados de nossas habilidades de falsificação. Ele estava claramente curtindo o fato de participar dessa falcatrua. Alguns minutos depois, sua secretária entrou para informá-lo de que um mercador de tapetes estava na sala de espera do escritório. "Tudo bem", disse Taylor. O mercador entrou com uma mesura.

— Eu lhe trouxe apenas meus melhores tapetes, Senhor Embaixador! — ele exclamou.

Em seguida, desenrolou vários deles, estendendo-os pelo piso. Taylor abaixou-se para examinar com olhar de especialista. Estava claro que ele esperava adquirir mais alguns tapetes persas antigos para levar para casa. Eles tiveram uma discussão em voz baixa sobre a mercadoria, com discrição, de modo a não nos incomodar.

Nesse meio-tempo, Claude "Marreta" Gauthier estava ocupado manejando seu instrumento e destruindo materiais comprometedores numa sala nos fundos da embaixada, a reverberação de cada impacto ecoando pelas paredes.

Julio e eu estávamos entretidos demais para notar alguma coisa. Eu me concentrava em esculpir uma data num dos carimbos com uma vareta afiada, semelhante ao instrumento de manicure que minha esposa muitas vezes usava. Depois de terminar os selos da viagem anterior dos hóspedes, era hora de passar

para os vistos. Uma pessoa em Ottawa tinha ido a Toronto buscar um exemplar, que enviamos em seguida ao EST em Washington para que os técnicos pudessem reproduzir o carimbo. No entanto, ao abrir o estojo, percebi que a almofada do carimbo havia secado totalmente. Nosso químico havia se esmerado em elaborar essa tinta, especialmente por sua fluorescência. Esses vistos eram, na verdade, o ponto-chave operacional de todo o pacote. Eles estariam sujeitos ao mais meticuloso exame na imigração. Sem eles, não importava a nossa história de fachada: não teríamos condições de sair do Irã. Ao procurar uma solução, meus olhos recaíram no pequeno armário de bebidas de Taylor. Fui até lá e examinei os rótulos, selecionando um uísque puro malte que eu imaginava ter um álcool de alta octanagem como ingrediente. Verti dois dedos de uísque num copo alto e trouxe os dois, garrafa e copo, de volta a nossa área de trabalho. Julio olhou com ar ligeiramente divertido enquanto eu os arrumava.

— Com sede? — perguntou.

Derramei um pouquinho do uísque no tinteiro para umedecer a tinta, e sem perda de tempo comecei a carimbar os vistos nos passaportes. Julio balançou a cabeça e deu um sorriso.

— Por que não? — ele disse. — De qualquer maneira, toda esta operação está sendo movida a álcool.

Levei boa parte da manhã para completar os vistos em todos os seis passaportes. A única coisa que faltava era arrumar nossos pacotes de documentos e destruir qualquer indício das obscuras artes do falsário. O jogo de reserva dos passaportes canadenses com o erro nos vistos foi mandado para o picador de papéis. O mesmo foi feito com os documentos norte-americanos que haviam sido incluídos no malote diplomático caso precisássemos deles. Nossos instrumentos, almofadas de tinta e coisas do tipo foram mandados para as chamas do incinerador da embaixada. Os professores de inglês e os nutricionistas viraram fumaça. Era *Argo* ou nada.

* * *

NESSE MEIO-TEMPO, EM Hollywood, Bob e Andi Sidell se ocuparam cuidando dos telefones da Estúdio Seis. Não tínhamos lhes dado uma previsão de quando a exfiltração iria ocorrer, e por isso Bob presumiu que poderia ser a qualquer momento.

No começo, Bob e Andi ficaram entusiasmados com a brincadeira de espiões amadores. Não demorou muito, porém, para que seu entusiasmo inicial fosse substituído por medo e preocupação. De repente lhes ocorreu que as vidas de oito indivíduos, talvez mais, estavam em suas mãos. Mais tarde, Bob me contou que à noite eles se juntavam em volta da TV esperando não ver o meu rosto desfilar pelo noticiário vespertino como o mais recente cativo amarrado e vendado. No escritório, Andi começou a temer o toque do telefone, ficando assustada cada vez que o ouvia tocar, receando que pudesse ser alguém para dar más notícias. A maioria dos telefonemas, porém, era para falar de negócios.

Apesar de Sidell estar no ramo de cinema havia quase 25 anos, ele ainda ficou pasmo com a facilidade com que o mito da Estúdio Seis se disseminou. Após nosso anúncio inicial ter saído nas publicações especializadas, *Hollywood Reporter* tinha ligado pedindo uma declaração. Hollywood é como uma cidade pequena, e correram boatos de que Calloway estava ligado ao filme. Um repórter quis saber quem estrelaria o filme. Sidell foi citado na matéria, dizendo: "Vamos usar nomes de peso. No momento, somos obrigados a manter sigilo." Não demorou para que ele começasse a receber ligações de amigos à procura de trabalho. Depois de duas semanas, o escritório estava inundado de roteiros e fotos de divulgação. "Isso é uma loucura!", Bob disse a Andi um dia, quando examinavam todo o material.

Além disso, várias pessoas importantes do setor tentavam lhe vender ideias, e ele chegou a marcar reuniões. Um autor quis saber se ele estaria interessado em produzir uma pequena história de horror de Arthur Conan Doyle, pouco conhecida, chamada "Lote Nº 249", sobre um estudante universitário que usa magia egípcia para reanimar uma múmia. Ela por sua vez é tomada por uma verdadeira fúria assassina. Sidell ficou tão curioso que realmente considerou a compra dos direitos da história do espólio de Conan Doyle, mesmo sabendo muito bem que, assim que saíssemos do Irã, a Estúdio Seis deixaria de existir.

Era como se uma mentira tivesse ganhado vida própria, e agora ele era obrigado a ir em frente. Em termos hollywoodianos, era o papel de uma vida, mas ele não sabia quanto tempo poderia aguentar.

* * *

DOMINGO À NOITE, JULIO e eu retornamos à casa dos Sheardown para um ensaio de figurinos. Os hóspedes tinham passado o dia anterior estudando seus personagens e aperfeiçoando os disfarces. Agora era a hora da verdade. Lucy trouxera os Stafford, e todos estavam à nossa espera na saleta. Quando chegamos, não pude crer nos meus olhos. Todos os hóspedes estavam com roupas emprestadas, portavam alguns itens pessoais e haviam redesenhado totalmente sua aparência para adequar-se aos novos papéis. Mark usara um delineador preto para escurecer a barba, enquanto Lee brincava de forma confiante com o visor pendurado no pescoço. "Pode me chamar de Woody!", ele disse. Tinha resolvido que todo cinegrafista de Hollywood que se preze devia ter um apelido, e o seu era Woody. Cora, por sua vez, usara bobes para ondular o cabelo normalmente liso. Também havia tirado os óculos e usava muito mais maquiagem do que estava acostumada. Ficava folheando o roteiro com ar distraído. Nossa diretora de arte, Kathy, tinha prendido o longo cabelo castanho num rabo de cavalo e usava um par de óculos escuros de aro fino, tipo Truman Capote, para combinar com o bloco de desenhos de *Argo*. Mas a transformação mais surpreendente veio de Bob Anders, que usara o secador de cabelo para criar um estilo moderninho e vestia calças justas e uma camisa azul dois tamanhos menor, desabotoada no peito. Para completar o conjunto, usava uma corrente de ouro com um medalhão, e jogou um casaco sobre os ombros como se fosse uma capa. "Dê uma olhada nisto aqui", ele disse, desfilando exibido pela sala. Achei difícil não sorrir.

A melhor coisa do show era a maneira tranquila e descontraída com que os hóspedes adotaram suas novas personalidades. Conforme eu esperava, estavam se divertindo e não pareciam nem um pouco preocupados com a passagem pelo

aeroporto no dia seguinte. Joe, na verdade, não fizera nada para se transformar, mas, em virtude do restante do pessoal, senti que poderíamos passar.

Além dos disfarces, Roger Lucy orientara os hóspedes em relação ao sotaque, para que soassem mais canadenses. Cora me deu um exemplo do jeito certo de um canadense dizer Toronto: "É *Toronna*, parecido com *piranha*", disse ela. Lucy brincou, dizendo que lhes ensinara simplesmente a dizer "eh?" após cada frase e que assim tudo daria certo.

Também havia os adesivos com folhas de bordo, alfinetes de lapela e etiquetas de bagagem que Joe Missouri e eu tínhamos comprado em Ottawa para serem usados como enfeites finais por nossos viajantes. Como qualquer viajante experiente sabe, canadenses de verdade tendem a grudar um monte de etiquetas com folhas de bordo em suas bagagens para não serem confundidos com americanos.

Após o ensaio de figurinos, Julio e eu entregamos a cada um deles seus documentos recém-carimbados e selados, bem como suas passagens aéreas de ida e volta, que refletiam o itinerário que havíamos preparado para eles, além da origem de seus vistos. Esses últimos detalhes eram de extrema importância. Uma das primeiras coisas que um funcionário da imigração poderia perguntar era onde o visto tinha sido emitido e qual fora o itinerário. Joe Missouri havia comprado os bilhetes de viagem em Toronto para as datas apropriadas, e nós tínhamos retirado dos bilhetes as folhas correspondentes aos trechos já percorridos. Não saber os detalhes e o roteiro de viagem poderia ser o jeito mais fácil de ser pego.

Também lhes demos algum dinheiro, para ajudá-los a se sentir mais normais naquelas circunstâncias.

Depois, Taylor chegou com a resposta do Canadá para uma mensagem que eu mandara por telex naquela manhã contendo o plano final de operações. Ele me entregou e sorriu. Os poderes superiores em Ottawa e Washington haviam avalizado nosso plano e estávamos prontos para deslanchá-lo na manhã seguinte. Eles encerravam a mensagem com uma nota de incentivo: "Vejo você depois, exfiltrador!"

Em seguida, nos retiramos para a sala de jantar para o que só pode ser

descrito como um banquete. Não querendo deixar nada atrás para os iranianos, os hóspedes tinham preparado um jantar de sete pratos, regado a vinhos finos, champanhe, café e licores. Os embaixadores Munk, da Dinamarca, e Beeby juntaram-se a nós, e o clima rapidamente se tornou festivo. Recomendei aos hóspedes que não bebessem demais, pois enfrentariam um "interrogatório hostil" feito por Lucy após o jantar. Todavia, percebi imediatamente que eles tinham planos próprios. Na verdade, os seis haviam se reunido antes e resolvido que, para deixar tudo o mais relaxado possível, iam se manter com a adrenalina alta. A casa ainda tinha uma razoável seleção de bebidas, e os hóspedes pretendiam acabar com elas.

Enquanto jantávamos, regalei os hóspedes com alguns relatos de operações passadas em lugares conhecidos como "áreas de acesso proibido", como Moscou, onde as equipes de vigilância podiam às vezes perfazer mais de cem pessoas. Julio brincou dizendo que nunca mais visitaria o país. Moscou se tornara um importante campo de provas para nós, e muitas técnicas que estávamos utilizando na missão Argo tinham sido um dia testadas sob o olhar vigilante da KGB.

Todo mundo estava curioso para saber detalhes da ideia por trás da Estúdio Seis, e eu lhes contei sobre a origem da piada com Argo. Não demorou muito para todos erguerem as taças e fazerem uma calorosa ovação brindando "Argo!". Em seguida, fiquei momentaneamente sério e lhes pedi que não divulgassem nenhum detalhe da missão de resgate para proteger nossos recursos e métodos, essenciais para levar adiante nossas operações secretas.

— Depois que isto tiver terminado, todos vocês vão querer escrever um livro — eu disse. — Não façam isso. Julio e eu precisamos continuar trabalhando no ramo.

Depois do jantar, todo mundo voltou a se reunir na saleta para interrogatórios fictícios. Para deixar as coisas o mais realistas possível, Lucy calçou coturnos e vestiu uma jaqueta do exército, além de carregar um bastão. Ele parecia alguém saído do filme *O homem que queria ser rei.*

Dirigiu-se lentamente para o centro da sala e assumiu a postura de um funcionário da imigração em serviço:

— Quem é o primeiro? — ladrou.

Os hóspedes se remexeram em seus lugares. Taylor e eu ficamos no fundo da sala junto com Julio, Beeby e Munk.

Lee se ergueu num salto e caminhou até Lucy, que o encarou de cima para baixo.

— Seu passaporte, por favor.

Disse isso imitando o sotaque de um persa falando inglês. Lee apresentou os documentos, e Lucy passou os olhos pelas páginas.

— E onde você tirou o visto? — foi a pergunta.

Lee, que vinha bancando o relaxado, de repente empalideceu.

— Sabe, é gozado... Eu não me lembro.

Lucy caiu em cima dele:

— Como assim você não se lembra? — E encarou Lee frente a frente. — Seu mentiroso! Você é um espião americano!

Taylor se virou para mim:

— Isso é realmente necessário? — indagou.

— Claro que sim. Quanto mais entrarem nos papéis, melhor vão se sair amanhã — respondi.

Quando Lee terminou, virei-me para o grupo:

— Escutem. Não lhes demos essas fachadas para vocês não aprenderem. O Woody aqui acabou de demonstrar como é fácil ser enrolado e tropeçar. Pode ser que lhes façam essas perguntas, pode ser que não. Mas, se fizerem, vocês precisam estar à vontade quando derem as respostas.

Enquanto os interrogatórios prosseguiam, um dos dois embaixadores estrangeiros me pediu para dar um pulo com ele até a sala de jantar. Ele estivera em contato com Mike Howland, um dos três diplomatas americanos no Ministério do Exterior junto com Vic Tomseth e Bruce Laingen. O embaixador me disse que Howland lhe confiara que estava planejando uma fuga. Na verdade, Howland disse que já estivera fora do ministério e estava pedindo um cortador de vidro e uma arma. O embaixador me perguntou o que eu achava que ele deveria fazer. Eu lhe disse que tudo bem dar um cortador de vidro para Howland, mas a arma, decididamente não. (No fim, não sei se ele chegou a dar o

cortador, pois Howland, Laingen e Tomseth permaneceriam em cativeiro no Ministério do Exterior durante toda a crise dos reféns.)

Quando os interrogatórios fictícios terminaram, Julio e eu nos sentamos com os hóspedes uma última vez para repassar os arranjos finais. Eu tinha desenhado um diagrama do aeroporto e os fiz passar pelas diversas fases do plano para não haver confusão. E disse:

— Trata-se apenas de uma grande tapeação. Nós vamos usar os mesmos truques que um mágico usa para iludir seu público.

O plano era o seguinte: eu chegaria ao aeroporto trinta minutos antes, levado por Sewell, que me pegaria no hotel às três da manhã. Assim que eu chegasse, faria um reconhecimento do aeroporto e confirmaria que nosso voo para Zurique estava no horário. Nesse ponto, se tudo estivesse em ordem, despacharia minha bagagem pela alfândega e aí assumiria minha posição junto às grandes janelas para dar o sinal de que tudo estava certo.

Enquanto isso, os hóspedes, junto com Julio, seriam levados para o aeroporto no furgão da embaixada. Ao ver o meu sinal, Julio os conduziria pela alfândega e se encontraria comigo no balcão de *check-in*.

O ideal, numa operação desse tipo, se algo desse errado, seria que tivéssemos um par de carros esperando do lado de fora, para o caso de precisarmos sair às pressas. Não tínhamos tal apoio — aliás, na verdade, não tínhamos nenhum tipo de plano B. Assim que entrássemos no aeroporto e estivéssemos sob as garras da segurança, não haveria chance de voltar atrás.

Todos os hóspedes já tinham passado pelo aeroporto, mas eu queria garantir que não haveria surpresas. Apesar de ser praticamente um galinheiro, era bastante organizado, graças, em grande parte, aos controles draconianos instituídos pelo xá. O primeiro posto de fiscalização ficava bem diante da porta principal: dois guardas da polícia nacional checavam os passageiros na entrada. Nesse local, exigia-se apenas uma identificação com foto. Ao contrário da maioria dos aeroportos ocidentais, onde as pessoas têm permissão de levar sua bagagem sem empecilhos até o balcão da companhia aérea, havia um posto da alfândega logo depois da entrada, devido ao medo de iranianos contrabandearem bens para fora do país.

— Depois, seguimos até o balcão do *check-in* — eu disse.

Eu não imaginava nenhum problema aí. No entanto, a fiscalização de imigração já era um caso diferente.

— É aqui o ponto crítico — eu disse, apontando para a mesa da imigração no meu diagrama.

Eu sabia que os hóspedes ainda tinham algumas preocupações em relação aos formulários de desembarque/embarque, mas lhes assegurei que as autoridades não vinham comparando as vias branca e amarela havia meses. Acrescentei:

— É muito melhor não estar levando alguma coisa do que incluir algo que você não deveria ter. Sempre se pode blefar dizendo que esqueceu alguma coisa. "Como é que eu vou saber onde está o formulário branco? É a cópia de vocês!"

À meia-noite, Julio e eu finalmente nos despedimos, e, enquanto saíamos, os hóspedes soltaram um entusiástico "Argo!" como saudação de despedida. Eu parei antes de sair.

— Gente, vocês vão se sair superbem amanhã — disse, olhando para cada um dos seis rostos. — Lembrem-se apenas de seguir com o fluxo e se divertir, e tudo vai dar certo.

Depois que Julio e eu fomos embora, Lee e Joe ficaram acordados bebendo e conversando. A filosofia de terra arrasada funcionou, e a essa altura a única bebida que restava na casa era uma garrafa de Cointreau. Joe continuou reclamando do plano e imaginando jeitos de as coisas darem errado. Estava preocupado com o fato de que o Ministério da Orientação Nacional era encarregado das permissões de filmagem e que isso pudesse fazer com que simplesmente tirassem todo mundo do avião, retendo-os até confirmarem se a história Argo era verdadeira. Lee contestava, dizendo que o voo estaria repleto de estrangeiros e que o ministério só abria às nove da manhã — uma hora e meia depois do horário do voo.

— Não há como nos arrancarem do avião e nos segurarem por duas horas.

Joe, então, voltou ao problema das vias branca e amarela dos formulários. Lee sacudiu a cabeça, frustrado. O Cointreau estava fazendo efeito, e ele sabia que devia ir para a cama.

— O que importa — disse, antes de se recolher — é que eu vou estar naquele

avião amanhã. Espero que você decida fazer a viagem; se não quiser vir, a escolha é sua. Mas, se vier, não ferre tudo para mim e para os outros.

A FUGA

O telefone me acordou às três da manhã.

— Sou eu, Richard — disse a voz do outro lado. — Estou aqui embaixo no saguão.

Era Richard Sewell, pontual. Tomei uma chuveirada, juntei o resto das minhas coisas e desci em menos de quinze minutos. Sewell viera me buscar na Mercedes do embaixador e dirigia com cuidado pela cidade ainda adormecida. As ruas estavam escuras e quase desertas àquela hora — o que era ao mesmo tempo estranho e tranquilizador —, e às quatro e meia chegamos ao Aeroporto de Mehrabad.

Sewell estacionou o carro e nós dois seguimos juntos, passando sem problema pelo posto de controle inicial. Como eu esperava, o aeroporto estava relativamente vazio. Havia apenas uns poucos passageiros no saguão e vários funcionários largados, cochilando em suas mesas. Só alguns guardas revolucionários estavam apoiados nos balcões, com aparência solitária e entediada. Eu sabia que no final da manhã a cena seria completamente outra, com multidões de iranianos apinhando os controles e um grupo maior de guardas revolucionários para mantê-los na fila. Esse foi um dos principais motivos para eu ter escolhido um horário de partida tão cedo.

Passei pela alfândega sem incidentes. Richard seguira seu próprio caminho; não estávamos planejando necessariamente nos encontrar de novo, a menos que surgisse algum problema. Richard tinha em seu poder uma identificação diplomática que lhe dava acesso a todo o aeroporto. A essa altura, ele estava indo fazer uma verificação com seu contato da British Airways em caso de precisarmos de um plano B. Eu me dirigi ao balcão da Swissair, onde o funcionário confirmou que o nosso avião chegaria a tempo, às cinco da manhã.

Peguei uma revista e passei os olhos pelas manchetes, fazendo hora para esperar Julio e o restante do pessoal.

Enquanto isso, na casa dos Sheardown, Roger Lucy fazia o máximo para despertar os hóspedes e fazer a coisa andar. Não foi fácil. O grupo mal havia dormido, e alguns estavam de ressaca. Cora se recorda de estar andando pelo corredor e ver Lee de cueca numa corrida desenfreada até o banheiro. Lucy preparou um bule de café e todos iniciaram o processo de entrar no personagem, dando os retoques finais nos disfarces. Bob Anders achara uma boina azul-marinho em um dos armários dos Sheardown e a adicionou ao figurino. Conferiu seu aspecto no espelho e ficou satisfeito com o resultado. Quando chegou a hora de partir, Lucy lhes desejou tudo de bom e os acompanhou até a van da embaixada, que os aguardava. Lee notou que Joe resolvera fazer a viagem.

Ao trafegar com o veículo pela cidade, o motorista, um empregado iraniano da embaixada canadense, pensava se tratar apenas de mais uma corrida de rotina até o aeroporto. Os hóspedes estavam bem cientes disso e tinham de tomar cuidado com o que diziam dentro do furgão. Durante a maior parte do tempo, ficaram sentados em silêncio. Mark lembra-se de como a viagem foi tranquila, quase serena. Era uma sensação reconfortante estar acomodado na escuridão do carro. Pensou em como seria bom se pudessem ir de carro, todos amontoados, até Washington, D.C. Sentada a seu lado, Cora tentava lembrar-se de uma lista de coisas a verificar. Resolveu dar uma última olhada na bolsa para ver se havia algo com seu nome real. Ficou surpresa ao descobrir um recibo de lavagem a seco e rapidamente o meteu entre os assentos. Os outros repassavam mentalmente as histórias de fachada, revendo os detalhes e preparando-se psicologicamente.

Quando o motorista perdeu a entrada correta para o Sheraton, Anders lembrou-lhe que deveriam apanhar alguém no hotel. O motorista rapidamente fez meia-volta e acelerou para não perder tempo. Imperturbável como sempre, Julio passou o tempo de espera no saguão lendo seu jornal. Posteriormente me contou como ficou aliviado ao ver a van encostar na frente do hotel. Quando chegaram a Mehrabad, passava um pouco das cinco horas.

Dentro do terminal, eu vaguei até um conjunto de janelas envidraçadas do

chão ao teto, perto da entrada principal, e parei num lugar onde sabia que seria facilmente visto do exterior. Com o ar mais indiferente possível, dobrei minha revista e a pus na maleta, tirei o enorme portfólio Argo e comecei a folheá-lo. Conforme o combinado, eu fora na frente e sinalizava para os outros que não havia problema em entrar no aeroporto. O sinal era eu ficar parado num lugar em que pudessem me ver, bem do outro lado do vidro, examinando o portfólio.

Do lado de fora, os hóspedes estavam sentados no veículo, esperando. Por causa da presença do motorista, não podiam falar abertamente. Julio manteve os olhos na janela e, quando me viu, virou-se para os outros:

— Tudo bem. Vamos lá.

Os sete se aproximaram dos guardas da polícia nacional parados do lado de fora do terminal e entregaram as identidades. O policial passou os olhos pelos documentos, notou as passagens aéreas e fez um gesto para que passassem. Eles tinham um aspecto bom, confiante, como viajantes experientes prestes a embarcar. *Uma coisa a menos*, pensei.

Cruzei o aeroporto em direção aos balcões de *check-in*, onde podia observar melhor Julio e os hóspedes percorrendo o interior iluminado do aeroporto. Eles pareciam animados, mas também um pouco ansiosos. Afinal, tinham ficado na casa dos Sheardown por quase noventa dias, e eu sabia que deveria dar uma sensação estranha se ver subitamente cercado por tanta gente. Espantei-me com Bob Anders, que deslizava pelas portas segurando um cigarro entre o polegar e o indicador. Ele parecia um personagem saído de um filme de Fellini. *Só espero que ele não exagere*, pensei, vendo-o alisar os cabelos num gesto que parecia quase feminino. Apesar do auxílio dos canadenses, os hóspedes tiveram alguma dificuldade de juntar muita bagagem, e a olhos treinados pareciam estar viajando um pouco desimpedidos demais para um grupo hollywoodiano em busca de locação em várias partes do mundo.

A passagem pela alfândega, porém, correu tranquilamente e eles logo se juntaram a mim no balcão de *check-in*. Quando nos reunimos pela primeira vez no aeroporto, pude ver que os cantos de seus olhos se apertavam de tensão e fadiga. Ainda assim, havia um sentimento bom de camaradagem. Estávamos

nisso juntos e íamos passar juntos. Éramos uma equipe. Éramos um grupo de busca de locação para um filme, a caminho da nossa próxima escala, e depois de volta a Hollywood. Estávamos vivendo o momento. Eles pareciam ter escutado tudo o que eu lhes dissera nos ensaios. *Tudo bem*, pensei. *Eles vão conseguir.*

O plano que eu passara para os hóspedes tinha um elemento-chave: permanecer juntos. No caso de alguma coisa sair errado, isso me daria a oportunidade, como gerente de produção, de me intrometer com o portfólio Argo. Lee, porém, tinha outras ideias. Ainda mais que Anders, pude ver que ele abraçara o espírito aventureiro da missão Argo. Naquela época, as linhas aéreas tinham duas filas para o *check-in*: fumantes e não fumantes — parece incrível, mas nos anos 1980 ainda era permitido fumar nos aviões. Por hábito, Lee entrara na fila muito mais curta dos não fumantes, enquanto o resto de nós estava na fila dos fumantes. Isso significava que, na hora que tivéssemos nossos cartões de embarque, Lee já teria entrado e estaria a caminho dos controles de imigração.

Quando Lee chegou à frente da fila, nós ainda estávamos um pouco atrás dele. Notei que um funcionário uniformizado, e não algum mal-encarado sem treinamento de um *komiteh*, cuidava da fiscalização, como eu os avisara. Observei Lee entregar o passaporte e o formulário amarelo. Como agente da CIA com anos de experiência usando documentos falsos, posso dizer que, na primeira vez que você mostra um deles a um funcionário de imigração, sempre há um pequeno sobressalto. *Aí vamos nós*, pensei comigo mesmo. *Este é o momento da verdade.* Lee estava bancando o tranquilo, mas eu sabia que por dentro seu estômago devia estar se contorcendo. Se fosse para algo dar errado, a maior probabilidade era que fosse aqui. E agora.

O funcionário da imigração examinou o passaporte de Lee:

— Esta foto é sua? — Eu mal conseguia ouvir o funcionário perguntar.

Estiquei o pescoço para ouvir a resposta de Lee.

— Claro que é.

Ele estava tentando permanecer calmo, mas pude ver que o nervosismo estava começando a aparecer. Um par de guardas revolucionários malvestidos apoiava-se numa parede próxima, observando com um misto de tédio e ameaça.

O funcionário deixou seu posto e rapidamente desapareceu numa sala dos fundos. Lee olhou na nossa direção. Ficamos paralisados, os olhos grudados na porta por onde o funcionário saíra. Teríamos esquecido alguma coisa no passaporte de Lee? Estaria o funcionário procurando a via branca do formulário de desembarque? Alguns segundos se arrastaram, até que o homem voltou.

— Não parece você — disse, no seu inglês com forte sotaque.

Mostrou a Lee a foto que fora tirada vários meses antes. Nela, ele tinha um grosso bigode que cobria totalmente seu lábio superior. Percebendo que era esse o problema, Lee fez uma cara séria para combinar com a da foto, depois usou os dedos para imitar uma tesoura cortando as pontas do bigode.

— Agora está mais curto — ele disse.

O funcionário lançou um olhar na foto, depois olhou de novo para Lee e finalmente deu de ombros. Carimbou o passaporte e Lee sumiu dentro da sala de embarque. Estudei os hóspedes e fiquei feliz em ver que, apesar de ter sido por pouco, ninguém tinha entrado em pânico.

A fila seguia em passo de lesma para diante, emperrando ocasionalmente quando irrompia alguma discussão entre passageiros e o funcionário da imigração. Vários iranianos tentavam viajar com documentos falsos, e uma mulher foi puxada para o lado quando se recusou a cooperar. Algumas semanas antes, Cora lera um artigo sobre uma mulher que fora pega tentando contrabandear dinheiro na vagina. Ao ver a passageira ser tirada da fila, ela de repente ficou preocupada que as autoridades pudessem estar escolhendo passageiras ao acaso para sujeitá-las a buscas de corpo inteiro.

Quando finalmente chegamos ao balcão, todo mundo se alinhou para apresentar os passaportes como grupo. O funcionário da imigração, porém, desaparecera misteriosamente. Ficamos ali parados alguns minutos sem fazer nada. Mark e Cora, que estavam à frente do grupo, tiveram uma rápida discussão se deviam ou não simplesmente passar pelo controle. Logo se deram conta de que seria uma péssima ideia. Se fossem pegos tentando passar, isso só despertaria suspeitas de que tinham algo a esconder. Mark tinha absoluta confiança na qualidade dos documentos, e o plano foi aguardar. Após mais alguns minutos, o funcionário voltou à mesa, mexendo em uma xícara de chá. Ele deu uma olhada

rápida nos nossos passaportes e sem mais delongas colou os selos de saída, gesticulando para que passássemos. Também recolheu nossas vias amarelas e, ao prender suas bordas ao balcão, uma delas flutuou e caiu no chão. Ao passarmos, não pude resistir e disfarçadamente a peguei e a enfiei no meio dos meus papéis. Era o formulário de Bob Anders.

Cada um de nós soltou um longo suspiro de alívio quando entrou na sala de embarque. Tecnicamente, ainda não tínhamos saído da selva, pois havia um último posto de controle antes do embarque, mas com a imigração resolvida, sentíamos que o pior já tinha passado. Alguns guardas revolucionários vagavam pela sala encarando as pessoas com ar desconfiado, mas seu interesse parecia embotado pela hora precoce. Faltavam cerca de vinte minutos para chamarem nosso voo. Tudo que tínhamos a fazer era ficar sentados quietos, de cabeça baixa, e aguardar.

Lee e Bob se juntaram e caminharam na direção de uma fileira de assentos. A sala de embarque estava a meia lotação, mas eu sabia que não demoraria muito para estar lotada até os caibros. Os dois escolheram um lugar e se sentaram, notando que à sua frente estava Junior, o policial militar da embaixada canadense que ajudara a cuidar da casa depois que Roger Lucy saíra para os Sheardown. Com a embaixada fechando, os canadenses tinham sido escalados para partir em dois turnos, com vários deles embarcando nos voos matutinos, e o restante, inclusive o embaixador Taylor, partindo à tarde. Na verdade, Laverna, a secretária de Taylor, estava sentada ao lado de Junior. Assim que Lee se sentou, Junior viu sua sacola, que estava coberta de adesivos com a folha de bordo da bandeira canadense. Ao ver os adesivos, os olhos de Junior foram subindo da sacola até pousarem nas faces radiantes de Lee Schatz e Bob Anders. Junior deu uma olhada nos dois americanos e fez uma expressão de espanto. Laverna ficou igualmente surpresa. Ela vira Anders no passado, em algumas funções da embaixada, mas levou um instante para perceber que o homem de peito descoberto com um medalhão extravagante e usando boina era o mesmo diplomata sênior de terno que ela conhecera antes.

Junior inclinou-se para a frente:

— O que você está fazendo aqui? — perguntou a Lee.

Lee não hesitou:

— Indo para casa, ué! — disse com seu melhor sotaque canadense.

Junior ficou abestalhado. Sacudiu a cabeça estarrecido.

Enquanto isso acontecia, eu havia ido procurar Sewell, que estava parado num canto da sala junto com seu amigo da British Airways. O amigo me perguntou por que não tínhamos escolhido voar com eles.

— Nós teríamos lhes dado um tratamento de realeza — ele disse. — Primeira classe, champanhe, é só escolher.

— Eu agradeço — respondi.

Disse que era bom saber que tínhamos uma alternativa caso algo desse errado com o voo da Swissair. É muito raro ter um contato no aeroporto para uma exfiltração, e isso decididamente reforçou a minha confiança.

Notei que Joe e Kathy estavam na *duty-free*, mas não consegui ver o que faziam. De repente, Kathy puxou meu paletó, e Joe se aproximou com uma sacola lacrada da loja. Sua boca se abriu num largo sorriso ao dá-la para mim com uma mesura, colocando-se em posição de sentido como se apresentasse um troféu:

— Gostaríamos que recebesse isto como uma demonstração da nossa estima — disse em tom levemente formal.

Achei um pouco constrangedor, mas foi sincero. Estava claro que haviam comprado um enorme recipiente de caviar beluga iraniano — pude ver pela sacola plástica e avaliar o peso. Não era nada barato. Pareceu um momento estranho, antes de realmente chegarmos à "hora H". Senti que, com esse presente, Joe dizia: "Estou com você neste plano, o seu plano, e acho que vamos conseguir sair daqui." Ainda estávamos "a quilômetros de casa", como diria Jerome, e parecia um pouco prematuro, mas era sincero, em especial partindo de Joe, que se portara o tempo todo como o guerreiro relutante. Pareceu-me que ele finalmente concluíra sua própria "checagem de entranhas" e havia encontrado a confiança para seguir adiante.

Foi nesse momento que uma voz anunciou ao alto-falante que o voo 363 da Swissair estava pronto para embarque. Os hóspedes logo se puseram de pé e eu os conduzi como um rebanho rumo ao portão de embarque. Passamos pelos

detectores de metal e pelo último posto da segurança sem incidentes e assumimos nossos lugares na minúscula saleta de vidro junto ao portão. Olhando à minha volta, vi que todos estavam empolgados, mal podendo se conter. Só faltava pegar o ônibus de pista que nos levaria até o avião. Mas, antes de nos darmos conta, veio um segundo aviso pelo sistema de alto-falantes:

— Lamentamos informar que o voo 363 da Swissair sofrerá um atraso devido a problemas mecânicos.

Parecia que Murphy ainda não tinha se divertido o suficiente conosco. Todo o nosso grupo formou um cerco apertado à minha volta. Eu disse:

— Relaxem, todos vocês. Isso acontece o tempo todo. Vou verificar do que se trata e descobrir qual é o tipo de problema mecânico e de quanto atraso estão falando.

Retornamos à sala de embarque tentando manter os ânimos positivos. Mais uma vez me encontrei com Richard e seu contato da British Airways para ver o que podia ser feito. Como fiquei sabendo, eles já tinham conversado com a Swissair e descoberto que se tratava apenas de um problema técnico mínimo. Sewell informou:

— É só um indicador de velocidade do ar com defeito. Deve levar uma hora para o conserto.

Chegamos a discutir a possibilidade de mudar para um voo da British Airways, mas concluímos que isso só atrairia atenção desnecessária. Já tínhamos despachado nossas malas pela Swissair, de modo que a troca exigiria retirá-las do avião e passar de novo por todo o processo do *check-in*.

Reuni-me com os seis e os deixei a par do que ficara sabendo por Richard. Todos concordaram que o melhor seria esperar.

— Só precisamos ter paciência — eu disse.

Mark e Cora se entreolharam.

— Sei que estão preocupados — falei baixinho para todos eles, olhando nos olhos também de Joe e Kathy. — Seriam loucos se não estivessem. Mas já fizemos isso. Problemas mecânicos ocorrem o tempo todo. Este aqui é mínimo.

Bob Anders pareceu relaxar de imediato. Lee, sempre vigilante e falador, ficou momentaneamente mudo.

A espera se tornou angustiante. O dia tinha nascido e o céu lá fora começava a mostrar uma luz cinzenta filtrada. Pilhas de neve espalhavam-se pela pista como icebergs flutuando num mar de aço cinzento. Dentro do aeroporto, a sala de embarque se encheu rapidamente com passageiros dos numerosos voos que começavam a chegar da Europa e da Ásia. Vários grupos de guardas revolucionários encontravam-se no saguão, movimentando-se entre os viajantes. Cansados de pegar só iranianos, voltaram sua atenção aos estrangeiros, dirigindo-se a eles rudemente em inglês ou alemão sofrível. Para eles, parecia quase um esporte.

Fiquei imaginando quanto tempo demoraria até que algum ultrazeloso membro do *komiteh* voltasse sua atenção para um de nós. Olhei em volta para ver como os hóspedes estavam se arranjando e fiquei surpreso de ver que Joe lia um jornal em parse. Achei que ele tinha ficado maluco — ninguém acreditaria que um produtor de Hollywood fosse capaz de ler parse. Naquele instante, Joe pareceu se dar conta disso, pois de repente soltou o jornal.

O tempo passava em câmera lenta. O salão ficou atulhado e quente, e a névoa da fumaça dos cigarros enchia o ar. O barulho aumentou. A superlotação tornou-se desconfortável. O que começara quase como um jogo havia se transformado numa extenuante provação mental. Aí, exatamente no momento em que pensei que um dos hóspedes poderia ceder, o sistema de som anunciou que o voo 363 da Swissair estava pronto para embarque. Mais uma vez passamos pelo posto de segurança e entramos na saleta de vidro. Dessa vez, não fomos levados de volta. Quando nos espremem dentro do velho ônibus do aeroporto, pude ver que todos estavam exaustos, inclusive eu. Agora faltava pouco, e nós sentíamos isso.

Na pista, desembarcamos do ônibus e nos dirigimos para a escada. O ar frio foi uma mudança bem-vinda depois do sufocante calor na sala de embarque. Então, enquanto subíamos para o avião, Bob Anders me deu um soquinho no braço:

— Cara, vocês pensam em tudo — ele disse com um sorriso de uma orelha à outra.

Ao me virar, vi o que ele estava apontando. Ali, pintado na lateral do nariz da

aeronave, estava escrito o nome do cantão suíço de onde ela viera. Em letras grandes, dizia: AARGAU. Deixei escapar um sorriso e encarei como um presságio de que tudo daria certo.

Quando o DC8 rugiu taxiando pela pista e levantou voo, senti-me eufórico. Como dizemos no nosso ramo, não há sensação mais doce do que as rodas sendo recolhidas. Ainda tínhamos duas horas pela frente antes de deixar o espaço aéreo iraniano, mas agora parecia mera formalidade. Quando o capitão finalmente anunciou que havíamos saído do Irã e entrado nos céus da Turquia, os passageiros ovacionaram (havia vários iranianos em fuga que, sem dúvida, também tinham passado por suas próprias provações naquela manhã). Para os hóspedes, foi como se um peso terrível tivesse sido retirado de seus ombros. Pude ver o alívio em seus rostos quando se deram conta. Tínhamos conseguido. O sofrimento havia chegado ao fim — eles estavam indo para casa.

Quando os comissários de bordo passaram com o carrinho de bebidas, todo mundo pediu um Bloody Mary para comemorar. Ergui meu copo para os outros:

— Argo! Estamos em casa, livres! — disse.

Na embaixada canadense, o embaixador Taylor informou Ottawa, via telex, sobre o sucesso da missão. Depois, pediu a Claude para segurar uma última vez a sua marreta e arrebentar o equipamento de comunicação, o que ele fez com muito entusiasmo.[1] Taylor pendurou na porta da embaixada uma tabuleta de TEMPORARIAMENTE FECHADA, e ele, Lucy, Claude e um quarto funcionário canadense saíram para almoçar. Na hora em que nosso grupo pousava em Zurique, a mensagem de Taylor já deixara Ottawa e chegara a Washington, onde um ansioso presidente Carter recebeu uma rara notícia boa vinda do Irã: os seis americanos haviam escapado.

* * *

SEMPRE ME LEMBRAREI DA alegria nos rostos dos hóspedes ao descerem a escada do avião em Zurique. Lee e Bob bateram os pés na pista e ergueram os braços em triunfo. Surpreendentemente, não havia ninguém para nos receber no

portão, e por isso fomos obrigados a passar pela imigração com documentos falsos e tudo mais. Quando saímos no estacionamento, um grupo de funcionários do Departamento de Estado norte-americano rapidamente se aproximou. Sem uma saudação sequer, agarraram os hóspedes e os colocaram num furgão que estava à espera, e partiram a toda velocidade. Mais tarde, eu viria a descobrir que foram transportados às pressas para um chalé nas montanhas, onde foram alimentados com pizzas e embalagens de seis unidades de Heineken.

Julio e eu, nesse meio-tempo, fomos deixados sozinhos no estacionamento gelado. Como qualquer agente secreto que preza seu anonimato, não esperávamos um desfile com fanfarra para nos receber. A maioria dos funcionários da CIA é composta de profissionais que jamais recebem o reconhecimento que merecem. Para nós, era apenas parte do trabalho. Fiquei feliz de ter feito a minha parte e ajudado a tirar os seis americanos do Irã, mas eu sabia que havia mais trabalho pela frente. Havia ainda 53 americanos mantidos como reféns que necessitavam do nosso auxílio.

— É hora de conversarmos sobre o seu futuro no ramo de cinema — eu disse a Julio, minhas palavras pairando no ar gelado da noite.

Expliquei que, como a história de fachada do filme *Argo* tinha funcionado tão bem, havia uma chance real de ser usada para infiltrar os comandos da Força Delta em Teerã no caso de uma tentativa de resgate.

— Eles vão querer que você tome algumas aulas sobre finanças internacionais — acrescentei.

— Você acha que dou conta? — ele perguntou. Por um instante, pareceu mais jovem.

— A minha única dúvida é em que língua você deve fazer o curso — respondi.

Um vento frio varreu o estacionamento e eu tremi, percebendo que não estava mais de casaco.

— Vamos dar o fora daqui. Estou congelando.

— Onde está o seu casaco? — Julio indagou.

— Emprestei para o Joe.

Ele riu.

— O departamento financeiro vai comer o seu rabo por causa disso.

— E eu não sei? Vamos embora.

Nós viramos e andamos na direção da fila de táxis. Era hora de voltar ao trabalho.

16

DESFECHO

Nenhum dos hóspedes havia pensado muito no que aconteceria depois que saíssem do Irã. Provavelmente presumiram que voltariam às suas vidas normais, mas na Suíça descobriram a verdade. Foram informados pelo Departamento de Estado que, se a notícia da fuga vazasse, havia uma boa possibilidade de que os reféns sofressem represálias. Além disso, considerando a hipótese de a história de *Argo* vir a ser reutilizada para ajudar no resgate dos reféns, seria importante manter os detalhes da operação em segredo. Assim, em vez de serem autorizados a voltar para casa, eles ficariam escondidos numa base da Força Aérea dos Estados Unidos na Flórida até a libertação dos 53 reféns. Quando souberam que não poderiam sequer telefonar para suas famílias para informar-lhes que estavam sãos e salvos, começaram a resmungar. É claro que Lee, sendo Lee, perguntou se eles poderiam seguir para Fiji e não para a Flórida.

Passaram a noite no chalé nas montanhas, comendo pizza, tomando cerveja e sendo observados pelo chefe do setor médico da embaixada local. Disseram-lhes que não havia precedente de um grupo de funcionários do Departamento de Estado que tivesse ficado em cativeiro por um período de tempo tão prolongado. O Departamento de Estado estava ansioso para saber tudo que fosse possível para ter melhores condições de lidar com os reféns quando a situação se resolvesse. Em certo momento, foi-lhes pedido que fizessem um teste de estresse da Força Aérea, aplicado em controladores de voo, cujos resultados determinaram que a maioria estava "muito estressada". Depois de interrogados, foi-lhes solicitado que entregassem todos os documentos falsificados, bem como o material relativo a *Argo*. No entanto, alguns deles guardaram seus cartões de visitas da Estúdio Seis e os possuem até hoje.

Apesar de todo o esforço do Departamento de Estado para manter a fuga dos

seis em segredo, não demorou muito para que o mundo inteiro soubesse o que tinha acontecido.

Jean Pelletier, do *La Presse* de Montreal, estava cozinhando aquela história havia mais de um mês.[1] Quando descobriu que o governo canadense estava fechando a embaixada em Teerã em 28 de janeiro, ele concluiu que os americanos desaparecidos deviam ter conseguido sair. Uma vez que concordara inicialmente em não publicar a reportagem até o perigo ter passado, sentiu que havia mais do que cumprido a sua parte do acordo. Telefonou mais uma vez para a embaixada canadense em Washington pedindo confirmação, e os funcionários lhe disseram que preferiam que ele segurasse a história até que a crise inteira chegasse ao fim. Pelletier, porém, alegou que seus "instintos" lhe diziam que devia publicar naquele momento.[2] Preocupado com a possibilidade de que algum outro jornalista desse o furo de reportagem antes dele e em parte pressionado por seus editores, ele resolveu finalmente soltar a matéria. O jornal a publicou na manhã de 29 de janeiro. Logo depois, a reportagem foi transmitida pelas emissoras de rádio e TV e antes da hora do almoço já havia se espalhado pelo mundo todo.[3]

Com a notícia divulgada, não havia mais necessidade de manter os hóspedes em reclusão. Temendo que a história pudesse ser relacionada ao governo suíço, que ainda mantinha em funcionamento a embaixada no Irã, o Departamento de Estado apressadamente colocou os hóspedes numa van e os levou para a Base Aérea de Ramstein, na Alemanha.

Eu estava de volta a Frankfurt elaborando o meu relatório pós-operação quando a notícia estourou. Reportagens ressaltavam como os canadenses haviam abrigado os seis americanos por quase três meses antes de organizar sua fuga. Não foi feita menção alguma à CIA, ou a Argo, o que era ótimo. A última coisa de que a Casa Branca ou a Agência precisavam era que os iranianos soubessem que a CIA conduzira operações em Teerã, o que quase certamente teria colocado as vidas dos reféns em perigo. Por fim, uma vaga referência acabaria sendo feita no *New York Times*, dizendo que a CIA fornecera assistência técnica, mas nos dezessete anos seguintes o mundo jamais saberia a verdade acerca de Argo.[4]

Na esteira do artigo de Pelletier e de outras matérias subsequentes, as manifestações de gratidão dos americanos para com o governo canadense foram sem precedentes. Lembro-me de aterrissar no Aeroporto JFK em 1º de fevereiro e pegar um exemplar do *New York Post* que trazia uma enorme manchete de quase dez centímetros na primeira página que dizia: "Obrigado, Canadá!". Em bares e restaurantes, os canadenses eram tratados com tapinhas nas costas e drinques de graça. Quase em toda parte viam-se bandeiras com a folha de bordo, placas e até letreiros expressando a gratidão americana ao nosso vizinho do norte.

Em 30 de janeiro, o Congresso dos Estados Unidos aprovou uma resolução em homenagem ao Canadá, e, no dia seguinte, o presidente Carter ligou pessoalmente para agradecer ao primeiro-ministro Joe Clark.[5]

Com o envolvimento da CIA mantido em segredo, a parte do leão do crédito pela operação foi para Ken Taylor. Ele se transformou da noite para o dia numa sensação e foi apelidado de "Pimpinela Escarlate" da diplomacia. Depois de voar de Teerã para Copenhague, acabou em Paris, onde foi recebido no Aeroporto Charles de Gaulle por uma multidão de fotógrafos e repórteres. Ele daria uma entrevista coletiva no dia seguinte e depois partiria para uma turnê de relações-públicas que duraria onze meses e que o levou a praticamente toda cidade importante dos Estados Unidos e do Canadá. Receberia as maiores honrarias dos dois países, inclusive a Medalha de Ouro do Congresso (entregue a gente do calibre de Dalai Lama e do papa João Paulo II). Aonde quer que fosse, era sempre delicado, tentando transferir o crédito para outros, mas claramente não se esquivava dos holofotes. É claro que Taylor estava fazendo apenas o que queríamos que fizesse, ou seja, desviar o foco das atenções dos Estados Unidos para o Canadá. Mesmo que ele quisesse, não poderia ter mencionado o papel da CIA. E, de certa forma, o que ele fazia era manter outra história de fachada, tirando a culpa dos Estados Unidos e passando para o Canadá.

Entre aqueles que sabiam, porém, a ideia de que o Canadá agira sozinho tornou-se uma oportunidade para diversão. Mais tarde fiquei sabendo que, típico do homem, Jerome Calloway mandara colocar um anúncio de página inteira no

jornal local de Burbank que dizia: "Obrigado, Canadá — nós precisávamos disso!"

Quando a notícia do resgate chegou ao Irã, as reações foram previsíveis. No Ministério do Exterior, Bruce Laingen, Vic Tomseth e Mike Howland foram acusados de ajudar e instigar a fuga de algum modo e tiveram seus privilégios de telefone e telex permanentemente retirados. Na embaixada dos Estados Unidos, por sua vez, foi relatado que um dos militantes chamou o resgate de "ilegal".[6] Mas talvez a reação mais famosa tenha partido de Sadegh Ghotbzadeh, ministro do Exterior iraniano, que disse: "Cedo ou tarde, aqui ou em qualquer lugar do mundo, o Canadá pagará por essa violação da soberania do Irã."[7] Ghotbzadeh acabou condenado pelo governo iraniano e executado por um pelotão de fuzilamento, sob suspeita de compactuar com o Ocidente.

Depois que o resgate se tornou o segredo mais mal guardado do mundo, os hóspedes tiveram, enfim, permissão de voltar para casa. Passaram mais algumas noites na base militar na Alemanha, depois voaram para a Base Aérea Dover em Delaware num 707 executivo que pertencia ao comandante da OTAN, jantando filé-mignon e abacaxi fresco vindo do Havaí.

Quando chegaram ao Departamento de Estado, foram recebidos no saguão de entrada por uma multidão entusiasmada. Uma mulher segurava um cartaz que dizia NÓS AMAMOS VOCÊ, BOB ANDERS, E O CANADÁ TAMBÉM! A atmosfera estava elétrica. Depois de ouvir apenas notícias ruins sobre seus colegas aprisionados na embaixada, ali estava finalmente a oportunidade de celebrar uma vitória. Todas as suas emoções represadas extravasaram: eles batiam palmas, assobiavam, erguiam cartazes e vibravam livremente. Quando mais tarde lhe perguntaram sobre a chegada, Lee descreveu o momento como uma das poucas vezes em que sentiu vontade de chorar em público.[8]

A escala seguinte foi num auditório no Departamento de Estado, onde Bob Anders leu uma declaração preparada de antemão dizendo que, devido à seriedade da situação, nem ele nem nenhum dos outros hóspedes podiam entrar em detalhes sobre a fuga. Ao comentar sua estada com os Sheardown, Bob informou que passaram a maior parte do tempo jogando Scrabble e

acompanhando as notícias do mundo. Posteriormente, cada um deles ganhou de presente um jogo de Scrabble de luxo e uma carta do presidente da Hasbro — a fabricante do jogo.

Depois da coletiva, reuniram-se com Cyrus Vance e mais tarde tiveram um encontro com o presidente Carter na Casa Branca. Para os hóspedes, que vilipendiavam Carter nas discussões sobre o impasse da crise dos reféns nos jantares com os Sheardown, foi um encontro embaraçoso. Alguns deles, como Mark, ainda sentiam que o presidente conduzira mal toda a situação ao permitir que o xá entrasse nos Estados Unidos sem tomar providências para proteger a embaixada. No final, o charme sulista de Carter os conquistou, e eles foram embora com a sensação de que o presidente estava genuinamente preocupado com o bem-estar dos reféns.

Foi mais ou menos nessa época que aterrissei no Aeroporto JFK em Nova York. Eu pegara um voo de Frankfurt pela TWA e tive dificuldade para fazer com que botassem na geladeira a enorme lata de caviar com que Joe Stafford me presenteara. A comissária deu uma olhada e disse:

— Senhor, esse caviar é ou iraniano ou russo. Se for iraniano, não vou colocá-lo na geladeira antes que os reféns sejam libertados. Se for russo, depois que eles saírem do Afeganistão e as Olimpíadas forem remarcadas, teremos o maior prazer de achar um lugar para ele na nossa geladeira.

Olhei para ela com admiração. Tirei toda a minha roupa suja da sacola de mão e embrulhei a lata na minha roupa de baixo americana.

Antes de pegar o voo de conexão, liguei para a minha família do aeroporto e informei que chegaria em breve.

Foi um reencontro emocionante em Dulles quando Karen e as crianças foram me buscar. Muita coisa não foi dita, mas penso que todos podiam perceber que eu estava aliviado por voltar para casa. Mais tarde nessa noite, quando Karen e eu estávamos indo para a cama, ambos ficamos em silêncio durante um ou dois minutos. Finalmente, ela se virou para mim:

— Você é um herói nacional — ela falou e prosseguiu, após uma breve pausa —, mas ninguém nunca vai saber.

Cerca de uma semana depois, fui a Los Angeles com Hal e nossas esposas

para me encontrar com Calloway e Sidell e suas mulheres. Após a publicação da história, a Estúdio Seis tinha desaparecido discretamente e era hora de manifestarmos a nossa gratidão. Dave, o funcionário da CIA para quem eu entregara os dez mil dólares em LA, também viera com sua esposa para a comemoração. Ao encostarmos no estacionamento do Universal Studios Sheraton, vimos na marquise o slogan, agora familiar, OBRIGADO, CANADÁ! E, quando nos registramos no hotel, recebemos botões de lapela metálicos gravados com os mesmos dizeres. Com orgulho, prendemos os botões nas nossas lapelas. Nossa festa de "encerramento", a tradição hollywoodiana de comemorar o último dia de filmagem, estava sendo celebrada em segredo em meio às comemorações da grande operação de resgate feita pelo Canadá. Um observador casual teria pensado que éramos canadenses, pela forma como celebrávamos.

No fim da noite, propus um último brinde. Em pé na cabeceira da mesa e tremendo ligeiramente, ergui a taça e proferi uma palavra que pouca gente fora do nosso grupo iria ouvir ou compreender: "Argo!"

Em 11 de março, Stansfield Turner me convidou para acompanhá-lo à Casa Branca para seu encontro matinal com o presidente Carter. Disseram-me que eu teria dois minutos e meio para lhe contar brevemente a história de Argo e como conseguimos efetivá-la. A única pessoa no Salão Oval além de nós era Zbigniew Brzezinski, o assessor do presidente para assuntos de segurança nacional. Quando entrei na sala, o presidente estava ao telefone, sem o terno, debruçado sobre um memorando. Ele dizia a alguém para trocar a palavra "odeio" no pé da página dois por "abomino". Clássico de Jimmy Carter — toda atenção aos detalhes. Turner me apresentou ao presidente e ele apertou minha mão, mas pareceu perplexo quanto a quem seria eu ou o que poderia ter feito. Turner tentou esclarecer, mas eu fui instado a contar minha história rápido para não atrasar o presidente. Quando chegou a hora do registro obrigatório, o fotógrafo da Casa Branca se adiantou e tirou várias fotos. O almirante Turner imediatamente se jogou diante da câmera, dizendo:

— Não, não, nós não podemos mostrar o rosto dele. É um agente secreto!

O presidente perguntou se não podia ficar apenas entre nós dois.

— Claro que sim — respondi.

Levaria apenas dezessete anos, mas eu acabaria obtendo permissão de ficar com a foto. Hoje ela está pendurada na minha biblioteca.

Quando cheguei a Foggy Bottom, fui até a sala de Fred Graves e ele me levou de imediato ao diretor do EST, Dave Brandwein. Tentei lhes contar sobre o meu encontro com o presidente, mas eles pareceram desinteressados.

— Aqui — disseram —, isto é mais importante.

Contaram-me que eu tinha sido promovido a GS15, o equivalente a um coronel O-6* no exército americano.

Depois de sair do Edifício Sul e subir para o terceiro andar do Edifício Central, até meu escritório, peguei a minha secretária totalmente de surpresa:

— Adivinha só, Elaine. Fui promovido e me encontrei com o presidente, mas não nessa ordem.

— Você não recebeu meu recado? Você vai jantar na Casa Branca hoje à noite. Ligue para Jacques Dumas. Terá que estar lá às cinco.

Liguei para Jacques Dumas pelo telefone verde, a linha segura entre nossos escritórios e a central, para perguntar o que estava acontecendo. Ele explicou:

— Ah, sim. Eu inventei essa parte do jantar na Casa Branca para ter certeza de que você me ligaria. Na verdade, você vai se encontrar com Hamilton Jordan, o chefe de gabinete da Casa Branca, às cinco horas.

Minhas instruções eram ir até a Ala Oeste da Casa Branca e me encontrar com Jordan em seu escritório. Dirigi-me até a Avenida Pennsylvania, 1600, pela segunda vez no mesmo dia. Fui levado para a sala de Jordan pela sua secretária, Eleanor, informando-me que "Ham" logo chegaria. Finalmente, a porta se abriu e um rosto sorridente entrou na sala. Hamilton Jordan apertou minha mão e nos instalamos num par de cadeiras na área de estar enquanto ele se pôs a me dizer do que precisava. Jordan queria um disfarce, o melhor disfarce que pudéssemos levantar num tempo curto. E então me explicou por quê. Ele conseguira um encontro secreto paralelo com Sadegh Ghotbzadeh em Paris para discutir a libertação dos reféns. No entanto, o menor indício de que Ghotbzadeh estivesse se encontrando com Jordan botaria tudo a perder.

No dia seguinte, Eleanor me acompanhou até a barbearia no porão da Casa Branca. Ainda estava escuro quando descemos. A barbearia estava fechada, mas

Eleanor me fez entrar. Fiquei surpreso de ver que era igualzinha a qualquer barbearia que eu conhecia: duas cadeiras, dois espelhos, duas pias. Ela puxou as persianas das janelas no nível do jardim e acendeu as luzes. Quando Jordan chegou, eu o fiz sentar em uma das cadeiras e usei uma peruca sob medida, bigode e óculos para alterar completamente sua aparência. Quando terminei, eu havia transformado um burocrata americano muito refinado numa figura que ele veio a chamar de "empresário latino-americano ordinário". Recebi a descrição como um imenso elogio.

O encontro de Jordan fora parte de um cenário elaborado por dois homens, Christian Bourguet e Hector Villalon, dois aventureiros com acesso ao governo secular do Irã. Bourguet era um advogado francês envolvido em causas radicais, enquanto Villalon era um empresário argentino, que mais tarde Carter viria a descrever como tendo a reputação de "um jogador sul-americano de segunda linha".[9] Ambos eram velhos amigos de Ghotbzadeh e alegavam que podiam abrir uma linha direta entre a liderança iraniana e a Casa Branca. Era um tiro no escuro, mas Carter estava desesperado. Até esse ponto, não tinha havido nenhuma conversação direta em qualquer nível entre a Casa Branca e o Irã. Então, Carter mandou Jordan e Hal Saunders ao encontro dos dois homens em Paris, e no decorrer de algumas semanas eles conseguiram conceber um plano que diziam ter o apoio tanto de Ghotbzadeh quanto do presidente recém-eleito do Irã, Abulhassan Bani-Sadr. A convoluta ideia envolveria múltiplas etapas, a começar pela criação de uma comissão de cinco pessoas na ONU que se disporia a escutar as queixas do Irã. Essa comissão acabaria por assumir o controle dos reféns depois que fossem transferidos para um hospital em Teerã. Muitos achavam que o plano nada mais era do que um recurso para desviar a atenção. Ghotbzadeh era um maquinador por natureza, bom de lábia, mas que no final das contas pouco podia fazer em relação aos reféns. Quando Khomeini se recusou a permitir que a comissão da ONU se encontrasse com os reféns, todo o esquema ruiu.

Ninguém ficou mais frustrado com isso do que o presidente Carter. No começo de abril, parecia que a diplomacia tinha esgotado seus recursos. Em 7 de abril, ele expulsou todos os diplomatas iranianos dos Estados Unidos e adotou

sanções comerciais unilaterais contra o país. Então, cinco dias depois, numa reunião do Conselho de Segurança Nacional, anunciou que estava pronto para deslanchar a Operação Garra de Águia.

Desde o começo, meu setor tinha sérias reservas sobre a viabilidade da Garra de Águia. No inverno de 1980, RAPTOR estabelecera uma nova vida no Ocidente e se alinhara com a comunidade de inteligência. Como ex-coronel iraniano, RAPTOR tinha íntimo conhecimento da topografia do país, inclusive da geografia da região que os homens do coronel Beckwith chamavam de Deserto Um. O plano, que evoluíra ligeiramente, exigia que oito helicópteros voassem para o Deserto Um de um porta-aviões americano no Mar da Arábia. Ali, estabeleceriam conexão com seis aviões C130. Os C130 trariam Beckwith e sua equipe de comandos da Força Delta e Rangers do Exército, bem como grandes recipientes de combustível para os helicópteros. Depois de serem reabastecidos, os helicópteros, então, transportariam os soldados para o Deserto Dois, o segundo local, nos arredores de Teerã. Dali, desfechariam seu ataque sobre a embaixada americana. Com seu conhecimento do local, RAPTOR percebeu na mesma hora que havia um problema. O local escolhido para o Deserto Um ficava numa rota de contrabando usada apenas à noite, e ele acreditava que os militares americanos tinham boa chance de ser descobertos se tentassem usar aquela área como base para a operação. Segundo relatos, ele advertiu os planejadores e Beckwith sobre o problema, mas foi rechaçado.

A história da Garra de Águia já foi escrita, e o mundo sabe que os helicópteros jamais chegaram à embaixada americana em Teerã. Na verdade, nem chegaram ao Deserto Dois. Os problemas começaram praticamente no início da missão. Quando os C130 chegaram ao Deserto Um, a previsão de RAPTOR se revelou verdadeira. Ao aterrissar, Beckwith e sua equipe encontraram diversos veículos desconhecidos atravessando a área em disparada. Pior ainda, acabou eclodindo um tiroteio que se transformou em incêndio. Aconteceu que um dos caminhões de contrabando estava levando combustível, e, quando um soldado tentou eliminá-lo com um foguete antitanque, a bola de fogo iluminou o céu do deserto numa extensão de quilômetros. Parecia que um dos homens no caminhão tinha conseguido escapar e chegara a um segundo

veículo, que se evadiu a toda velocidade. Como se não bastasse, enquanto Beckwith contemplava a nova evolução dos fatos, um enorme ônibus Mercedes carregando perto de quarenta iranianos foi avistado, e os Rangers foram obrigados a fazê-lo parar sob a mira das armas. Isso colocou Beckwith diante de um imenso dilema e o obrigou a dividir suas forças. E lá se foi o elemento surpresa.

Enquanto isso se desenrolava, os oito helicópteros vindos do porta-aviões tinham seus próprios problemas. Dois deles tiveram panes mecânicas e foram forçados a retornar, enquanto um terceiro chegou ao Deserto Um, mas acabou ficando inoperável ao pousar. Cinco helicópteros não bastavam para completar a missão, e o presidente Carter decidiu abortá-la. Na confusão que se seguiu, um dos helicópteros colidiu com um C130 cheio de combustível. Oito soldados americanos perderam suas vidas, e vários outros se feriram. Os helicópteros e os C130 restantes voltaram sãos e salvos.

Segundo praticamente qualquer critério, o momento após o resgate fracassado foi o ponto mais baixo para os Estados Unidos durante a crise dos reféns no Irã, que durou 444 dias. Em seu livro *Keeping Faith*, Carter descreve esse dia como um dos piores de sua vida.

Alguns dias depois, Cyrus Vance, que desde o início fora contra a Operação Garra de Águia, renunciou ao cargo de secretário de Estado.

* * *

EM MAIO DE 1980, pelo nosso papel em ajudar a resgatar os seis hóspedes, Julio e eu recebemos a Intelligence Star [Estrela da Inteligência], uma das maiores honrarias na CIA. As medalhas e os certificados foram entregues na "bolha de segurança" — as instalações de segurança máxima da Agência —, num palco diante de algumas centenas de nossos colegas. O almirante Stansfield Turner fez as honras. Como fora uma operação secreta, minha família não teve permissão de participar da cerimônia.

Após uma breve estada no Panamá, o xá se mudara para o Egito, onde

morreu em 27 de julho. Estranhamente, foi mais ou menos o cenário exato que Jerome e eu tínhamos imaginado para a nossa operação de dublê de corpo no começo da crise. Com o xá morto, os exércitos russos em marcha no Afeganistão e o Irã se cansando do embargo americano, Khomeini por fim sinalizou disposição de negociar. Os Estados Unidos foram também auxiliados inadvertidamente nessa questão pelo Iraque, que invadiu o Irã em setembro de 1980. A necessidade de munição e de partes sobressalentes americanas para suas armas foi apenas um incentivo a mais para levar os iranianos para a mesa de negociações.

Em 21 de janeiro de 1981, os 52 reféns americanos remanescentes foram finalmente libertados. Jimmy Carter voou para a Alemanha para recebê-los em pessoa, mas o prejuízo para sua carreira política já era irreversível. Seu fracasso em resolver a crise fez com que fosse visto como um líder fraco e ineficaz, e Ronald Reagan o derrotou com facilidade na eleição presidencial de 1980. Passando sal na ferida, os iranianos escolheram o dia da posse de Reagan para a entrega dos reféns. Ao todo, eles passaram quase quinze meses em cativeiro, tempo em que o governo dos Estados Unidos fora incapaz de fazer qualquer coisa para efetivar sua libertação.

Obviamente, as relações diplomáticas com o governo iraniano cessaram no dia em que a embaixada americana foi tomada. Mas ninguém poderia prever que, mais de trinta anos depois, os Estados Unidos e o Irã ainda não teriam nenhum contato formal. O Irã, país que um dia foi considerado amigo duradouro e aliado estratégico, continua sendo até hoje um estado imprevisível, governado por fundamentalistas islâmicos fanáticos. Durante a crise dos reféns, os Estados Unidos se frustraram pela sua inabilidade de negociar com um regime que punha os ideais da intolerância religiosa acima da razão e dos ditames da lei internacional. Infelizmente, pouca coisa mudou. Hoje, os Estados Unidos e o Irã estão mais distantes entre si do que nunca, enquanto a população iraniana sofre sob um regime corrupto e ineficaz.

Sabemos agora que, quando os estudantes militantes tomaram a embaixada americana, não esperavam permanecer por um período muito longo. Mas, à medida que a crise se prolongava, e com o apoio aparente do aiatolá Khomeini,

eles descobriram que haviam inventado um novo instrumento para a negociação política: a tomada de reféns. Em nenhum outro país civilizado do mundo tal atitude teria sido tolerada pelo governo. E aí residiu a força dessa técnica. Com a aprovação de Khomeini, os estudantes não precisaram negociar.

O Irã, nesse ínterim, seguiu seu próprio exemplo, tomando reféns a seu bel-prazer sempre que sentia a necessidade de atenção internacional ou tinha alguma causa que necessitasse ser alavancada. Em 2007, quinze marinheiros da Marinha Real Britânica foram tomados como reféns e retidos por duas semanas. Em 2009, um navio britânico com cinco marinheiros foi abordado em águas internacionais e os marinheiros feitos reféns por mais de uma semana. Três andarilhos americanos que vagavam por território iraniano, conhecidos como "andarilhos-espiões", foram tomados como reféns e dois deles retidos por mais de dois anos, libertados após o pagamento de uma fiança de um milhão de dólares. A embaixada britânica foi tomada em 2011; os arquivos, queimados; a bandeira, profanada; e o prédio, saqueado. Seis reféns foram tomados por pouco tempo, antes da interferência do governo. Os iranianos nunca pagaram o preço por ignorar as convenções da diplomacia internacional nem por fazerem de reféns cidadãos civis estrangeiros nas mais questionáveis circunstâncias. E não há motivo para acreditar que essa conduta seja abandonada num futuro próximo.

O Irã é, hoje, considerado uma zona de tensão, um local onde a próxima crise internacional pode estar muito bem fermentando. A insistência do país em buscar controle nuclear o tem colocado no topo da lista de estados vilões e lhe fez valer uma série de sanções internacionais por parte do resto do mundo. A imprevisível política externa praticada com Israel se assemelha a uma febre baixa que pode aumentar a qualquer momento.

Após a Primavera Árabe de 2011, ocasião em que toda a região experimentou turbulências, fui lembrado de que os iranianos não são árabes. São persas, uma etnia diferente com uma história diferente. Em 12 de junho de 2009, adeptos do candidato do partido de oposição Mir-Hossein Mousavi tomaram em massa as ruas de Teerã naquela que ficou conhecida como Revolução Verde. O objetivo era protestar contra a reeleição de Mahmoud Ahmadinejad. O comparecimento às urnas foi incrivelmente elevado, e muitos iranianos desconfiam que

Ahmadinejad tenha manipulado o resultado. Numa cena que lembrou de forma sinistra a violência que sacudiu a nação em 1978, os manifestantes entraram em choque com a polícia e foram recebidos com gás lacrimogêneo. Na luta que se seguiu, cerca de quarenta iranianos foram mortos. Isso foi seguido, em fevereiro de 2011, pelo que costuma ser chamado de Dia da Ira, quando defensores do candidato rival, Mousavi, decidiram fazer um comício em apoio à recente Primavera Árabe. Mas a centelha foi logo extinta pelos mulás e pela mão pesada da Guarda Revolucionária iraniana numa repressão sangrenta. Vários manifestantes foram agredidos e presos, e os jovens ativistas recuaram, talvez para protestar em outra ocasião.

Como agente da inteligência, não tenho mais confiança de que as antigas regras de relacionamento continuem a valer. É difícil negociar com um adversário que não quer colaborar. E é simplesmente impossível achar uma base comum com outro governo que não respeita as regras da diplomacia internacional. Quando as regras de governança fluem apenas dos traços religiosos do Islã, há pouco espaço para acordos ou concessões. O melhor que a nossa comunidade de inteligência pode esperar é manter um olho atento nos mulás e no governo iraniano, tentando prevenir qualquer patifaria que possam estar planejando. Uma tarefa assustadora, para dizer o mínimo.

* * *

QUANDO PENSO EM QUANTO tempo a história de Argo permaneceu em segredo, lembro-me do jantar de domingo à noite nos Sheardown, quando disse aos hóspedes que, mesmo que sentissem a tentação, não estavam autorizados a contar a ninguém o que realmente acontecera em Teerã. E isso, em sua maior parte, aconteceu. O único vazamento de alguma significância veio pouco depois que a história irrompeu, quando Jack Anderson disse em seu programa de rádio transmitido em todo o país que dois agentes da CIA tinham atuado como "mães galinhas", fazendo os seis passarem pelo Aeroporto de Mehrabad. Presumimos que Anderson tivesse uma fonte na CIA, mas a história nunca decolou — nem

no âmbito doméstico nem no internacional —, e nós suspiramos de alívio. Jean Pelletier acabaria como coautor de um livro intitulado *The Canadian Caper* [A travessura canadense], totalmente equivocado, pois basicamente manteve ao pé da letra a história de que o Canadá fizera tudo. A CIA não poderia ter ficado mais feliz.

Não foram escritos outros livros — nem por mim nem pelos hóspedes. E nenhum teria sido escrito, exceto pelo fato de que a CIA achou por bem me homenagear em 1997.

No seu quinquagésimo aniversário, a Agência buscou uma assessoria de comunicação para encontrar uma forma de celebrar a efeméride. Foi aconselhada a despir, mesmo que ligeiramente, seu manto de sigilo e realizar um evento público. Isso, por sua vez, tomou a forma de uma nomeação interna dos cinquenta mais importantes funcionários da CIA nos primeiros cinquenta anos. De forma surpreendente, fui um dos escolhidos.

O Prêmio Trailblazer foi apresentado com uma citação que dizia em parte que eu fora escolhido entre aqueles, "de qualquer grau hierárquico, de qualquer especialidade, em qualquer ponto da história da CIA, que se distinguiram como líderes, que fizeram uma diferença real na execução da missão da CIA, estabelecendo um padrão de excelência a ser seguido por outros". Houve, de fato, uma cerimônia pública, para a qual a mídia foi convidada. Medalhas Trailblazer foram entregues para cada um de nós ou, em alguns casos, para os parentes próximos.

Foi a mídia, encarnada em Tim Weiner do *New York Times*, que solicitou a primeira entrevista. Alguém deixara escapar para ele a história do resgate dos hóspedes, mas eu disse que ele não podia usá-la. "Alguém poderia sair machucado", eu disse. Ele escreveu a reportagem, mas não usou a operação no Irã. Então, quando consultei meus superiores na CIA, fui voto vencido. Solicitaram-me que contasse a história da operação iraniana para Dan Rather, do *CBS Evening News*. Quando protestei, dizendo "mas é dos nossos segredos mais bem guardados", não me deram escolha. "Tenet quer", disseram-me. Então, eu contei. Mas devo dizer que foi difícil permitir que meus lábios formassem as palavras da primeira vez que realmente verbalizei o que havíamos feito.

Fiquei preocupado com a segurança da minha família e com a reação iraniana depois que soubessem como tinham sido enganados. Os figurões do sétimo andar da central me garantiram que não havia perigo. “Eles jamais encontrariam a entrada da sua casa”, disse um superior, um homem que visitara meu ateliê de pintura ao longo dos anos e sabia que pegar a estrada de terra de mais de um quilômetro era um desafio para qualquer um.

Depois que a verdade veio à tona, não havia mais motivo para não celebrar a história com o público geral. Cora lembra-se de que, quando pôde finalmente contar à sua sogra, a mulher ficou furiosa:

— Por que você não me disse antes? — perguntou-lhe.

— Porque, quando você conta para um, conta para cem — Cora explicou.

Ainda no verão de 1980, convidei os hóspedes para um piquenique na minha casa. Esbarrei por acaso com Bob Anders na estação de metrô de Foggy Bottom, e ele chamou “Kevin!” do outro lado da plataforma. Nós nos abraçamos, como dois amigos que não se viam havia muito tempo. Os hóspedes estavam tão ocupados que foi difícil para eles achar um dia para nos reunirmos. Eles deram um jeito de me incluir antes de sua aparição no Yankee Stadium, quando o jogo noturno seria dedicado a eles.

Eu os convidei para o meu sítio no meio da mata para um churrasco clandestino. Ninguém podia saber. Foi só quando mandei o convite que eles descobriram meu verdadeiro nome. No churrasco, muitas vezes esqueciam e caíam no antigo hábito de me chamar de Kevin. Foi um encontro caloroso. Joe e Kathy não vieram, mas os outros estavam lá. Jack Kerry e sua esposa e Dan, da minha equipe, também puderam vir. Karen finalmente teve a oportunidade de conhecer aquela gente famosa. Jogamos tênis na nossa quadra de grama, e Lee foi a estrela do jogo, o que não surpreendeu ninguém, embora Bob também não fosse nenhum perna de pau.

Alguns deles tinham mudado; outros, não. Lee ainda era aquele velho pilantra. Cora parecia ter sido a mais afetada pelo período passado com os Sheardown. Antes de ir para o Irã, ela sempre colocara a carreira em primeiro lugar e dissera a Mark que não planejava ter filhos. Durante o tempo que passaram na casa dos Sheardown, porém, ela teve a sensação de pertencer a uma

família. A experiência lhe deu uma perspectiva de vida totalmente nova, e ao voltar ela percebeu que suas prioridades tinham mudado ligeiramente.

Anos depois, visitei Jerome Calloway na Motion Picture and Television Country House, na Mulholland Drive, em Burbank, uma comunidade para aposentados do setor. Calloway e a esposa tinham se retirado para lá após um derrame que ele sofrera um pouco antes. Estava agora numa cadeira de rodas, com os movimentos limitados e dificuldade de falar, mas ainda tinha a velha centelha nos olhos e ficou claramente feliz por me ver de novo.

Quis me mostrar seu quarto. Ele e a mulher tinham apartamentos separados, e assim que entrei ficou claro o motivo. Era um quarto atulhado, enfeitado de recordações de uma longa e bem-sucedida carreira em Hollywood. Uma parede comprida, talvez de uns sete metros, estava coberta do chão ao teto com fotos em preto e branco emolduradas, reluzentes, de Jerome com todas as lendas do cinema que se podia imaginar: Shirley Temple, Audrey Hepburn, Katharine Hepburn, Walter Matthau, Elizabeth Taylor, Bob Hope... Era um passeio pelo túnel do tempo, se o túnel do tempo ficasse em um *set* de filmagem em Hollywood.

Seus troféus estavam arrumados numa prateleira na mesma parede, de uma ponta à outra. Estatuetas douradas de seus prêmios mais prestigiosos estavam enfileiradas. E, bem no centro, na frente, pendurada com um pouco de espaço ao redor, a Medalha de Mérito da CIA, uma das duas únicas concedidas a alguém que não pertencia ao corpo de funcionários da Agência. Era um reconhecimento especial a um homem muito especial.

Calloway virou a cadeira de rodas para ficar de frente para mim e aproximou-se para eu poder ouvi-lo mais facilmente. E começou:

— Andei pensando e decidi que, se este lugar algum dia pegar fogo e nós tivermos que sair depressa daqui, a única coisa que vou levar comigo é isso.

E apontou para a medalha.

— Está vendo, ela está pendurada baixinho, para eu poder agarrá-la desta maldita cadeira.

E rolou a cadeira para perto da parede, mostrando como conseguiria agarrar a medalha se algum dia precisasse.

Foi a última vez que vi Jerome. É uma grande lembrança de um homem que fez muito pelo seu país e que foi um bom e verdadeiro amigo.

A primeira regra em qualquer operação de tapeação é entender quem é seu público. No caso de Argo, o público não eram os iranianos, mas os próprios hóspedes. Enquanto esmiuçávamos a história de fachada nos mínimos detalhes, queríamos de fato convencer aqueles seis diplomatas americanos. É claro que, se algum funcionário iraniano tivesse de fato verificado, a história teria parecido legítima. Mas saber disso foi o que fez os hóspedes comprarem a história, em primeiro lugar. Eles acreditaram nela, o que lhes deu confiança de assumi-la.

O segundo motivo de Argo ter funcionado foi seu caráter totalmente inusitado. Era a proverbial história louca demais para ser mentira, impossível de verificar. Era algo que nenhum funcionário da inteligência, em sã consciência, teria escolhido como fachada. E aí residia sua beleza.

A maioria dos filmes de hoje é julgada como sucesso ou fracasso com base nas receitas de bilheteria. De certo modo, ainda que o nosso falso filme de ficção científica jamais tenha rendido um centavo, na minha cabeça ele teve a estreia mais bem-sucedida da história do cinema. Salvamos a vida de seis pessoas — um saldo nada mau para um filme que nunca existiu.

---

* Coronel de ordem superior, inclusive em termos de pagamento. [N. do T.]

AGRADECIMENTOS

Tenho contado a história do resgate dos seis "hóspedes" do Irã revolucionário, ocorrido em 1980, dezenas se não centenas de vezes ao longo dos anos. Os detalhes do papel do governo canadense mais o envolvimento significativo de Hollywood e da CIA no planejamento e na execução da operação foram mantidos em completo segredo até 1997. Então, a pedido da CIA, comecei a relatar abertamente como forma de comemorar o quinquagésimo aniversário da Agência. A história entrou como um capítulo no meu primeiro livro, *The Master of Disguise* [O mestre do disfarce], depois ganhou uma reportagem na revista *Wired*, virou um roteiro de cinema intitulado *Argo* e agora se transformou em livro.

A história de *Argo* parece ter capturado a imaginação do público. Aqueles em Hollywood envolvidos na realização do filme manifestaram enorme entusiasmo por ela, e plateias nos Estados Unidos afora ficavam extasiadas quando eu lhes contava como a CIA entrou no Irã no meio de uma revolução e resgatou seis inocentes diplomatas americanos, escondidos sob os cuidados dos canadenses.

Neste livro, apresento o relato real de como o resgate foi planejado e executado. É uma honra poder contar esta história. Com essa finalidade, eu gostaria de expressar meu reconhecimento aos que desempenharam algum papel nessa operação.

Primeiro, quero agradecer à minha atual esposa, Jonna, que não é apenas a minha musa, minha companheira de armas e minha inspiração, mas também uma fonte de ideias e minha mais perceptiva e obstinada conselheira. Eu não teria conseguido fazer isso sem ela.

Igualmente importante, preciso homenagear um bom amigo e verdadeiro patriota, "Jerome Calloway", responsável por contribuir com o elemento hollywoodiano desses eventos e muitas outras boas ideias. Infelizmente, mesmo

depois de sua morte, não podemos mencionar seu verdadeiro nome, mas ele foi um autêntico gênio.

Devo agradecer ao meu filho Jesse Lee Mendez pelos fins de semana de que ele abriu mão quando vinha da faculdade para casa. Nós finalizamos este livro num prazo rígido, e, embora eu lhe desse um olá quando chegava e um tchau quando ele ia embora, todos nós sentimos falta de sair um pouco para nos divertirmos. O mesmo vale para seus irmãos mais velhos, Toby e Amanda. Prometemos melhorar.

Tive a sorte de poder trabalhar com Matt Baglio neste projeto. Jornalista e escritor experiente, ele agora divide seu tempo entre Roma e a Califórnia, com a esposa, Sara, e o filho pequeno. Matt foi incansável como repórter investigativo, pesquisando a história do Irã que serviu de pano de fundo da narrativa desse resgate, entrevistando os hóspedes e adquirindo uma visão de fora do relato, não contaminada pela proverbial parcialidade dos espelhos, dos detalhes confidenciais. Foi um prazer trabalhar com ele. Durante a elaboração deste livro, Matt perdeu o sogro, Fernando Di Bari, e meu coração esteve e está com o casal.

Este livro não teria sido possível sem a participação muito direta de Christy Fletcher, da Fletcher and Company, em Nova York. Ela foi parte vital na elaboração de cada etapa e, junto com sua assistente, Alyssa Wolff, fez com que cada passo se tornasse um prazer. Da mesma forma, Joshua Kendall na Viking, assistido por Maggie Riggs, foi um editor entusiasmado que cuidou com carinho do material e lhe deu todo cuidado e atenção durante o processo de edição. Dá para perceber. Ele pegou algo que era bom e o tornou ainda melhor. Meus agradecimentos a ambos.

Meus ex-colegas da CIA permanecerão, obviamente, anônimos. Há detalhes de sobra no livro para que funcionários da CIA de uma certa faixa etária possam identificar antigos colegas e, às vezes, a si mesmos. Outros receberam nomes genéricos, vagos, como “Bob” (desculpe, Bob), mas eles sabem quem são. Heróis anônimos, todos eles. Espero que o leitor possa ter um apreço melhor e maior pelo trabalho da CIA e pelas pessoas que fazem esse trabalho.

Os hóspedes foram, possivelmente, a maior fonte de novas informações para este livro. Suas percepções, seus pontos de vista e suas experiências dão a

dimensão humana de uma operação que desde então ficou conhecida apenas por "A travessura canadense" ou "O resgate de seis diplomatas". Registrar no papel seus sentimentos e suas experiências foi algo que o grupo conseguiu com grande sensibilidade.

E, como não poderia deixar de ser, temos os canadenses. Nós entramos em contato com muitos dos envolvidos nessa operação de resgate para revisitar sua história. Foi uma experiência maravilhosa trabalhar com eles rumo a um objetivo comum. De Ken Taylor e sua secretária Laverna, recentemente falecida, a Roger Lucy e funcionários de todos os escalões, foi um prazer trabalhar com nossos vizinhos do norte. Se, por um lado, gostamos de dizer que "O negócio é ser pequeno", na verdade é muito mais. O Canadá é um amigo verdadeiro dos Estados Unidos, e eu nunca vou me esquecer do prazer que foi trabalhar com um governo estrangeiro que se parecia tanto com o meu.

Obrigado, Canadá!

Antonio J. Mendez

NOTAS

Capítulo 1: Bem-vindos à revolução

1. Eisenhower, *Mandate for Change*, p. 163.
2. Roosevelt, *Countercoup*, p. 199.
3. Sick, *All Fall Down*, p. 94.
4. Ibid., p. 25.
5. Carter, *Keeping Faith*, p. 437.
6. Ibid., p. 455.
7. John Graves entrevistado por Wells, *444 Days*, p. 39.
8. Bowden, *Guests of the Ayatollah*, p. 8.
9. Bill Belk entrevistado por Wells, *444 Days*, pp. 40–41.
10. Bowden, *Guests of the Ayatollah*, p. 14.
11. Bill Belk entrevistado por Wells, *444 Days*, p. 40.
12. Laingen, *Yellow Ribbon*, p. 13. N
13. Don Hohman entrevistado por Wells, *444 Days*, pp. 46–47.
14. Bill Belk entrevistado por Wells, Ibid., p. 53.
15. Bowden, *Guests of the Ayatollah*, p. 42.
16. Cort Barnes entrevistado por Wells, *444 Days*, p. 48.
17. Daugherty, *In the Shadow of the Ayatollah*, p. 108.
18. Mark Bowden, *Guests of the Ayatollah*, p. 58.
19. Ibid., p. 58.
20. John Limbert entrevistado por Wells, *444 Days*, pp. 66–67.
21. Carter, *Keeping Faith*, p. 457.

Capítulo 3: Diplomacia

1. Sick, *All Fall Down*, pp. 266–67.

2. Jordan, *Crisis*, p. 54.
3. Bowden, *Guests of the Ayatollah*, p. 210.
4. Ibid., p. 243.
5. Ibid., p. 200.
6. Ibid., p. 139.
7. Sick, *All Fall Down*, p. 263.
8. Bowden, *Guests of the Ayatollah*, p. 246.
9. Ibid., p. 246.
10. Sick, *All Fall Down*, p. 38; Bowden, *Guests of the Ayatollah*, p. 159.
11. Bowden, *Guests of the Ayatollah*, p. 318.

Capítulo 4: Sem lugar para fugir

1. James Lopez entrevistado por Wells, *444 Days*, p. 51.
2. Ibid.; Harris, *The Iran Hostage Crisis: 444 Days to Freedom*.
3. Richard Queen entrevistado por Wells, *444 Days*, pp. 72–73.
4. Harris, *The Iran Hostage Crisis: 444 Days to Freedom.*
5. Koob, *Guest of the Revolution*, p. 11.
6. Ibid., p. 18.
7. Ibid., pp. 30–31.
8. Victor Tomseth entrevistado por Wells, *444 Days*, p. 118.
9. Ibid.; entrevista do autor com Victor Tomseth.
10. Cora Lijek entrevistada por Wells, Ibid., p. 118.
11. Laingen, *Yellow Ribbon*, p. 19.
12. Wells, *444 Days*, p. 141.
13. Entrevista do autor com Victor Tomseth.
14. Ibid. Victor Tomseth entrevistado por Wells, *444 Days*, p. 144.

Capítulo 5: Canadá para o resgate

1. Wells, *444 Days*, p. 226.
2. Triffo, *Escape from Iran*; entrevista do autor com Ken Taylor.

3. Harris, *The Iran Hostage Crisis*: 444 Days to Freedom.
4. "Embassy Escape: American Escaped During Takeover", *Free Lance Star, nov. 14, 1979; "9 Got Out of Embassy", Milwaukee Journal, nov. 14, 1979.*
5. Harris, *The Iran Hostage Crisis*: 444 Days to Freedom; entrevista do autor com Victor Tomseth.

Capítulo 7: Reunindo a equipe

1. Harris, *The Iran Hostage Crisis*: 444 Days to Freedom; entrevista do autor com Roger Lucy.
2. Triffo, *Escape from Iran*: The Hollywood Option.

Capítulo 8: História de cobertura

1. Carter, *Keeping Faith*, p. 478.
2. Robert Ode entrevistado por Wells, *444 Days*, p. 208.
3. Sargento Paul Lewis entrevistado por Wells, *444 Days*, p. 208.

Capítulo 9: Hollywood

1. Wallace e Melton, *Spycraft*, pp. 89–90.
2. Ibid., p. 198.

Capítulo 11: Uma conflagração cósmica

1. Entrevista do autor com Ken Taylor.

Capítulo 15: A fuga

1. Entrevista do autor com Ken Taylor.

Capítulo 16: Desfecho

1. Pelletier e Adams, *The Canadian Caper,* p. 224.
2. Ibid., p. 225.

3. Ibid., p. 228.
4. Gwertzman, "6 American Diplomats, Hidden by Canada, Leave Iran", *New York Times*.
5. "Canada to the Rescue", *Time*.
6. Ibid.
7. Harris, *The Iran Hostage Crisis: 444 Days to Freedom*.
8. Ibid.
9. Carter, *Keeping Faith*, p. 485.

BIBLIOGRAFIA

ASSOCIATED PRESS. "9 Got Out of Embassy", *Milwaukee Journal*, Milwaukee, 14 nov. 1979.

ASSOCIATED PRESS. "Embassy Escape: American Escaped During Takeover." *Free Lance Star,* Fredericksburg, VA, v. 95, no. 268, 14 nov. 1979.

AXWORTHY, Michael. *Iran: Empire of the Mind*: *A History From Zoroaster to the Present Day*. Londres: Penguin Books, 2007.

BOWDEN, Mark. *Guests of the Ayatollah*. Nova York: Atlantic Monthly Press, 2006.

"Canada to the Rescue". *Time*, California, fev. 1980.

CARTER, Jimmy. *Keeping Faith: Memoirs of a President*. Nova York: Bantam, 1982.

CHRISTOPHER, Warren; SAUNDERS, Harold; SICK, Gary; KREISBERG, Paul H. *American Hostages in Iran: The Conduct of a Crisis*. New Haven: Yale University Press, 1985.

DAUGHERTY, William. *In the Shadow of the Ayatollah: A CIA Hostage in Iran*. Annapolis: Naval Institute Press, 2001.

EISENHOWER, Dwight D. *Mandate for Change*. Garden City, NY: Doubleday, 1963.

GWERTSMAN, Bernard. 6 American Diplomats, Hidden by Canada, Leave Iran. *New York Times*, Nova York, 30 jan., 1980.

HARRIS, Les (diretor). *The Iran Hostage Crisis: 444 Days to Freedom (What Really Happened in Iran)*. Filme. Estados Unidos, 1997. DVD, 96 min.

JORDAN, Hamilton. *Crisis: The True Story of and Unforgettable Year in the White House*. Nova York: Berkeley Books, 1982.

KOOB, Kathryn. *Guest of the Revolution*. Nashville: Nelson, 1982.

LAINGEN, Bruce. *Yellow Ribbon: The Secret Journal of Bruce Laingen*. Nova York: Brassey's, 1992.

MENDEZ, Antonio J., com MCCONNELL, Malcolm. *The Master of Disguise: My Secret Life in the CIA*. Nova York: Morrow, 1999.

PELLETIER, Jean; ADAMS, Claude. *The Canadian Caper*. Toronto: Paperjacks, 1981.

ROOSEVELT, Kermit. *Countercoup: The Struggle for Control of Iran*. Nova York: McGraw-Hill, 1979.

SICK, Gary. *All Fall Down: America's Tragic Encounter with Iran*. Nova York: Random House, 1985.

TRIFFO, Chris (diretor). *Escape from Iran: The Hollywood Option*. Video. Harmony Documentary Inc., 2004.

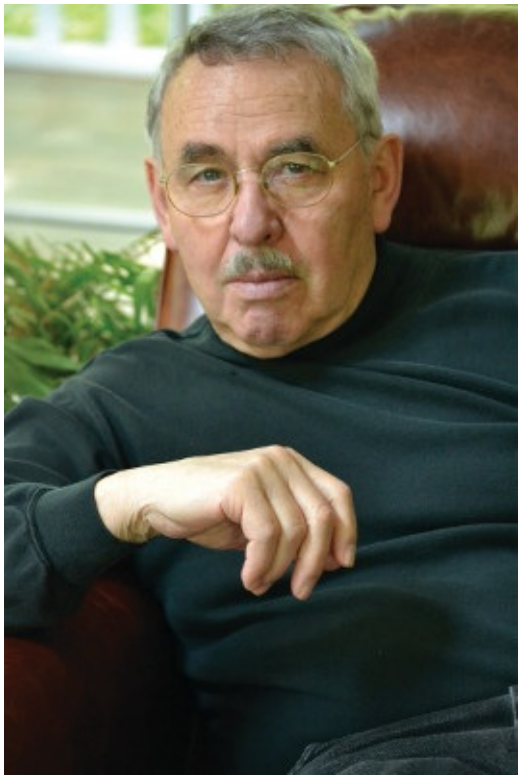
VANCE, Cyrus. *Hard Choices: Critical Years in America's Foreign Policy*. Nova York: Simon and Schuster, 1983.

WALLACE, Robert; MELTON, H. Keith. *Spycraft: The Secret History of the CIA's Spytechs from Communism to Al-Qaeda*. Nova York: Dutton, 2009.

WELLS, Tim. *444 Days: The Hostages Remember*. Orlando: Harcourt Brace Jovanovich, 1985.

SOBRE O AUTOR

Foto do autor: Jonna Mendez



ANTONIO MENDEZ trabalhou na CIA durante 25 anos, tendo si do condecorado pelo presidente Jimmy Carter por sua participação na Operação Argo. Ele vive com a família em Maryland, em uma área rural nas imediações de Washington.

Matt Baglio é colaborador de numerosas publicações e autor do livro *The Rite: The Making of a Modern Exorcist*. Divide seu tempo entre a Califórnia, na costa oeste dos Estados Unidos, e a Itália.